

Sylvio Romero

Machado de Assis



Estudo Comparativo

de Litteratura Brasileira

Dr. Cornelio Daltro de Azevedo



FAEMMERT & C. EDITORES

RIO DE JANEIRO

1897

CASAS FILIAES EM S. PAULO E PENNAMBUCO

Machado de Assis

Distribuição systematica das obras do auctor:

a) Apontamentos para a historia da Litteratura Brasileira:

- I.— A Philosophia no Brasil, 1878;
- II.— A Litteratura Brasileira e a Critica Moderna, 1880;
- III.— Ensaio de Critica Parlamentar, 1883;
- IV.— Estudos de Litteratura Contemporanea, 1884;
- V.— Ethnographia Brasileira, 1888;
- VI.— Novos Estudos de Litteratura Contemporanea, 1897;
- VII.— Machado de Assis, estudo, 1897;
- VIII.— Martins Penna, estudo, 1897;
- IX.— Luiz Murat, estudo, 1890.
- X.— Valentim Magalhães, estudo, 1885.

b) Contribuição para o estudo do «Folk-Lore» Brasileiro:

- I.— Cantos Populares do Brasil, 1882;
- II.— Contos Populares do Brasil, 1883;
- III.— Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira, 1888;
- IV.— Uma Esperteza! (Os Cantos e Contos Populares do Brasil e o Sr. Theophilo Braga) 1887.

c) Historia Nacional:

- I.— Introducção á Historia da Litteratura Brasileira, 1882;
- II.— Historia da Litteratura Brasileira, 1888;
- III.— A Historia do Brasil pela biographia dos seus heroes, 1890.
- IV.— Historia do Direito Nacional (em preparação).

d) Estudos de Politica Nacional:

- I.— Parlamentarismo e Presidencialismo na Republica Brasileira, 1893.
- II.— Provocações e debates (nos prèlos).

e) Philosophia:

- I.— O Evolucionismo e o Positivismo no Brasil, 1894;
- II.— Ensaio de Philosophia do Direito, 1895.

f) Poesia:

- I.— Cantos do Fim do Seculo, 1878.
- II.— Ultimos Harpejos, 1883.



Machado de Assis

SYLVIO ROMÉRO

Machado de Assis

Estudo Comparativo de Litteratura Brasileira

Dr. Cornelio Daltro de Azevedo



LAEMMERT & C.—EDITORES

RIO DE JANEIRO

Casas filiaes em S. Paulo e Pernambuco

—
1897

A' grande memoria

de

Tobias Barreto

Nosso maior amigo morto da Escola do Recife

Sylvio Romero.

A

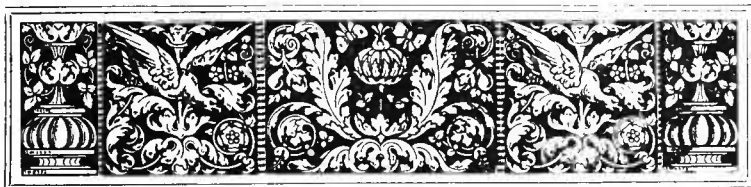
Arthur Orlando, Clovis Bevilacqua

e

Martins Junior

Nossos maiores amigos vivos da Escola do Recife

Sylvio Romero.



Dr. Cornelio Daltro de Azevedo

PREFACIO

O presente estudo deveria ser o primeiro de uma longa serie destinada aos *novos*. Machado de Assis que não é, nem pela idade, nem pelas idéas, o que precisamente se chama um *novo*, figura no topo da lista como um espirito de transição entre os românticos e os sectarios das recentes theorias.

Nas columnas d'*O Municipio*, jornal publicado em S. Paulo sob a direcção do illustrado e benemerito Dr. Jaguaribe Filho, fôra iniciado o apparecimento deste escripto. Falleceu o jornal e com elle se extinguiu tambem o estimulo de proseguir no trabalho começado.

Um pouco de folga e repouso do espirito, desenhencilhado de certas occupações e preoccupações politicas, deu-nos recentemente ensejo de o levar a termo. Por isso sae elle agora em livro e desacompanhado dos outros que o deveriam seguir.

No meio da agitação em que actualmente se debate a nossa patria, não haverá provavelmente nem tempo nem laser para se apreciarem escriptos puramente litterarios.

E, todavia, cumprimos o nosso dever, não abandonando nunca nossos estudos predilectos e não deixando de os dar opportunamente à estampa. São disto testemunho as publicações que temos feito no correr dos oito annos da republica e que são as seguintes:

A *Historia do Brasil pela biographia dos seus herões*, que já se acha na 5ª edição. *Luiz Murat — estudo*. *Doutrina contra Doutrina* de que já sahiram duas edições. *Presidencialismo e Parlamentarismo na Republica do Brasil*. *Ensaio de Philosophia do Direito* de *Machado de Assis — estudo*, que é o presente livro.

Trabalhos foram estes seis que appareceram anteriormente em jornaes ou revistas e aguardaram apenas opportuidade para sahir em avulso. Por isso devemos juntar-lhes os quatro seguintes. *Martins Penna — estudo*, publicado na *Revista Brasileira*. *Historia do Direito Nacional*, que tem apparecido na mesma revista. *Provações e Debates — estudos sociais*, sahidos no *Diario de Noticias* formando um grande volume, que jaz à espera de editor, e *Novo Estudos de Litteratura Contemporanea*, que já se acham em Paris entregues à casa Garnier, devendo apparecer dentro em breve.

Cumpre advertir que os Srs. Alves & C.^a deram recentemente a segunda edição melhorada dos *Contos Populares do Brasil* e, logo em seguida, a dos *Cantos* de igual titulo.

Lembramos estes factos para provar que a politica activa, e que nos mettemos um momento, não teve forças para nos arrebatardes de todo aos nossos labores intellectuaes. E essa excursão pelo campo sáfaro da politica militante, dando-nos bem duro e cru ensinamento, prestou-nos immenso serviço por habilitar-nos a um melhor conhecimento da indole da sociedade brasileira. Nossa observações e conclusões theoricas precisavam do contrapeso da pratica. Tivemos-o. Agora comprehendemos melhor a absorção completa de certos homens de letras pela politica, o que é o caso de um Octaviano Rosa, de um Salles Torres Homem, de um Jos Bonifácio, o moço, e a não absorção inteira de outros, com Alencar, Macedo e poucos mais. Tambem mais nitido se nos revela o caso de homens de letras e sciencias que apenas passaram pela politica opportuna e rapidamente sem se deixar contaminar por se

virus, qual é a hypothese de um José Bonifacio, o velho, e a de um Benjamin Constant.

Nossa experiencia pessoal, desvendando-nos o meandro de torpezas, infamias e miserias, que constituem em grande parte a chamada politica partidaria brasileira, que não temos motivos para suppor mui diversa da politica de outros paizes, mas que em todo o caso se nos antolha medonha, ensinou-nos a conhecer melhor a trama dos caracteres, o lodaçal em que elles labutam mergulhados até ao pescoço, enorme pelago de lama que se formou durante perto de quatro seculos de realza e escravidão. Sabemos hoje quaes os attractivos que prendem alli os velhacos de todo o genero e quaes os embaraços que repellem as almas rectas, que recuam espavoridas, e seguram os animos timidos que ficam, mas contristados...

E' uma amarga experiencia que não desejamos renovar, sem ás mais seguras precauções, dando-nos por bem pagos della, pelo serviço que nos prestou e que utilisaremos sempre que houvermos mister em nossos estudos e escriptos.

Não importa isto uma approvação a certo absentismo muito do gosto dos animos fracos, que entendem de salvar a propria pureza, fugindo systematicamente das tentações. E' proceder que nunca applaudiremos. A virtude prova-se no meio da luta. A sociedade não é um convento de monjas. Que grande merito advem em não cobrir-se de pó a quem não sae á liça do combate e deixa-se tranquillamente ficar em doce e sosegado aposento? Devemos todos, homens de letras ou não, interessar-nos pelas pugnas e pelas dôres da patria.

E' prova de desamor deixal-a gemer ao peso das facções e não ter para ella sequer uma palavra de consolação. Entrar no meio dos que peejam, travar das armas da batalha, quo para muitos de nós é apenas a palavra falada ou escripta, não é acto de heroismo, chama-se apenas o cumprimento estricto de um dever.

Por nossa parte temol-o cumprido sem pretensões e sem alardo, discutindo, repetidas vezes, os homens e os factos brasileiros nos ultimos oito annos. Não nos glorificamos disto, que se nos afigurava, e afigura ainda hoje, mera obrigação. Erramos.

por certo, em muitas occasiões, mas erramos de boa fé, pelo muito que amamos este formoso paiz, onde nascemos, d'onde nunca sahimos um momento, d'onde não desejáramos jamais sahir, e que nunca trocaríamos por outro, se nos fôra dada a liberdade da escolha.

Temos, sem duvida, tomado com elle certa dose de liberdade que tem consistido em dizer-lhe de quando em quando bem duras verdades. Espiritos pervertidos ou demasiado superficiaes, desses que andam sempre promptos a denegrir ou a injuriar a natureza humana, têm-no, não raro, tomado á má parte, como se fosse normal ser um homem inimigo ou desaffecto á sua patria, ou como se pudesse ser disso malsinado um escriptor, só porque não bate palmas a quanta cabotinada por ahi se pratica e a quanta insipidez por ahi se escreve.

O presente livro, sabemol-o *a priori*, vai desagradar, por mais de um motivo, a grande numero de leitores, se, por ventura, os tiver. Consagrado a um illustre brasileiro, que nos derradeiros trinta annos tem sido geralmente apontado como um dos pontos cardeaes de nosso firmamento espirital, e destinado a mostrar que não é de todo exacto o sitio em que o collocam na esphera estellar do pensamento patrio, elle vai, com certeza, ferir susceptibilidades; porque nós não estamos ainda habituados a vêr duvidar de nosso feiticismo litterario, quanto já nos habituamos a deixar zombar de nossos feitiços politicos. Machado de Assis é um dos idolos consagrados em vida ao nosso beaterio lettrado. Em parte merece-o elle, mas só em parte, e a pequena redução que se deve fazer em seu culto é exactamente o que este livro se destina a provar, e tenta-o asseadamente, honestamente, sem preoccupações nem rancores. E o digno escriptor não desmerecerá em sentar-se em seu verdadeiro posto na historia intellectual da nossa patria, se este ensaio critico houver de contribuir para designar esse posto. Bemaventurados nas lettras aquelles que são objecto de estudos desinteressados e sinceros; porque é delles o reino da gloria. Machado de Assis é um desses.

Não é, parece-nos, tudo quanto houve por bem dizer a seu respeito, *verbi-gratia*, o Sr. Valentim Magalhães num livro recente,

isto é, um homem de estylo castiço, floreo, original, artistico como uma taça bordada pelo cinzel de Cellini; o mestre dos moços de hoje, como o foi dos moços seus contemporaneos; sem encontrar na litteratura portugueza hodierna stylista digno de com elle hobrear, a não ser Eça de Queiroz; igualando, senão excedendo, no folhetim, Alencar e Luiz Guimarães; sem ter, no conto, quem se lhe avantege ou sequer equipare; sendo, no romance, pela raridade da philosophia e finissima distincção do estylo, inacessiveis ao commum dos leitores, muito superior a Alencar, Macedo e Bernardo Guimarães, tendo dois livros estranhos, originalissimos e extraordinarios — *Braz Cubas* e *Quincas Borba*, — que só poderiam ser escriptos por Swift, Heine e talvez Lesage; primoroso na dicção como Flaubert, imaginoso e phantastista como Gautier, conceituoso e pensador como Anatole France, nobre e bizarro como Barbey d'Aurévilly, pessimista como Poe, espi-rituoso como Sterne e Alphonse Karr... Eis ahi! Machado de Assis acreditará nestas cousas? Se elle reunisse taes e tantos predica- dos, não seria sómente o primeiro homem da palavra escripta no Brasil; sel-o-hia do mundo inteiro, e, ainda mais do que isto, seria o ideal dos escriptores, uma especie de typo supremo da genialidade humana! Mas é isto verdade? O absurdo é patente; é um daquelles que basta citar para se lhes descobrir a inanidade. E são destes e d'outros exaggeros, tão comesinhos ainda hoje entre nós, que vão provocando a reacção de que o presente livro é apenas um caso. Filho retardatario do romantismo, Machado de Assis não é, nem podia ser, um dos novos apostolos do systema no Brasil; era fatal que fosse apenas um prolongamento d'elle em sua deca- dencia. Espectador do nascer e do evolver das novas tendencias tambem não foi o provocador dellas.

Assimilou-as *tant bien que mal*, com certa subtileza e certo ama- neirado, qualidades fundamentaes de seu talento, sem genialidade, sem eiva creadora forte e original. Tal a nossa these, que parece ter ficado demonstrada.

Disse de Flaubert, com excellent senso critico, Paul Bourget que elle havia, sem o saber, consorciado as duas tendencias que dividi- ram a litteratura franceza da primeira metade deste seculo: o genio lyrico de Victor Hugo e o talento de observação de Balzac. Da

reunião destas duas forças sahio o livro admiravel de *Madame Bovary*, que abriu uma era litteraria.

Não se pôde affirmar cousa identica de Machado de Assis : não se pôde dizer que elle haja reunido, em synthese superior, o genio lyrico de Alencar, de Alvares de Azevedo, de Varella, ao talento de observação de Martins Penna, de Manoel de Almeida, de Macedo; que tenha desse consorcio fecundo das duas principaes correntes, que dividiram a litteratura nacional durante a mór porção deste seculo, feito nascer a litteratura de hoje, o espirito de nossos dias. E a prova mais evidente da negatividade de sua obra, é que não teve continuadores, não teve nem poderá ter discipulos; porque elle nada inventou, não produziu uma só idéa, que fosse um centro em torno do qual gravitassem as almas. E a prova mais evidente ainda é que os seus maiores elogiastas convencionaes, quando d'elle discorrem, não sahem do terreno das generalidades, das palavras vagas, dos epithetos retumbantes, que nada definem, porque nada têm de novo e profundo a definir e a explicar.

E' um dulcoroso lyrista, um fulgurante estylista, um extraordinario humorista, um portentoso romancista, um incomparavel contista, um insondavel pessimista... e nestas historias em *ista* gastam toda a rhetorica, e expreme-se o palavriado e não brota nada que se possa aproveitar. Falam do escriptor de *Braz Cubas*, com as mesmas banalidades com que costumam saudar os pianistas, as cantoras, e toda a casta de virtuosos da musica e do palco.

Julgamos interpretar melhor a obra do autor de *Varias Historias*, applicando-lhe outros processos e acreditamos ser no fundo mais apreciadores do seu talento do que todos esses que o andam a cercar dum nimbo de palavrões ócos e farfalhantes. O imperturbavel bom senso do *conteur* fluminense, passados o espanto e a displicencia que lhe deve causar a leitura deste livro, quando repousar o espirito, em horas mais calmas, acabará por nos conferir a razão.

Para concluir, lembraremos que já por tres vezes escrevemos sobre o poeta e romancista fluminense: a primeira foi um rapido artigo inserido na *Crença* (Recife) em 1870 e que tinha por objecto o livro das *Phalenas*; a segunda foram algumas paginas do opusculo — *O naturalismo em litteratura*, reproduzidas, vai para bastantes

annos, nos *Estudos de litteratura contemporanea* ; a terceira é esta agora.

Um estudo completo, e longamente meditado de todas as obras do illustre homem de letras, levou-nos a rejeitar as conclusões demasiado negativas a que tínhamos chegado nos idos tempos de nossa puericia litteraria. Hoje, pensamos, lhe fazemos inteira justiça : nem tanto é elle, quanto o representam Valentim Magalhães e outros consocios em enthusiasmo incondicional, nem tão pouco, qual a nós se nos afigurara vai já para longos annos passados. Collocamol-o em seu lugar.

7 de setembro de 1897.

SYLVIO ROMÉRO.



Dr. Cornélio Daltro de Azevedo

INTRODUÇÃO

I

Ha uma singularidade nas cousas litterarias do Brasil: a especie de producção espontanea, que faz brotar as chamadas *novas gerações*. Ha, porém, um facto ainda mais singular: o tom aggressivo, o ar de sufficiencia com que qualquer rapazito, mal sahido dos preparatorios, por onde muitas vezes passou graças á benevolencia dos examinadores, se dirige aos talentos mais velhos, alguns delles verdadeiramente illustres e que foram os seus mestres.

Não conhecemos em litteratura alguma do mundo phenomeno que de longe se lhe compare.

Em toda parte, onde ha bom senso e criterio, quem se destina ás lides litterarias e scientificas trata primeiro de estudar, de preparar-se, de fazer um longo apprendizado de linguas e disciplinas varias, uma serie completa de cursos especiaes para depois sahir a campo. Entre nós não é assim; tudo isto é completamente dispensavel; qualquer mocinho, um rapazelho qualquer, sabendo rimar um soneto, ou alinhar um conto, ás mais das vezes banal

e plagiado, arroga-se logo umas tantas immunidades, franze o sobrolho e despeja sobre os pobres mortaes as suas coleras de *génie méconnu*... Em toda a parte a litteratura é uma arena de combate, onde as palmas da victoria devem caber aos mais dignos, queremos dizer, aos mais intelligentes, aos mais fortes, aos mais destros, aos mais preparados, aos mais activos nas pugnas do pensamento.

Entre nós a cousa é differente: fizeram de nossas letras uma especie de tabellionato publico, onde se mandam tirar certidões de idade, ou melhor uma especie de *registro civil*, onde o merito é notado pela data dos nascimentos... E não percebem esses ingenuos o desfructe a que se prestam diante da posteridade, se, por absurdo, ella se houver de occupar de muitos delles.

Assim falando, não o fazemos pelo prazer de ser, como dizem, attacante, dando mais uma vez expansão ao nosso espirito de combatividade, que tem sido o nosso amparo e leal companheiro na vida. Não.

Tambem não é o despeito que nos está a mover a penna: é simplesmente o desejo e a obrigação de ser sincero. Com as actuaes gerações novas, de que fomos um dos factores por nossos estudos de critica, entretemos as relações mais cordiaes.

De muitos dos moços autores que representam hoje os encargos espirituaes do Brasil, no que elles têm de mais selecto, somos amigo dedicado.

E' o caso de Olavo Bilac, Aluizio Azevedo, Coelho Netto, Luiz Murat, Guimarães Passos, Magalhães de Azeredo, Alberto de Oliveira, Domicio da Gama, Viveiros de Castro, para não falar em vinte mais, e não lembrar talentos um pouco mais velhos, igualmente meritorios, como Clovis Bevilacqua, Arthur Orlando, Martins Junior, Gumersindo Bessa, e outros e outros.

Não é pois o despeito, é a escravisação á verdade, o impulso de dar o nosso depoimento de observador imparcial de mais de um quarto de seculo a esta parte.

Essa cousa de *novas gerações*, a brotarem da vadiagem geral com a mesma facilidade com que brotam as hervas nos campos, é velha historia, muito nossa conhecida.

Vae para .cerca de vinte e seis annos que escrevemos para o publico. ¹

Pois bem; das taes gerações novas, novissimas, recentes, recentissimas, modernas, modernissimas, já passaram por nós, nada menos de *duas duzias!*... Já se vê, portanto, que esta fertilidade não é cousa séria, e quem tiver bom senso deve oppôr embargos a tanta ligeireza.

Raciocinemos.

Um seculo em rigor, na sua evolução politica, litteraria, philosophica, scientifica, não tem mais de duas ou tres gerações.

E' assim que de nosso seculo pode-se dizer, que teve duas grandes gerações: a do romantismo da Restauração e a do naturalismo de sua segunda metade, tomando como notação a litteratura; ou a do espiritalismo eclectico e a do positivismo e spencerismo subsequentes, se tomarmos como caracteristica a philosophia; ou a do cuvierismo e depois a do darwinismo, se quizermos definil-o pela sciencia. O mesmo se pôde dizer do seculo passado; sua primeira porção foi ainda catholisante e crente, dando passagem á geração dos grandes reaccionarios de sua segunda parte. Vamos, porém, fazer uma concessão; dêmos para cada geração litteraria, digna deste nome, o lapso de vinte annos. Ja é conceder demasiadamente pouco, porque um Walter Scott, um Goethe, um Hugo, um Balzac, um Renan, um Manzoni, um Lamartine, um Tennyson, levam muito mais tempo a dar a medida completa de seu genio; mas o que está dito, está dito: vinte annos para cada geração nova. Um seculo, portanto, só pôde ter cinco, e aqui no Brasil, nos ultimos trinta annos, temos tido trinta e tantas...

Sae a mais de uma por anno.

Sempre é a terra, onde o céu tem mais estrellas, os bosques têm mais flores, os rapazes têm mais talento e a litteratura tem mais gente...

Mas qual é o valor d'esta?

¹ Isto foi escripto em janeiro de 1896.

Eis a questão.

Applicando o calculo á França, dividindo o mais possível o tempo, attendendo á lei do *consensus*, que mostra a litteratura sempre acompanhando a politica, podem ser notadas alli as cinco gerações seguintes neste seculo : — phase do primeiro imperio com Chateaubriand e B. Constant á frente ; periodo da Restauração com a florescencia romantica de Vigny, Lamartine, Hugo, Sainte-Beuve ; época de Luiz Felipe, em que se desenvolve a geração anterior, enriquecida por Musset, Gautier, Balzac ; tempo do segundo imperio em que fulgem Renan, Taine, Scherer, Paradol, Leconte de Lisle ; finalmente, phase da terceira republica, em que se dá o desenvolvimento completo de Zola, Maupassant, Daudet, os Goncourt, Bourget.

Eis ahi : cinco gerações e não vinte ou trinta.

O estudo exacto do que se passa em nosso Brasil leva ao mesmo resultado : geração das duas primeiras decadas do seculo, representando o resto do velho classicismo, com um Silva Alvarenga á sua frente ; mocidade do primeiro reinado e da Regencia com Evaristo, Dutra e Mello, Maciel Monteiro por guias ; talentos da primeira phase do segundo reinado com Magalhães, Penna, Porto Alegre, Gonçalves Dias, Macedo á testa ; espiritos da segunda porção do reinado sob a direcção de Alvares de Azevedo, B. Guimarães, Alencar, Machado de Assis, Varella, dando passagem nos ultimos dois decennios á reacção contra o romantismo ; afinal, época da Republica, que valha a verdade, em letras nada produziu ainda que lhe pertença exclusivamente ; pois que os melhores escriptores actuaes datam, uns dos vinte derradeiros annos e outros, pelo menos, da ultima decada do imperio.

São, como se está a vêr, quando muito, tambem cinco gerações, não havendo espaço para multidões no mundo do espirito.

Para que, porém, estarmos a perder tempo com a historia e as classificações das escolas ?

Ha nesta ordem de assumptos cousa muito mais séria e decisiva.

E' o depoimento da physiologia e da psychologia.

Aquella nos ensina que só aos trinta annos tem o cerebro chegado ao seu completo desenvolvimento ; pois só então adquire

todo o seu peso, toda a sua consistencia, por ser quando se consolidam definitivamente as suturas, as apophyses craneanas. A psychologia, por outro lado, demonstra que, sem observação, sem experiencia, sem um vasto capital feito por accumulção propria, o espirito não póde ter uma vista profunda, completa, original do mundo e da sociedade, fonte indispensavel das grandes obras.

Tal o motivo porque não existe um monumento qualquer verdadeiramente superior na orbita da arte, da poesia, da religião, da sciencia, da politica, da philosophia, que tenha sido produzido antes dos trinta annos.

Não basta nascer, é preciso viver; não basta viver, é mister aprender na grande escola do soffrimento, e muitas vezes só se chega á completa aprendizagem quando se é quasi velho.

A historia, repetimos, não registra um só producto verdadeiramente superior, nas regiões do espirito, feito antes dos trinta annos. Nem Eschylo, nem Isaias, nem Sophocles, nem Platão, nem Aristoteles, nem Dante, nem Galileu, nem Shakespeare, nem Göthe, nem Hugo — eram *mocinhos* quando crearam as suas obras primas. O unico poeta de genio que não chegou aos trinta annos completos, foi Shelley, mas, por isso mesmo, sua obra é demasiado imperfeita, o que se não dá com a de Byron, seu amigo, que teve a fortuna de ultrapassar aquella méta.

Prevenimos que nos não venham atirar para a frente a multidão de impotentes que aqui falleceram aos *vinte annos*, quasi sempre uns mediocres, cuja melhor obra que fizeram foi morrer em tempo...

Nossa litteratura está cheia dessa gente, desses pequenos idolos, que acabaremos por esquecer, quando tivermos verdadeiros deuses para collocar nos altares.

Na série de estudos que pretendemos escrever sobre os chamados *novos*, que procuraremos tratar com a mais accentuada bonhomia, só nos deteremos diante de escriptores mais ou menos feitos, que tenham obra apreciavel, que possuam bagagem de merito.

A critica é um principio selector e não deve estar disposta a dar importancia, sinão a quem a tiver de facto.

Nosso quadro será um pouco mais vasto do que, á primeira vista, seria de esperar. Faremos excursões nos circulos dos deradeiros vinte annos.

A critica, o romance, o conto, a poesia terão a preferencia, sobre a historia, a philosophia, a sciencia.

E é de razão. ¹

II

O grande defeito de certa especie de critica, muito commum entre nós, é nunca fazer estudos de conjuncto, syntheses completas que comprehendam e resolvam em suas fórmulas o movimento espirital do paiz, desde que se começou a formar a nossa consciencia litteraria e artistica.

A critica tem sido sempre, e continúa a ser, um negocio de relações individuaes, de pequenos grupos quando muito, de *cotteries*, de amizades, e de preferencias particulares. Os nossos mais afamados criticos não estudam nunca uma época, um grupo de escolas, o desdobrar de um ou mais seculos; ficam sempre no acanhado dos pequenos quadros, na apreciação de um typo, de um autor predilecto, quando não se limitam á analyse de um só livro entre os muitos de um mesmo autor.

E' sempre uma cousa fragmentada, um punhado de destroços impossiveis de ligar pela imaginação.

Não se querem dar ao trabalho penoso de remontar ás origens, ás causas, ao estudo das raças que constituíram o nosso povo, do meio que as tem modificado, das correntes historicas que as têm dirigido; dedignam-se de manusear os documentos, descer aos

¹ Esta promettida serie de estudos destinava-se, como dissemos já, a *O Município*, jornal publicado em S. Paulo, sob a direcção de nosso distincto amigo—Dr. Domingos Jaguaribe; mas poudé apenas ser começada, não passando nós da parte relativa a Macbado de Assis, que sae agora em livro. Os primeiros artigos foram para alli nos primeiros dias de janeiro de 1896.

archivos litterarios, desencavar os textos, lêr os livros esquecidos que ninguém mais lê e que foram em seu tempo outras tantas forças vivas, focos de acção e de luta.

Entretanto, a critica que se não generalisa, que não attinge a região dos principios, que não é capaz de discernir as leis que dirigiram o desenvolvimento complexo da nacionalidade, que não a abarca na sua integridade, por mais interessante que se possa mostrar, não passa de uma negação illusoria, de um entretenimento de ociosos. E é dessa que hemos tido a fartar, especie de chocalhice alviçareira de maravilhas litterarias que não possuímos, quando não são diatribes grosseiras contra os escriptores de que os analytas não gostam.

O meio de evitar estes desacertos dissonos e compromettedores é, repetimos, generalisar: vêr o *povo*, onde de ordinario só se costuma enxergar o *individuo*; tomar a evolução das letras e das artes como alguma cousa de impessoal, de superior ás *cotteries* de momento, uma como especie de expoente da vida nacional, uma função da capacidade espiritual da raça. Olhada desta altura a região das sciencias, letras e artes, não deixa ella vêr os rancorosos conflictos do egoismo, a pequenez dos temperamentos, o lado passageiro das paixões, para só descortinar aos olhos do observador os grandes, os nobres esforços da alma do povo para a luz, para a gloria, para o bello, para os deslumbramentos do porvir.

E' nesta disposição de espirito que pretendemos dizer dos *novos*, como na *Historia da Litteratura Brasileira*, em igual estado d'alma, dissemos dos classicos e dos romanticos, isto é, daquelles que é costume hoje chamar os *velhos*.

Se quizessemos seguir o methodo geralmente em voga, arrumariamos para ahi uma serie de dez ou quinze ou vinte artigos sobre outros tantos livros recentes dos mais imberbes dos nossos moços e estaria tudo acabado. Era uma especie de cortezia, de graciosa zumbaia que lhes fariamos, cousa facillima para quem gosta de armar á popularidade, pelo prazer de fazer bonito e captar elogios. Seria commodo; mas não seria nem sincero, nem honesto. Temos uma cousa sobre todas que nol-o impede de praticar: a vellu-

philosophia evolucionista, o criterio spenceriano, que nos impõe outros processos e nos força a trilhar outros caminhos.

E, sem mais preambulos, abordemos o assumpto.

Temos nós aqui no Brasil uma geração nova de litteratos, poetas, artistas, criticos, romancistas, escriptores de generos varios.

Muito bem ; é o que dizem todos. Mas quando nasceu ella ? Que phases já tem atravessado ? Quaes as suas idéas capitaes ? Seus mais rotaveis representantes ? Quem foram seus precursores ? Quaes as suas tendencias ultimas ? Qual o rhythmmo em summa da evolução ? Tudo que não seja responder a estas indagações, que são outros tantos problemas de historia nacional e de critica esthetica, é pintar n'agua, é reincidir na vacuidade dos palavreados estereis, continuar a alcovitice dos louvaminheiros de profissão.

O estudo acurado dos factos sobre o que podemos chamar a moderna geração brasileira indica a impossibilidade de assentar além de 1868-69 o seu ponto de partida.

Um pouco de historia. O romantismo brasileiro, que é costume nos livros vulgares de cousas litterarias patrias datar da publicação dos *Suspiros Poeticos* de Domingos de Magalhães em 1836, mas que é de facto anterior a essa data, tinha, desde os ultimos annos do primeiro reinado, começado o seu desdobramento evolutivo. Teve tambem aqui sua phase *emanuelica* e *religiosa*, passou pelo periodo nacionalista do *americanismo*, pela crise do scepticismo e do sentimentalismo *byroniano* e *lamartiniano*, e chegára afinal ao termo do *humanitarismo* socialista ao gosto de Hugo. Esta ultima mutação operou-se no Recife de 1862 a 1868-69. Tobias Barreto, com seu *Genio da Humanidade*, sua ode *A' Polonia*, seu hymno *A' Caridade*, seus *Voluntarios Pernambucanos*, sua *Vista do Recife*; Castro Alves com seu *Pedro Ivo*, seu *O Seculo*, sua *Visão dos Mortos*, seu *Ao Dois de Julho*, seu *O Livro e a America*, tinham sido os promotores do movimento.

O poeta bahiano nos ultimos dias de 1867 tinha-se passado á sua terra natal, seguindo em começos de 1868 para o Rio de Janeiro, em demanda de S. Paulo, onde vinha completar o curso de direito. Da Bahia trouxera carta de recommendação do

illustre orador político Fernandes da Cunha para José de Alencar, que por sua vez o endereçou sem tardança a Machado de Assis.

O romancista e o *conteur* o apresentaram ao publico fluminense cada um com um artigo sensacional. O poeta merecia-o. O *condoreirismo* alastrava, d'est'arte, de Pernambuco a S. Paulo, passando por Bahia e Rio de Janeiro, o que importa dizer que no alludido anno de 1868 estava o imperio do Capricornio ainda atufado em pleno romantismo...

Sua ultima phase, repetimos, inaugurada em Pernambuco, veio recrudescer no sul; mas dalli é que devia provir tambem a reacção. E agora é chegado o ensejo de nossa propria acção nos acontecimentos que se vão seguir. E' um pedaço de historia que somos forçado a narrar, porque é preciso que a verdade appareça completa e desnudada de sombras.

No Rio de Janeiro fizemos os preparatorios, sob a direcção de homens como Francisco Primo de Aguiar, o grande professor da Escola Militar, Patricio Muniz, o notavel orador sagrado, Gustavo Gomes dos Santos, o illustre latinista e litterato, Azevedo Coimbra, o emerito explicador de mathematica, Joaquim Verissimo da Silva, o celebrado mestre de philosophia, sectario do kantismo, que nos iniciara no systema.

Concluida a instrucção secundaria em dezembro de 1867, chegámos ao Recife em fevereiro de 1868, exactamente pouco depois de ter dalli sahido Castro Alves.

O ambiente da Academia era puramente romantico.

Tobias, que aliás sempre tivera gosto por estudos philosophicos, era ainda nestes mesmos assumptos um fervoroso sectario do eclecticismo de Jouffroy e Saisset, e em litteratura um fanatico de Victor Hugo e Quinet.

Tinha-se dado por aquelle tempo a celebre discussão entre o general Abreu e Lima e o padre Joaquim Pinto de Campos a respeito das *Biblias falsificadas*.

Tal acontecimento tivera sobre nós grande influencia.

O general era ainda um simples *voltairiano*, sectario de uma critica meramente racionalista bem differente da moderna critica

historica ; porém, mesmo assim, seu grande espirito liberal agitou-nos vivamente.

Começamos a devorar os modernos livros de litteratura, de philosophia, de critica, de religião ; Vacherot, Littré, Mill, Scherer, Taine, Renan, Buckle, Max Müller, Burnouf, Spencer cahiram-nos successivamente nas mãos.

D'est'arte os annos de 1868 e 69 foram os da crise d'emancipação espiritual em Tobias e em nós. Por uma especie de divisão do trabalho e por differença de indoles, elle se occupou de preferencia da philosophia e nós da critica litteraria. Os seus primeiros escriptos de reacção foram : um artigo publicado no periodico *A Regeneração* sob o titulo *A proposito de uma theoria de S. Thomaz*, em 1868, e, no anno seguinte, mais dois artigos apparecidos no *Correio Pernambucano*, um sobre os *Factos do Espirito Humano*, de Gonçalves de Magalhães e outro a respeito da *Religião Natural*, de Julio Simon. São escriptos de transição, onde a livre philosophia do seculo já vai apparecendo forte e rutila. ¹ Acompanhamos de perto esta mutação do poeta romantico, que se transformava pouco a pouco em philosopho evolutivo e naturalista. Por nosso lado não descançavamos e em novembro de 1869 escrevemos o primeiro estudo de critica, publicado logo após no jornal *A Crença*. Versava sobre o livro de um poeta paraense, moço de muito merecimento, de nome Santa Helena Magno.

Seu livro de versos intitulava-se *Harpejos Poeticos*.

A esse primeiro artigo seguiram-se immediatamente, no mesmo jornal, um estudo sobre as *Phalenas* de Machado de Assis, outro sobre as *Espumas Fluctuantes* de Castro Alves, no *Americano*, e um quarto sobre as *Pêgrinas* de Victoriano Palhares, no *Diario de Pernambuco*.

Nesses artigos, com um enthusiasmo verdadeiramente juvenil, atacámos violentamente o romantismo sob suas diversas formas religiosas, sentimentaes, scepticas, indianas, condoreiras *et le reste*.

¹ Estes tres artigos de nosso patricio e amigo acham-se na edição de seus *Estudos Allemães*, devida á casa Laemmert do Rio de Janeiro, e por nós dirigida.

Como se está a ver, o proprio *hugoanismo socialista* de Tobias e Castro Alves foi batido. Tobias, porém, que era homem de espirito, e já ia, na propria critica, mudando de intuição, não se deu por offendido, e, ao encontrar-nos, após a publicação do primeiro ensaio, disse-nos, naquelle seu tom incisivo, que—*tinhamos começado por onde muita gente quizerá acabar, isto é, dando mais largas á lógica do que á imaginação...* Até hoje foi, talvez, a animação mais espontanea e sincera que temos encontrado na região safara e ingrata das lutas nacionaes.

Mas se não fôra um documento publico, deixado por aquelle grave talento, ser-nos-ia difficil reclamar hoje a prioridade nas lutas contra o romantismo, porque ha vinte e seis annos temos vivido a repellir a má vontade de despeitados.

Felizmente á pagina 147 de seus *Estudos Allemães*, falando de poesia popular, escreveva elle: «Sinto achar-me neste ponto, em desaccordo com meu amigo Sylvio Romero; e, como em geral os talentos orgânicos são tambem harmonicos, é estranhavel que elle, *que foi o primeiro entre nós a irromper contra o roman'ismo*, tenha cedido, por sua vez, a uma extranha preocupação romantica ».

Tobias refere-se ao cultivo do *Folk-lore* nacional, que elle não apreciava e em que sempre estivemos em desaccordo, mas, naquelle trecho, reconhece-nos a prioridade na *luta contra o romantismo*. E é quanto basta para calar a boca a certos pretenciosos de hoje, trapalhões ou malevolos, que ousam contestar factos de que não têm conhecimento, ou fingem não ter. A parte de Tobias, que teve a prioridade na philosophia, não se atreveu mais a negar constantemente, porque já morreu, e não pôde mais fazer sombra a ninguém.

Fique, pois, assentado que foi elle quem iniciou entre nós a propaganda das novas idéas philosophicas contra o espiritualismo eclectico de Cousin e consocios, e o signatario destas linhas quem reagiu primeiro contra a litteratura romantica, inaugurando o periodo das novas idéas em critica.

E, por falar das lutas intellectuaes que travámos no Recife ao lado de nosso grande amigo, aproveitamos a occasião para elucidar de nma vez por todas certos pontos de nossas relações, que já começam a ser desfigurados por fallaciosos ou maldizentes, que nada

sabem dos factos e querem se metter a opinar sobre assumpto que não lhes entra na competencia e alçada.

Por havermos carregado na litteratura brasileira, sob o ponto de vista da notoriedade, com a triplice tarefa de defender o nosso lugar, e, ao mesmo tempo, o da escola do Recife, e particularmente o de Tobias, de todos o mais injustamente julgado, entendem hoje alguns bisbilhoteiros que entre nós dois não deveria ter havido jamais o menor dissentimento, e dão-nos como obrigado a aceitar em cheio tudo quanto foi por aquelle amigo escripto e pensado.

Já mostrámos o que o proprio autor sergipano disse sobre a acção contra o romantismo, cuja prioridade nos cabe, e como ficámos em desaccordo em tudo que diz respeito ao *Folk-lore* e á poesia popular em geral.

Entretanto, não pára ahi. Ninguém ignora que a Tobias se deve a propaganda tenaz do evolucionismo darwiniano applicado ao direito, *ad instar* do que fez von Ihering na Allemanha. Pois bem, o proprio professor do Recife reconhece nos seus *Estudos de Direito* no artigo *Jurisprudencia da Vida Diaria* que fôramos nós quem primeiro falara disso no Brasil, citando o referido von Ihering e defendendo-lhe a doutrina. Eis aqui a passagem que deve ser lembrada: « Ao meu comprovinciano e amigo Sylvio Romero cabe a honra de ter sido o primeiro que ousou convidar o Dr. von Ihering para ir á Faculdade de Direito do Recife, lembrando-se de o citar na sua bella dissertação apresentada por occasião das theses que pretendeu sustentar, porém que tiveram, como é sabido, para gloria sua e eterna vergonha dos mestres, aquelle triste resultado *metaphysico criminal*. Isto em março de 1875 ».

Os dois trechos citados d'aquelle patricio e camarada deixam vêr bem claro que nossos estudos eram de parte a parte dirigidos com a maior independencia. Assim, ainda estava elle sentado ao festim do romantismo, que aliás como poeta jámais abandonou, quando irrompiamos nós contra os velhos idolos. Assim, não se occupava ainda elle especialmente de assumptos juridicos, de que mais tarde foi mestre eximio, quando em 1875, indicavamos a grande mutação porque estava passando a sciencia juridica.

Nos proprios escriptos do illustre morto, pois, encontra-se felizmente a documentação de nossas affirmativas.

Eis porque no prefacio do livro *Ensaio de Philosophia do Direito* exarámos estas palavras que acham aqui seu lugar adequado :

«Como o leitor por si mesmo verificará, em pontos varios da doutrina philosophica e juridica, afastamo-nos de nosso amigo e patricio, o homem, até hoje, com quem tivemos maiores ligações espirituaes, Tobias Barreto. Logo de principio recusamos duas idéas por elle perfilhadas, idéas predilectas, que constituiram a base de seu ensino juridico : a *guerra á sociologia como sciencia*, cousa estranhavel nelle, que admittia o direito como *sciencia*; a *doutrina do direito-força*, inexplicavel para quem dizia ser o direito um simples producto da *cultura*.

Mas fazemo-lo em termos, reconhecendo a parte de verdade que se contém em taes idéas. O mesmo acontece com essa doutrina do direito, *simples effeito da cultura*, cousa inadmissivel em quem, por outro lado, o proclamava filho da *força*. Egualmente com o seu *semi-telcologismo* geral.

E tomamos a precaução de dar esta explicação para prevenir os disparates de espiritos incultos que andam agora ahi a inventar que neste proceder ha ingratição para com Tobias, que fora o nosso mestre.

Ainda ha pouco lemos uma ciucada destas, n'um artigo inserto n'um dos jornaes d'esta cidade.

N'este artigo, o seu autor dizia que os Srs. *Sylvio Romero, Clovis Bevilacqua, Arthur Orlando e Fausto Cardoso aprenderam com Tobias o monismo, ficaram pasmados e agora se separam ingratamente do mestre...* Era isto em substancia. Não sabemos o que se dá com os outros; pela parte que nos toca, o critico não tem razão. Tobias era quasi de nossa idade, foi nosso contemporaneo na Academia, era nosso patricio, nosso camarada, nosso amigo. Nunca foi nosso mestre, no sentido especial do termo. Tinhamos muitas idéas em commum; porém nos separavamos em varios pontos gravissimos em litteratura, em direito, em sciencia, em philosophia. Em nossas conversações sempre os discutiamos e cada

um ficava com as suas opiniões capitaes. O darwinismo, applicado ao direito por von Ihering, que Tobias tão brillantemente desenvolveu a datar de 1879 ou 80, já, como elle mesmo o reconhece, no seu artigo *Jurisprudencia da vida diaria*, nós o tínhamos apontado em 1875, em nossa dissertação de doutoramento.

O monismo, que o critico diz ter sido ensinado por Tobias, e que apparece pela primeira vez nos escriptos desse philosopho critico de 1879 ou 80 em diante, já annos antes, na *Philosophia no Brasil*, estava claramente indicado.

Foi nesse livro que pela primeira vez (1876) se escreveu em portuguez esta palavra. O critico não sabe disto, porque não estuda, não lê os livros brasileiros, não se prepara antes de sahir a publico. Damos-lhe um premio, se, antes d'aquella data, encontra-a em qualquer escripto de Tobias. Este aprendeu a cousa onde nós todos os modernos a aprendemos de certo tempo a esta parte.

O seu merito, que foi grande neste ponto, como n'outros, esteve em adoptar o monismo e o desenvolver, o que nós, por exemplo, só fizemos de passagem; e o mesmo se deu, como ficou ponderado, na questão do *darwinismo juridico* que indicámos accidentalmente e elle desenvolveu com força. Esta é a verdade dos factos, provada com os textos e as datas. Nem em todo Brasil o escriptor sergipano teve nunca e tem ainda hoje maior defensor e apreciador do que nós; mas não é preciso mentir para o elevar. Elle mesmo era o primeiro a reconhecer aquillo em que, de qualquer fórma, tinha sido antecedido, o que lhe não tira em gráu algum o merito, antes o realça. E' o caso da critica systematisada e scientifica, do *folk-lore*, da *ethnographia*, da historia litteraria e de outros assumptos de que elle ou não se occupou, ou só o fez *per accidens*. Houve, porém, assumptos de que só elle se encarregou e nós não e é o caso da critica religiosa, do direito penal, da litteratura comparada, da critica musical, etc., e os houve em que elle principiou e nós chegamos mais tarde, como a philosophia.

Em summa, nós e Tobias, que demos ao Brasil o exemplo da mais completa fraternidade espirital, fomos dois camaradas, dois obreiros amigos, mas independentes, que procuravamos trabalhar sem rivalidades e sem submissão um ao outro; de accordo, porém

autonomos; elle afinal quasi todo h  kelista e nós mais spenceriano. Oxalá os pretenciosos de hoje seguissem nosso exemplo!

As letras teriam por certo a lucrar.

Por estas e outras vê-se bem claramente que o sabio sergipano    ainda victima de aprecia  es desarrasoadas de incompetentes.

Ao lado do partido, felizmente hoje muito reduzido e inteiramente sem prestimo, dos terriveis negacionistas que lhe contestavam o alto valor, vai-se formando o grupo exotico de adoradores fanaticos, que pretendem ser mais realistas que o rei, mais tobiistas que o proprio Tobias. São os taes que encontram ingratidão no facto justissimo de algumas discordancias doutrinarias. Nossa posicão foi,    e será a do amigo e camarada, reconhecedor e propugnador de sua elevada capacidade, de seus grandes meritos, sem, comtudo, julgarmos preciso jurar indistinctamente em todas as suas idéas. E' o terceiro grupo dos imparciaes, que são os que sabem. »

Entretanto, o que importa agora accentuar    que aquelle patricio e amigo passou por uma phase romantica, anterior aos annos de 1868 e 1869, molestia de que não tivemos tempo de ser affectado. E mais que n'aquelles annos dalli partiu o moderno movimento espirital brasileiro, em que vieram outros factores collaborar, diversos de origem e differentes nas tendencias, como se terá de v  r no correr destes estudos.

Quem tiver de classificar os escriptores nacionaes do ultimo quarto de seculo no Brasil, terá de dividil-os em três categorias: espiritos, que se conservaram fieis ao velho romantismo, sendo os mais notaveis entre elles — José Bonifacio, Bernardo Guimarães, Bittencourt Sampaio, Paran  piacaba, Teixeira de Mello, Luiz Delfino, Mello Moraes Filho, Eunapio Deiró, Carlos de Laet, uns fallecidos ha pouco e outros ainda vivos; espiritos de transi  o entre os romanticos e as novas intui  es, sendo os mais notaveis Machado de Assis, Tobias Barreto, Araripe Junior, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa e José do Patrocínio; escriptores recentes, que não passaram pelas doutrinas romanticas e já appareceram de posse dos recentes credos.

Neste derradeiro grupo inscrevem-se — Clovis Bevilacqua, Gumersindo Bessa, Arthur Orlando, Martins Junior, Arthur Azevedo, Theophilo Dias, Lucio de Mendonça, Aluizio Azevedo, Raymundo Corrêa, Luiz Murat, José Verissimo, Valentim Magalhães, Coelho Netto, Olavo Bilac, Raul Pompeia, Guimarães Passos, Alberto de Oliveira, Assis Brazil, Augusto de Lima, Viveiros de Castro, Domicio da Gama, Pedro Rabello, Adolpho Caminha, Cruz e Sousa, B. Lopes e outros e outros, que longo fôra enumerar. Nem os que ahi vão citados, ao correr da penna, estão em rigorosa ordem chronologica.

Das duas ultimas series é que nos deveremos occupar nestes escriptos, se o tempo der licença e o animo estiver disposto ao trabalho. ¹

¹ Como o leitor está a vêr, era, repetimos, uma vasta serie de estudos que iamoz iniciar sobre nossos escriptores recentes, a começar por Machado de Assis. Infelizmente não podemos ainda passar deste.



Dr. Cornelio Daltro de Azevedo

MACHADO DE ASSIS

I

Disse, nas paginas anteriores, dever começar esta serie de estudos pelos escriptores de transição entre romanticos e naturalistas.

Os mais notaveis desse grupo, accrescentei, são Machado de Assis, Tobias Barreto, Araripe Junior, Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco e José do Patrocinio.

Os tres ultimos, em cujo estylo e em cujas idéas são ainda evidentes muitas das notas e das côres do romantismo, não terão provavelmente entrada nestes ensaios, porque sua actividade espirital tem sido quasi exclusivamente politica e devo dar preferencia aos escriptores puramente beletristas.

Digo provavelmente, porque pôde bem ser que o desenvolvimento de certas idéas leve-me a trazel-os tambem para esta especie de torneio analytico que pretendo instaurar.

E' quasi certo até que o tenha de fazer, quando houver de estudar a prosa no Brasil, nomeadamente nos mais notaveis de nossos modernos stylistas, e aquelles tres espiritos contam-se incontestavelmente em tal numero.

Ha outro escriptor no alludido grupo, Tobias Barreto, de que me não occuparei agora, porque sobre elle já o tenho feito á saciedade.

Restam, pois, Machado de Assis e Araripe Junior. Vejamos o primeiro, que será o objecto d'este livro.

Antes e acima de tudo é entre nós o mais completo especimen do homem de letras, no peculiar significado da palavra. E' um estrenuo apaixonado da difficil arte da escripta; chegou o amor por ella em seu talento de selecção ao estado de acção reflexa, ao estado de paixão predominante e quasi exclusivista.

Faz gosto, dá prazer ao critico entreter-se, confabular com um espirito como o seu.

O culto da arte suffocou-lhe n'alma qualquer paixão deprimente, qualquer partidarismo incommodo e perturbador. Com elle está-se á vontade; e qualquer luta, qualquer dissentimento sobre o modo de comprehender os phenomenos intellectuaes e affectivos assume logo em sua presença a attitude da completa imparcialidade.

A nação, quero dizer, a nossa elite litteraria tem-lhe pago, sem o minimo desfalque, o valor de seu merecimento.

Nenhum escriptor neste paiz recebeu jamais em vida tantas provas de admiração, de preito, de louvor, de gloria, se é que Machado de Assis contenta-se, como quero acreditar, com a opinião de sua patria.

Nenhum dos nossos mais gabados, mais elogiados autores tem sido louvado como elle. Nem Gonçalves Dias, nem José de Alencar, os dois que mais o têm sido no Brasil, e menos ainda Domingos de Magalhães, Manoel de Macedo, Alvares de Azevedo, Fagundes Varella e Castro Alves o foram tanto quanto elle.

Qualquer obra sua que appareça tem logo o privilegio de inebriar a musa dos louvores, que toma as vestes mais garridas e entôa os hymnos mais festivos para saudar a nova producção, o recente esforço do mestre incomparavel. . .

E é de justiça: não serei eu que venha achar demasiado o incenso que, neste paiz de politiqueiros de profissão, quasi de todo indifferente ás lides do espirito, se possa queimar a um homem que, de uma fórma ou de outra, é incontestavelmente um dos chefes intellectuaes da nação. Noto apenas uma cousa e peço permissão para consignal-a aqui : é que isto foi sempre assim em relação a Machado de Assis; desde os seus principios habituarão-no às mesmas festas, ao som da mesma musica, quasi podia dizer, ao espocar dos mesmos foguetes. . .

Dahi uma lacuna em sua carreira e uma falha em sua obra : não teve o momento da luta, o aprendizado do combate, nunca se vio contestado, nunca teve de terçar armas; falta-lhe esse elemento dramatico em sua vida, essa differenciação do soffrimento em seu character. Dahi a placidez, a quietitude, quasi pudera accrescentar, a estagnação de toda a sua obra, já hoje bastante avultada.

Isto por um lado ; por outro é licito perguntar : terão sempre sido sinceros os elogios de que o cumularam? Não haverá nelles uma parte qualquer, por pequena que seja, filha do capricho e da moda ?

Quero crer que sim, e o digno romancista e poeta é tão imparcialmente verdadeiro que concordará commigo.

Somos hoje dois velhos, podemos palestrar sem procurar illudir um ao outro.

Não sei se Machado de Assis já terá observado uma cousa muito curiosa que se dá em nossos costumes litterarios. Com certeza ha de tel-o. Aqui no Brasil, aqui nos habitos de nossa imprensa, ha escriptores que é de bom estylo, é da moda gabar sempre e *quand même* em publico.

São os elogiados *para inglez vêr*.

O que não impede que em particular, em certas rodas, nas parlandices intimas, digam-se delles as cousas mais feias.

Outros existem, dos quaes é do bom estylo, da moda, do bom gosto, tratar mal em publico, dizer-lhes cousas

desagradaveis nas columnas dos jornaes ; o que não priva que nas rodas intimas, á mesa dos cafés e das confeitarias, nas cavaqueações das lojas de livros, se diga muitas vezes bem delles. . . « O *diabo* não nos agrada, não se póde contar com elle, não é cá da rodinha ; mas. . . tem talento o *bruto* ! »

São os que levam descomposturas *para inglez vêr*. —
A razão ?

E' uma questão de começo de carreira, de geito de apparecer: se o candidato, por qualquer circumstancia, deu no gôto, agradou ao paladar dos noticiaristas e pilhou um elogio, póde contar que está de carreira feita. O publico, *more pecoris*, não desmancha mais o seu juizo ; o homem póde d'ahi por diante dizer tolices a fartar. Se, porém, o malfadado, por qualquer motivo, teve a desventura de desagradar, leva como baptismo uma sóva, e d'ahi por diante está perdido. Não ha santo que o possa salvar. D'ahi por diante póde elle escrever inaravilhas, progredir como entender ou puder, nada o salvará.

Vai para o nimbo dos que se não devem elogiar em publico, por ser cousa de mau gosto, que iria offender o paladar dos leitores.

Quem nos garante não ter o nosso Machadq de Assis o seu quinhão entre aquelles que é de bom estylo sempre elogiar para *inglez vêr* ?

Neste particular sei de cousas que não podem apparecer n'um estudo de critica sem o desfigurar n'uma especie de bisbilhotice.

Só n'algumas *memorias posthumas*, como as de Braz Cubas, poderiam caber.

Em todo caso, o illustre poeta, romancista e *conteur* tem bem justificadas razões para não andar muito satisfeito com os seus collegas da critica nacional.

Tem recebido muitos elogios, quantos delles perfeitamente banaes; mas não tem tido analyses; tem sido encomiado, porém não tem sido estudado. E de tanto é que um homem de seu merecimento ha mister. Quem já o estudou á luz de seu meio social, da influencia de sua educação, de sua psychologia, de sua hereditariedade physiologica e ethnica, mostrando a formação, a orientação normal de seu talento?

Quem já lhe assignou o posto na historia espiritual do paiz?

Ninguem que eu saiba.

Pois é o que já lhe deviam ter feito e não andarem para ahi a asphyxial-o na fumarada incommoda de umalouvaminha sem gosto e muitas vezes sem sinceridade.

II

E' preciso estudar o escriptor em seu meio social para bem traçar-lhe a característica.

O illustre romancista e auctor de contos é filho do Rio de Janeiro e veio á luz no anno de 1839, que foi notavelmente fertil em dar nascimento a muitos brasileiros distinctos.

Carlos Gomes, o grande componista, Tobias Barreto, o conspicuo philosopho e jurista, Francisco Belisario, o financeiro atilado, Pedro Luiz, o poeta energico, Floriano Peixoto, o compressor da anarchia em dias da republica, são d'aquelle anno, que assistio os primeiros debates da maioridade do segundo imperador.

O futuro poeta e romancista provinha de pais pobres e atravessou certas difficuldades em seu inicio: começou pela arte typographica.

Esta profissão teve a vantagem de despertar-lhe o gosto litterario e pol-o em relação com os escriptores do tempo. Para alguma cousa serve a desfortuna economica. O joven Machado bem cedo começou a frequentar a *Petalogica*, curiosa sociedade de homens de letras, e a livraria de Paula Brito, mestiço intelligente, que amparou mais de um estudante, e cuja acção bemfazeja, naquelle sentido, na litteratura mereceria um estudo especial.

Ninguém mais no caso de lhe render hoje esse pequeno tributo de gratidão de que o proprio Machado de Assis, que de perto o conheceu e foi por elle protegido.

O nosso romancista é a prova mais cabal das idéas enunciadas na introducção a este escripto, quando sustentei ser impossivel antes dos trinta annos um verdadeiro talento dar a exacta medida de seu prestimo.

Tendo começado os seus primeiros ensaios litterarios aos vinte annos, em 1859, até aos trinta nada produziu que tivesse serio valor.

Suas obras até 1869 são de ordem tão inferior, que elle mesmo hoje as occulta em sua quasi totalidade.

E' o caso de *Desencantos*, phantasia dramatica, de 1861, d'*O Caminho da porta* e d'*O Protocollo*, de 1863, d'*Os Deuses de casaca*, de 1865, e das proprias *Chrysallidas*, do anno anterior.

E' um decennio inteiro de ensaios na comedia, na poesia, no folhetim, no conto, não falando n'umas poucas de traducções de méra fancaria.

Importa isto dizer que se, por desgraça, o nosso romancista tivesse fallecido aos trinta annos de sua idade, seria hoje na litteratura brasileira uma figura apagada, um typo sem o minimo relevo.

Não é tudo; a decada seguinte, que chamarei o periodo de transição, é ainda pouco expressiva.

E' licito pois affirmar que só depois dos quarenta annos, só depois de 1879, Machado de Assis, assumio nas letras patrias o lugar em que o vemos collocado,

porque só então o seu talento achou o filão mais fecundo e seu espirito tomou a attitude significativa que o distingue.

Elle é portanto dos que bem provam que não basta nascer, é preciso viver, não basta viver, é mister produzir e muito.

Não é sem motivo que vou enchendo estas linhas de datas, 1859, 1869, 1879, e mostrando o autor do *Quincas Borba* aos vinte, aos trinta, aos quarenta annos. . .

Hoje tem elle perto de sessenta e ainda está em linha ascensional; é um progressivo, um espirito em differenciação constante. Bello exemplo aos moços de agora.

Interpellemos mais de perto aquellas datas; são ellas como roteiros do pensamento critico.

Iniciando os primeiros passos nas letras em 1859, quer isto dizer que, ao principiar, Machado de Assis já encontrava o romantismo brasileiro em plena floração, quasi era licito dizer em franca decadencia.

Sim; os tres marcos miliarios do romantismo patrio já tinham sido erigidos pelas mãos possantes da geração anterior: e esses marcos eram os *Suspiros Poeticos* de Magalhães em 1836; os *Cantos* de Gonçalves Dias, dez annos mais tarde, em 1846; o *Guarany* de Alencar, no decennio seguinte, em 1856.

Ao lado destes chefes de fila quatro companheiros eméritos tinham já dado á lume seus melhores escriptos, Porto Alegre, Macedo, Martins Penna, Alvares de Azevedo, estes ultimos até fallecidos havia já bastante tempo.

Quero significar que a mocidade, passou-a Machado de Assis entre os moços da geração seguinte. Sua camaradagem foi com um grupo de epígonos, que é costume ahí elogiar demasiado, mas que, atrevo-me a dizer, era de uma mediocridade desoladora.

E' o caso de Cezar Muzzio, Caetano Filgueiras, Macedo Junior, Gonçalves Braga, sendo licito apenas abrir uma excepção para Casimiro de Abreu e Manoel Antonio de Almeida.

O moço fluminense, o vindouro autor de *Braz Cubas* sentia asphyxia naquelle meio.

Outra circumstancia houve propria para amordacar-lhe o talento. Os dois polos do mundo litterario no Rio de Janeiro foram durante muitos annos os dois *Josés* que cordialmente se odiavam, o Castilho, portuguez enfiado e quasi nullo, que nos prejudicou immensamente, e o Alencar, o brilhante genio litterario, que é uma das glorias do Brasil.

Machado de Assis, demasiadamente timido, animo cheio de receios de toda a casta, que são uma das notas de seu talento, pelas circumstancias da vida achou-se tolhido entre os dois, n'uma verdadeira entalação espirital.

Era incapaz de romper com qualquer delles, e menos ainda com ambos, e deixou-se ficar n'uma certa submissão mental. A morte dos dois corypheus, quer elle saiba quer não, foi-lhe de immensa vantagem.

Libertava-se quasi ao mesmo tempo de um e de outro. Varella, Castro Alves, já tinham desaparecido; sem

falar em Gonçalves Dias e Laurindo Rabello, que os haviam antecedido de muito. Magalhães, Porto Alegre, Macedo, aliás em plena decadencia, seguiram de perto ao autor do *Guarany*.

Machado de Assis recebia naturalmente toda essa grande herança e não a malbaratou, como o seu *Rubião* fez com a fortuna de *Quincas Borba*. Ao contrario. O romancista desferio o vôo mais ou menos largo e possante, ajudado pelo character de sua raça e até pelas proprias falhas de seu systema nervoso. E' uma especie de Flaubert, lucido e penetrante, capaz de tirar partido das situações mais incertas do proprio temperamento.

E' por isso que pôde entrar na fileira dos notaveis artistas e escolher posto conspicio.

O periodo de transição na carreira de Machado de Assis (1869 — 1879) encerra alguns productos, ainda pouco significativos.

E' o caso das *Phalenas* em 1869, dos *Contos Fluminenses* em 1870, de *Resurreição* em 1872, até *Yayá Garcia* em 1878, que já é um bello romance, onde seu talento de observador psychologo e de moralista, picado por certa dóse de ironia, já se expande brilhantemente.

Abre-se depois a grande phase da maturidade, que já vae por quasi vinte annos, e onde avultam as *Memorias Posthumas de Braz Cubas*, *Quincas Borba*, *Papeis avulsos*, *Historias sem data* e *Varias Historias*.

Este escoreço biographico, referente em especial á vida espirital do celebrado escriptor, seria falho, se lhe

não juntasse algo de seu viver, sob o ponto de vista economico. Não sendo portador de pergaminho, que lhe abrisse a senda de qualquer profissão liberal, como a medicina, a advocacia, a engenharia ou qualquer outra ao geito da magistratura, da diplomacia, do alto magisterio, o nosso romancista atirou-se ao functionalismo publico de ordem administrativa, a principio no *Diario Official* e mais tarde na Secretaria da Agricultura e Obras Publicas, onde hoje é o chefe de uma das directorias.

Vida placida, methodica, sem nada que jamais denunciasse qualquer desvio de bohemia ; mediania risonha, enaltecida pela nobreza de sua senhora, intelligente dama portugueza, irmã do poeta Faustino Xavier de Novaes, que residiu e falleceu no Rio de Janeiro, como é sabido, e foi um dos bons camaradas do *conteur* fluminense, eis a posição de Machado de Assis.

Penetremos mais intimamente em sua indole, em seu temperamento, e destaquemos o significado geral de sua obra.

III

Um estudo, mais ou menos completo, do escriptor fluminense — na poesia, no conto, no romance, determinando-lhe o valor nesses dominios da producção litteraria, e nomeadamente notando-lhe as qualidades predominantes do espirito, no intuito de definil-o em traços nitidos, já não é hoje cousa que se possa fazer sem arredar previamente do caminho certos tropeços nelle postos pela critica indigena.

Um desses é a apregoada antinomia entre a primeira e a segunda phase da carreira do illustre autor, entre a sua antiga *maneira* e a nova.

Julgam geralmente que existe um vallo quasi invadeavel entre os dois periodos.

Ha até quem diga ter sido sua moderna attitude nas cousas do espirito e da arte, uma especie de total renascimento, um viçoso brotar de vida original, determinado por certas idéas espalhadas no Rio de Janeiro de 1879 em diante, movimento intellectual que veio a actuar em Machado de Assis, levando-o a estudar a lingua allemã, que para elle foi a fonte lustral donde sahia transfigurado.

Não tenho fortes motivos para negar de todo este modo de explicação, que aceito em pequena parte, ligando-o

ao movimento reaccionario, partido do Recife, e a que já tive ensejo de alludir neste ensaio.

Creio, porém, ficar mais perto da verdade, se assegurar, como faço, que a nova maneira de Machado de Assis não está em completa antinomia com o seu passado, sendo apenas o desenvolvimento normal de bons germens que elle nativamente possuia, n'aquillo que a nova tendencia tem de bom, e o desdobramento, tambem normal, de certos defeitos innatos, n'aquillo que tem ella de mau.

Tal se me afigura a verdade. O actual psychologismo, mais ou menos ironico e pessimista, do autor de *Braz Cubas* prende-se, por mais de uma raiz, ao romantismo comedido e sóbrio, cheio de certas sombras classicas, que o escriptor jamais abandonou.

Por outros termos, seu romantismo foi sempre, no meio da barulhada imaginativa e turbulenta dos seus velhos companheiros, pacato e ponderado, com uma porta aberta para o lado da observação e da realidade ; seu actual systema, que poderei chamar um naturalismo de meias tintas, um psychologismo ladeado de ironias veladas e de pessimismo socegado, tem, por sua vez, uma janella escancarada para a banda das phantasias romanticas, não raro das mais exageradas e aereas.

Toda a obra do escriptor é um producto *sui generis*, dando-nos o exemplo d'uma especie de eclectismo maneiroso, ponderado, discreto, em que se reflectem as forças de um espirito valoroso, é certo, porém fundamentalmente placido e equilibrado. Pegue-se qualquer de seus mais

recentes livros, desses em que parece haver elle mais de perto attingido a realidade ou o que julga ser tal, e repare-se que, ao lado de algumas paginas desse genero, deparam-se-nos outras em que o demonio romantico sente-se solto e entra a fazer das *suas*...

Veja-se em *Varias Historias*, por exemplo, a phantasia intitulada—*Entre santos* e em *Quincas Borba*, todo aquelle dialogo das duas rosas, no capitulo CXLI. Poderá multiplicar os exemplos. E' inutil. Outro preconceito que é mister arredar, é o de não poder o autor de *Yayá Garcia* ser apreciado pelo criterio nacionalistico. E' a opinião do Sr. José Verissimo, o illustrado critico dos *Estudos Brasileiros*. Eis aqui as suas palavras : «A obra litteraria do Sr. Machado de Assis não pôde ser julgada segundo o criterio que peço licença para chamar nacionalistico. Esse criterio, que é o principio director da *Historia da Litteratura Brasileira* e de toda a obra critica do Sr. Sylvio Roméro, consiste, reduzido á sua expressão mais simples, em indagar o modo por que um escriptor contribuiu para a determinação do character nacional, ou, em outros termos, qual a medida do seu concurso na formação de uma litteratura, que por uma porção de caracteres differenciaes se pudesse chamar conscientemente brasileira.

Um tal criterio, applicado pelo citado critico e por outros á obra do Sr. Machado de Assis, certo daria a esta uma posição inferior em nossa litteratura. Parece-me, porém, que legitimo de certo modo, é por demais estreito para formarmos delle um principio exclusivo de critica.

Se a base de uma litteratura qualquer é o sentimento nacional, o que a faz grande e enriquece, não é unicamente esse sentimento. Estreitaríamos demais o campo da actividade litteraria dos nossos escriptores se não quizessemos reconhecer no talento com que uma obra é concebida e executada um criterio do seu valor, independentemente de *uma inspiração mais pegada á vida nacional*. Por isso a do Sr. Machado de Assis deve ser encarada a outra luz e, sobretudo, sem nenhum preconceito de escolas e theorias litterarias.

Se houvessemos, por exemplo, de julgal-a conforme o criterio a que chamei nacionalistico, ella seria nulla ou quasi nulla, o que basta, dado o seu valor incontestavel, para mostrar quão injusto póde ser ás vezes o emprego systematico de fórmulas criticas. Eu por mim cada vez acredito menos nellas. »

Assim se expressa desassombradamente o illustrado critico paraense.

Mas o Sr. José Verissimo não tem absolutamente razão.

Machado de Assis póde e deve ser tambem julgado pelo criterio nacionalista, que aliás não reputo o unico criterio nestes assumptos; por mais de uma facil o poeta das *Phalenas*, o romancista de *Resurreição* presta-se á operação e não sae amesquinhado d'ella.

A inspiração nacionalista não é, ao que repete o Sr. José Verissimo, *a que é mais pegada á vida nacional*, segundo a sua expressão. Se assim fôra, não teria eu na

Historia da Litteratura Brasileira dado tanta importancia a Maciel Monteiro, Alvares de Azevedo, Laurindo Rabello, Aureliano Lessa, Varella, Castro Alves, Tobias Barreto, que, entre os romanticos, colloquei na primeira fila dos poetas, já não falando no velho Claudio da Costa, que occupa o primeiro posto entre os classicos.

O espirito nacional não está estricktamente na escolha do thema, na eleição do assumpto, como ao Sr. José Verissimo quer parecer.

Não é mais possivel hoje laborar em tal *mal entendu*. O character nacional, esse *quid* quasi indefinivel, acha-se, ao inverso, na indole, na intuição, na visualidade interna, na psychologia do escriptor. Tome um escriptor slavo, um russo, como Tolstoï, por exemplo, um thema brasileiro, uma historia qualquer das nossas tradições e costumes, ha de tratál-a sempre como russo, que é. Isto é fatal. Tome Machado de Assis um motivo, um assumpto entre as lendas slavas, ha de tratál-o sempre como brasileiro, quero dizer, com aquella maneira de sentir e pensar, aquella visão interna das cousas, aquella *tic*, aquella *sestro* especial, se assim devo me expressar, que são o modo de representação espirital da intelligencia brasileira.

Não ha livro menos allemão pelo assumpto do que o *Faust*, não existe outro mais allemão pelo espirito. O thema é universal, é humano, a execução é germanica.

Machado de Assis não sae fóra da lei commum, não póde sahir, e ai delle, se sahisse. Não teria valor. Elle

é um dos nossos, um genuino representante da sub-raça brasileira cruzada, por mais que pareça estranho tocar n'este ponto.

Mas a critica não existe para ser agradável aos preconceitos dos homens, que devem ter animo bastante para libertar-se de infundados prejuizos. Sim, Machado de Assis é *um brasileiro em regra*, um nitido exemplar dessa sub-raça americana que constitue o typo differencial de nossa ethnographia, e sua obra inteira não desmente a sua physiologia, nem o peculiar sainete psychologico originado d'ahi. Com certeza não o molesto, falando assim ; e não pôde ser por outro modo.

A sua imparcialidade acabará por me conferir a razão.

Seus romances, seus contos, suas comedias encerram varios typos brasileiros, genuinamente brasileiros e elle não ficou, ao geito de muitos dos nossos, na decoraçãõ exterior do quadro ; mais penetrante do que qualquer desses, foi além, e chegou até á creação de verdadeiros typos sociaes e psychologicos, que são *nossos* em carne e osso, e essas são as creações fundamentaes de uma litteratura. Que al é aquelle *Luiz Garcia*, aquelle *Antunes*, aquelle *Valeria*, aquelle *Procopio Dias*, aquelle *Estella*, todos estes só no pequeno livro de *Yayá Garcia* ?

Que vêm a ser aquelle *Carlos Maria*, aquelle *Freitas*, aquelle *Palha*, aquelle *Fernanda*, aquelle *Theophilo*, aquelle *Tonica*, aquelle *Camacho*, e esse impagavel major *Siqueira*, todos dessa extensa galeria de *silhouettes* que se

chama *Quincas Borba*? Nos contos então a messe é ainda maior... Será preciso lembrar o *Diplomatico*, esse curioso Rangel, que é um modelo do genero, ou certos typos do *Alienista* e da *Galeria Posthuma*, tão brasileiros em tudo? O illustre autor dos *Estudos Brasileiros* bem vê que lhe não assiste razão, quando suppõe libertar Machado de Assis do criterio nacionalistico, e acredita que dest'arte o realça.

Não precisa tomar taes precauções ; o auctor de *Helena* presta-se regularmente ao processo e não desmerece com elle.

E agora veja o estimavel critico uma cousa curiosa : de todos os livros do autor fluminense o peor, o mais pallido, o mais insignificativo, o menos brasileiro, é justamente, exactamente aquelle em que escolheu de preferencia assumptos nacionaes—as suas *Americanas*! Livro incolor a mais não ser.

E' que o poeta fez ali obra de erudito, sem paixão, sem alma.

Tanto é verdade que o signal, o sello nacionalista não está no objecto da obra e sim no espirito do escriptor.

Mais desassombrado agora vou dizer do poeta, do contista, do romancista, tendo apenas a lastimar que as estreitas proporções que sou forçado a dar a este esboço não me permittam um estudo completo e definitivo do famoso homem de letras.

IV

O autor de *Helena* estreiou-se pela poesia; é por ali que devo iniciar a analyse.

Antes de mais nada é preciso adiantar desde logo que Machado de Assis não é um poeta.

Começou por ali como uma especie de preito ao espirito do tempo e uma das manias dos jovens escriptores no Brasil: todos tentam, em principio, a divina arte de Horacio.

Como poeta o autor de *Braz Cubas* tem publicado tres livros: *Chrysalidas* em 1864, *Phalenas* em 1869 e *Americanas* em 1875. São obras pallidas, frias, incolores.

Em *Phalenas* deparam-se-nos alguns fragmentos mais fortes, mais nitidos, mais significativos.

Em compensação não são poucos os longos trechos de pura prosa metrificada, nomeadamente nas *Americanas* e em parte nas *Chrysalidas*.

A indole do talento de Machado de Assis é inteiramente alheia á verdadeira poesia.

Nem lyrico e nem épico poderá jámais elle ser. Para lyrico falta-lhe, por um lado, a imaginação vivace, alada, rapida, apprehensora, capaz de reproduzir as scenas da natureza ou da sociedade, e d'ahi a sua incapacidade descriptiva e seu desprazer pela paysagem; faltam-lhe a

graciosidade, a meiguice dos affectos, e as mil delicadezas do estylo e da fôrma indispensavel para os enroupar, e d'ahi a sua pouca destreza no lyrismo pessoal e subjectivo; falta-lhe, por outro lado, a força das grandes paixões, a energia da emoção e a linguagem candente para a revestir, e d'ahi o descolorido de seus quadros, a fraqueza de suas scenas.

Nem graça, nem força — as duas azas do lyrismo.

Quanto a ser epico, devo notar que tomo a expressão no sentido em que a emprega o excellente Emile Faguet, no seu admiravel estudo sobre Victor Hugo, que não é o velho significado das antigas e massudas epopéas em tantos e tantos cantos...

Não é isto. Dá o notavel critico o qualificativo de épica a toda e qualquer creação poetica de indole objectiva, quadro narrativo e reproductor de um acontecimento humano de indole elevada e nobre.

Os melhores modelos do genero estão em algumas das pequenas epopéas da *Legenda dos Seculos*, como *Booz endormi*, *Eviradnus* e outros, que são, no pensar de Faguet, a obra prima do autor dos *Miseraveis*, e que lhe fornecem as notas fundamentaes e characteristics de seu genio.

Hugo não era um lyrico: era demasiado affectado para isso; só attingiu á grande arte lyrica quando realmente se sentiu emocionado devéras. Mas isso só em duas occasiões unicas de sua vida aconteceu: quando lhe morreu a filha afogada, e quando Napoleão III o fez sahir de França exilado.

A expressão da saudade dolorida do poeta pela filha está n'algumas paginas das *Contemplações*; a expressão de sua colera terrível acha-se n'algumas folhas dos *Châtiments*, e é por isso que são naquelles pontos as suas melhores obras, como lyrico.

Mas isso seria pouco, e Victor Hugo não teria quasi merito, pondera o critico, se elle não fosse o primeiro talento verbal e a primeira imaginação reproductora e pinturesca de França, alliados a uma singular capacidade de evocar os grandes factos e as magestosas scenas humanas.

Tal a essencia da poesia épica, e por isso o autor da *Legenda* é o primeiro, sinão o unico épico de sua patria, sem nunca ter escripto uma epopéa em regra.

O nosso Machado de Assis, se não é um lyrico, menos ainda lhe podem caber as glorias de épico em qualquer grau, porque de todo lhe são estranhos os predicados do genero.

O estylo é nelle rebuscado, cheio dos amaneirados do velho classicismo em decadencia, nota que o aytor fluminense viu reforçar-se-lhe por um dos Josés, que o tutelaram, o Castilho, depois de tel-a aprendido de seus mais antigos mestres do Rio de Janeiro.

Falando da escola classica, o poeta não esconde o culto que lhe houvera rendido em tempo:

« aquella
Poesia que foi nobre, airosa e grande
Em tempos idos, que ainda bem se foram...
Tambem eu a adorei, uma hora ao menos,

E suspirei destes remotos climas
Pelas formosas ribas do Scamandro,
Onde descia, entre soldados gregos,
A moça Venus ; frivolo suspiro
Que não póde acordar dos seus sepulchros
Esses numes brincões da velha idade,
Mortos por seus peccados, que os tiveram,
E por socego nosso... »

Que linguagem, que feia prosa metrificada !

E' um fragmento das *Americanas*. Quasi todo volume é n'esse mesmo gosto de classicismo, sovado no rundo e na fórma.

Idéas triviaes com a roupagem surrada de velhas figuras, de metaphoras de quarta mão.

E' só abrir ao acaso e encontrar paginas e paginas deste quilate :

« Entre os fortes alumnos que dirige
O ardido Bento, a perfilar-se corre
Nuno. Estes são os que o primeiro golpe
Descarregam no attonito inimigo.
Do militar officio ignoram tudo,
De armas não sabem ; mas o brio e a honra
E a lembrança da terra em que primeiro
Viram a luz, e onde o perdel-a é doce,
Essa a escola lhes foi. Pasma o inimigo
Do nobre esforço e galhardia rara,
Com que inda nos humbraes da vida que orna
Tanta esperança, tanto sonho de ouro,
Resolutos a morte encaram, prestes

A retalhar nas dobras
Da vestidura funebre da patria
O piedoso lençol que os leve á campa,
Ou com ella cingir o eterno louro. »

Estão vendo ?

E' este sempre o tom do poeta por quasi todo o livro, e o mesmo acontece, o mais das vezes, nas *Phalenas* e *Chrysalidas*.

Não ha vida, força, movimento, colorido, graciosidade, nem desenho e feição espontanea e natural.

Sente-se que esse não é o dominio do autor ; ali está deslocado.

Elle, que maneja nossa lingua com tantos recursos, com tanta *aisance*, com tão aprumada abundancia, quando escreve em prosa, é sempre contrafeito, fraco, incolor, insipido, quando a escreve em verso. Vê-se que tem as azas presas e os pés atados.

Mais um trecho onde a imitação de Basilio da Gama é evidente; porém quão distante do original! Basilio tinha o sopro epico, era verdadeiramente um poeta, o que não é absolutamente o caso de Machado de Assis. Mais um exemplo e seja o ultimo colhido nas *Americanas* :

« Já da fervida luta os ais e os gritos
Distinctos eram. Nos baixeis ligeiros
Os tamoyos incolumes embarcam;
Ferem co'os remos as serenas ondas
Até surgirem na remota aldêa.
Atraz ficava, luctuosa e triste,
A-nascente cidade brasileira,
Do inopinado assalto espavorida,
Ao céu mandando em côro inuteis vozes.
Vinha já perto, rareando a noite,
Alva aurora, que á vida acorda as selvas,

Quando a aldeia surgiu aos olhos torvos
Da expedição nocturna. A' praia saltam
Os vencedores em tropel; transportam
A's cabanas despojos e vencidos,
E, da vigilia fatigados, buscam
Na curva, leve rede amigo somno,
Excepto o chefe. Oh! esse não dormira
Longas noites, se a troco da victoria
Precisas fossem. Traz consigo premio,
O desejado premio. Desmaiada
Conduz nos braços tremulos a moça
Que renegou Tupan, e as velhas crenças
Lavou nas aguas do baptismo santo,
Na rede ornada de amarellas pennas
Brandamente a depõe. Leve tecido
Da captiva gentil as fórmas cobre;
Veste-as de mais a sombra do crepusculo,
Sombra que a tibia luz da alva nascente
De todo não rompeu. Inquieto sangue
Nas veias ferve do indio. Os olhos luzem
De concentrada raiva triumphante.
Amor talvez lhes lança um leve toque
De ternura, ou já soffrega desejo;
Amor, como elle, asperrimo e selvagem,
Que outro não sente o heróe».

Completamente chato, inteiramente nullo, como fundo e como fórma. A linguagem é grammaticalmente correcta, mas o estylo é detestavel. Se tivéssemos sido, eu ou Tobias Barreto, que houvessemos escripto aquillo, nós, a quem a parvoice nacional conferio uma especie de privilegio para levarmos pancada, que *sóvas* não nos desancariam a proposito de taes versos!

Machado de Assis, porém, ha sido galardoado

com o privilegio opposto, e não quero perturbar-o no seu doce consorcio com as glorias do Brasil.

Uma vez, elle, num artigo que ficou cèlebre e lhe abriu os braços da *nova geração* do tempo, escreveu que pelos annos de 1862 a 70 tinha sido inaugurado um movimento litterario no Recife, cujo merito eu tinha o sêstro de exagerar demaasiado. Foi isso em 1879 ou 80, e nas paginas da *Revista Brasileira* de então.

Não retruquei e o faço agora.

Os versos que deixei acima citados são do poemeto *Potyra*, cuja data ignoro, mas apparece incluído nas *Americanas* em 1875. Pois bem, neste anno não haveria no Recife um poeta, por insignificante, que escrevesse versos daquelles, tão prosaicos, tão chatos, tão imprestaveis.

E agora vai o poeta fluminense comprehender a razão por que sempre liguei importancia ao movimento litterario do norte, que, quando outro merito não tivesse, bastaria possuir um representante como Castro Alves, e um iniciador como Tobias Barreto, para valer alguma cousa, para não dizer muito.

A poesia brasileira em 1862 era uma cousa que asphyxiava.

Mixto de um sentimentalismo piégas e de um scepticismo banal, em centesima edição de Lamartine e Byron, exhibia-se ella n'uma fôrma apagada, incolor, andrajosa e pulha, de metter susto.

Foi então que dois homens de talento, entusiastas, verdadeiramente meridionaes, cheios de viço e imaginação

arrancaram a pobresinha do calabouço em que definhava, deram-lhe sangue-novo e vestes roçagantes.

Chamaram-na a assistir ás lutas do seculo, a impressionar-se pelos problemas sociaes, pelas questões da philosophia e pelos destinos da patria.

Eram Tobias Barreto e Castro Alves, e d'ahi os cantos patrióticos de um e os cantos sociaes de outro. Hugo, e talvez mais ainda do que Hugo, Edgar Quinet e Vigny foram os mestres da nova poesia.

Era um progresso irrecusavelmente no fundo e na fórma, tinha apenas um defeito : não era cousa nascida na freguezia da Candelaria, a ser papagueiada pelos *blasés* da rua do Ouvidor...

D'ahi a incompreensão da nova phase que se abriu ás nossas letras, a despeito da vinda de Castro Alves ás terras de Guanabara, e máu grado as epistolas de Alencar e do proprio Machado de Assis encomiadoras do poeta do *Navio Negreiro*.

Note o autor de *Yayá Garcia* : não sou, nunca fui condoreiro ; faço porém justiça ao movimento, porque o comprehendí perfeitamente.

Ali foi sómente que o lyrismo brasileiro começou a largar a velha vestimenta réles que o asphyxiava e principiou de trajar com decencia, até chegar ao ponto em que hoje o vemos nas mãos de um Olavo Bilac, de um Raymundo Corrêa, de um Luiz Murat, por exemplo.

Quer o poeta das *Phalenas* convencer-se d'isso ? Vou dar-lhe a ler um pequeno quadro, n'um só periodo,

em vinte e dois versos, propositalmente escolhido em assumpto de *indios* e *historia patria*, e em metro não rimado, como a sua *Potyra* exactamente. Leia :

« Se ha quem possa ter visto, em noite lugubre
De tempestade, despota bramindo,
Nas primitivas solidões das selvas,
Estorcerem-se as arvores gigantes,
Em contracções de dôr rugindo iradas,
E, ao abrir do relampago, estalando
Altos cedros que o raio despedaça,
Passar um vulto de caboclo impavido,
Sacudindo os cabellos, indomavel,
Atraz das féras disparando settas,
Grande, rebelde ás leis da natureza ;
Se alguém já vio, imaginou tal scena,
Poder-me-ha dizer que dessa tempera
Só ha, seguindo sempre a sua origem,
Fortes, fortes assim do norte os filhos,
Quando atiram-se rigidos, invictos,
Nas procellas crueis que as armas fazem,
E, embrulhados na nuvem tenebrosa
Com que os encobre o anjo das batalhas,
Sobranceiros á morte que rechaçam,
Galgam da gloria o escarpamento altissimo
Pelos raios da guerra illuminados!... »

Aqui sim, ha nervo, vida, força, enthusiasmo ; a idéa é segura e a fórmula nitida. E vai n'um *crecendo*, e prosegue assim :

« Terra de bravos, raça de valentes,
Tu és o punho do gigante imperio !
Terra de bravos, raça de valentes,
Desde quando nos musculos selvagens,

No solo virgem, no amago dos troncos,
Livre corria do Brasil a seiva ;
Desde quando rugiam nas florestas
A torrente, o caboclo, a onça, o vento :
Desde o arco encurvado por Tabyra,
Té o gladio brandido por Lamenha !...
Só este nome encerra uma epopéa,
Pois que de quantos houve heróes honrados,
Que, ainda a pouco, a patria ennobreciam,
Que, suffocados no silencio eterno,
Fumegantes ainda dos combates.
Como os leões a pernoitar nas grutas,
Recolheram-se aos tumulos, foi elle,
Que, ajustando o valor co'a lealdade,
Sob o azul deste céu lançou mais brilho,
Fez mais rapido a orbita da espada !»

E' inutil continuar ; ha nisso um tom epico, essa energia e firmeza nas tintas que Faguet assignala no velho Victor Hugo. E são versos de Tobias Barreto.

E é capaz ainda ahí de sahir-me á frente com suas negações qualquer *badaud* frivolo, desses que desconhecem, *verbi gratia*, dois dos primeiros criticos do Brasil — Rocha Lima e Celso de Magalhães, ou dois dos nossos mais completos lyristas — Augusto de Mendonça e Gentil Homem, só porque não se transferiram para as margens do Carioca e não andaram a palestrar no Castellões... Posso desde já affirmar: o autor das *Chrysalidas* não é um notavel poeta, não é mesmo um poeta, posto tenha escripto muitos versos.

Faltam-lhe as qualidades intrinsecas dessa entidade original e quasi indefinivel — a poesia : imaginação

sonhadora, ou representativa, ou descriptiva ; emoção profunda, espontanea, original ; fôrma facil, natural. Tudo isto lhe não cabe em gráo superior.

Na poesia nacional seu posto é de terceira ou quarta ordem.

V

Apezar de sua inferioridade como poeta, Machado de Assis, nesse mesmo terreno, não é autor para se deixar de lado com uma simples palhetada.

Não estamos mais no tempo da mera critica narrativa como a de Villemain, ou descriptiva como a de Sainte Beuve, ou enumerativa e dissecante como a de Taine, ou classificativa como a de Scherer e Brunetière.

A critica deu um passo adiante nas mãos de Hennequin, de Rod, de Vogüé, de Faguet.

Não busca mais pura e simplesmente vêr o homem através do livro e assistir-lhe á formação e desenvolvimento do genio.

E' mister ir mais além: descortinar o homem através do livro e a sociedade através do homem.

Cada escriptor é um centro de força, além de uma resultante; como centro de força, age como causa e factor de differenciação e progresso; como resultante, é um effeito de um meio dado, de um grupo social e deve reflectir as qualidades do aggregado a que pertence.

Como centro de acção e como espirito representativo, seu estudo não interessa, não póde interessar, se é

mesquinamente isolado, se não se generalisa, se não é capaz de dar, em miniatura que seja, a imagem de seu tempo, de transformar-se em reflector dos homens e da sociedade da sua época, quando não em todas, em algumas de suas qualidades fundamentaes.

Mas desses dois predicados dos grandes escriptores, o primeiro é incontestavelmente o mais notavel, porque não basta reflectir a sociedade, o principal é agir sobre ella. Por isso é que os poderosos espiritos na esphera do pensamento foram sempre guias d'almas. E' nessa acção fecunda sobre os homens que vai o maior elogio de um escriptor.

Assim interpellado o poeta em Machado de Assis, qual a sua acção, em qualquer sentido e em qualquer grau, sobre a sociedade brasileira?

Depois se responderá a isto; antes de fazel-o, cumpre ver o homem através de seus versos. Como sente elle? como o impressiona o aspecto das cousas? como pensa? como reflecte? como concebe? como produz?

A poesia do notavel fluminense, pondo de parte certa feição patriotica, quasi sempre rebuscada e fria, que se acha nas *Americanas*, tem tres notas capitaes: uma sonhadora e pessoal, outra humorista e docemente ironica, a terceira de certa curiosidade por cousas estranhas, por quadros afastados e peregrinos.

O livro onde melhor se acham juntas essas tres notas é o das *Phalenas*. Abra-o o leitor e veja que a primeira se encontra em *Preludio*, *Ruinas*, *Musa dos olhos verdes*,

Sombras... a segunda está em *Menina e Moça*, *Lágrimas de cêra*, *Pallida Elvira...* a ultima naquelles oito quadrinhos imitados da poesia chinesa, e digo *imitados* porque não creio na fidelidade da traducção, nem até na possibilidade de fazel-a exacta atravéz das paraphrases francezas ou britannicas de que se serviu o poeta. A meu ver, esta parte de sua obra é de verdadeiros *pastiches* sem o minimo valor psychologico ou social ou artistico. E' apenas significativo como documento capaz de attestar no vate fluminense esse vago sentimento por quadros estranhos, notas afastadas, longiñquas, veladas pelo indefinido das regiões intangiveis, ou pelos brilhos incertos desse Oriente dos romances *à la* Jules Verne, ou dos livros de viagem *à la* Jacolliot.¹

As duas primeiras feições da musa do poeta são, pois, as mais distinctas e por ellas é que deve ser principalmente apreciado.

Não é um temperamento robusto, de órgãos abertos para o mundo exterior, a receberem e a entornarem-lhe n'alma as sensações fortes, variadas, intensas e multiplices da natureza e da vida universal.

Não conhece essa intimidade com os grandes phenomenos externos, a camaradagem com as arvores e os animaes, a embriaguez pelas fortes scenas das montanhas,

¹ Nas *Chrysalidas* as poesias do primeiro genero são principalmente: *Musa consolatrix*, *Stella*, *Visio*, *Aspiração*, *Versos a Corina*; do segundo *Os Arlequins*, *As Ventoinhas*; do terceiro *Alpujarra*.

dos mares, dos campos, das matas ; nem a effusão inebriante do espectaculo dos céus immensos ou profundos, ou sombrios, ou brilhantes, ou borrascosos, ou azues, ou estrellados ; nem as scenas ineffaveis das manhans e das tardes tropicaes, as mil cambiantes da paysagem, a eloquencia infinita e muda, o quebranto intraduzivel das noites calmas e estivaes.

Ou antes, elle conhece tudo isto, sente-o, porém sem intensidade, sem tumulto, sem calor, e por isso a poesia, pelo lado da sensação, lhe sai fraca e descorada.

As sensações que nelle predominam são as da visão, porque de preferencia são desse genero as imagens que emprega ; mas o colorido é sem brilho, o desenho anguloso e desigual ; nada de fortes descripções, de amplos quadros, de vigorosas scenas, de reproducções realistas do mundo.

Se não ha amplamente a côr, a luz, não ha tambem o contorno, a plastica, o movimento, a tacteação das fórmulas doces, puras, rhythmicas.

Não existe tambem o som, a musica, a soletração indefinivel que os sonhadores pantheistas sentem emanar de tudo, evolvar de todas as cousas. Se é certo que todo poeta construe seu palacio á sua imagem e semelhança, dando-lhe os predicados que mais o encantam no grande scenario externo, o palacio que habita Machado de Assis não se distingue muito pela decoração, pela amplitude, pelo labor e bem acabado da architectura, pela delicadeza das obras de marcenaria e talha.

Os marmores não são da mais fina escolha, nem os artistas foram da mais fidalga linhagem. As paredes são quasi descoradas e nuas, os salões estreitos, os jardins acanhados ; ha flores ; mas não existem arvores, não ha parques e alamedas, nem uma vista de montanha, nem uma encosta de mar ; o sitio não é largo, vasto, com um pedaço de infinito ao longe a morrer no horizonte... Não é, em summa, a habitação de reis ; é a pousada de um fidalgo, de um senhor feudal de... terceira classe.

O poeta é *placido* ; tudo se lhe afigura *tranquillo*, tudo assume feições de quieto *asylo* a seus olhos. Não ha em nossa lingua autor de versos que abusasse mais destas palavras.

A poesia para elle é uma abstracta mansão, onde habitam a *esperança* e a *saudade*, é um refugio *tranquillo*, um socegado *asylo*, terra pura e santa, onde ha um suave remedio para os tristes, onde a musa verte seus balsamos e converte as lagrimas em perolas, onde transforma-se o viver, acalma-se a tristeza, a dor se abranda e cala, canta a alma e suspira ; enfim, alguma cousa de comparavel á Allemanha por que sonhava a ingenua moça, amante de André Roswein no drama *Dalila* de Octave Feuillet !...

Póde ser gracioso, não duvido ; porém é acanhado e algum tanto piegas e pulha. Creio não ser demasiado grosseiro affirmar que esta aguia não tem envergadura, este condor não possui o largo vôo do solitario das montanhas, este Machado de Assis é um doce poeta de salão, pacato e

meigo, se quizerem ; porém mudo ou completamente gago para servir de companheiro a qualquer coração dorido, a qualquer alma sedenta de emoção e verdade. *A terra da poesia é a nossa Allemanha*, affirma o vate fluminense, e ali residem, como já se disse, a *esperança* e a *saudade*. Nesse paiz existe, porém, uma região mais afastada, onde cobrem plantas sem flor crestados muros, ruína é tudo, a casa, a escada, o horto, sitios caros á infancia ; ali austera moça, junto a velho portão, o vate aguarda ; pendem-lhe as tranças soltas por sobre as roxas vestes ; não tem risos e no maguado gesto transluz alguma dor occulta aos olhos, o poeta estende-lhe a mão e percorre com tardo passo os relembrados sitios, ao desmaiar nos serros do poente as rosas do crepusculo.

Durou isto uma tarde inteira e uma noite, e só quando as *rosas do crepusculo* se transformaram nas *vermelhas rosas do oriente*, isto é, na manhã seguinte, é que dali sahio o poeta de braço dado com a *saudade*.

Tinha deixado lá a *esperança*, que não tardou muito em vir ao seu encontro, sob o aspecto de *musa dos olhos verdes*, com o tepido regaço cheio de . . . de que? d'aquellas *delicadas rosas*. . Tal é a summa de *Preludio*, *Ruínas* e *Musa dos olhos verdes*.

Depois surge-nos *La Marchesa de Miramar*, que pôde ser considerada uma especie de compendio de todos os amaneirados defeitos do poeta e todas as suas boas qualidades d'artista do verso. Leia-a quem tiver curiosidade e se lhe hão de deparar ahi as *frescas rosas* dos

breves dias, o *tranquillo* castello, *asylo* de esperanças, recatado *asylo* estranho aos rumores do seculo, a *tranquilla* face como a da consciencia alheia ao crime, a *amena* tarde e as *amenas* flores tecendo as namoradas horas; tudo isto antes da tentação ao throno do Mexico. Mudada a scena pela ambição, não muda o estylo do poeta, que nos fala ainda na estrada que vai da *tranquilla* mansão ao novo imperio, e, depois da catastrophe, a viuva imperatriz em vão procura no *placido asylo* o extincto esposo. E' tempo perdido: dissipam-se ambições, imperios morrem, e só a natureza, immutavel e *tranquilla* vê baquear os seculos... E, sob tanta tranquillidade, tanta placidez, em tão doces asylos, cobertos de tantas rosas, em tardes amenas, ao correr de namoradas horas, passa-se a vida suavemente, é verdade, mas n'uma monotonia de metter medo... Este poeta não faz sentir, nem convida a pensar; nas cordas do seu alaúde ou de sua lyra não sôam fortes e profundas as alegrias ou as magoas da humanidade. Tampouco ferem ellas as notas favoritas do lyrismo brasileiro. Tal a razão da falta de correspondencia entre os versos do poeta e os nossos ideaes, e é por isso que não ha ninguem no Brasil que saiba de cór um trecho qualquer poetico de Machado de Assis. Seus livros de versos são quasi desconhecidos, mui poucos os lêem, não se vendem, não correm.

Não acontece o mesmo a Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Varella, Alvares de Azevedo, Castro Alves, ainda hoje lidos e populares em todo o Brasil, e Tobias Barreto nas regiões do norte.

E assim fica respondida a pergunta, feita linhas acima, sobre a co-relação a notar entre o poeta e as tendencias actuaes da sociedade patria. E' quasi nulla. Essa co-relação só mais tarde veio a apparecer na obra do prosador. A razão é a seguinte: Machado de Assis foi uma intelligencia morosa, de tardio desenvolvimento; só depois dos trinta e cinco annos em diante é que se viu de posse de todas as suas faculdades em mór vigor; sua instrucção, ainda hoje bem limitada, foi de principio demasiado parca.

Dividindo-lhe a vida, como se fez já neste estudo, em tres phases: época dos primeiros tentamens nos dominios do romantismo até aos trinta annos (1869), periodo de transição até aos quarenta (1879), e phase de pleno desenvolvimento reaccionario dessa ultima data em diante, a obra poetica do famoso autor de *Helena* é quasi toda do primeiro cyclo, do tempo de sua puericia litteraria e é, por isso, pouco vasta e pouquissimo profunda. As *Americanas* trazem a data de 1875; mas pertencem evidentemente, na maxima parte, a annos anteriores e cahem debaixo da observação precedente. Tal é um dos motivos do pequeno valor de Machado de Assis como poeta, além de outros mais intimos e já indicados.

VI

Um homem de um tão grande valor litterario e de uma tão consideravel nomeada, como o auctor de *Braz Cubas*, merece detido e consciencioso estudo. Por esse motivo, é-me indispensavel juntar ainda algumas considerações á sua feição de poeta.

E' forçoso apreciar-o, por este lado, sob o ponto de vista do estylo. E' facto averiguado hoje que todos os systemas poeticos que surgiram com pretensões a substituir o romantismo já fizeram bancarota. Satanismo, scientificismo, parnasianismo, realismo, symbolismo, e muitas outras patacoadas em *ismo*, deram o cacho, segundo a expressão popular. De tudo salvou-se apenas o lyrismo na sua expressão mais generica, mais ampla, mais simples, mais impessoal. E' por isso que de todos os sectarios daquelles decahidos systemas escapam tão sómente as boas paginas lyricas que por ventura tenham escripto. A razão philosophica deste phenomeno não é difficil de ser determinada.

E' que a poesia, como a arte em geral, segundo a mais vasta e comprehensiva theoria que é a do evolucionismo, é um desperdicio de força accumulada, que ficaria

inerte no espirito; é um jogo das faculdades imaginativas e emocionaes, que procuram exercicio e funcção por não se acharem estimuladas n'outra direcção; é o espirito que tende a crear um mundo á parte, sob o impulso do bello, para seu proprio gozo e recreio.

Seu fim não é discutir problemas scientificos, politicos ou sociaes, sinão satisfazer ao proprio prazer e dar expansão ao proprio sentimento. D'ahi a excellencia do lyrismo para tal mister entre os diversos generos poeticos. Mas o lyrismo só é verdadeiramente encantador quando, além da profundidade da emoção, enroupa-se n'uma fôrma artistica apurada e escorreita.

Fundo e fôrma devem unir-se em profunda equipolencia, em equação adaptada e inerravel.

O velho lyrismo tinha muitas vezes o fundo; mas não tinha a fôrma; o moderno parnasianismo tinha quasi sempre a fôrma sem o fundo preciso. Eram incompletos e falhos, não podiam satisfazer as exigencias do espirito novo. Podemos exemplificar tudo isto sem sahir de nossa litteratura, e devemos fazel-o para irmos nacionalizando este genero de estudos. Em Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Varella — muitas vezes o sentimento era real, mas a roupagem era pobre e descurada. Em Theophilo Dias, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira nota-se, não raro, o contrario: bella fôrma, revestindo assumptos nullos, não sentidos, não transfigurados pela emoção. O lyrismo verdadeiramente superior deve consorciar os dois factores da poesia, sob pena de annullar-se e morrer.

Machado de Assis raramente chegou a esse perfeito e completo estado de equilibrio, á identificação do pensamento e da emoção com sua natural e unica expressão. As *Americanas* já mostrei que são um verdadeiro desastre, quasi de principio a fim. Nas *Chrysalidas* e *Phalenas* abundam tambem as paginas imprestaveis.

Neste ultimo livro lêem-se versos assim, sob o nome de *Flor da Mocidade* :

« Eu conheço a mais bella flôr;
E's tu, rosa da mocidade,
Nascida, aberta para o amor.
Eu conheço a mais bella flôr.
Tem do céo a serena côr,
E o perfume da virgindade.
Eu conheço a mais bella flôr,
E's tu, rosa da mocidade.

Vive ás vezes na solidão,
Como filha da brisa agreste.
Teme acaso indiscreta mão;
Vive ás vezes na solidão,
Poupa á raiva do furacão
Suas folhas de azul celeste.
Vive ás vezes na solidão,
Como filha da brisa agreste.

Colhe-se antes que venha o mal,
Colhe-se antes que chegue o inverno;
Que a flôr morta já nada val.
Colhe-se antes que venha o mal.
Quando a terra é mais jovial
Todo o bem nos parece eterno.
Colhe-se antes que venha o mal,
Colhe-se antes que chegue o inverno. »

Hão de convir que isto nada exprime como fundo e como fôrma.

E' banal e mal feito, pouco pensado, pouco sentido e peor executado ; é um *triolet* de collegial, insignificante, nullo. Toda obra poetica deve ter o triplice merito de uma revelação esthetica, psychologica e social.

Daquelles versos nada sai significativo em qualquer destes dominios.

Têm apenas o valor psychologico de mostrar a falta de emoção no poeta.

Peço desculpa pela franqueza, mas tenho a obrigação de ser sincero e não abrir luta com a verdade.

E agora vou inaugurar um processo comparativo, muito apto para esclarecer as cousas. Venha commigo o leitor cotejar aquelles versos por outros do mesmo tempo, de poeta da mesma época, posto que de diversa intuição.

Vamos lêr alguns trechos de um desdenhado e perseguido, relegado ainda hoje para terceiro ou quarto plano pela famosa conspiração do silencio da critica fluminense: Tobias Barreto.

E aqui, nesta occasião, vou mostrar a Machado de Assis e a todos os seus collegas em pretencioso esquecimento que não sou lá tão desarrazoado, quando forçado ainda e sempre a dar largas á minha *velha mania* de defender a verdade historica e vingar a justiça obliterada. Quer saber o grande vate fluminense a razão fundamental por que arranquei do olvido o mallogrado sergipano ?

Eu lhe conto: é porque, estudando de principio a fim a historia espiritual brasileira, sob todos os aspectos, encontrei o lugar daquelle desprotegido trabalhador, idealista e sabio, tomado por umas gralhas palmeiras, que não tinham direito a occupar aquelle posto sem escandalo.

Meu sentimento de justiça e probidade litteraria revoltou-se e decidio-me a abrir a campanha de reabilitação em que venci. Sim, venci; porque hoje, quer queiram quer não, os factos foram corrigidos e o lugar foi entregue a quem de direito. O caso era este: notei que durante dezoito annos (1862—1880) Tobias Barreto, depois de uma extensa phase poetica, que abrira uma nova escola, depois de uma vasta phase critica e philosophica, que iniciara outra, continuava obscuro e desprezado n'uma pequena aldeia do norte, ao passo que muitos e muitos senhores, de merito uns, sem merecimento outros, que o conheciam perfeitamente, que lhe contavam lérias e faziam barretadas em Pernambuco, durante o periodo academico e depois deste, transportavam-se para o Rio de Janeiro, onde vinham mourejar e fazer nome nas letras, falavam de tudo e de todos; porém no *demonio*, no *monstro* da Escada... nada! Nem palavra.

O calculado menospreço estava a contrastar com a verdade e os mais elementares deveres de justiça litteraria, e, relativamente a alguns, com os protestos de admiração que no norte eu mesmo vira-os tributarem ao glorioso candidato ao esquecimento. E não foram poucos os que de 62 a 80 transplantaram-se para as margens da

formosa Guanabara e sentiram apagar-se-lhes da memoria, ao passarem o Pão de Assucar, o nome do antigo compa-nheiro do Recife. Entre elles Luiz Guimarães, Franklin Tavora, Araripe Junior, Generino dos Santos, Antonio Bandeira, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, e trinta outros, não falando em Castro Alves, que veio para o sul rôto com o seu antigo camarada.

Hoje felizmente já não é mais assim, e, depois de meu protesto, já alguns mesmos dos que ali ficam citados têm-se dignado, em seus escriptos, de corrigir o inveterado lapso, não lembrando já a pleiade de moços distinctissimos, como Arthur Orlando, Clovis Bevilaqua, Martins Junior, Alcedo Marrocos, Luna Freire, Livio de Castro, Estellita Tapajós, Gumersindo Bessa, Viveiros de Castro, Nina Rodrigues, João Bandeira, e outros e outros, que em seus trabalhos rendem preito e menagem ao pranteado mestre.

Todavia, a injustiça ainda não passou de todo; não ha muito tempo, tres ou quatro ataques furibundos soffreu o seu merecimento da parte de criticos malevolos.

Especialmente na poesia o seu desconhecimento é desses que bradam aos céus da arte. Um *gongorico*! . . . dizem os atacantes, dando mostras de imperturbavel e incrivel ignorancia.

Gongorico o poeta, que na simplicidade encantadora da mór parte de seus versos só encontra um similhar em João de Deus! . . . Mas esta gente não tem olhos nem ouvidos nem senso esthetico.

Ahi andam em segunda edição os *Dias e Noites*; leiam os terriveis negacionistas quasi todo o volume, nomeadamente — *Lenda rustica, Que mimo! Realidade, Os tabaréos, Os trovadores das selvas, Anno bom, Scena sergipana, Amalia, O beija-flôr, Nada, Amar, O beijo, Pelo dia em que nasceste, Consente, Carmen, Dia de finados, Mãe e filho, Oito annos, Idéa, Penso em ti, Contemplaçào, Lutas d'alma, Como? Incredula* e tantas e tantas, que seria preciso citar quasi o livro inteiro.

Como explicar porém tanta obstinação e cegueira? E' que esses adversarios, rancorosos e fátuos, não lêem, não se dão ao trabalho de apreciar e julgar por si; fazem obra por informações, adrede incorrectas, fornecidas por despeitados e invejosos. Andam por isso ainda hoje a repetir, como defeito e mácula inapagaveis, os tres versinhos menos graciosos que, n'uma poesia quasi improvisada no momento em que chegou ao Recife a noticia da capitulação de Montevidéo em começos de 1865, o poeta teve a facilidade de escrever.

Citam os tres versinhos, mas se esquecem de dizer que naquella mesma ode ha estrophes admiraveis. E' a velha historia banalissima, que o poeta aliás corrigiu depois, de :

« Pernambuco eriça a coma,
Inclina-se um pouco e toma
O peso do Paraguay... »

Lembra-lhes isto, porém a sinceridade devia-lhes lembrar tambem que esse canto patriotico abre por esta

decima que vale uma corôa, como já uma vez disse Mello
Moraes Filho :

« Juntemos as almas gratas
De collegas e de irmãos;
Que o vento que acorda as matas
Nos tira os livros das mãos:
A vida é uma leitura,
E, quando a espada fulgura,
Quando se sente bater
No peito heroica pancada,
Deixa-se a folha dobrada
Emquanto se vai morrer... »

E termina deste modo tão bella canção guerreira:

« Bem como os rios valentes,
Que arrojam-se além da fóz
Distinctos, independentes
Das aguas do mar feroz,
Desses, que a patria defendem
E aos sacrificios se rendem,
Guardando os direitos seus,
O vulto impetuoso e forte
Avista-se além da morte,
Não se confunde com Deus.

Esses, que alargam os peitos
E as mãos para sustentar
Vastos planos, grandes feitos
E a fama enorme empolgar,
D'altura precipitados,
Rolam nos céus abraçados
Com suas nobres acções,
Deixando impressos os dedos
Nos poemas, nos rochedos,
Nos bronzes, nos corações... »

Como estas, ha muitas outras estrophes de fogo naquelle mesmo canto e nos diversos hymnos patrioticos do poeta.

Mas não é por ahi que o aprecio, nem é por esta face que o vou chamar a depôr diante de Machado de Assis.

Para mim o que mais me agrada no poeta sergipano são os seus versos lyricos, graciosos, doces, singellissimos, cheios dessa meiguice das almas brasileiras, desse vago anhelos pantheistico, intenso e profundo, que é a nota fundamental da poesia dos mestiços d'America.

O motivo psychologico do vate fluminense na citada poesia — *A Flor da Mocidade* é idealisar na juventude, symbolisada n'uma flôr, a quadra fugitiva dos amores puros e virginaes. A idéa porém foi pouco emocionada e a fórma sahiu desgraciosa e manca. Vejamos nos *Dias e Noites* uma composição qualquer, que vise a mesma cousa, a idealisação do amor. Eil-a aqui na poesia *Amar* :

« Amar é fazer o ninho
Que duas almas contem,
Ter mêdo de estar sosinho,
Dizer com lagrimas: vem...
Flôr, querida, noiva, esposa,
Cabemos na mesma lousa...
Julieta, eu sou Romeu!
Correr, gritar: onde vamos?
Que luz! que cheiro! onde estamos?
E ouvir uma voz: no céu!

Vagar em campos floridos
Que a terra mesma não tem ;
Chegarmos loucos, perdidos
Onde não chega ninguém...
Ao pé de correntes calmas,
Que espelham virentes palmas,
Dizer-te : senta-te aqui ;
E além, na margem sombria,
Ver uma corça bravia,
Pasmada, olhando p'ra ti ! »

Leia-se isto com attenção, veja-se o consorcio realistico da natureza com a alma humana, ambas a fazerem o ninho dos idyllios, os fugaces sonhares da mocidade, embriagada de perfumes, de luzes, voando pelo azul, pelos campos floridos da imaginação, em meio de correntes docemente sonoras, sombreadas por palmas virentes, onde tudo são risos para a escolhida do poeta, cuja belleza encantadora, no sitio agreste, tem o condão de pasmar as proprias corças bravias... O quadrinho é vivo e intenso.

O poeta mostra a miudo scenas dessas, deixa ouvir notas dessa naturalidade por assim dizer sertaneja.

Mas devo ser parco e voltar a Machado de Assis.

O estylo n'algumas de suas composições de lyrismo narrativo, e ás vezes nas de feição humoristica, é seguro, correcto, limpido, posto que demasiado sobrio e pouco abundante.

O vocabulario não é dos mais ricos, mas é escolhido e de bom cunho.

Manhã de inverno é um caso desses ; *Menina e moça* é outro. Ouçam as quadras da primeira:

« Coroadas de nevoas, surge a aurora
Por detraz das montanhas do oriente;
Vê-se um resto de somno e de preguiça,
Nos olhos da phantastica indolente!

Nevoas enchem de um lado e d'outro os morros
Tristes como sinceras sepulturas,
Essas que têm por simples ornamento
Puras capellas, lagrimas mais puras.

A custo rompe o sol; a custo invade
O espaço todo branco; e a luz brilhante
Fulge através do espesso nevoeiro,
Como através de um véu fulge o diamante.

Vento frio mas brando, agita as folhas
Das laranjeiras humidas da chuva;
Erma de flores, curva a planta o collo,
E o chão recebe o pranto da viuva.

Gelo não cobre o dorso das montanhas,
Nem enche as folhas tremulas a neve;
Galhardo moço, o inverno deste clima
Na verde palma a sua historia escreve.

Pouco a pouco, dissipam-se no espaço
As nevoas da manhã; já pelos montes
Vão subindo as que encheram todo o valle,
Já se vão descobrindo os horisontes.

Sobe de todo o panno; eis apparece
Da natureza o esplendido scenario;
Tudo alli preparou co'os sabios olhos
A suprema sciencia do empresario.

Canta a orchestra dos passaros no matto,
A symphonia alpestre, a voz serena
Acorda os echos timidos do valle:
E a divina comedia invade a scena. »

Apezar daquelle detestavel verso — *Vão subindo as que encheram todo o valle*, e de repetir *nevoas, neve, nevoeiro* cinco vezes, é a poesia mais bella do autor das *Phalenas*, sob o ponto de vista da plastica, da linguagem, posto que o poeta se tivesse furtado ao rigorismo de rimar todos os versos de cada estrophe, como é de molde em obras modernas. Mas analyse-se com desprendimento e hão de notar que a imaginação é parca em tintas nesta manhã de inverno, comparado, em gosto classico, a um *galhardo moço*.

Cito propositalmente esta peça, porque, depois de ler attentamente os tres livros de poesias do autor, reconheci ser de todas as suas produções a unica em que ha certo cunho descriptivo, mais ou menos pronunciado, e ser por isso apta a expôr a todas as vistas os recursos, todos os recursos da palheta do escriptor, isto é, seu vocabulario, sua phrase, seu tom, sua imaginativa, seu poder representativo. Machado de Assis não tem o talento de descrever; o pendor narrativo predomina de muito em sua indole de artista. Exactamente o mesmo era o caso em Tobias Barreto que contemplava, enumerava, narrava, mas não descrevia. O caracteristico predominante em sua esthetica era a movimentação, o

traço rapido e incisivo, a propriedade mais de gravar que de pintar. No estudo comparativo que vou estabelecendo entre Machado de Assis e elle, não no fundo propriamente das idéas, das doutrinas, da philosophia em summa, sinão nas simples manifestações exteriores das qualidades litterarias, sob o ponto de vista da mera fôrma, é-me indispensavel oppôr á mais descriptiva das poesias do glorioso fluminense a producção de seu coevo em que por sua vez tenha tambem dado mais entrada á descripção. Incontestavelmente é a *Lenda Rustica* de que vou dar dois trechos significativos.

Nessa obra de sua imaginação o poeta trata um caso de vingança e desforra na familia sertaneja. Bella rapariga, filha de rudes paes da velha tempera, daquelles que tinham o fanatismo da honra, havia fugido de casa e se prostituira. Um irmão sae a matal-a, como executor para isso incumbido pela terrivel justiça da gente de indole primitiva. O quadro começa assim em incomparaveis versos brancos :

« Como um perfume que embalsama os campos
E as abelhas attrahe á flôr que o exhala,
Vaga o renome da mulher mais linda
Que na selva se vio. Rivaes perdidos
Já no punho mediram-se por ella.
Por ella triste o sertanejo bravo,
Que amostra da corage'a côr e a seiba,
Sangue nos olhos e suor na fronte,
Deixou tombar aos sôes do meio-dia
Pelo ermo a cabeça atormentada.

Lá se avista uma choça. Alli se esconde
No seu ninho de palha a ave esgarrada:
Cançada e louca e só, nua se atira
Nesse banho do céu, fervendo em sonhos,
Que é o seu dormir. Sobre ella arregalados
Da noite os astros, através das frestas,
No leito vêem-na estremecida, anciosa
Revelar ao seu anjo espavorido
D'aquelle corpo os candidos mysterios.
Divino sangue lhe realça as veias;
E, do somno emergindo á face nitida,
Nas alvas carnes docemente escorrem
Tenues flos azues de ondas celestes.

Abandonada assim, de riso em riso,
De sonho em sonho dilatando as graças,
Não acorda, desbrocha, abre com as flôres,
E a estrella da manhã lhe accende os olhos
Inquietos, grandes, que borbulham d'alma...
A esmo lavram nos seus lombos rigidos
Louros cabellos, fluctuando esparsos,
Como uma irradiação do sol nos mares.
Basto, abundante, pesa-lhe nos hombros
O massiço das tranças, balançadas,
Como torrentes, que d'um monte cahem,
Em suas ondas rolando areias de oiro.
E has de vêr: este archanjo é condemnado,
Esta pomba cahio em laço ignobil,
Esta mulher se mancha em lodo infame!
Prostituta, com seios de donzella,
Off'rece aos beijos vis aquella testa
Branca, pendida, como a lua baça
Lá para o occaso ao despontar do dia.
E nem sei como os sopros da lascivia
Não murcharam-lhe ainda os beijos rubidos,
Folhas de riso e mel, que abrem polposas,

Ao biquinho dos passaros implumes,
Que ella tira do ninho e traz no seio.
Porque muda de côr a cada instante?
Dir-se-ia que fluctuam-lhe no rosto
As sombras vagas de visões angelicas;
Que altamente suspendem-se e revoam
De su'alma na escura immensidade
Legiões que passam, candidas, purpureas,
E atraz... o anjo pallido da morte!
O bosque verde, a solidão florida,
As grutas cheias de mysterio e sombra,
Moitas folhudas, onde a rôla geme,
E debaixo remóe a corça arisca,
Eis ahi, trescalando, as mil alcovas
Do prostibulo immenso dessa douda.»

Tal o theatro onde se vai passar a violenta scena de assassinato fratricida e tal a linda e descuidosa victima.

Não conheço mais bellos versos brancos na lingua portugueza e poucos tão lyricos encerra ella. Agora vae o leitor apreciar o quadro da viagem do irmão vingativo, através do campo e da mata, até chegar á porta da choça da mimosa ave esgarrada :

« E' noite, bem noite. Na estrada arenosa,
Que em leguas de plaino se vê branquear,
Qual serpe disforme de prata lustrôsa,
Que ahi se estirasse dormindo ao luar,

Vai um cavalleiro. Fluctuam nos ares
Ao sópro do vento, que açoita cruel,
Os flos ligeiros de negros pensares
E as crinas brilhantes de negro corcel.

A senda achatada sumiu-se na mata,
E o vulto nocturno com ella embocou.
Do ventre das brenhas, que têm a cascata,
Rugido medonho na mata estrondou.

E' d'onça terrivel, que vai diligente
Na secca folhagem pisando subtil.
Refuga o cavallo na mão do valente,
Como um pyrilampo clarêa o fuzil.

Sua arma querida, que não desfogona,
Diabo !... medrosa !... lhe mente esta vez ;
Medroso, o cavallo tambem o abandona,
Lançando-o por terra, n'um gyro que fez.

Mas elle, que a queda previne adestrado,
De um salto adiante se firma de pé,
Com as redeas seguras, cabello eriçado,
Lembranças perdidas... nem sabe o que é !

Ninguém lhe apparece, Cavalga ligeiro,
Palavras soturnas, murmura e sorri.
Caminha ; e sahindo n'um largo terreiro,
Quem visse-lhe o gesto, diria : é aqui !...

De certo a aragem campestre
Levemente sussurrou
Na palha. Uma estatua equestre
Diante da choça brotou. »

Que estranho e curioso gongorico foi esse que escreveu sempre assim em tal mixto de simplicidade e elevação. Bom gongorismo em verdade é tal que dotou a lingua portugueza com bellezas lyricas deste quilate :

« Que brancas fórmas ao meu peito afago !
Não, são chimeras pela mente esparsas ;
Não, é a espuma que acolchôa o lago ;
Não, é a alvura de serenas garças.

Não me maltrates, tu, que tens no seio
Tanto rebento de paixões viçosas
D'alma superflua, que amanhece cheio
Do teu sorriso o coração das rosas.

Os astros limpos, a tremer sedentos
Da luz que guardas, como em um thesoiro,
Pedem um fio dos teus pensamentos
Para adornar as suas fronte de oiro.

E a onda pede, para arfar mais bella,
A inquietitude que teu corpo abala;
E a aura da tarde supplicante anhela
Pelas essencias que tua bocca exhala.

Bocca mimosa, que uma aurora encerra,
Que meiga espira virginal fragrancia.
Formou-a Deus para supprir na terra
Das flores mudas a perpetua infancia.

Boquinha aberta ao matinal rorêjo,
Que existe só para sorrir nos prados,
Fallar ao céu e receber o beijo
Que Deus envia aos corações magoados...

Olha, se, meiga como tu pareces,
Terna criasses, nos vergeis nascida
Pobre avesinha, e por amor lhe desses
Na flôr dos labios o alento e a vida;

Um dia, ingrata te esquecendo della,
Com quem, tu sabes, ninguém mais se importa,
Quando a lembrança te viesse, oh bella,
Não chorarias de encontral-a morta? »

Exemplos destes era possível multiplicar-os por du-
zias e duzias. Idéa bem concebida, emoção e calor evi-
dentes, fôrma proporcional ao assumpto.

Eis aqui outro caso, porque é preciso que justiça
seja feita :

« Amo-te muito. Não temas
Que possa dizer-t'o. Espera :
Comtigo a sós eu quizera
Beijar as mãos do Senhor :
No ninho das rolas castas,
No calix das flôres puras
Guardar as nossas ternuras,
O nosso morrer de amor.

Quizera aquecer-te n'alma,
Candida, meiga avesinha,
Unida ao meu peito, minha...
Como dizer?... minha irmã :
Comtigo brincar á tarde
Na mesma sombra florida,
Respirar a mesma vida
Nos perfumes da manhã.

E á noite quando medito,
Quando as lagrimas enxugo
No fogo de um verso d'Hugo
Mais duravel que um trophéo,
Pudera ver-te a meu lado
Chegar anciosa e louca,
E dar-me na tua bocca
Alguma cousa do céu.

Pudera ver-te mimosa
Com a trança desfeita, esparsa,
Movendo as roupas de garça,
Nos meus segredos bulir,

Juntando ao calor, á vida
Do livro amado que leio
O palpar de teu seio
E a graça de teu sorrir.

Só tu puderas, passando
Qual um aroma aos ruídos
De harmoniosos vestidos,
Meu coração acordar,
Derramando, enternecida
De amor, de candidos zelos,
O cheiro dos teus cabellos
No fundo do meu pensar. »

Versos tão delicados, prece tão maviosa a uma mulher querida, labios portuguezes só em João' de Deus acharam seus iguaes. E a lindissima Leocadia Cavalcanti que louca paixão, a unica verdadeiramente séria que o poeta sentiu, lhe inspirara, bem os merecia.

E' o lyrismo na sua expressão indestructivel e eterna, aquelle que sobreviveu aos desastres dos systemas e das extravagancias neste fim de seculo. Bem se comprehenderá, afinal, como não é de todo desarrazoado meu scepticismo sobre as excellencias unicas de certos e famosos mestres, para quem ousou ter irreverencias, e porque insisto em dizer que fóra de nosso horisonte da freguezia da Candelaria existem alguns suppostos desconhecidos, que se impõem á nossa attenção e, mais do que isso, ao nosso respeito.

VII

A razão pela qual vão ficando quasi sempre incomprehendidos nossos typos litterarios, ainda dos mais notaveis, é porque a critica entre nós nunca se dá ao trabalho de estudar os factos pertinentes á vida espiritual brasileira sob suas diversas relações, sob seus differentes aspectos.

Os criticos entre nós parecem habitar n'uma região abstracta, a sonhar com europeismos nocivos e pedantescos.

No afan de mostrar erudição facil e barata, desprezam os phenomenos que mais os devem interessar, a historia, a ethnographia e a vida social do paiz, e entram a encher a bocca de grandes nomes de autores e obras que muitas vezes não leram, ou se leram, não comprehenderam.

D'ahi as applicações desasâdas que fazem de phenomenos intellectuaes europeus a cousas e homens do Brasil, sem tino e sem criterio. Pretendo seguir diverso rumo e trilhar caminho divergente. E' aqui dentro que desejo mostrar nosso Machado de Assis no seu quadro natural entre seus patricios e contemporaneos.

Na poesia brasileira elle não foi um abridor de caminho; bem ao contrario foi um espirito submisso e continuador de trilhas conhecidas.

A evolução da poesia nacional até elle, neste seculo, foi a seguinte: primeira erupção do romantismo por Magalhães e Porto Alegre em tempos da regencia e primeiros annos do segundo reinado, com certa côr catholizante e religiosa em suas linhas capitaes; differenciação nacionalista, especialmente americanisante, sob a direcção de Gonçalves Dias; corrente byroniana e mussetista com Alvares de Azevedo por guia.

Depois da publicação dos versos deste poeta em 1852, seguiu-se um decennio de pasmosa anarchia, em que não appareceu na divina arte um nome verdadeiramente superior. Epigonos varios de norte a sul, de 1852 a 62, fizeram versos em todos os tons, pendendo ora para Magalhães e Porto Alegre, ora para Alvares de Azevedo, ora para Gonçalves Dias.

Um caboclistismo pifio e um byronismo réles eram os dois polos entre os quaes se movia a lyrica nacional; pequenas excepções de pouco tomo appareceram aqui e ali, sem deixar vinculos, sem fazer escola.

Estavam as cousas neste pé, quando appareceram dois talentos de vulto, capazes de mudar a orientação dos espiritos, um no sul e outro no norte do paiz: Fagundes Varella e Tobias Barreto.

Mas Fagundes Varella, com ter uma imaginação vivace e uma emocionalidade artistica espontanea, não

tinha a indispensavel disciplina do espirito para ser arregimentador de idéas e chefe de bando. Por isto sua acção foi dispersiva e inferior ao seu merecimento. Outra e bem diversa tinha de ser a função social do seu contemporaneo do norte, que estava talhado para iniciar a escola litteraria moderna de Pernambuco, que se me antolha facto de primeira ordem na historia do espirito brasileiro, tão consideravel quanto a escola mineira dos fins do seculo passado, que papel tão conspícuo representou na formação de nossa individualidade nacional pelo lado do pensamento e da arte.

A historia documentada e minuciosa da escola pernambucana, sob todos os aspectos, em os ultimos trinta e cinco annos merece estudo especial e em livro adequado. No ensaio—*Prioridade de Pernambuco em o movimento espiritual do Brasil*, e na *Historia da Litteratura Brasileira* já tive occasião de tratar em traços rapidissimos o assumpto, que entrego aos cuidados dos jovens escriptores do norte. Um facto, porém, não deixo agora de notar, e é o seguinte: Varella, que era um indisciplinado e anarchico, já tinha nome feito, appareceu no Recife em principio de 1865, ali demorou-se cerca de dois annos, e, apezar de seu talento indubitavel, não exerceu acolá a menor influencia, ao passo que, vindo ao Rio e S. Paulo um representante da escola do norte, Castro Alves, influiu incontestavelmente no espirito dos moços nestas paragens. Que significa este duplo acto, que tem passado despercebido á certa critica leviana e matreira? Não quer dizer outra cousa sinão que

o poeta fluminense não tinha idéas feitas, não tinha plano, não tinha systema, não tinha escola; era apenas um representante mais habil da anarchia e da decadencia do decennio esteril, ao passo que o poeta bahiano, o São Paulo do socialismo condoreiro do norte, estava na altura de seu tempo e era fatal que influísse. E' esta a lição dos factos que não ha sophismas que possam destruir.

A escola do Recife, que tem tido poetas como os dois progonos Tobias e Castro, e mais Victoriano Palhares, Luiz Guimarães, Generino dos Santos, Souza Pinto, José Jorge, Castro Rebello, Martins Junior, para só falar nos mais eminentes; que tem tido romancistas, como Celso de Magalhães, Franklin Tavora, Carneiro Vilella, Luiz Dolzani, Faria Neves Sobrinho; juristas, criticos, ensaistas, como Clovis Bevilacqua, Arthur Orlando, João Vieira, José Hygino, Rocha Lima, Antonio e João Bandeira, França Pereira, Alcêdo Marrocos, Viveiros de Castro, Luna Freire, e outros e outros, não esquecendo o grande talento de Gumersindo Bessa, a escola intellectual do Recife tem sido uma officina poderosa de idéas, que pesa mais do que a Machado de Assis tem querido parecer; porque o digno romancista não se quiz ainda dar ao trabalho de a estudar a fundo em suas multiplices manifestações. Até certo ponto é elle digno de desculpa, pois que, preocupado com outros assumptos, o estudo critico da litteratura brasileira não é a sua especialidade.

Quem não póde ter attenuantes nesse ponto são os letrados do norte que, ao passarem-se para a velha côrte, queimaram os navios e vão dando a entender que além delles não havia nem ha mais ninguem por aquellas bandas.

Mas isto é uma falsificação dos factos que abre uma solução de continuidade na historia espiritual da nação, e por esse systema ficaria sem explicação, *verbi gratia*, a corrente de idéas que está na hora presente renovando o estudo do direito entre nós e que partio do Recife.

Creio não ser mister juntar mais nada para Machado de Assis comprehender a importancia do movimento intellectual pernambucano, a que o digno *conteur* é devedor (talvez ainda não tivesse pensado nisso) de certo estímulo para o seu proprio desenvolvimento mental, porquanto tal desenvolvimento tomou mais vigor depois que o autor de *Helena* entrou a estudar a lingua alleman, e não preciso recordar-lhe donde foi que surgiu a singular lembrança do allemanismo nas lettras brasileiras.

Supponho que o *gongorico* da Escada não foi de todo estranho a este facto, e eis aqui como os extremos se tocam e os inimigos se abraçam...

Como quer que seja, porém, é um dos pontos de historia espiritual brasileira em que sou intransigente: o valor do movimento iniciado no Recife desde 1862 e, mais ainda, a circumstancia de ter sido ali que o lyrismo patrio, esterilizado desde 1852 por dez annos seguidos, começou de vestir-se com mais brilho, vindo a ser a ponte natural entre a velha maneira romantica e a maneira hodierna.

Tal o motivo porque inaugurei o processo comparativo a que, nesse ponto, submetti o poeta das *Phalenas*.

Não é uma cousa caprichosa, sinão a necessidade de definil-o entre os seus contemporaneos e pares.

Elle appareceu ao mesmo tempo que Varella e Tobias, depois do decennio esteril. Comparal-o ao primeiro seria inutil, porque, filhos da mesma zona e obedecendo fundamentalmente ás mesmas tendencias, o paralelo seria pouco apto a extremal-os pelo contraste. Mas não é só esta a razão ; não é só pela necessidade de fazer o syncretismo dos factos, indicando o tempo em que appareceu o poeta e mostrando as correntes litterarias da época. E' principalmente para do cotejo tirar a prova de que, na poesia, pelo fundo e nomeadamente pela fórma, Machado de Assis está abaixo do que nós possuímos no genero exactamente nessa escola do norte de que fala com tanto desdem, e, por exemplo, n'aquelle poeta que elle tem a pasmosa ingenuidade de suppor seu inferior.

E para proval-o em absoluto preciso ainda de comparal-os em duas emergencias poeticas identicas. Tenha o leitor paciencia ; porque só depois disto é que nós ambos poderemos palestrar desassombradamente com o romanista e o *conteur*. Existe nas *Phalenas* uma peça poetica interessante, uma das mais curiosas da collecção sob o nome—*Sombras*. O poeta dirige-se a uma dama, que deve ser honesta e pura, tal o carinho com que lhe fala ; porém que, no passado, deve ter tido algum pequeno romance de amor, que a faz, de vez em quando, entristecer e a

convida a scismar. O vate a consola e adverte que não releia as paginas desse capitulo que passou... Eis aqui :

« Quando, assentada á noite, a tua fronte inclinas,
E cerras descuidada as palpebras divinas,
E deixas no regaço as tuas mãos cahir,
E escutas sem falar, e sonhas sem dormir,
Acaso uma lembrança, um echo do passado,
Em teu seio revive ?

O tumulto fechado

Da ventura que foi, do tempo que fugio,
Porque razão, mimosa, a tua mão o abrio ?
Com que flor, com que espinho, a importuna memoria
Do teu passado escreve a mysteriosa historia ?
Que espectro ou que visão resurge aos olhos teus ?
Vem das trevas do mal ou cahe das mãos de Deus ?
E' saudade ou remorso ? é desejo ou martyrio ?
Quando em obscuro templo a fraca luz de um cirio
Apenas alumia a nave e o grande altar
E deixa todo o resto em treva, e o nosso olhar
Cuida ver resurgindo, ao longe, dentre as portas,
As sombras immortaes das creaturas mortas ;
Palpita o coração de assombro e de terror,
O medo augmenta o mal. Mas a cruz do Senhor,
Que a luz do cirio inunda, os nossos olhos chama ;
O animo esclarece aquella eterna chamma ;
Ajoelha-se constricto, e murmura-se então
A palavra de Deus, a divina oração.
Pejam sombras, bem vês, a escuridão do templo ;
Volve os olhos á luz, imita aquelle exemplo ;
Corre sobre o passado impenetravel véu ;
Olha para o futuro e vem lançar-te ao céu. »

A pagina não é má como revelação de candura e bondade de sentimentos; mas não tem nenhum desses

donaires de linguagem, dessas doçuras de fôrma, desses coloridos inapagaveis com que as almas lyricas falam ás mulheres ou das mulheres. Dizia Hennequin de Flaubert: « *Dés qu'il parle de femmes, son style s'adoucit, chatoie et chante.* »

Nosso Machado de Assis não tem dessas effusões ; permanece calmo e frio, como se estivesse a commentar as maluquices de Quincas Borba ou de Rubião. E' o que não acontecia ao autor dos *Dias e Noites*, que nesse capitulo curiosissimo das relações humanas transfigurava-se de todo, como verdadeiro meridional e mestiço.

Ha em seu livro uma peça lyrica, que, como a de Machado de Assis, dirige se a uma bella representante da mais bella porção da humanidade, que principiava de receber os primeiros abulos da paixão suprema, que prima sobre todas as outras no sexo adoravel. O poeta a incita a fugir desses effluvios tentadores, n'uma linguagem tão carinhosa, que parece uma aura de sêda a roçar-nos os ouvidos. Ouçam ; é a poesia — *Amalia* :

« Ah! se ao appello de teus olhos serios
Responde tudo que palpita e brilha;
A flôr, a estrella, o coração respondem
N'um canto vago, immaculado, ethereo;
Possa minh'alma, ennevoadá, agreste,
De um nome angelico atirar as syllabas
Ao mar, ao céu, á luz, ao vento, ás aguias,
Capazes de apanhar a poeira fulgida
Do chão que pisas, e, n'um vôo celeste,
Ir por brinquedo sacudir as azas
No seio branco da mais linda nuvem.

Feito de riso e doçura,
Aura do céu respiravel,
Teu nome santo, ineffavel,
Tão puro, que os labios meus
Têm susto de proferil-o,
Desperdiçar-lhe os odores,
Amalia !... é o abrir das flores
Pronunciado por Deus.

Bem como do sol projectam-se
Os longos raios na lua,
Dardeja na face tua
Paterno olhar do Senhor ;
Nem sei o que mais visivel,
Se do teu rosto a lindeza,
Do teu corpo a subtileza,
Ou da tua alma o candor !...

Mas é verdade que soffres ?...
Tão moça, soffres tão cêdo !
Dize : que angelico dedo
Boliu-te no coração ?
Ou foi a aragem da tarde,
Que o teu bordado de sonhos,
Esperançosos, risonhos,
Arrebatou-te da mão ?

Dize : no céu, nas espheras
Fitaste um olhar mais triste ?...
Tão terna ás flores sorriste,
Que a alma puderam-te ver ?
Pois as flores todas, todas,
Já sabem do teu segredo,
E se ellas sabem. . . tem medo
Que as aves queiram saber.

Osinhos não são capazes
D'esconder este mysterio ;
Nem mesmo o tumulto é serio,
Para guardar esta dor . . .
As rosas não são amigas,
A quem abras o teu peito,
Cruéis, que dizem : bem feito !
Quem te mandou ter amor ?

De um peito debil, nos sonóros rythmos,
Como que se ouve o tropear d'instantes
Que vão correndo fugitivos, trepidos . . .
Não ouças ; canta. Que disse eu ? não cantes !
Não, não recebas do piano os bafos,
Que são veneno para tua dor :
Esconde o peito dessas auras frias,
Que passam cheias de saudade e amor.

Dizem que as serpes habitar costumam
Ninhos sem aves, por ahí desertos,
E a morte gosta de beijar os seios
Que as magoas deixam para os céus abertos.
Não penses nisso ; em tua fronte limpida
Corre da vida o matinal frescor :
Esconde o peito dessas auras frias,
Que passam cheias de saudade e amor.

Como se calam da esperança os hymnos,
Ruido d'azas que ao teu lado ouviste !
Ao céu perguntas : porque morre a virgem ?
E o céu te escuta num silencio triste.
E' que tens medo de fechar os olhos,
Cerrar os labios e perder a côr . . .
Esconde o peito dessas auras frias,
Que passam cheias de saudade e amor.

Tudo faz mal ao coração : a folha
Que cahe, o ramo que estremece, a vaga
Que geme á tarde, uma lembrança ao longe,
Um raio tremulo, um olhar que afaga,
Tudo faz mal ao coração : a aurora,
O riso, o pranto, o desfolhar da flor...
Esconde o peito dessas auras frias,
Que passam cheias de saudade e amor. »

E' isto; as oitavas iniciaes em redondilha maior, o verso popular por excellencia, são das mais delicadamente bellas de nossa lingua, e só encontram, repito, congeneres em João de Deus, o primeiro lyrico da Europa meridional nos dias de hoje.¹ As oitavas finaes, em versos saphicos, são docemente magoadas, naquelle plangente ritornello, ao molde dos velhos cancioneiros, tão do gosto do nosso idioma. E é esse o *gongorico* de que ha pouco falaram alguns jornaes que não primam muito pelo acurado da critica e do saber!

A mysteriosa das *Sombras* em Machado de Assis já ia mais adiantada na eterna illusão do que a Amalia dos *Dias e Noites*; mas fundamentalmente a situação é a mesma; apenas acho mais bellos os versos do poeta nortista. A outra situação que se me antolha comparavel.

Phalenus intitulada *Noivado* e a dos *Dias e Noites* chamada *Pelo dia em que nasceste*. No poeta fluminense ainda neste ponto as cousas já estavam tambem mais avançadas; era um amor possível, compartilhado, feliz, um perfeito noivado. No outro, não; ha a luta, o protesto, a queixa, o desalento; porque ao autor dos *Dias e Noites* aconteceu no Recife alguma cousa de analogo ao que se deu com o illustre Gonçalves Dias em S. Luiz do Maranhão. O poeta amou loucamente, como atraz se referiu, uma bellissima filha de pretenciosos fidalgos pernambucanos. Este drama teve suas peripecias que se não podem ainda contar por miudo. Saiba-se apenas que, correspondido pela formosa filha do Recife, a paixão do celebre sergipano teve de recuar diante dos prejuizos de falsas aristocracias e nobrezas de sangue. Todavia, o doloroso idyllio durou alguns annos e a elle se prendem todas as poesias apaixonadas escriptas por Tobias entre 1864 e 68. Ouçamos os versos do *Noivado*.

VIII

Não é cousa facil um estudo completo de Machado de Assis, completo pelo acurado dos factos, completo pela imparcialidade, que deve ser demonstrada e, por assim dizer, scientifica. E o que já hoje difficulta o caminhar do pensamento critico pelos meandros da obra do escriptor fluminense, é o verdadeiro cipoal de lendas e elogios com que admiradores fanaticos e incultos a têm cercado, insulando-a do sentir geral da nação.

Humorismo, pessimismo, philosophia, e outras grandes palavras são as contas do rosario que os crentes costumam desfiar diante de seu idolo. Estão no seu direito. Mas neste ponto quero ser o espirito que nega, o Mephistopheles deste novo Faust; porém um negador complacente e doce, munido de provas e documentos.

Machado de Assis que, em comedias, folhetins e versos de 1859, por dez annos seguidos, até 1870, data de seu primeiro livro de contos, se manifestou tão placido, tão brando, tão socegado de indole, de aspirações e de estylo, não poderia de repente se transfigurar em grande

philosopho, terrível manejador de humour, profundo pensador de espirito dissolvente e irritadiço; envolvendo a criação e a humanidade nas malhas de um pessimismo fulminante. A psychologia normal não faz destes saltos. Elle é melhor prosaista que poeta, não ha duvida, mais apreciavel nos seus contos e romances do que nos seus versos, não pelos motivos que é de moda apontar, e sim por outros e bem differentes. Tal a these que vai ser sustentada no decorrer deste estudo; mas por agora é mister ainda uma vez mostral-o na sua quietude do *Noivado*, como se prometteu no paragrapho anterior.

Eis aqui :

« Vês, querida, o horisonte ardendo em chammas ?

Além desses outeiros

Vai descambando o sol, e á terra envia

Os raios derradeiros;

A tarde, como noiva, que enrubece,

Traz no rosto um véu molle e transparente ;

No fundo azul a estrella do poente

Já tímida apparece.

Como um bafo suavissimo da noite,

Vem susurrando o vento

As arvores agita e imprime ás folhas

O beijo somnolento.

A flôr agita o calix : cedo espera

O orvalho, e emtanto exhala o doce aroma ;

Do leito do oriente a noite assoma

Como uma sombra austera.

Vem tu, agora, ó filha dos meus sonhos,
Vem, minha flôr querida;
Vem contemplar o céu, pagina santa
Que amor a lér convida :
De tua solidão rompe as cadeias ;
Desce do teu sombrio e mudo asylo ;
Encontrarás aqui o amor tranquillo...
Que esperas ? que receias ?

Olha o templo de Deos, pomposo e grande !
Lá do horisonte opposto
A lua, como lampada, já surge
A alumiar teu rosto ;
Os cirios vão arder no altar sagrado,
Estrellinhas do céu que um anjo acende ;
Olha como de balsamos rescende
A c'rôa do noivado.

Irão buscar-te em meio do caminho
As minhas esperanças ;
E voltarão contigo entrelaçadas
Nas tuas longas tranças ;
No emtanto eu preparei teu leito á sombra
Do limoeiro em flôr ; colhi contente
Folhas com que alastrei o solo ardente
De verde e molle alfombra.

Felas ondas do tempo arrebatados,
Até á morte iremos,
Soltos ao longo do baixel da vida
Os esquecidos remos.
Calmos, entre o fragor da tempestade,
Gosaremos o bem que amor encerra ;
Passaremos assim do sol da terra
Ao sol da eternidade».

E' bonito, não ha duvida ; e não desmente o que tenho dito e provado da psychologia do poeta. Aquelle convite do sonhador á sua amada para descer do *sombrio e mudo asylo* a vir ter com elle para encontrar o *amor tranquillo*, vale por uma documentação e dispensa-me de quaesquer outros commentarios. Sempre o mesmo, Machado de Assis na perenne tranquillidade de seu amor e de seu poetar. Ver-se-ha mais tarde que o seu pessimismo é uma simples variante maneirosa dessa nota fundamental, pessimismo de criança, ironia de adolescente, aprendida nos livros, sobreposta a um dos espiritos mais timidos e pacatos que já uma vez surgiram na America. Por enquanto cumpra-se o promettido, e veja commigo o leitor o *Pelo dia em que nasceste* do agitado brasileiro que pequeno grupo do rapazismo de hoje acredita haver envolvido no esquecimento. *Que receias ?* pergunta o autor das *Phalenas* á sua querida. Igual pergunta faz o poeta do norte, o grande lyrista á sua amada, que os preconceitos lhe vão roubar.

E' assim :

« Ouve-me, tu : na tristeza,
Qual uma sombra estendida
No mais escuro da vida,
Cá onde nada sorri,
Minh'alma bebe os orvalhos
Do teu suor odoroso,
Como se eu, rico e ditoso,
Velasse perto de ti.

Volvendo as folhas dos dias,
Paraste rindo encantada
Sobre a estampa mais doirada
Desse livro que não lês ;
Com seu cocár luminoso
O sol espana o teu rosto,
Não fica n'alma um desgosto,
Nem uma sombra na tez.

Hoje que cabes n'um berço,
Que abriste d'alma o thesoiro,
O dia é teu livro d'oiro,
E eu pégo nelle subtil
Para escrever uns segredos,
Para depôr uns carinhos
E uns beijos... nos sapatinhos
Da tua idade infantil.

Por ti conservo sorrisos
Pela dôr não apagados,
Como titulos gravados
Em face-de mauso!éu ;
Contemplo o resto d'infancia
Que a tua testa alumia,
Qual o fim de um bello dia,
Crepusculando no céu.

Bem sei que sonhas venturas
E a aragem que te balouça,
Franzina, languida moça,
Não te consente pender.
Socega, flôr buliçosa,
Deixa em teu seio innocente,
Vertida em lagrima quente,
Minh'alma se recolher.

Bella ! nem sentes o ruir da vida,
Celeste arroio que te cobre a planta,
Bafejada dos céus, estremeçada,
Etherea, limpida, impalpavel, santa.

Fulges, como de orvalho perfumoso
Perola, solta ao matinal gotejo,
Noiva do raio pallido, mimoso,
Que do calix da flôr sorve-a de um beijo.

Transparece o candor d'alma sem magoas !
A' noite, ao dia estranha, sobranceira,
Teu traço sôa como o som das aguas,
Teu corpo treme e tua sombra cheira...

E tu'alma tambem porque não vóá ?
Podíamos subir, vagar atôa
Pelo infinito sós ;
Eu faria de amor, hymnos e preces
Um ninho para ti... Se tu quizesse
Um ninho para nós.

Que receias? teu labio não murchesse,
De moça eterna o raio te circumda;
Da fronte o lyrio não descae. Parece
Que um'alma exterior teu corpo inunda.

Como em floreo botão fechas as graças
E de um peito aos anhelos doloridos,
A's ancias loucas, não te volves, passas...
Cuidas que é o soar dos teus vestidos.

Edenica roman, que um anjo parte,
Tua bocca entreabrindo-se risonha !
Sou pequeno, bem sei, para tocar-te...
De que tamanho queres que me ponha?

Num fio odoroso tua imagem sigo,
Teu doce nome como um hymno então :
Eleva-me, que amar-te é voar contigo,
Ser aguião e d'anjo acompanhar-te o vôo.

Eil-a de brilhos no seu throno alçada !
Eu te saúdo, buriti do outeiro,
Que balanças a coma alumiada
Do sol nascente ao radiar primeiro.

Ouves ? eu amo-te. Inda não sentiste
A mão que acaricia a sombra tua ?
Meu amor é o scismar da fera triste
Fitando estúpida o clarão da lua...»

Que esplendida poesia !

O poeta, pequeno e pobre, que teria de ser afastado pela conspiração da fidalguia petulante, verteria lagrimas no seio immaculado da mulher eleita, se pudesse d'aguião e d'anjo acompanhar-lhe o vôo, e fazer-lhe o ninho de amor, hymnos e preces. Não tem a altura precisa para tocá-la, pede-lhe que o eleve ; não maldiz, queda-se contemplativo, como a fera bestializada, que fita estupefacta o clarão da lua nos sertões interminos e adustos. Se isto não é o lyrismo, em sua fôrma espontaneamente superior, independente dos amaneirados e esconjuros das escolas, então já sei que as palavras perderam o sentido.

A litteratura brasileira nos quatro seculos de sua existencia, desde o primeiro dia em que alguém escreveu quatro palavras sobre as peripecias da vida nesta porção

da America, tem sido a differenciação especifica de uma fôrma determinada do sentimento artistico e essa fôrma é o lyrismo. Os nossos melhores poetas são aquelles que, consciente ou inconscientemente, contribuíram para esse resultado. No primeiro periodo, que já uma vez chamei a phase de formação (1500—1750); no segundo, a que dei o nome de época de desenvolvimento autonomico (1750—1830); no terceiro, que intitulei de renovação romantica (1830—1870); no quarto, que teve o appellido de tempo da reacção naturalista (1870 em diante), em todos esses diversos estadios do pensamento e do sentir artistico de nossa raça, não é difficil provar a veracidade da these, que é uma das fundamentaes da *Historia da Litteratura Brasileira*, e de todos os meus trabalhos criticos, que, quando outro merito não tenham, possuem ao menos o de obedecer a um systema, a um plano, a um conjuncto fundamental de idéas.

Pois bem; a phase romantica, que entrou em liquidação de 1870 em diante, resultado para o qual contribui, como já provei, com trabalhos de critica naquelle anno publicados, a phase romantica, antes de despedir-se de todo e ceder o passo aos novos, teve na escola, a que deram o improprio nome de condoreira, como uma especie de floração ultima, uma phase de lyrismo superior, cujos melhores especimens encontram-se nos *Dias e Noites* de Tobias Barreto, nas *Espumas Fluctuantes* de Castro Alves, nos *Corymbos* de Luiz Guimarães Junior, em *Mocidade e Tristeza* de Victoriano Palhares.

Esse ultimo élo do romantismo é que o prende á poesia dos novos, porque na historia das letras e das artes não ha solução de continuidade.

Eis, ainda uma vez, o motivo porque dou apreço áquelle periodo da nossa evolução poetica, a despeito da incompreensão de Machado de Assis e consocios, que, neste ponto, laboram em completo erro, continuando a julgar os condoreiros por algumas de suas poesias bombasticas e não por suas producções lyricas.

E' como se alguém ainda hoje teimasse em julgar Victor Hugo, não pelas poesias lyricas e épicas que entram no numero das mais bellas de todas as linguas, e sim por certas paginas martellantes que apparecem em seus livros.

Mas o auctor das *Chrysalidas*, apparecendo como poeta nos fins do decennio esterillisante que se findou em 1862, não foi um innovador.

Natureza sem turbulencias, sem audacias, sem grandes lutas intimas, sem preoccupações sociaes, eivado de um indifferentismo incuravel, que seria olympico, se não fôra algum tanto morbido, sua poesia é um mixto *sui generis* das principaes correntes do tempo.

Indole passiva, o poeta é necessariamente, fatalmente um eclectico, uma especie de Victor de Laprade, menos a paixão patriotica a que este francez deve alguns hymnos bellissimos ou uma especie de Em. Geibel, menos a espontaneidade e singeleza de alguns *lieder*.

E, por falar em Geibel, lembra-me Heine. Não fingem crer os admiradores incondicionaes do poeta fluminense

que elle tem a ironia ao gosto do grande allemão? Não se atrevem a dizel-o? E porque, tambem como Heine, o autor das *Phalenas* não mergulhou na fonte inesgotavel das creações populares e não trouxe dali perolas inestimaveis? E' ponto averiguado pela critica que as folhas mais virentes da corôa artistica do cantor do *intermezzo* são as palmas immarcessiveis do lyrismo pela habilidade genial com que elle apoderou-se de velhos themas das canções populares allemães e os renovou.

Nada disto se encontra em Machado de Assis, que é o menos popularista de nossos poetas, pelo fundo, pela fôrma, pelo rhythmo, pela linguagem, por tudo.

Contemporaneo de Varella, não tem, como elle, nada que se compare a *Mimosa* e outros cantos sertanejos do autor do *Evangelho nas Selvas*.

Contemporaneo de Tobias, nascido no mesmo mez e anno, não tem, como elle, nada que se possa pôr ao lado de — *Os Tabaréos, Anno Bom, Scêna Sergipana, Os Trovadores das Selvas*, do autor do *Genio da Humanidade*.

Contemporaneo de Castro Alves, nada possui que lembre, de longe ou de perto, as scenas populares da *Cachoeira de Paulo Affonso*.

Contemporaneo de Joaquim Serra, Mello Moraes Filho e Bittencourt Sampaio, não sentio jamais nenhum dos innumerados laços que prenderam tão intensamente esses cantores ao sentir de nosso povo.

E' por isso que este pouco o conhece, não o lê, e ha de quasi esquecel-o, nomeadamente como poeta. O amor tambem com o amor se paga em litteratura.

Machado de Assis, em quasi toda a sua obra, para com o povo brasileiro tem sido um desdenhoso; em poesia sobretudo. O que o ha de salvar na memoria dos posterios são algumas paginas do novellista onde elle foi mais nosso e mais humano.

Na poesia fique consignado que, mesmo no Brasil, foi typo de terceira ou quarta ordem.

Passemos ao romancista e prosador.

I X

Na apreciação da parte mais notavel da obra litteraria de Machado de Assis, os modernos processos de critica, ao geito e gosto do que tem sido ensinado por Hennequin e Faguet, levam-me a estudal-a em seus elementos capitaes: o estylo, o humour, o pessimismo, os typos. A analyse destes quatro aspectos da obra fará conhecer a fundo o homem e o escriptor. Comecemos pelo estylo.

Na litteratura, dizia Scherer, ha lugar para oitenta systemas e para cem estylos. E' isto mesmo; não existe um limite determinado, um marco pre-estabelecido para nossas faculdades, nossos temperamentos, nossos gostos. As qualidades primordiaes do estylo: personalidade, desenho, colorido, movimento, correcção, simplicidade, propriedade, não são igualmente possuidas por todos os grandes escriptores. Este tem algumas, aquell'outro é senhor de outras, e, sempre assim, a variedade é a regra geral nestes assumptos.

O estylo de Machado de Assis não se distingue pelo colorido, pela força imaginativa da representação sensível, pela movimentação, pela abundancia, ou pela

variedade do vocabulario. Suas qualidades mais eminentes são a correccção grammatical, a propriedade dos termos, a singeleza da fórma. O periodo não lhe sahe amplo, forte, vibrante, como em Alexandre Herculano; variegado, longo, cheio, como em Latino Coelho; imaginoso, fluente, cantante, como em Alencar; seguro, articulado, movimentado, como em Salles Torres Homem; terso e transparente, como em João Francisco Lisboa; abundante, corrente, colorido, marchetado, como em Ruy Barbosa. Machado de Assis, como já ficou accidentalmente dito, não tem grande phantasia representativa, ou antes não possui quasi essa faculdade. Em seus livros de prosa, como nos de versos, falta completamente a paysagem, falham as descripções, as scenas da natureza, tão abundantes em Alencar, e as da historia e da vida humana, tão notaveis em Herculano e no proprio Eça de Queiroz.

E, entre parenthesis, o leitor perdoe-me o ir eu comparando o nosso escriptor de preferencia aos seus confrades portuguezes e brasileiros e não aos autores alienigenas, como, aliás, ser-me-ia facilimo. E' que, ainda uma vez o digo, desejo nacionalisar o assumpto.

O estylo de Machado de Assis, sem ter grande originalidade, sem ser notado por um forte cunho pessoal, é a photographia exacta do seu espirito, de sua indole psychologica indecisa. Correcto e maneiroso, não é vivace, nem rutilo, nem grandioso, nem eloquente. E' placido e igual, uniforme e compassado. Sente-se que o autor não

dispõe profusamente, espontaneamente do vocabulario e da phrase. Vê-se que elle apalpa e tropeça, que soffre de uma perturbação qualquer nos órgãos da palavra. Sentese o esforço, a luta. «Elle gagueja no estylo, na palavra escripta, como fazem outros na palavra falada», disse-me uma vez não sei que desatusado n'um momento d'expansão, sem reparar talvez que dava-me d'est'arte uma verdadeira e admiravel notação critica.

Realmente, Machado de Assis repisa, repete, torce, retorce tanto suas idéas e as palavras que as vestem, que deixa-nos a impressão d'um perpetuo tartamudear. Esse veso, esse séstro, para muito espirito subserviente tomado por uma cousa conscienciosamente praticada, elevado a uma manifestação de graça e humour, é apenas, repito, o resultado de uma lacuna do romancista nos órgãos da palavra.

Quer o leitor convencer-se? E' abrir ao acaso qualquer livro do prosador fluminense. E para que não pareça proposito, seja o mais antigo de seus volumes de contos, e logo na primeira pagina: «Era conveniente ao romance que o leitor ficasse muito tempo sem saber quem era Miss Dollar. Mas, por outro lado, sem a apresentação de Miss Dollar, seria o autor obrigado a longas digressões, que encheriam o papel sem adiantar a acção. Não ha hesitação possivel: vou apresentar-lhe Miss Dollar. Se o leitor é rapaz e dado ao genio melancolico, imagina que Miss Dollar é uma ingleza pallida e delgada, escassa de carnes e de sangue, abrindo á flor do rosto

dois grandes olhos azues e sacudindo ao vento umas longas tranças louras. A moça em questão deve ser vaporosa e idéal como uma creação de Shakespeare ; deve ser o contraste de *roastbeef* britannico, com que se alimenta a liberdade do Reino Unido. Uma tal Miss Dollar deve ter o poeta Tennyson de cór e lêr Lamartine no original; se souber portuguez deve deliciar-se com a leitura de Camões ou os *Cantos* de Gonçalves Dias.

O chá e o leite devem ser a alimentação de semelhante creatura, addicionando-se-lhe alguns confeitos e biscoitos para acudir ás urgencias do estomago. A sua fala deve ser um murmurio de harpa eolea ; o seu amor um desmaio, a sua vida uma contemplação, a sua morte um suspiro. A figura é poetica, mas não é a da heroína do romance. Supponhamos que o leitor não é dado a estes devaneios e melancolias; nesse caso imagina uma Miss Dollar totalmente differente da outra. Desta vez será uma robusta Americana, vertendo sangue pelas faces, fôrmas arredondadas, olhos vivos e ardentes, mulher feita, refeita e perfeita. Amiga da boa mesa e do bom copo, esta Miss Dollar preferirá um quarto de carneiro a uma pagina de Longfellow, cousa naturalissima quando o estomago reclama e nunca chegará a comprehender a poesia do pôr do sol.

Será uma boa mãe de familia, segundo a doutrina de alguns padres-mestres da civilisação, isto é, fecunda e ignorante. Já não será do mesmo sentir o leitor que tiver passado a segunda mocidade e vir diante de si uma

velhice sem recurso. Para esse a Miss Dollar verdadeiramente digna de ser contada em algumas paginas, seria uma boa Ingleza de cincoenta annos, dotada de algumas mil libras esterlinas, e que, aportando ao Brasil em procura de assumpto para escrever um romance, realizasse um romance verdadeiro, casando com leitor alludido. Uma tal Miss Dollar seria incompleta se não tivesse olhos verdes e um grande cacho de cabello grisalho em cada fonte. Luvax de renda branca e chapéo de linho em fórma de cuia, seriam a ultima de mão deste magnifico typo de ultra-mar. Mais esperto que os outros, acode um leitor dizendo que a heroína do romance não é nem foi Ingleza, mas Brasileira dos quatro costados, e que o nome de Miss Dollar quer dizer simplesmente que a rapariga é rica.

A descoberta seria excellente se fosse exacta; infelizmente nem esta nem as outras são exactas. A Miss Dollar do romance não é — a menina romantica, nem a mulher robusta, nem a velha litterata, nem a brasileira rica. Falha dessa vez a proverbial perspicacia dos leitores. Miss Dollar é uma cadellinha galga. »

Percorra-se esta pagina com attenção e veja-se como se repisam ahí as idéas e repetem as palavras: *Miss Dollar* — doze vezes; *leitor* — sete; *deve* — seis; *romance* — outras tantas; *será* e *seriu* — oito. O trecho é instructivo como amostra do estylo, da maneira, do tom, dos tics do escriptor.

Percebe-se que não ha fluencia na lingua, nem movimento nas idéas; é alguma cousa que não vem de fonte

abundante e precipite, porém que escorre lentamente como um veio pobre e tortuoso, posto que limpo e suave. E' que tal essencialmente é o espirito do romancista. Pouco vasto, pouco intenso, tem em alto grau a facilidade da reflexão. Com um punhado de idéas pouco extensas, com um vocabulario que não é dos mais ricos, com uma imaginação sem altos vôos, faz muitas e repetidas voltas em torno dos factos e das noções que elles lhe deixam na intelligencia, orientada por um imperturbavel bom senso, que lhe supprime a observação, que não é muito variada, nem muito rigorosa. O cultivo dos bons mestres da lingua, habito contrahido ao contacto de José Castilho, tem-lhe fornecido certas fórmulas de construção e de phrase que lhe imprimem ao estylo a graciosidade da correcção e apuro grammatical, na falta de outras qualidades mais eminentes. Nas paginas meramente narrativas é seguro e caminha com aprumo; no dialogo é pouco espontaneo, não é singelo e não captiva pela naturalidade.

Quando se esquece de seus dotes e recursos proprios e tenta phrases poeticas é quasi sempre desasado e resvala para o verdadeiro gongorismo. Causa verdadeiramente pena ler em seus livros phrases e ditos como estes: «Margarida desceu do Olympto do silencio em que se encerrara. Essa hypertrophie do coração, que se chama amor. Entendeu o céu que devia regar com as suas lagrimas o solo de Petropolis. Tinha algum reparo picante no alforge da memoria. As pupillas centelham de curiosidade e devoção entre o livro santo e o bigode do peccado.

A morte é um mergulho na eternidade. Marianna ia cantando dentro do coração a *marselheza* do matrimonio. A bella dama, trepando no alazão do tempo, foi alojar-se na casa dos trinta. O homem é a syntaxe da natureza. Começou a levantar vagarosamente a muralha do silencio, lançou primeiro a camada das pausas. Tinha visto sobre a fronte um cabellino branco; cuidou que era do marido, mas reconheceu que era della mesma, um telegramma da velhice, que vinha a marchas forçadas. Era um faminto de ideal e creação, olhando todas as cousas correntes por cima da cabeça do seculo. Era o pico do arrufo. Recolheu-o com a alegria de um sabio, uma alegria abotoada de circumspecção até o pescoço. As vivissimas estrellas que luziam no céu, algum poeta imaginoso as compararia a linguas de fogo daquelle pentecostes de amor. »

Felizmente os casos destes não são muito abundantes, especialmente nas ultimas obras. Elles, porém, servem para mostrar que ao autor de *Braz Cubas* não coube em partilha a poesia espontanea e natural que se expande em bellas phrases singelas, como era o caso de um Renan ou de um Flaubert, nem mesmo a eloquencia vibratil arroubada, como é o caso de nosso José do Patrocinio, ou aquelle particular dote de encontrar inesperadamente certas expressões incisivas, aptas a definirem num simples traço uma idéa, um facto, uma situação, como se nos depa-ram tantas em Ramalho Ortigão, em Eça de Queiroz, em Joaquim Nabuco, em Tobias Barreto.

Este ultimo que, como poeta, não passou nunca de um romantico, um lyrico pelo fundo e pela fórma, na prosa teve nada menos de dois estylos, um imaginoso, correspondente á phase franceza de seu desenvolvimento, e outro discursivo e travoso de ironias, correspondente ao seu periodo germanista.

Em ambos os casos acho-o um escriptor mais valente do que o autor de *Quincas Borba*, para não falar em Ruy Barbosa, que a-este excede extraordinariamente sob todos os aspectos da difficil arte da palavra escripta, ou para não lembrar Camillo Castello Branco, que muito o sobrepuja em vernaculidade, riqueza e variedade de tons.

Como quer que seja porém, Machado de Assis é um notavel prosador pela correcção, pela simplicidade, pela propriedade das imagens, pelo adequado das comparações, pelo apropriado dos qualificativos. Mas é só isto. Elle proprio, mais ou menos ingenuamente, confessa de modo indirecto que em materia de fórma e estylo pouco adiante vai da mutua attracção que existe entre o substantivo e o adjectivo.

Sob esta relação é digno de lêr-se o famoso conto — *O Conego ou a metaphysica do estylo*, onde o autor de *Varias Historias* emite uma serie de trivialidades com ares remontados e ironicos de quem está a pasmar a humanidade com cousas nunca vistas, ou sequer sonhadas. « As palavras têm sexo. Amam-se umas as outras. E casam-se. O casamento dellas é o que chamamos estylo. »

E' a these sustentada pelo autor entre disfarçadas pilherias e graçolas mais ou menos ingenuas com pretenções a humour. Confesso que não lhes acho graça; porque tudo aquillo é forçado e pretencioso, não passando de banalidades de pasmar.

Tem porém um merito: revela inconscientemente o pensar do autor sobre as arduas questões da arte de escrever. Movimento, personalidade, colorido, propriedade, variedade, abundancia, vocabulario, força descriptiva, plasticidade do periodo a acompanhar as mutações do pensamento, equação espontanea entre este e sua natural expressão, tudo se reduz ao contubernio do substantivo com o adjectivo...

Felizmente a pratica do escriptor vale mais do que a sua theoria.

X

Um capitulo muito interessante da historia da litteratura brasileira, e que tem sido completamente descurado, é o que deveria tratar da arte da prosa entre nós. A critica nacional tem se occupado quasi exclusivamente dos poetas, de suas escolas, de seus systemas, de seu estylo, deixando inteiramente de lado, ou quasi, a analyse dos prosadores, como cultores do bello, na mais difficil das artes—a arte da palavra escripta. Nem até accordo existe ainda entre nós sobre quaes tenham sido e quaes sejam os nossos melhores prosaistas.

E' uma lacuna immensa, nomeadamente n'um seculo em que a arte da prosa tem por toda a parte, com a enorme diffusão do romance e do conto, relegado para o segundo plano a poesia.

Em minha opinião é já tempo de iniciarmos o estudo consciencioso de nossos estylistas da prosa sob todos os aspectos, analysando-os com o carinho, o cuidado, o amor que merecem.

A prosa, é ponto liquido em esthetica litteraria, tem uma evolução mais lenta e mais difficil do que a poesia, porque ella é o fructo de que esta é a flôr. Só as poderosas

épocas de intensa cultura produziram os grandes prosadores.

Parece-me que honro a Machado de Assis, quero dizer, rendo-lhe a homenagem de que é merecedor, como um dos principes do estylo entre nós, lançando aqui, a proposito delle, algumas notas sobre a embaraçosa arte em que é justamente acatado como mestre.

Os homens que, a meu vêr, têm até hoje manejado melhor a linguagem escripta no Brasil são estes:

Mont'Alverne, Salles Torres Homem, Justiniano da Rocha, João Francisco Lisboa, José de Alencar, Quintino Bocayuva, Machado de Assis, Tobias Barreto, Ruy Barbosa, Ferreira de Araujo, Joaquim Nabuco, Carlos de Laet, José do Patrocínio, Raul Pompeia e Coelho Netto. São os nomes dos quinze laureados do estylo em nossa terra. Como se está a vêr, estão ahi por ordem chronologica e enchem o nosso seculo a começar em frei Francisco de Mont'Alverne, o mais fraco em fulgores de fôrma, até Coelho Netto, o mais imaginoso de todos, passando pelo rutilante espirito de Ruy Barbosa, o mais aprimorado em arte entre seus pares, e que seria o nosso primeiro escriptor, se tivesse mais philosophia e mais critica.

Cada um daquelles tem uma nota especial.

Mont'Alverne, certa fluidez sonora, como especialmente está para sentir-se no celebre *Sermão de São Pedro de Alcantara*, e no *Prefacio das Obras Oratorias*. Torres Homem, o movimento do periodo, que é correntio e cantante.

Justiniano da Rocha, a placidez, alliada á variedade das tintas, a adaptação e maleabilidade aos assumptos.

Francisco Lisboa, alguma cousa que lembra Alexandre Herculano pelo brilho sóbrio e segno. Quintino Bocayuva, nos bons tempos que elle illuminava as paginas dos artigos de fundo, a desenvoltura e amplitude dos periodos, contidos sempre n'um desenho firme e bem contornado. Machado de Assis, a correcção, o gosto discreto e puro, sem audacias, sem grandes vibrações, porém sereno, doce, communicativo. José de Alencar, a riqueza das tintas, a variedade dos epithetos, o gracioso das imagens, a caricia dos tons, que lembram a musica velada e embriagante das confabulações femininas. Ferreira de Araujo, a trama delicada, tecida de bom senso e *humour* innocente.

Ruy Barbosa, este tem tantas qualidades, que só se poderia definir, dizendo que é, como Victor Hugo em França, o primeiro talento verbal de nossa raça. Sua prosa tem todas as modulações, todos os tons, todos os aspectos, conforme o assumpto e o sentimento da occasião.

Joaquim Nabuco, a arte do periodo sonoro, realçado de vez em quando por certos ditos que gravam.

Carlos de Laet, o sabor classico dado a provar de mistura com a ironia moderna, acerada, implacavel. Raul Pompeia, o brilho, o scintillar das phrases. José do Patrocínio, a vibração das palavras, a eloquencia dos reptos. Coelho Netto, o vocabulario variado, ao serviço de uma

imaginação arisca e turbulenta, dando-nos paginas descriptivas valorosas, potentes, encantadoras muitas vezes.

Resta, neste desfilhar de artistas da palavra, caracterizar, com duas ou tres palhetadas, a maneira de Tobias Bárreto, bom prosador entre os melhores.

Mas, oh! ironia dos destinos litterarios!... aposto que certo numero de leitores ter-se-á regalado com as agradaveis cousas que deixei ditas á conta dos quatorze companheiros do autor dos *Estudos Allemães*; terá achado que realmente assim é, aquelles escriptores são verdadeiramente notaveis; porém aposto por outro lado, que em se tratando do grande sergipano, já não será unisono o côro.

Pois, ainda ha bem poucos dias, não ouvimos o illustrado director da *Revista Brasileira* falar na *pessima escola* de Tobias Barreto?

Depois destas e d'outras do genero, me hão de perguntar porque é que ainda hoje defendo o malfadado escriptor? A resposta é simples e está a entrar pelos olhos: é que ainda hoje o vejo ingratamente, injustamente maltratado.

Já, neste mesmo estado, se deixou provado ter sido elle um dos melhores poetas do Brasil, e é indispensavel mostrar tambem que foi um dos nossos mais distinctos prosadores.

Não tenho por habito elogiar mediocres, nem é defeito meu defender quem não tem merito e muito merito. E não é só isto; é tambem certo que me não deixo contestar sem

luta. Minhas convicções, habituei-me a sustental-as sem desfallecimentos á custa de meu proprio repouso e vantagens pessoaes.

Sim; é mister que não existam despojados na historia das pugnas intellectuaes da patria; é preciso, ainda uma vez, proclamar a verdade de que o autor dos *Estudos Allemães* foi um dos melhores mestres que tivemos na arte da palavra falada e escripta.

Sou o primeiro a reconhecer que, neste paiz de terrivel egoismo, cada um deve tratar de si, proteger o seu lugar entre os turbulentos e ambiciosos que nos assaltam de todos os lados. Já não é pequena a tarefa.

Entretanto, tive a leviandade de, na arena das lutas nacionaes, nesse tumultuar pela fama, pela gloria nas letras, tive a leviandade de tomar em meus hombros, que, ai de mim! não são dos mais robustos, o triplice encargo de me defender, advogar a escola do Recife, e pugnar nomeadamente pela justiça a que tem direito o seu chefe, o poeta dos *Dias e Noites*, o jurista dos *Menores e Loucos*, o philosopho e critico dos *Estudos Allemães*.

A posição não tem sido commoda; porém, hão de convir que é generosa e assenta bem ao caracter de um justiceiro.

Zangue-se quem quizer; eu não recuo; não está nos meus habitos recuar. Ter-me-ia calado, ha muito, no assumpto, se me não tivessem contestado e imposto a obrigação de justificar o meu proprio criterio e os motivos de minhas affirmativas, que não são feitas levemente.

Em prosa, falada ou escripta, asseguro, no estylo fluente, imaginoso, poetico, e no gracioso e humoristico, Machado de Assis não é superior a Tobias Barreto, é-lhe quasi sempre inferior. As provas são estas que vão seguir.

E vou escolher trechos dos mais antigos, dos pequenos escriptos do autor sergipano, por elle desprezados nas paginas dos jornaes. Eis aqui as primeiras palavras de um discurso pronunciado no Recife em principios de 1865, ao chegar alli a noticia da capitulação de Montevideo :

«E' inutil preambular. Um pensamento fraterno, radiante, supremo, fluctúa sobre as nossas cabeças, de parilha com o estandarte da gloria. Accesa em nossas almas a idéa de engrandecimento, sentimo-nos grandes, queremos lutar.

E' neste momento que, afundando-nos na abundancia de uma existencia de moços esperançosa e vvida, achamos, tocamos alguma cousa de mais, e essa demasia, senhores, é que somos brasileiros, essa demasia é que ao livro deste povo epico e generoso ajunta-se a estrophe gigantesca e sublime de um de seus rutilos feitos.

O Brasil agita-se, a mocidade o rodeia; o Brasil triumpho, a mocidade ajoelha-se com elle para contemplar nos patrios céus o vôo de suas victorias.

Ena face de tudo que tem um pouco d'alma para sentir, um pouco de sangue para derramar, um pouco de vida para morrer, lavra a claridade de um sentimento

que absorve todo o viver positivo e ordinario; paixão nobilitante, purificadora, que o coração de um homem mal pôde conter, com todos os seus impetos, que tendem ao passado, que tendem ao futuro, com todas as suas avançadas para a morte e para a vida, para o céu, para a gloria, para a luz, para Deus... e este sentimento, senhores, é o patriotismo.

Póde haver quem diga: tempo virá em que o grito dos alarmas, o lampejar das espadas nada signifiquem; sim, mas lá mesmo adiante, aonde nos promettem levar os pontífices do progresso, quando o gladio tiver sido substituido pela palavra, a força pela idéa, o raio que fulmina pelo raio que esclarece, lá mesmo o homem deixar-se-ha vibrar dessa paixão, que será sempre no seu peito o estremecimento enorme das selvas, dos campos, das solidões da patria.

O Brasil era o colosso da paz; o Brasil, esse pedaço do globo, cuja sombra bastara para eclipsar qualquer sol que se lhe puzesse diante, tolerou por muito tempo os insultos de ridiculas pequenezas. Dizem que as aguias, só depois de muito soffrer, determinam-se a punir com a morte as avesinhas insignificantes, cujos pios as incommodam. Tal aconteceu. O gigante principia a vingar-se, o pantheon da historia começa a renovar-se de grandes vultos, as campas de grandes mortos, os céos de grandes astros.

A morte que se conquista pela patria, não é uma dessas mortes lugubres, choradas, mysteriosas, communs,

não ; morrer assim, ao fumar das batalhas, é desembaraçar-se de um dos enigmas do nosso destino, é resolver o problema da grandeza humana, morrer assim é engrandecer-se...»

Bello surto lyrico, onde a idéa é elevada e a palavra brilhante, cousas que juntas se acham raramente, a não ser nos escriptores de raça. Nem se queira dizer que esse trecho é um fragmento de discurso; razão seria esta demais para o citar, porque é preciso ficar também accentuado que o poeta sergipano era um poderoso e vibrante orador.

Mas eis aqui um pedaço de artigo litterario a proposito do propheta *Nahum*. E' de 1867 e é neste tom: «A poesia, que na Iliada é grande como o heroismo, na Biblia é immensa como a omnipotencia, ardente como os sopros do deserto.

Quando a poesia não perde o caminho do céu, quando não se arreda de sua primitiva missão, altamente moral e religiosa, torna-se uma força, um poder activo e social. Do cimo olympico de sua magnitude os poetas descem, como os deuses de Homero, a tomar parte nos combates humanos e promover a victoria pelo lado da justiça.

E' assim que o prophetismo hebreu influiu nos destinos de Israel, quando por cima das nações ingratas passavam rugindo, de mistura com os turbilhões do deserto, as maldições de Isaias; quando o verbo ardente do genio batia, como uma labareda, na face dos reis, e, a seculos de distancia, os prophetas escutavam os gemidos

das cidades, cujos ossos estalavam, nos apertos da agonia, na garra dos conquistadores. A Biblia é um modelo de tudo quanto é bello e bom; e, se outras razões não determinassem a sua leitura, bastaria o gosto, e simples instincto litterario para levar-nos a folhear essas paginas eternas, a colher e admirar as palavras sublimes, as lavas petrificadas, que brotaram daquellas boccas, abraçadas como crateras do céu.»

Então, não é realmente bello?

E tenho ou não razão em collocar este prosador entre os melhores de nossa patria? E será essa a *pessima escol*ta de que fala o Sr. José Verissimo?

E' muita opiniaticidade. Onde existem no Brasil paginas melhores? Era essa a primeira maneira do escriptor, desde os seus mais antigos ensaios no Recife de 1862 a 70.

Mais outro fragmento, onde a harmonia da phrase pede méças á elevação das idéas :

«Passa como verdade incontestavel que a poesia, a poesia lyrica digna deste nome, é a expressão das lutas d'alma humana com o enigma de seu destino. A felicidade indefinida, que o homem aspira, é a incognita de um problema sombrio, diante do qual encontram-se perpetuamente embebidos o padre com todas as suas preces, philosopho com todos os seus calculos, o poeta com todas as suas queixas.

A poesia, impregnada dos perfumes da religião e das luzes da philosophia, torna-se um alimento suavissim

um favo de consolação para os corações solitarios, que não profanam a santidade do padecer com a brutalidade dos prazeres insensatos.

Deste modo, falsêa o entender daquelles que dão, que empregam como character da poesia a criação de um mundo á parte, phantasmagorico, impossivel. Assim como já não é dado ao philosopho recostar-se nas hypotheses, não é dado ao poeta apegar-se aos vagos sonhos, aos espectros fumegantes da imaginação febril.

A poesia de hoje, a poesia do seculo XIX tambem precisa da observação, o poeta deve ser investigador; elle tambem pertence á grande aristocracia pensante, a esse grupo de cabeças cheias de todas as auras do futuro, que têm os ouvidos attentos a todos os silencios mysteriosos, e as frentes batidas por todas as vagas do infinito. Mas no homem que pensa, quero ver tambem o homem que obra.

Longe estou de suppor que para o culto do pensamento seja mister a instituição de uma classe brahminica, sagrada. Seria o sacerdocio da ociosidade.

O genio, qualquer que seja a sua manifestação, deve entrar, deve apparecer como parte activa nos trabalhos, nas lutas, nos progressos da humanidade. Dizer ao poeta, ao philosopho, ao pensador em geral: nós te sustentamos, teu trabalho é todo intimo... importa dizer-lhe — divorcia-te da sociedade, renuncia ás doçuras da familia, aos encantos da mulher; nós iremos te consultar na gruta do teu pensamento, piaga da civilização! »

Pagina escripta ha mais de trinta annos, em 1865, quando o illustre Machado de Assis ensaiava apenas so seus primeiros passos na arte da prosa e era então incapaz de escrever com tanta firmeza.

Hoje mesmo difficilmente, raramente attinge áquella altura.

E, sinão, mostrem-me um só trecho seu daquella época, que tenha esse vigor, e nos seus livros de agora muitos que ostentem aquella eloquencia.

E' que ha certos gigantes que se mostram muito altos, quando a gente tem preguiça ou medo de os medir. E, neste genero, a melhor medida é a comparação.

Sem grandes bulhas, mostra-se que o homem não está só, que existem outros que o cercam e ás vezes tomam-lhe a vista.

Falha sensivel seria fechar este artigo, sem mostrar quanto o prosador do norte sabia modular docemente as palavras, quando falava da mulher. Ouçam alguns periodos do bellissimo dialogo, no genero de Platão, por elle consagrado ao amor :

LYSIS. — A tarde é calma, o céu purissimo. Bem defronte do sol, que descamba, mal se divisa na esplanada do levante a lua descorada e timida, como rainha oriental, em presença do rei, seu senhor. Lembra-me Esther diante de Assuero.

Que attrahente solidão, que poetico retiro! Não é com effeito fóra de proposito descansarmos um pouco sob

a protecção deste mangal sombrio. Para aqui, para tão doce mansão de verdor e frescura, aliás só propria do socego de uma alma candida, ao pé de uma fonte, limpida e tranquillada como a consciencia de uma virgem, Horacio não deixaria por certo de pedir que lhe trouxessem todos os agentes das sensações agradaveis, os vinhos, os perfumes, as grinaldas de rosas e...

«Huc vina et unguenta et ninium brevis

«Flores amenæ ferre jube rosæ.»

Entretanto, o psalmista do coração, o Alcion do mar da vida, acharia emoções que o fizessem exclamar:

«Mon cœur lassé de tout, même de l'esperance...»

Que vos parece o quadro?

TERPANDRO. — Magnifico! Tem poesia e innocencia bastante para um idyllio. E nós outros figuramos um grupo de pegureiros virgilianos «sub tegmine fagi, ou inter ulmos corylis mixtas»; falta-nos tão sómente a gaita para entoarmos em estylo pastoril alguma queixa amorosa.

«DIOPHILO. — E has de ter sempre um riso escarninho até para os objectos mais bellos?

Pois sabe, meu gaiato, que o grande antecedente de Aristophanes, que rio-se dos sabios, de Voltaire, que rio-se dos padres, de todos que riem-se de tudo, o espi-rituoso comico por excellencia é Satan, que rio-se de Deus.

Confesso-te que esta paisagem infunde-me n'alma um não sei que de melancolico e suave, que eu quizera aqui passar a vida em companhia das aves, em camaradagem

com as flôres, namorando essa boa vizinha que se chama a natureza.

TERPANDRO. — E' por isso, talvez, que ella agora assume aos vossos olhos, no sopro das auras, no baloiço das folhas, uns doces modos de coquettice. Embriagai-vos, poetas !

Na phrase do indiano Kapila, a natureza é uma dan-sarina : dansai com ella. Quanto a mim, tenho assumpto mais alto em que medite.

MEMNON. — E quem te disse que a presença do céu azul, os suspiros da tarde, os aromas das flôres não podem tomar parte na discussão das grandes verdades ?

Pelo contrario, as mais aridas questões ganhariam em ser assim tratadas á sombra dos jardins, diante de um auditorio de rosas.

Era passeando pelas margens do Ilyssus que Socrates recebia as inspirações de seu demonio, quando não ia ban-quetear-se com a mocidade grega e por distracção elevar-se, nos surtos da philosophia, ás alturas do amor purissimo, como lh'o havia ensinado... quem ? uma soror de Laïs ou Gnathenium, uma hetaïra, uma aristrocata do vicio, Diotima de Mantinéa.

DIOPHILO. — Ora pois !... uma cortezan daquelles tempos dando uma theoria sublime do amor, quando as mais romanticas virgens dos nossos dias mal comprehendem as doces tristezas de uma alma santamente apaixonada...

TERPANDRO. — A razão é simples ; é que o amor começa a ser uma chimera, porque a virgem vai começando

a ser um ideal, como todos os idéaes, irrealizavel, phantastico, impossivel.

LYSIS. — Não queiras assim turvar o crystallino de minha fonte de lagrimas, arrancar a ultima crença ou illusão que me sustenta.

Já que tratamos de amor, envolvamol-o na têa da discussão e fale cada um de nós cordial e francamente.

O amor, que é ao mesmo tempo um tormento e um heroismo d'alma, tambem tem a sua belleza e essa belleza é o vôo na ascensão para os cimos azues da serenidade angelica, é a idéalisação da mulher, e, por contra-golpe, a desventura, o soffrimento em silencio.

Escutai estas palavras do autor do Phedon : — o homem, percebendo a belleza sobre a terra, lembra-se da belleza verdadeira, brotam-lhe azas, e elle aneia por voar até ella ; mas em sua fraqueza levanta, como uma ave, os olhos ao céu, e, desprezando as cousas do mundo, passa por insensato.

Vêde que deste amor haverá sempre quem padeça, porque elle é uma dignidade do coração, é uma penetração divina ; porque esse amor, emfim, prometendo-se, jurando-se eterno, importa o sentimento, a consciencia da immortalidade.

TERPANDRO. — Eis ahi um arremedo de philosopho alexandrino nos transportes do extasis. De tal mania não quero eu soffrer.

A minha Diotima ensinou-me que o amor, para valer, tambem tem suas condições economicas. Já vai bem longe

o tempo em que elle era menino e andava nú; hoje é mister que appareça bellamente vestido.

Dizei-me : qual é o ditoso a quem as castas rosas, as recatadas boninas offerecem os labios cheirosos? Não é de certo o passarinho que melhor canta, é o que tem mais rica toilette, o libertino, o estupidosinho do beija-flôr.

A bocca e o seio das mulheres bellas tambem têm mel escondido e reservado para o biquinho de ouro dos beija-flores azues. É a minha theoria do amor. »

Basta; procurem ler todo o dialogo, em que *Diophilo* e *Lysis* sustentam o idealismo contra o terrivel *Terpandro*, que defende o utilitarismo no amor, e terão apreciado algumas das mais bellas paginas de prosa da lingua portugueza em todos os tempos.

E era esse o *gongorico* de *pessima escola* como injustamente já se escreveu...

Entretanto, fechado quasi inteiramente o cyclo da poesia, atirado á philosophia, á critica, ao direito, Tobias Barreto, nestes assumptos, deixou de lado o velho romantismo, deixou-se affectar da *molestia do seculo* — o pessimismo, e mudou de estylo.

As effusões lyricas de seu prosar trocaram-se pela troça, pela pilheria, pela ironia, pelo *humour* de que andam cheios os seus livros e artigos esparsos.

Conservou sempre a arte do periodo rapido, incisivo, movimentado, e inculcava-lhe, especialmente nos escriptos de polemica, um espirito causticante, que lembra Paul,

Louis Courier, quando é mais contido, ou Camillo Castello Branco, quando é mais desbragado.

Eis porque é indispensavel contal-o entre os melhores estylistas nacionaes.

• Machado de Assis, que é tambem um cultor da ironia e do *humour*, não estranhará o companheiro, como não deve estranhar todos os outros em cujo numero o colloquei.

XI

Já não está distante o termo desta analyse do illustre poeta e romancista fluminense.

Mais ou cinco seis capitulos, e estará tudo acabado.

Aquelles que tenham, por ventura, estranhado o desenvolvimento dado ao assumpto, basta lembrar que o estudo do historiador Gervinus sobre Shakespeare enche um formidavel volume, e o do philosopho Lewes a respeito de Goethe espraia-se por dois possantes tomos, que, entre tanto, se deixam lêr com interêsse e avidez.

Verdade é que o autor de *Varias Historias* não é Shakespeare nem Goethe; mas tambem é certo que mesmo entre nós, o Sr. Araripe Junior consagrou um volume inteiro a José de Alencar e outro não menor a Gregorio de Mattos, o que tambem foi praticado por A. Henriques Leal para com o prestimoso poeta dos *Tymbiras*, o illustre Gonçalves Dias.

Machado de Assis merece uma apreciação aprofundada, como a de Scherer sobre Diderot, a de Taine sobre Balzac, a de Faguet sobre Chateaubriand, a de Hennequin sobre Tolstoï, a de Montégut sobre Pope, a de

Vogüé sobre Dostoiewski, que sei eu? como a de qualquer critico que se preze sobre qualquer escriptor de merito...

Creio ser isto agradavel ao distincto brasileiro, mestre em estylo, e que chamei um dos chefes intellectuaes da nação.

Todavia, não se espante a preguiça patria, já estamos perto do fim.

Machado de Assis, como escriptor, é do numero d'aquelles que gostam de mostrar o seu *savoir faire*, de fazer entrar pelos olhos dos outros o seu estylo.

A sua arte não se disfarça, não se vela ; ao contrario, sabe ostentar-se, gosta de se exhibir.

Não é da familia de Tolstoï ou de Merimée ; é da raça de Theophilo Gautier e dos parnasianos. O periodo não lhe sahe possante e largo ; porque seus pensamentos não são vastos ou profundos ou grandiosos ; não lhe sahe tam-bem rapido, intenso, incisivo ; porque uma paixão forte não o anima e move.

Elle é o artista da phrase média, cadenciada, medida, onde a palavra é catada com peculiar interesse, o qualificativo é esmerilhado com especial apuro ; onde certos e determinados vocabulos entram como indispensavel ornato e acham-se ali como que rogando para elles a attenção do leitor, para que veja como são bonitos, como são *chics*, como farfalham e como encandêam os olhares. Esse perenne artificio torna-se, muitas vezes, monotono e é por isso que, do meio para o fim, a leitura de *Braz Cubas* e de *Quincas Borba* já é levada com esforço.

Não acontece o mesmo com *Helena* e *Yayá Garcia*, cujo estylo não é ainda tão intencional, tão penivel, tão artificioso, como o das ultimas obras do escriptor.

Nas mais antigas é mais correntio e espontaneo, posto que, de longe em longe, saia-se com alguns daquelles gongorismos de que já falei; nas mais recentes, evitando quasi sempre tal defeito, é, todavia, menos natural e singelo.

Feitos porém todos os descontos, ainda Machado de Assis é um prosador apreciavel e digno de louvor, posto que não o seja na escala que o suppõem alguns presumidos muito exaggerados, que andam ahi a desfigural-o com elogios, que nada valem.

Elle tem boa dôse de grammatica e outra não menor de rhetorica, que não são por si sós sufficientes para formar um escriptor. «A grammatica e a rhetorica, escreveu exactamente o *pessimo* e *gongorico* Tobias, não satisfazem, por si sós, a todas as exigencias da estylistica. Não basta ser grammaticalmente correcto e rhetoricamente puro, para escrever artisticamente em qualquer lingua. E' mister mais alguma cousa, que aliás não se adquire nem até com o maximo respeito das regras grammaticaes e dos preceitos rhetoricos. A arte de escrever exige um *senso especial*, que se filia no *senso esthetico* em geral, e cuja falta não pôde ser supprida por uma escrupulosa correcção dos termos e uma applicação não menos escrupulosa de tropos e figuras.»

E' isto mesmo; um autor pôde ter grammatica e rhetorica, como tinha José Castilho, e não ser um escriptor,

um estylista; pôde não ter em larga escala nem uma nem outra cousa e ser um artista da palavra. E' o caso do incomparavel duque de Saint-Simon.

Machado de Assis, felizmente, possui o senso esthetico indispensavel aos estylistas de merito. A imparcialidade escrupulosa que tenho mantido diante delle ordena-me que cite-lhe neste lugar uma pagina, a mais formosa que encontrei em todos os seus livros.

E' quando descreve em *Quincas Borba*, o passeio matinal de Carlos Maria, o sceptico e meio *blasé* Carlos Maria, no dia do seu noivado. Eis aqui esse mixto de velado humorismo e discreta poesia: « Ainda bem que se casa! repetiu o Rubião. »

Não se demorou o casamento: tres semanas. Na manhã do dia aprazado, Carlos Maria abriu os olhos com algum espanto. Era elle mesmo que ia casar? Não havia duvida; mirou-se no espelho, era elle.

Relembrou os ultimos dias, a marcha rapida dos successos, a realidade da affeição que tinha á noiva, e, enfim, a felicidade pura que lhe ia dar. Esta derradeira idéa enchia-o de grande e rara satisfação.

Ia-as ruminando ainda, a cavallo, no passeio habitual da manhã; desta vez escolhera o bairro do Engenho Velho.

Posto se achasse costumado aos olhares admirativos, via agora em toda a gente um aspecto parecido com a noticia de que elle ia casar. As casuarinas de uma chacara, quietas antes que elle passasse por ellas,

disseram-lhe cousas mui particulares, que os levianos attribuiriam á aragem que passava tambem, mas que os sapientes reconheceriam ser nada menos que a lingua-gem nupcial das casuarinas.

Passaros saltavam de um lado para outro, pipilando um madrigal. Um casal de borboletas, que os japões têm por symbolo da fidelidade, por observarem que, se passam de flor em flor, andam quasi sempre aos pares, um casal dellas acompanhou por muito tempo o passo do cavallo, indo pela cerca de uma chacara que beirava o caminho, voltando aqui e ali, lepidas e amarellas.

De envolta com isto um ar fresco, céu azul, caras alegres de homens montados em burros, pescoços estendidos pelas janellas fóra das diligencias, para vêl-o e ao seu garbo de noivo. Certo, era difficil crêr que todos aquelles gestos e attitudes da gente, dos bichos e das arvores, exprimissem outro sentimento que não fosse a homenagem nupcial da natureza.

As borboletas perderam-se em uma das moitas mais densas da cêrca. Seguiu-se outra chacara, despida de arvores, portão aberto, e ao fundo, fronteando com o portão, uma casa velha, que encarquilhava os olhos sob a fôrma de cinco janellas de peitoril, cansadas de perder moradores. Tambem ellas tinham visto bodas e festins, o seculo já as achou verdes de novidade e de esperança.

Não cuideis que esse aspecto contristou a alma do cavalleiro. Ao contrario, elle possuia o dom particular de remoçar as ruinas e viver da vida primitiva das

cousas. Gostou até de vêr a casa velhusca, desbotada em contraste com as borboletas tão vivas de ha pouco.

Parou o cavallo ; evocou as mulheres que por alli entraram, outras galas, outros rostos, outras maneiras. Porventura as proprias sombras das pessoas felizes e extinctas vinham agora cumprimental-o tambem, dizendo-lhe pela bocca invisivel todos os nomes sublimes que pensavam delle. Chegou a ouvil-os e sorrir.

Mas uma voz estridula veio mesclar-se ao concerto ; um papagaio, em gaiola pendente da parede externa da casa : « Papagaio real, para Portugal ; quem passa ? Currupá, papá, Grrrr... Grrrrr... » As sombras fugiam, o cavallo foi andando. Carlos Maria aborrecia o papagaio, como aborrecia o macaco, duas contrafacções da pessoa humana, dizia elle.

— A felicidade que *eu lhe der* será assim tambem interrompida ? reflexionou andando.

Cambaxirras voavam de um para outro lado da rua, e pousaram cantando a sua fala propria ; foi uma reparação. Essa lingua sem palavras era intelligivel, dizia uma porção de cousas claras e bellas. Carlos Maria chegou a vêr n'aquillo um symbolo de si mesmo. Quando a mulher, aturdiça dos papagaios do mundo, viesse cahindo de fastio, elle a faria erguer aos trillos da passarada divina, que trazia em si, idéas de ouro, ditas por uma voz de ouro. Oh ! como *a tornaria* feliz ! Já a antevia ajoelhada, com os braços postos nos seus joelhos, a

cabeça nas mãos e os olhos nelle, gratos, devotos, amorosos, toda implorativa, toda nada. »

Eis ahí ; é o quadro mais completo, como pintura e descripção, que encontro em toda a obra de Machado de Assis, em que elle mais habilmente juntou a imaginação, a poesia e o humour, em que mais docemente casou a natureza exterior a uma situação d'alma humana.

E como, desde o principio para moer certos negacionistas incrêos, que ainda hoje andam a falar no *gonorismo* e na *escola pessima* de Tobias Barreto, pelo mesmo desnorreamento com que já se viu um auctor, do valor de Ed. Scherer, desconhecer Baudelaire e Zola ; como, desde o principio, tomei a resolução de oppôr *pari-passu* ao homem do sul, protegido e elogiado, o homem do norte, desprotegido e maltratado, vou ainda, mais uma vez, tirar a *prova dos nove*, citando um trecho delle em que tambem se acham ligados o humour e scenas da natureza a uma situação do espirito humano. Não é um pedaço de romance, cujo estylo é de regra que seja poetico, nem é das graciosidades amorosas de um noivado que trata. E' um trecho de philosophia religiosa, como os sabia escrever o grande critico. Veja-se onde ha mais vida, mais calor, mais idéa, mais fundo n'uma linguagem mais des preocupada e mais espontanea. Eis a pagina, que é um modelo do genero : « Caracteristico deste periodo (*fala do Renascimento*) é o culto da Madonna.

Já os escolasticos o haviam preparado. Na viagem d'alma para o empyreo Boaventura tinha dado um lugar

importante á influencia da mãe de Deus e Duns Scoti tinha celebrado a immaculada Conceição. Dante mesmo havia mostrado em Beatriz como o *eterno feminino* indicando ao poeta o caminho do céu. Mas os productos da pintura não se limitam a estes idéaes. As Madonnas de Raphael dizem os autorisados, são de certo mãis de Deus, poré já não de todo conformes a uma tetrica religião de peccadores, a uma religião de delinquentes. O leitor não admire de me ouvir falar de uma *religião de delinquente*. Isto não é uma simples phrase, mas a expressão de uma verdade.

A religião christã, se tivesse seguido sómente o caminho que lhe traçara o seu fundador, se, logo no começo de seu desenvolvimento, não se tivesse posto em contacto com elementos estranhos e perturbadores de sua primitiva pureza, talvez hoje apresentasse uma feição bem differente. Mas, assim transtornada como ficou desde os proprios tempos apostolicos, triste e sombria, como a deixou o paulinismo triumphante, a religião christã é realmente uma religião de peccadores. Ao lado da idéa da justiça, a idéa do peccado fórma a base da theologia paulinica, d'onde proveio essa tão falada e terrivel autonomia entre o *espirito* e a *carne*, que faz de todo crente sincero um emlastimavel, sempre em luta com a consciencia, tendo sempre diante dos olhos o phantasma dos seus peccados.

E' uma cousa hedionda a religião assim comprehendida. Felizmente o tempo, que tudo attenúa, tem tambem

attenuado o character lugubre e horripilante do christianismo, respectivé do catholicismo, o que talvez se possa explicar pelas maiores proporções que ha tomado o momento comico do sacerdocio na tragedia do Calvario. Não se julgue porém que já hoje nos falte de todo a occasião de observar scenas de tal natureza.

Eu, que não sou dos mais velhos, ainda alcancei o tempo em que as *corôas de espinhos* e as *disciplinas de aço* representavam um papel saliente no processo da salvação. Era a mesma época em que predominava, em ambos os sexos, o costume selvagem de, só exceptuando o cabello da cabeça, capinar o corpo inteiro; e então o pedaço de navalha velha, que já não se prestava a este ultimo serviço, passava a fazer parte dos instrumentos de penitencia.

Ainda conservo bem viva a lembrança desse tempo e não menos viva a impressão produzida por aquelles calmos e tenebrosos espectaculos da sandice humana que se chamavam procissões de preces, procissões penitenciaes. A aldeia, donde sou filho demora n'uma planicie. As vistas que se lançam da porta do templo vão quebrar-se nas moitas sombrias, que bordam as margens de um rio. Estavamos n'uma sexta-feira de quaresma; a multidão de devotos não cabia na igreja; a procissão sahia, levando na frente a cruz e a matraca. A' medida que a linha do povo se ia distendendo e tomando geitos de serpe, começavam a surgir dos esconderijos da beira do rio uns vultos brancos, mal distinctos a principio, mas logo depois bem visiveis.

Eram centenares de idiotas religiosos, immoralmente envoltos em alvas saias femininas, com os rostos cobertos e as costas núas, sobre as quaes vibravam as disciplinas á esquerda e á direita, no mesmo rhythmo em que os cavallos açoitam com as caudas incommodas mutucas.

O sol, pendendo para o occaso e como que olhando de soslaio para aquelle quadro repugnante, dava ao sangue, que já escorria do dorso dos miseros e nodoava-lhes as roupas, uma apparencia de negrume, um aspecto asqueroso. Era uma cousa horrorosa; mas era a religião...

Não ficava ahí.

Ao espectaculo da tarde, que falava aos olhos, vinha juntar-se o espectaculo da noite, especialmente preparado para o ouvido. Refiro-me áquellas plangentes *encomendações das almas*, feitas a deshoras, quando por toda a parte reinava o silencio e o repouso. Um grupo de musicos sahia a dar a medonha serenata; havia até composições especiaes para esse fim. Ainda me lembra que então passava pelo primor do genero o respectivo trabalho de um componista mineiro, que viveu e fez época em minha provincia.

Não se descreve a impressão recebida, quando a *capella* nocturna começava a encomendação, escripta em fá menor, com umas phrases iniciaes, que similhavam soluços, e de repente, por uma transição mal sentida, o violoncello batia na terça maior, e o baixo dizia syllabica e monotonamente estas palavras de feroz increpação: *pec—ca --dor en—du —re—ci—do!*... Sentia-se o inferno.

Mais de um velho acordava sobresaltado e muita criança despertava chorando. Nem havia meio de respirar-se mais livremente, abrindo uma porta ou uma janella ; pois que corria a tradição que quem isso praticava só via um rebanho de ovelhas (eram as almas), e logo após um frade sem cabeça, que dava uma vela de cêra para guardar ao curioso observador, o qual procurando-a de manhã não a encontrava...

Sobre quem fosse realmente o frade, a theologia local ainda não estava bem assentada ; as opiniões divergiam. Uns affirmavam que o frade não passava de uma alma penada ; outros porém sustentavam que era o diabo disfarçado.

Em todo o caso, ninguem ousava pôr em duvida a necessidade de rezar pelos mortos, para allivial-os das suas penas e de rezar por si mesmo, para livrar-se do peso das proprias culpas.

Sempre no fundo uma religião de culpados, uma religião de criminosos ! E a impressão de terror, que tantas vezes experimentou o menino de outr'ora, não deixa de repercutir dolorosamente nas idéas e sentimentos do velho de hoje...»

O quadro é perfeito, vivo, brilhante, e, ao mesmo tempo, sobrio e correcto, como só costumam ser as telas dos grandes mestres.

E é a um escriptor desta guiza que certa critica indigena tem o arrojo de desrespeitar.

Mais largueza de animo e um pouco mais de estudo, meus senhores. E neste ponto tenho muito prazer em

jurar que o proprio Machado de Assis está de accordo commigo.

Se o não diz sem rebuço, é porque tem receio de desgostar a panellinha que o cerca, que teima em manter ainda hoje uma especie de *politica dynastica* em litteratura, por motivos que serão, talvez, opportunamente apreciados.

XII

Não é o gosto de envolver-me em questões bysantinas de *novos* que me faz escrever este estudo. Teriam algum senso taes discussões, se os novos de hoje gozassem do privilegio de fazer parar o tempo, como o batalhador bíblico teve o de fazer parar o sol.

Mas não ; o tempo, que tudo estraga e deteriora, vai devastando de modo cruel o viço dos taes pretenciosos, e muitos delles já andam ahi bambos e tropegos de metter dó.

Ainda me lembra o fragor selvagem com que, ha bons dezeseis ou dezoito annos, atacou-me um troço dos taes valentes. Onde andam elles hoje ?

Alguns, vejo-os ainda por ahi, grisalhos e murchos ; outros já se partiram desta vida descontentes... E' o destino terrivel dos trefegos e desequilibrados : a precocidade do tumulo.

A turma, que cinco ou seis annos mais tarde, deu-me assalto apparece tambem já desfigurada, objecto de ridiculo para os *novissimos*, que ora se vão levantando. E' este o eterno vai-vem dos factos ; é essa a perpetua desillusão

n o poder de temperar os fortes, mas que não deixa a ensinamento aos levianos. Gozam da vantagem de com arrogancia um momento e cuidam que isto é um salvo-conducto para o gremio das celebridades saes. Coitados !

até homens distinctos erram em claro quando sem razão seus predecessores, que se não deizer de uns pobres mediocres, que apenas têm o gio da falta de graça no desfrute ?

essa historia litteraria fornece já neste seculo os exemplos dessa carnificina da vaidade.

que Magalhães fez aos ultimos representantes do mo, praticou mais tarde Alencar com o proprio Mas; o que o autor do *Guarany* fez ao poeta da *Conquiza dos Tamoyos*, recebeu, por sua vez, das mãos de lin Tavora ; as liberdades deste para com o romancista *Iracema*, pagou as bem caro, levando, annos , formidaveis descomposturas de Mucio Teixeira, e seu turno, tem sido horrendamente maltratado por dos chamados representantes dos novos ideaes. E, e assim, um valentão das letras vai topando outros. como quer que seja, não será por atacarem seus columpoesia, em conto ou em romance, que os poetas, as e romancistas de hoje hão de ter passaporte para la.

tapageur nem sempre é que tem razão. E' uma cruel o processo da depuração e selecção litteraria, ifica e politica.

Olhamos todos em torno de nós, e, durante uma vida inteira, conhecemos duzias e duzias, podemos dizer, quasi centenas e centenas de suppostas notabilidades em todos os generos, de todas as fórmãs e tamanhos.

Quando chegámos aos quarenta annos, a mór parte daquelles grandes talentos, daquellas summidades, daquelles *genios*, e, muitas vezes daquelles *novos* de que se fabulava em nossa meninice, a trinta annos atraz, está completamente esquecida.

Com mais vinte ou trinta annos, o numero dos lembrados é ainda menor.

Mais cincoenta ou sessenta e de cada geração litteraria salvam-se apenas quatro ou cinco nomes.

Dentro de dois ou tres seculos se faz a depuração mais ou menos definitiva, e não fica quasi ninguem.

Onde anda a centena de novos que em 1830 cercavam a Magalhães e em 1840 a Gonçalves Dias e em 1850 a Alencar ?

O esquecimento só respeita o escriptor, cuja obra é, n'um dado momento, o signo representativo da grande alma de um povo, de uma raça ou da humanidade inteira. O mais é pintar n'água ou dar estocadas no ar.

Deve-se prestar, pois, attenção a Machado de Assis, porque elle, até certo ponto, é a documentação de um momento da *psyché* nacional, e não pelas relações de qualquer especie que, por ventura, possa ter com os pretensos novos, novissimos, ou novicissimos de qualquer genero.

E este lado do assumpto leva-me a falar do espirito do autor ou de seu famoso humorismo.

O fundo das idéas no pessimismo e na criação de typos virá depois.

Machado de Assis é, disse eu, um representante do espirito brasileiro, mas n'um momento morbido, indeciso, annuviado, e por um modo incompleto, indirecto, e como que a medo.

A cousa é esta: o povo luso-americano, a nação brasileira é um producto recentissimo da historia. Não tendo ainda quatro seculos, a contar de quando se deu serio começo á colonisação, tem apenas pouco mais de setenta annos de vida autonoma. As raças que a constituíram ainda não se agglutinaram completamente; ainda campêam em grande parte separadas umas diante das ontras. Não tem vida economica integrada e propria, tanto que, ainda hontem, explorava o braço de alguns milhões de homens, e não passa fundamentalmente, sob o ponto de vista da producção e do trabalho, de uma feitoria estrangeira.

Não possui ainda ideaes conscientes a realizar, nem um corpo de tradições e feitos historicos que constituam uma especie de modelo, de paradigma para acções futuras.

Não se acha de posse de um organismo politico e social forte, original, seguro, capaz de expressar-se, indicando uma róta sua diante das nações contemporaneas; nem tambem lhe cabe ainda em partilha uma vasta cultura, disseminada pelas altas classes sociaes, manifestando-se

n'um grande centro, numa capital modelo, como Athenas, Roma, Pariz, Londres, Vienna ou Berlim, e produzindo uma philosophia, uma poesia, uma arte, uma litteratura originaes. Bem longe disto.

Deu-se, entretanto, uma especie de disparate, de contradicção intrinseca, que tive já occasião de notar, nomeadamente na *Historia da Litteratura Brasileira*: uma pequena elite intellectual separou-se notavelmente do grosso da população, e, ao passo que esta permanece quasi inteiramente inculta, aquella, sendo em especial dotada da faculdade de aprender e imitar, atirou-se a copiar na politica e nas letras quanta cousa foi encontrando no velho mundo, e chegámos hoje ao ponto de termos uma litteratura e uma politica exoticas, que vivem e procrêam em uma estufa, sem relações com o ambiente e a temperatura exterior. E' este o mal de nossa habilitade illusoria e falha de mestiços e meridionaes, apaixonados, phantasistas, capazes de imitar, porém organicamente improprios para crear, para inventar, para produzir cousa nossa e que saia do fundo immediato ou longinquo de nossa vida e de nossa historia. Durante os tempos coloniaes, a habil politica da segregação, afastando-nos dos estrangeiros, manteve-nos um certo espirito de cohesão. Por isso tivemos Basilio, Durão, Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Claudio e Silva Alvarenga, que se moveram n'um meio de idéas puramente portuguezas e brasileiras. Com o primeiro imperador e com a regencia, a pequena fresta aberta no muro de nosso isolamento por D. João VI

alargou-se, e começámos a copiar o romantismo politico e litterario dos francezes.

Macaqueamos a carta de 1814, transplantamos para cá as phantasias de Benjamin Constant, arremedamos o parlamentarismo e a politica constitucional do autor de *Adolphe*, de mistura com a poesia e os sonhos do autor da *René* e *Atala*.

O povo, este continuou a ser analfabeto.

O segundo reinado, com sua politica vacillante, incerta, incapaz, durante cincoenta annos, escancarou todas as portas, e fê-lo tumultuariamente, sem descrimen, sem criterio. A imitação, a macaqueação de tudo, modas, costumes, leis, codigos, versos, dramas, romances, foi a regra geral.

A communicação directa para o velho continente pelos paquetes de linha regular engrossou a corrente da imitação, da copia servil.

Mestiços de toda ordem e de todas as gradações deram-se ao luxo de ir aprender directamente no grande centro parisiense todos os vicios e desregramentos do pensamento e do character moderno. Incapazes organica-mente de aprender seleccionando, acharam-se nas condições descriptas por Jacob Grimm, quando nos fala d'aquelles viajantes que viajam sem aprender e esquecem o pouco que sabem no meio do muito que ignoram.

Com poucas excepções, têm sido assim os nossos.

Ignorando quasi tudo do Brasil, desaprendem o pouco que sabem no meio do muito que desconhecem lá fóra.

E eis porque, como copia, como arremedo, como *pastiche* para inglez vêr, não ha povo que tenha melhor constituição no papel, melhores leis no papel, melhor organização eleitoral no papel, melhor organização dos Estados no papel, melhores programmas de ensino no papel, melhor arranjo municipal no papel, melhores orçamentos no papel, melhor policia no papel, tudo, tudo melhor... no papel. A realidade é horrivel! E a litteratura, em que pese a Machado de Assis, não se furta, não pode se furta á regra geral. Nas pretensões, nas vaidades, nos arrengãos, na fatuidade de certos typos, somos uma especie de Athenas. Mas, oh! dôr! nossos dramas, nossas comedias, nossos romances, nossos contos, nossos poemas, nossas criticas, nossas obras de historia, nossos tratados de esthetica, nossos livros de philosophia, nossas obras de sciencia, na generalidade, dando ás cousas o seu exacto rigor, não valem nada, para nada prestam.

A' parte quasi sempre certa douradura externa, são pôdres dentro; encerram terra e cupim.

E' que a simples e desordenada imitação, sem criterio, de cousas alheias, não póde crear uma grande litteratura, como a copia servil da constituição ingleza hontem, e da americana hoje, não póde fazer um grande povo. E a consciencia deste estado de penuria real, apparecendo em certos espiritos, a datar dos dois ultimos decenios do reinado D. Pedro II, retirou-os dos sonhos, do romantismo, da mentira, da fallacia espiritual e politica.

A guerra do Paraguay tinha sido uma especie de momento de crise.

A nação tinha sahido vencedora é certo; porém a difficuldade quasi insuperavel da victoria bem tinha mostrado que estavamos pôdres. Era no anno climaterico de 1870.

Acabavamos de gemer no Paraguay; a França perdia duas provincias; a unidade se fazia n'Allemanha; o papado perdia o poder temporal; Roma passava a ser a capital do reino italiano.

O abalo era geral. Os republicanos nacionaes attiraram ao povo seu manifesto; a questão da abolição do captivo agitava-se; teve-se de fazer uma especie de balanço de nosso estado mental, e a escola critica do Recife appareceu.

O longo periodo de macaqueação da litteratura romantica brasileira, começando em Chateaubriand e acabando em Victor Hugo, deu lugar a que alguns homens de talento tivessem certos momentos lucidos e sentissem como brasileiros, esquecendo por instantes, todo o *fatras* estranho. A essas horas de santo esquecimento é que vemos os melhores versos de Gonçalves Dias, as melhores scenas de Penna e de Macedo, as melhores paginas de Alencar, as melhores canções de Varella, de Bernardo Guimarães, de Mello Moraes Filho, de Castro Alves, de Bittencourt Sampaio, de outros e outros.

Depois de 1870 a continuação do romantismo, com suas illusões, com suas miragens, era impossivel. O momento era de desgosto e de crise.

Os espiritos mais resolutos travaram das armas da critica e puzeram-se a estudar e a aprender, aconselhando aos seus patricios a senda da realidade, abrindo-nos os olhos á nossa ignorancia fatua e nociva. D'ahi certas pesquisas em philosophia, litteratura, historia, critica, direito, sciencias, que começaram de 1870 em diante a surgir. Tal o caminho aberto pela escola do Recife e tal o seu significado geral. 1

Velhos romanticos, que pareciam impenitentes, entraram nessa renovação; e tal foi o caso de Tobias Barreto, Araripe Junior, Souza Pinto e outros, a que se vieram juntar Rocha Lima, Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco e diversos, que estudaram ali. No Rio de Janeiro as cousas andaram mais devagar. Em 1875, fazendo eu uma viagem a esta cidade, e publicando aqui sob o titulo de *Ethnologia Selvagem* uma severa critica de um livro de Couto de Magalhães, tive ensejo de ver que a nota romantica de José de Alencar, Joaquim Serra, Escragnolle Tannay e Machado de Assis era ainda o tom geral. Só mais tarde é que a acção dos emigrados do norte foi apparecendo aos poucos, com Capistrano de Abreu, Araripe Junior, e o autor destas linhas, cuja acção critica, aliás, datava do grande anno de 1870, como já foi dito n'outro lugar, mas não faz mal repetir a verdade, com estudos publicados sobre Santa Helena Magno, Machado de Assis, Victoriano Palhares, Castro Alves, e trabalhos varios sobre a ethnographia brasileira, o *folk-lore*, a historia litteraria, etc.

Houve certo grupo de românticos brasileiros que não tiveram a coragem de atirar fóra a velha bagagem e tomar outra nova, entrando nesse renovamento do pensar nacional pela critica, e começaram a se mostrar amuados, displicentes, ironicos, desgostosos, rebuscados, mysteriosos e pessimistas.

Impotentes já, pela idade, de tomar um partido definido entre as grandes correntes philosophicas que dividem o seculo, materialismo, positivismo, evolucionismo, monismo transformistico, hartmannismo, ficaram a buri-lar phrases com o ar enigmatico de fakirs, falando em nome de não sei que cousas occultas que fingem saber.

São os iniciados n'um certo pessimismo de pacotilha, que anda ahi a exhibir-se em galerias e memorias posthumas, em diarios de sacristães, em palestras entre santos e outras babuzeiras doctoraes e insulsas.

Neste singular grupo o fecundo Machado de Assis é chefe de fila.

Elle sentio tambem, n'uma certa hora, o desgosto que, em momento psychologico, se apoderou d'alma brasileira. Mas sentio-o de leve. E' um documento dessa crise pelo lado da impotencia visionaria, se me permitem falar assim franco.

Papeis avulsos, Varias historias, Braz Cubas, Quincas Borba... são amostras desse humorismo pacato, desse pessimismo livresco e intencional, que atacou o espirito publico, antes que elle tomasse gosto e geito para passar adiante.

Não esquecer que quando falo em espirito publico, é apenas um modo de dizer ; a nação entre nós não tem nada com estas cousas. O espirito publico alli é apenas o espirito do grupo minuscuro que neste paiz faz a litteratura.

Quanto ao povo em geral, comquanto não esteja mais no velho aferro de suas crenças tradicionaes, e tenha perdido quasi a poesia dos velhos ideaes, tem-no feito mais por uma singular leviandade do que por conquistas sérias da cultura. E' *analphabeto e descrente*, cousas que juntas se acham raramente.

Em seu magnifico ensaio sobre a *Vida religiosa no Brasil*, dizia em 1882 o nosso mais illustre philosopho naquelle seu estylo primoroso : « Não é mais licito deixarmo-nos illudir por phrases vans, que não aguentam uma analyse severa. Ainda que de longe, muito de longe, tambem eu pertenco aos — *Wir* —, a que se refere o venerando autor da *Antiga e Nova Ff.* Sim, nós não somos mais christãos.

E, pelo que particularmente me toca, na qualidade de filho da egreja romana, vou ainda adiante : nós não somos mais catholicos.

Attestam-no o prosaismo e a esterilidade de nossa vida religiosa. Creio que ninguem será capaz de contestal-o.

Já não basta perguntar, onde está o horto de delicias, onde estão as flores, os fructos e os quatro rios do Eden.

São velhos sonhos, ou velhas utopias, de que ninguém mais se lembra, nem sequer para compôr uma figura de rhetorica.

Adão e Eva mesmo estariam de todo esquecidos, se por ventura, expulsos pelo gladio igneo do archanjo, não se tivessem refugiado no *paraíso* de Milton, bem que até nesse refugio não estejam livres de já ir produzindo uma certa impressão comica. Não é isso que merece menção.

O que deve ser ponderado é de muito maior alcance. Com effeito, nós somos um povo inculto.

Ainda não affirmamos em cousa alguma a nossa individualidade, o nosso character nacional. A philosophia e a sciencia, entre nós, continuam a ser uma especie de *roupa feita* em Pariz, que é uma profanação descozer e recortar, e como taes nenhuma influencia têm podido seriamente exercer sobre a evolução das nossas idéas religiosas. Donde vem, pois, que, sem o salutar reactivo da cultura, nosso povo, não obstante, apresenta vivos signaes de modificação radical em suas crenças? Quem disse ao povo rude e analphabeto que o céu póde ser bom, porém a terra é melhor, que esta pequena filial cá em baixo é cem vezes preferivel á grande séde da empresa lá em cima?

Quem lhe disse, quem lhe incutiu no espirito que é mister, até sobre Deus e suas promessas, transmittidas pelos seus prepostos, fazer a parte do scepticismo?

O problema é grave; e não é a mim que incumbe resolvê-lo. Em todo caso, não deixa de causar estranheza aos olhos do observador despreoccupado que um povo

ignorante vá pouco a pouco, insensível e inconscientemente, partindo as cadeias da superstição tradicional.

Feuerbach disse que o desenvolvimento de Deus, pois que Deus também se desenvolve, tem por presupposto o desenvolvimento dos homens.

Póde ser. Mas faço a seguinte nota: «o desenvolvimento que por ventura, no correr dos ultimos vinte annos tenha tido o espirito do povo brasileiro, é quasi nullo: alguma cousa, talvez, similhante ao que póde ter-se dado, durante esse mesmo tempo, com o resfriamento da terra, ou com a força que o sol, de então para cá, tenha gasto em dar movimento e vida a tudo que lhe está sujeito; ao passo que o nosso Deus de hoje não é precisamente o Deus de ha vinte annos. Dir-se-hia que envelheceu um pouco e assumiu a posição de um bom avô, condescendente em extremo e capaz de tolerar o que o melhor dos pais não toleraria. E' digno de reflexão: o povo brasileiro, que ainda não sabe lêr, já sabe entretanto rir-se de muita cousa respeitavel e sagrada.»

Eis ahi; é uma critica ditada pela verdade sobre o estado espirital da maioria de nossas gentes. Emquanto a *pessima escola*, que iniciou a critica livre no Brasil desbravava o terreno, estudando factos e pregando idéas, como estas citadas, o autor de *Braz Cubas* entregava-se ao humorismo de almanak, ao pessimismo de fancaria, que traz illudidos uns poucos de ingenuos que acham aquillo maravilhoso.

XIII

O celebre fluminense passa, aos olhos de certa critica indigena, como o typo mais completo do humorismo entre nós. Tenho algumas duvidas a oppôr a esse modo de julgar, que se me antolha soffrivelmente falso.

O tão apregoadado cultivo do *humour* no autor do *Yayá Garcia* não é natural e espontaneo; é antes um resultado de uma aposta que o escriptor pegou comsigo mesmo; é um capricho, uma affectação, uma cousa feita segundo certas receitas e manipulações; é, para tudo dizer n'uma palavra, uma imitação, aliás pouco habil, de varios autores inglezes.

A prova está em que similhante nota não apparece, incondicional e irreductivel, nos mais antigos trabalhos do famoso romancista.

Ora, o *humour* não é cousa que se possa imitar com vantagem; porque elle só tem merecimento quando se confunde com a indole mesma do escriptor.

O *humour* de imitação é a caricatura mais desasada que se póde praticar em litteratura.

O humorista é, porque é e porque não póde deixar de ser. Dickens, Carlyle, Swift, Sterne, Heine foram

humoristas fatalmente, necessariamente ; não podia ser por outra fôrma. A indole, a psychologia, a raça, o meio tinha de fazel-os como foram. O humorismo não é cousa que se possa guardar n'algibeira para n'um bello dia tirar para fóra e mostrar ao publico.

Thomaz Hood, Heine, Dickens, Fielding, Sterne, Carlyle, Richter, ninguem de bom senso pôde acreditar que escrevessem as *Americanas*, *Helena*, *Yayá Garcia*, *A Mão e a Luva*, *Resurreição*, *Chrysalidas*, isto é, seis livros onde tudo poderá existir, menos o *humour*, seis livros que representam um *grande mortalis ævi spatium* do poeta, sem que este dêsse, de longe ou de perto, o menor signal de occultar em si o espirito mephistophelico dos humoristas de raça.

Machado de Assis hoje é fundamentalmente o mesmo eclectico de trinta ou quarenta annos atraz: meio classico, meio romantico, meio realista, uma especie de *juste-milieu* litterario, um homem de meias tintas, de meias palavras, de meias idéas, de meios systemas, aggravado apenas com a mania humorista, que não lhe vai bem, porque não fica a character n'um animo tão calmo, tão sereno, tão sensato, tão equilibrado, como é o autor de *Tu sò, tu, puro amor*.

Hontem, como hoje, a manifestação mais aproveitavel de seu talento foi certa aptidão de observação comedida e a capacidade de a revestir, em suas obras, de uma fôrma correcta, posto que nem a observação fosse profunda, nem a fôrma brilhante.

Hontem o poeta e romancista diluía por tudo aquillo certo lyrismo, doce, suave, *tranquillo*; hoje tem velleidades de pensador, de philosopho, e entende que deve polvilhar os seus artefactos de *humour*, e, ás vezes, de scenas com pretensão ao *horrivel*.

Quanto ao *humour*,—prefiro o de Dickens e de Heine, que era natural e incoercivel; quanto ao *horrivel*, agrada-me muito mais o de Edgar Poë, que era realmente um êbrio e louco de genio, ou o de Baudelaire, que era de facto um devasso e epileptico. O *humour* de Machado de Assis é um pacato director de secretaria de Estado, e o *horrivel* de seus livros é uma especie de burguez prasenteiro, condecorado com a commenda da rosa...

Nem interessam e nem mettem medo.

Podem figurar nas paginas das folhinhas e almanaks entre as pilherias contra as sogras.

O temperamento, a psychologia do notavel brasileiro não são os mais proprios para produzir o *humour*, essa particularissima feição da indole de certos povos. Nossa raça em geral é incapaz de o produzir espontaneamente.

Não sou eu quem o diz; são os maiores mestres da critica em nosso tempo. Hennequin, Taine e Scherer são unanimes em declarar-o: o primeiro a proposito de Dickens, o segundo em relação a Carlyle, o ultimo falando de Sterne.

E como muita gente, que se diz muito adiantada e singularmente sabida, anda ahi a confundir aquelle especial sainete do espirito germanico com a ironia, e até

com o comico, o chiste, a graça, a pilheria proprios dos povos latinos, não é fóra de proposito lembrar a Machado de Assis que até elle mesmo anda illudido sobre uma qualidade espirital, que lhe não assenta como ingenuamente acredita.

Ouçã o pai de Helena, de Yayá Garcia, de Virgilia, de Valeria, de Estella, de Livia, de Guiomar, os typos femininos mais alheios ao humour, que já uma vez imaginação de artista creou, ouça o doce poeta a lição dos chefes da critica: « A lista dos desacertos, das omissões e dos defeitos de Dickens seria extensa.

Logo ao primeiro exame de um livro seu, o leitor pratico reconhecerá sem esforço que tem diante um autor para quem o mundo exterior não existe de modo algum em si, que não lhe procura reproduzir nem os acontecimentos usuaes, nem o aspecto pittoresco, ou os aggregados sociaes, ou os seres vivos, taes quaes esses todos e esses individuos se apresentam ao conhecimento normal.

E' inutil buscar nelle uma psychologia profunda ou vastos assumptos, não é nem um romancista de nossa escola realista ou idealista, nem até um verdadeiro romancista, e menos ainda o que costumamos chamar um artista.

E' um *humorista*; e é isto o que os inglezes respondem a todas as criticas que dirigimos ao ultimo de seus contistas, e é exactamente o que se deve procurar comprehender, se se desejar explicar Dickens, determinar-lhe a natureza da arte, do espirito, e analysar por este modo,

n'um typo extremado, uma propriedade mal conhecida d'alma n'uma categoria inteira de homens, mais emotivos do que racionadores. Se se tomar o termo inglez *humour* no sentido etymologico, verdadeiro e mais extenso, achar-se-há que elle exprime, n'um escriptor, uma queda especial em se deixar affectar, em commover-se, em experimentar certo *humor* (*humeur*) a proposito de qualquer acto do entendimento e de maneira a reduzir por essa fórma o jogo e a importancia das operações mais intimamente intellectuaes.

Um escriptor humoristico será, portanto, um homem que tende a não experimentar, e, pois, a não reproduzir cada uma de suas sensações, de suas idéas, de suas imaginações, de suas percepções totaes ou fragmentarias, senão sob a fórma de sentimentos, d'affectos, de paixões, d'emoções d'aversão, ou pavor, ou compaixão, ou interesse, ou alegria, e que se commove dess'arte constantemente, e, no sentir de espiritos d'outra tempera, sem motivo, sem razão.»

Onde no fleugmatico autor das *Phalenas* e de *Varias Historias* existe essa hypertrophia da sensibilidade, esse dom de colorir d'emoção, de dôr, d'affecto, de colera, d'enthusiasmo, de paixão, as idéas que lhe atravessam o cerebro? Não sei ; e será bem difficil que m'o. indiquem convincentemente. A cousa é de facil explicação. Machado de Assis, de algum tempo a esta parte, tem revelado certo gosto em fazer espirito, em arriscar sua pilheria, seu *bon mot*, e tem procurado encapar o espirito n'umas attitudes

philosophantes e n'umas roupagens exquisitas de missionario funebre. Lançando mão do artificio de encaixar a brincadeira em malas de defuntos, acredita que está a fazer *humour*. E' por isso que quasi todos os seus contos ou romances são ultimamente umas historias de papeis velhos, de memorias posthumas, de diarios de suicidas, de sacristães que deixaram narrativas, de velhos peraltas que escreveram recordações, etc., etc.

O artificio é evidente, a macaqueação de Sterne, por exemplo, é palmar e não tem graça quasi nenhuma. Oh! Sr. d'Assis, volte a uma arte mais de accôrdo com a verdade e a sua propria indole.

Mas convido-o a lêr agora o grande Taine, o reformador da critica em nosso seculo.

E' ainda mais terminante que o autor d'*E'crivains français*.

Após duas ou tres pinceladas para definir o genio de Carlyle, escreve Taine : « Similhante disposição d'espirito produz o *humour*, palavra intraduzivel, porque a cousa nos falta. O *humour* é a especie de talento que pôde divertir germanos, homens do Norte ; ajusta-se a seu espirito, como a cerveja e a aguardente a seu paladar. A homens d'outra raça é desagradavel ; nossos nervos o acham demasiado aspero e amargo. Entre outras notas, esse talento abrange o gosto dos contrastes. Swift pilheria na attitude severa dum padre que está a officiar e desenvolve, com a maior convicção, os absurdos mais extravagantes. Hamlet esmagado pelo terror, desesperado, crepita

de graçolas. Heine mofa de suas emoções exactamente quando se entrega a ellas. Gostam dos disfarces, põem uma veste solemne nas idéas comicas, um casaco de arlequim nas idéas sérias.

Outro signal do *humour* é o esquecimento do publico. O autor nos declara que não se preocupa connosco, que não sente necessidade de ser comprehendido nem applaudido, que pensa e diverte-se sosinho, e que se nos desagradam seu gosto e suas opiniões, nada nos resta a fazer senão levantar as tendas e sair. Elle quer ser requintado e original a seu bel-prazer; está em seu livro como em sua casa, de portas fechadas, em chinelos, em trajos de dormir, ás vezes sem camisa. Carlyle tem estylo proprio e nota as idéas a seu modo; nós é que temos a obrigação de o entender. Faz allusão a um dito de Goethe, de Shakespeare, a uma anecdota que lhe desperta a attenção na occasião; tanto peor para nós, se não o sabemos. Grita quando lhe vem á gana; tanto peor para nós, se nossos ouvidos não se arranjam bem com o barulho. Escreve conforme os caprichos da phantasia, com todos os altos e baixos da invenção; tanto peor para nós, se nosso espirito vai n'outro andar. Nota de relance todos os matizes, todas as extravagancias de sua concepção; tanto peor para nós, se a nossa não chega tão alto.

Um ultimo signo do *humour* é a irrupção subita de uma alegria violenta soterrada debaixo de um montão de tristezas. A indecencia grosseira apparece bruscamente.

A natureza physica, occulta e oppressa por habitos de reflexão melancolica, surge de repente por momentos. Vêdes uma careta, um gesto de palhaço, immediatamente tudo entra de novo na solemnidade habitual.

Juntai, finalmente, os esplendores imprevistos da imaginação. O humorista contém sempre em si um poeta; quando menos se espera, na bruma monotona da prosa, no final de um raciocinio, brilha uma paisagem, bella ou feia, pouca importa; basta que impressione.

Estas desigualdades pintam ao vivo o germano solitario, energico, imaginoso, amador de contrastes violentos, equilibrado na reflexão pessoal e triste, com reviravoltas inesperadas do instincto physico, tão diverso das raças latinas e classicas, raças de oradores e de artistas, que só escrevem pensando no publico, só apreciam as idéas concatenadas, que só se deliciam pelo espectaculo das formas harmoniosas, cuja imaginação é regulada e cuja propria volupia parece natural.»

Ainda uma vez pergunto: onde acha-se tudo isto em nosso Machado de Assis, tão logico, tão lucido, tão socegado, tão tranquillo?

Não sei bem ao certo se elle é um germano em qualquer grau; não sei se n'America do Norte os mestiços, quando falam de si, dizem: *nós os saxonios*...

Aqui no Brasil a maior prova, a mais caracteristica do humour nelles, é quando dizem: *nós os latinos!* — E' impagavel.

Em todo caso, germano ou latino, o nosso interessante autor de *Papeis avulsos* nada menos é do que um verdadeiro humorista.

Este manifesta-se innegavelmente na criação de typos e nosso Machado até hoje não creou um só typo do genero.

Todas as suas figuras são d'outra linhagem bem diversa da especie de *Falstaff*, de *David Copperfield*, de *Nicolas Nickleby*, de *Pickwick*, de *Sartor Resartus*, de *Tristram Shandy*, e de tantos outros dessa catadura estranha.

Nada disto em Machado.

Seu typo mais complicado, e que poderia illudir, é o lucido e geitoso *Braz Cubas*, que não passa de uma especie de *Primo Basilio*, cuja *Luiza* é uma *Virgilia* muito réles, cujo *Paraíso* é uma casinha na *Gamboá*, cujas entrevistas com a amante adúltera não têm graça, nem poesia, nem aquella fragoa de realismo que se nos deparam nas paginas do romance portuguez, evidentemente imitado sem necessidade pelo autor brasileiro.

A carcassa dos dois livros é a mesma; o arranjo externo apenas é que differe. O fundo é identico; o mesmo adulterio pulha, o mesmo marido doutoral e fraco, o mesmo namorado, apenas com a liberdade de ser elle proprio que narra as suas aventuras em memorias posthumas, as mesmas passadas, menos o vigor da verdade pegada em flagrante, a mesma *Virgilia* igual a *Luiza*, o mesmo *Paraíso*, apenas sito nas proximidades do *Sacco do Alfere*...

Mas em tudo aquillo ha sómente a mascarada exterior do humour ; a illusão provém da maneira porque o autor distribuio os capitulos, imitando Sterne.

Tirem do livro aquella patacoada dos pequenos capitulos com titulos estapafurdios e aquellas reticencias pretenciosas, que apparecem a miudo, e diabos me levem, se ali ha o *humour*, digno deste nome.

Tirem a tal engrenagem apparente, e *Cubas* e *Quincas* são dois livros mais socegados do que *Helena* e *Yayá Garcia*, porque nestes, ao menos, ha alguns typos de mulheres que são verdadeiramente sympathicos e dignos de attenção.

XIV

O terceiro mestre da critica moderna, cujo testemunho sobre o humour eu disse que devia ser ouvido, é o sabio Edmond Scherer.

A pagina a respeito deste assumpto pelo grave pensador escripta, é mais profunda do que a do proprio Taine.

Este possuia mais que o outro a paciencia para escrever grossos volumes e certa preocupação systematisante ás mais das vezes illusoria.

Scherer só escrevia artigos e pequenos artigos; tinha porém mais idéas e mais illustração real.

Disse elle, a proposito do livro de Paul Stapfer, intitulado — *Laurence Sterne, sa personne et ses ouvrages*, apparecido em 1870: «Sterne é um *humorista*; e o *humour* é tão profundamente o caracteristico de seus escriptos, que têm elles servido para fixar o sentido do vocabulo. Se Sterne, porém, é o typo do humour, não é o seu unico representante.

A antiguidade, já muitos notaram, não o conhecia. Os povos latinos parecem menos capazes dos sentimentos que elle suppõe do que as nações germanicas.

A Hespanha, entretanto, teve Cervantes e a França Rabelais.

A Allemanha possui João Paulo ; na Inglaterra Shakespeare está cheio desse genero d'espírito e Carlyle tem tido muito trabalho para assimilal-o.

Que é, pois, o humour? Por outros termos, que ha de commum entre os escriptores que acabámos de citar? Paul Stapfer, neste ponto, deu-nos um excellente capitulo.

Parou, por seu lado, n'uma definição segundo a qual o humorista seria o *pintor tragi-comico do homem e do absurdo humano*.

E' pouco mais ou menos isto, apesar de que esta fórmula não diz lá mui grande cousa.

E' possivel, creio eu, ir um pouco mais ao fundo; o humour parece-me ser uma noção esthetica tão susceptivel de analyse e definição, quanto qualquer outra. Partamos do riso, pois que elle nos é mais familiar.

O riso é excitado pelo ridiculo, e o ridiculo nasce da contradicção entre o emprego de uma cousa e a sua função natural.

Cae um homem de pernas para o ar: não podemos deixar de rir, a menos, todavia, que a queda acarrete perigo e um sentimento seja, dest'arte, repellido por outro. Os terrores de Sancho, as gabolices de Falstaff, as trapças da Scapin nos divertem por causa de sua desproporção com as circumstancias ou de seu desaccordo com os factos. Tal é a lei do mais delicado gracejo e até do

mais grosseiro *calembourg* ; no fundo do prazer que sentimos, cada vez que rimos, ha sempre a surpresa produzida por um disparate.

Quanto ao effeito physico determinado por esta surpresa, é assás conhecido para dispensar uma descripção especial : admirados e deleitados, experimentamos um rapido espasmo dos musculos da face e dos orgãos da voz.

Eis a analyse do riso; está completa, possuimos o phenomeno todo.

Augmentemos agora os factos; estendamos os termos: o disparate não está mais no duplo sentido de uma palavra, entre uma attitude e o decoro habitual, entre a loucura de um instante e a razão que fórma o amago da vida; está entre o homem mesmo e seu destino, entre a realidade inteira e o ideal que, com motivo ou sem elle, se impõe a nosso espirito como a lei geral das cousas.

De todos os lados irrompe o desaccordo; concebemos a nós mesmos como feitos para a felicidade e para a virtude, destinados a tudo o que é verdadeiro, nobre, sublime, e, por pouca sinceridade que tenhamos, somos forçados a reconhecer-nos fracos, vacillantes, limitados, prosaicos, versateis. Não ha heróe para seu criado de quarto, porque o criado de quarto conhece todas as tolices occultas e as pequenezas do heróe.

D'ahi uma grande e universal comedia, a comedia humana, a feira das vaidades!

Supponhamos agora que um artista tenha apanhado com toda a vivacidade esta ironia do destino, com a

condição de não irritar-se ou indignar-se com ella, porque aprendeu a ser tolerante.

Não se zanga com a natureza humana só porque esta corresponde tão pouco a um ideal, arbitrario tambem por ventura.

Sabe compadecer-se e conformar-se com os terriveis desfallecimentos de nossa pobre especie.

Supporta com certa compaixão e sympathy todas estas tristezas, estas miserias, estas mesquinhas, estas pobrezaas.

Não acha, no fundo, que tudo vá tão mal, nem que a humanidade seja tão digna de lastima, nem que na terra só existam velhacos ou sclerados.

Longe disso: gosta de colher por toda a parte os vestigios de uma nobreza nativa e inalienavel.

Cumprê accrescentar apenas que elle sabe, ao mesmo tempo, que em tudo aquillo ha um reverso, e gosta de voltar o avesso do estofo, e mostrar a virtude com seu cortejo de insignificancias e ridiculos, e assignar o grotesco até nas cousas veneraveis e veneradas. A ironia de nosso artista é temperada por uma especie de melancolia; diverte-se com a humanidade, porém, sem amargor. A percepção dos desequilibrios do destino humano, por um homem que por sua vez não se separa da humanidade, e que supporta com bonhomia suas proprias fraquezas e as de seus caros semelhantes, tal é a essencia do *humour*.

Comprehende-se o genero de facecia que d'ahi resulta: uma qualidade de satyra sem fel, um mixto de

cousas bregeiras e tocantes, o comico e o sentimental que mutuamente se penetram e se mesclam. Não é tudo ainda. O humorista, em ultima analyse, é um sceptico. Essa tolerancia das miserias humanas que o caracteriza só pôde provir de um enfraquecimento do ideal nelle proprio.

Vê bem que nossos ridiculos têm por vezes natural escusa, ou occultam até virtudes; porém vê tambem que nossas virtudes têm seus ridiculos; e tudo isto não é compativel com uma vigorosa convicção moral. O facto, para elle, obscurece a idéa a que o facto corresponde tão imperfeitamente, tão desägeitadamente. Donde resulta que nosso humorista faz joguete a seu bel prazer com o seu assumpto. Não toma muito ao serio um espectaculo que para elle não é mesmo outra coisa senão um espectaculo, algo de inanido e vasio. Leva metade apenas do coração para a sua obra de moralista e tem sómente meia sinceridade.

Tem por alvo principal divertir-se e divertir os outros.

E é por isso que exaggerará o genero de gracejo a que se entrega; multiplicará os contrastes e as dissonancias; procurará o extravagante só por ser extravagante.

Precisará da pilheria á força, fará invenções burlescas, cahirá no equivoco e na palhaçada.

Não impede isto que a disposição d'animo do humorista seja provavelmente afinal de contas a mais feliz que

se possa ter na vida, seu ponto de vista o mais justo d'onde seja possível julgá-la.

O satyrico se indigna, o cynico mofa, o humorista diverte-se e se enternece alternativamente.

O humorista não tem os defeitos do *pessimista* que reduz tudo a uma concepção puramente pessoal, e que zanga-se com a realidade porque não é tal qual elle a concebe, nem os do *optimista* que fecha os olhos a tudo que no mundo real falta para que corresponda ás exigencias do coração e da intelligencia.

O humorista sente o que a realidade tem de imperfecto e resigna-se com o bom humor que sabe que nossa satisfação não é a regra das cousas, que a fórmula do universo é necessariamente mais vasta do que as preferencias de um dos seres contingentes de que se compõe este universo. O humorista é sem duvida o verdadeiro philosopho, com a condição, todavia, que seja realmente um philosopho.»

O trecho é completo e o melhor que conheço sobre o assumpto. Notarei apenas que ha injustiça no que diz de Carlyle, e lacuna no tocante á Allemanha, por não haver uma referencia a Heine.

Tambem não me parece acertada a entrada de Cervantes e Rabelais para o gremio dos humoristas. São antes, a meu vêr, dois grandes comicos, ao gosto de Aristophanes e Molière; porque não devemos confundir a alegria, a graça, a *verve* com o humour.

O comico ri pelo gosto de rir, porque em tudo sabe farejar o grotesco. O humorista ri com melancolia, quando devia chorar; ou chora com chiste, quando devia apenas rir. A situação é diversa e mais complicada do que a do espirito simplesmente comico.

Como quer que seja, não encontro em Machado de Assis os caracteristicos do humorista descriptos por Edmond Scherer e tão perspicazmente por elle analysados.

Não tem aquella visualidade subjectiva da contradicção entre o ideal e a realidade no mundo e no homem, que o force constantemente á nota artistica do humour.

Não tem aquella effusão continua da sensibilidade, que tal estado d'alma determina. Não possui aquella particular superioridade de julgamento dos homens e das cousas, e descamba quasi sempre, em seus ultimos livros, para o pessimismo, que não é o humorismo, como demonstrou Scherer, e algumas vezes talvez para uma especie de misanthropia, cousa por outro lado bem diversa do pessimismo, como em breve se mostrará.

E' preciso, porém, insistir neste ponto: se Laurence Sterne é o typo de escriptor humorista e os seus livros são o modelo do genero, não ha no mundo das letras dois homens mais dissimilhanes do que o autor de *Resurreição* e o de *Tristram Shandy*, e não existem obras mais differentes do que as do autor inglez e as do brasileiro.

Sterne era um mixto singular de volubildade e paixão, de sentimentalismo e leviandade. Pastor protestante e crente na sua religião, era um perpetuo namorado, mettido em aventuras apaixonadas que o levavam quasi ao delirio. Filho de militar inglez, conheceu a vida da caserna e das guarnições de cidade em cidade; de familia burgueza, e mais tarde pastor d'aldeia, tendo passado pela Universidade, pôz-se em contacto com a média da sociedade, onde são mais tenazes as recordações e mais variados os typos sociaes.

D'ahi a grande fonte em que se abeberava a sua imaginação travessa, o seu character inconstante, a sua indole versatil.

Por isso é que encheu *Tristram Shandy* e a *Viajem sentimental* de tantas scenas que são verdadeiros prodigios d'arte humoristica e conseguiu crear dois dos typos mais originaes da litteratura universal. Algumas destas scenas, como a historia de Le Févre, a morte de Yorik, os dois asnos, o asno morto de Nampont, e o de massa pão, a mosca do irmão de Tristram, são, no dizer de Scherer, verdadeiras obras primas. E o critico tem toda razão. Quanto aos typos, isto é, os dois manos Shandy, são dois caracteres animados, duas creações cheias de realidade, de movimentação, de força, de vida, em summa, que parecem dois entes tomados ao natural, typos representativos de duas classes de seres humanos, sem abstracção, e na mais completa espontaneidade da existencia.

Nem o nosso sensato, manso e tímido Machado se parece com Laurence Sterne, nem elle jámais ideiou nada, que, de longe ou perto, lembre os dois irmãos *Shandy*.

Seu *Braz Cubas* é um adultero enjoativo e seu *Quinbas Borba* um lunático sensaborão. Ambos pretenciosos, e insignificantes na sua pretenciosidade, nem um delles é um exemplar vivo da humanidade; são typos convencionaes, paspalhões de papelão: verdadeiros abortos de uma imaginação sem real força creadora.

XV

O *esprit* em Machado de Assis não tem graça quasi nenhuma; é, muitas vezes, contrafeito e desgeitoso. Devo documentar este asserto, percorrendo seus livros. No conto *Segredo de Augusta*, falando de Adelaide, filha desta heroína, dá isto com pretensão a chiste: «Todavia, era bem capaz de apaixonar um homem, sobretudo se elle fosse poeta, e gostasse das virgens de quinze annos, e até porque era um pouco pallida, e os poetas em todos os tempos tiveram sempre queda para as creaturas descoradas.»

Em *Linha recta* e *Linha curva* conversam um Tito e uma Emilia e dizem cousas assim:

« — Foi no tempo do meu primeiro casamento.

— Ah! foi casada duas vezes?

— Em dois annos.

— E porque enviuvou da primeira?

— Porque meu marido morreu, disse Emilia rindo-se.

— Mas eu pergunto outra cousa. Porque se fez viuva, mesmo depois da morte de seu primeiro marido? Creio que poderia continuar casada.

— De que modo? perguntou Emilia com espanto.

— Ficando mulher do finado. Se o amor acaba na sepultura acho que não vale a pena de procural-o neste mundo.

— Realmente, o Sr. Tito é um espirito fóra do commun.

— Um tanto. »

Mais adiante esse mesmo Tito diz: «Eu sou assim; appareço quando não me esperam. Sou como a morte e a sorte grande.»

Em *A desejada das gentes*: «Muitos vinham alli tomar um calix de esperanças, e iam cear a outra parte.» Mais adiante: «Respondi-lhe que a amisade era, em mim, desde muito, a simples sentinella do amor, não podendo mais contel-o, deixou que elle sahisse.» No *Enfermeiro*: «Olhe, eu podia mesmo contar-lhe a minha vida inteira, em que ha outras cousas interessantes, mas para isso era preciso tempo, animo e papel, e eu só tenho papel; o animo é frouxo, e o tempo assemelha-se á lamparina de madrugada. Não tarda o sol do outro dia, um sol dos diabos, impenetravel como a vida. Adeus, meu caro senhor, leia isto e queira-me bem; perdôe-me o que lhe parecer máo, e não maltrate a arruda, se não lhe cheira a rosas. Pediu-me um documento humano, eil-o aqui. Não me peça tambem o imperio do Grão-Mogol, nem a photographia dos Macchabeus; peça, porém, os meus sapatos de defuncto e não os dou a ninguem mais.»

Em *A Igreja do Diabo*: «Mas não quero parecer que me detenho em cousas miudas, não falo, por exemplo,

da placidez com que este juiz de irmandade, nas procições, carrega piedosamente ao peito o vosso amor e uma commenda...» Em o *Lapso*: «No fim da rua do Ouvidor, que ainda não era a via dolorosa dos maridos pobres.» Em *Ultimo Capitulo*: «Cahi de costas; mas, assim mesmo de costas, quebrei o nariz, porque um pedaço de telha, mal seguro, que só esperava occasião de vir abaixo, aproveitou a commoção e caiu tambem. O ferimento não foi grave nem longo; tanto que meu pai caçou muito commigo. O conego Brito, de tarde, ao ir tomar guaraná connosco, soube do episodio e citou o rifão, dizendo que era eu o primeiro que cumpria exactamente este absurdo de cair de costas e quebrar o nariz.» Mais abaixo: «Rufina (permittam-me esta figuração chromatica) não tinha a alma negra de lady Macbeth, nem a vermelha de Cleopatra, nem a azul de Julieta, nem a alva de Beatriz, mas cinzenta e apagada como a multidão dos seres humanos.»

Mais adiante e quasi ao findar: «Hoje, almocei, fumei um charuto e debrucei-me á janella. No fim de dez minutos, vi passar um homem bem trajado, fitando a miudo os pés. Conhecia-o de vista; era uma victima de grandes revezes, mas ia risonho, e contemplava os pés, digo mal, os sapatos. Estes eram novos, de verniz, muito bem talhados, e provavelmente cosidos a primor. Elle levantava os olhos para as janellas, para as pessoas, mas tornava-os aos sapatos, como por uma lei de attracção, anterior e superior á vontade. Ia alegre; via-se-lhe no

rosto a expressão da bemaventurança. Evidentemente era feliz; e, talvez, não tivesse almoçado; talvez mesmo não levasse um vintem no bolso. Mas ia feliz, e contemplava as botas. A felicidade será um par de botas?»

Em — *Capítulo dos Chapéos*: «A escolha do chapéo não é uma acção indifferente, como você póde suppor; é regida por um principio metaphysico. Não cuide que quem compra um chapéo exerce uma acção voluntaria e livre; a verdade é que obedece a um determinismo obscuro. A illusão da liberdade existe arraigada nos compradores, e é mantida pelos chapelheiros que, ao verem um freguez ensaiar trinta ou quarenta chapéos, e sair sem comprar nenhum, imaginam que elle está procurando livremente uma combinação elegante. O principio metaphysico é este: — o chapéo é a integração do homem, um prolongamento da cabeça, um complemento decretado *ab eterno*; ninguém o póde trocar sem mutilação. E' uma questão profunda que ainda não occorreu a ninguém.»

Em *A Segunda Vida* lê-se: «Então lembrou-me que sempre ouvira dizer a meu pae e outras pessoas mais velhas, quando viam algum rapaz: Quem me déra aquella idade, sabendo o que sei hoje! Lembrou-me isto, e declarei que me era indifferente nascer mendigo ou potentado, com a condição de nascer experiente. Não imagina o riso universal com que me ouviram. Job, que alli preside a provincia dos pacientes, disse-me que um tal desejo era disparate; mas eu teimeei e venci. Dahi a pouco escoreguei no espaço; gastei nove mezes a

atravessal-o até cair nos braços de uma ama de leite, e chamei-me José Maria. »

Em o *Manuscripto de um sacristão* : « No seminário dizia-nos o lente de rhetorica : a theologia é a cabeça do genero humano, o latim a perna esquerda, e a rhetorica a perna direita. » Mais : « Aos dezoito annos, recusou o primeiro casamento. A razão é que esperava outro, um marido extraordinario, que ella viu e conversou, em sonho ou allucinação, a mais radiosa figura do universo, a mais sublime e rara, uma creatura em que não havia falha ou quebra, verdadeira grammatica sem irregularidades, pura lingua sem solecismos. » E mais além : « . . . mas nada, cousa nenhuma, uma constante uniformidade de idéas e de coletes. »

Ainda : « A differença é que uma esperou quieta o que o outro andou buscando por montes e valles ; no mais, egual equivoco, egual conflicto com a realidade, identico dialogo de arabe e japonéz. »

Isto ainda : « E as suas mãos apertaram-se com energia : entendiam-se. Não tendo achado um outro na loja de um relojoeiro, a culpa era do relojoeiro ; tal era a logica de ambos. » Pouco adiante : « A conveniencia produziu dois effeitos, e até tres. O primeiro foi que os dois primos, frequentando-se, deram força e vida um ao outro ; relevem-me esta expressão familiar : fizeram um *pique-nique* de illusões. »

Em *Ex-Cathedra* : « Creio que ainda não disse a idade do hospede ; tem quinze annos e um ameaço de buço. »

Ou este trecho: « Raymundo, como se quizesse copiar o sol (copiam-se naturalmente os grandes), despedia das pupillas um olhar vasto e longo, que Caetaninha recebia, palpitando como a chacara. Fusão, transfusão, diffusão, confusão e profusão de seres e de cousas. » Ou mais estas linhas: « Saltitavam piando, dizendo cousas uma a outra (*eram duas andorinhas*), o que quer que fosse, talvez isto — que era bem bom não haver philosophia nos muros das chacaras. » E no final do mesmo conto: « Enquanto elle dizia isto, e fechava a porta, alguma cousa resoava do lado da varanda — um trovão de beijos, segundo disseram as lagartas da chacara; mas, para as lagartas qualquer pequeno rumor vale um trovão. Quanto aos autores do ruido nada positivo se sabe. Parece que um maribondo, vendo Caetaninha e Raymundo unidos nessa occasião, concluiu da coincidência para a consequencia, e entendeu que eram elles; mas um velho gafanhoto demonstrou a inanidade do fundamento, allegando que ouvira muitos beijos, outr'ora, em lugares onde nem Raymundo nem Caetaninha puzera os pés. Convenhamos que este outro argumento não prestava para nada; mas, tal é o prestigio de um bom character, que o gafanhoto foi acclamado como tendo ainda uma vez defendido a verdade e a razão. E dahi pôde ser que fosse assim mesmo. Mas um trovão de beijos? Supponhamos dois; supponhamos tres ou quatro. »

Mais este pedacinho de *D. Benedicta*: « A segunda causa do tédio de D. Benedicta foi um ameaço de

enxaqueca, ás tres horas da tarde; um ameaço, ou uma suspeita de possibilidade de ameaço. »

Em *A Parasita azul*. « ... Camillo murmurou consigo: Adeus, França! Depois envolveu-se n'um magnifico silencio e deixou-se levar para terra. »

Pouco adiante : « O naturalista, muito antes de o ser, commettera umas venialidades poeticas que mereceram alguns elogios em 1810, mas que o tempo — velho trapecio da eternidade, — levou comsigo para o infinito deposito das cousas inuteis. »

No mesmo conto mais além : « Vivia mysteriosamente, zombando de todos os seus adoradores excepto de Camillo, dizia ella, por quem sentia que era capaz de apresentar as suas roupas de viuva. »

Ainda : « Camillo terminou esta homenagem á dama dos seus pensamentos abrindo as azas a um suspiro que, se não chegou ao seu destino, não foi por culpa do autor. » Em *As bodas de Luiz Duarte* : « A cabeça de Justiniano Villela, — se se póde chamar cabeça a uma jaca mettida n'uma gravata de cinco voltas, — era um exemplo da prodigalidade da natureza quando quer fazer cabeças grandes. »

No final dessas celebres bodas : « Quando a festa acabou de todo, ainda os dois ultimos Abencerrages do copo e da mesa lá estavam levantando brindes de todo o tamanho. O ultimo brinde de Villela foi ao progresso do mundo por meio do café e do algodão, e o de Porfirio ao estabelecimento da paz universal.

Mas o verdadeiro brinde dessa festa memoravel, foi um pécurrecho que viu a luz em janeiro do anno seguinte, o qual perpetuará a dynastia dos Lemos, se não morrer na crise da dentição. »

No conto intitulado *Ernesto de tal*, falando da heroína da peça sae-se o autor com estas irresistiveis pílherias : « Alta não era, mas baixinha, viva, travessa. Tinha bastante affectação nos modos e no falar ; mas Ernesto, a quem um amigo notára isso mesmo, declarou que não gostava de moscas mortas.

— Eu nem de moscas vivas, acudiu o amigo encantado por ter apanhado no ar este trocadilho.

Trocadilho de 1850. »

Mais adiante na mesma narrativa : « Rosina conhecia o novo candidato desde algumas semanas ; mas só naquella noite tivera occasião de o tratar de perto, de consolidar, digamos assim, a sua situação. As relações, até então puramente telegraphicas, passaram a ser verbaes ; e se o leitor gosta de um estylo arrebicado e gongorico, dir-lhe-hei que tantos foram os telegrammas trocados durante a noite entre elles, que os Estados visinhos, receiosos de perder uma alliança provavel, chamaram ás armas a milícia dos agrados, mandaram sahir a armada dos requebros, assestaram a artilharia dos olhos ternos, dos lenços na boca, e das expressões suavissimas ; mas toda essa leva de broqueis nenhum resultado deu porque a formosa Rosina, ao menos naquella noite, achava-se entregue a um só pensamento. »

Linhas abaixo : « Tal era a confiança de Ernesto na flor da rua do Conde. Se ella lhe dissesse um dia que tinha na algibeira do vestido uma das torres da Candelaria, não é certo, mas é muito provavel que Ernesto lhe aceitasse a noticia. »

Ainda isto : « Ella confessava tudo com a mais nobre e rude singeleza deste mundo ; sómente, — e nisto estava a chave da situação, — a moça explicava a que impulsos de despeito cedera, mostrando assim, se podemos comparar o coração a um pastel, debaixo do envolvero da leviandade a nata do amor. »

Finalmente, em *Ponto de vista*, escreve uma Rachel a sua amiga Luiza a respeito do casamento de Mariquinhas Rocha com um velho : « A falar a verdade, elle não está a cair de maduro ; é velho, mas elegante, gamenho, robusto, alegre, diz muitas pilherias e parece ter bom coração. Não era eu que caia apezar de tudo isto. Que consorcio pôde haver entre uma rosa e uma carapuça ? » Trechos são todos estes tirados dos livros de contos do autor e muitos outros seria facillimo juntar, já de tal origem, já dos romances, nomeadamente de *Memorias Posthumas de Braz Cubas* e de *Quincas Borba*. Todos elles revelam a falta de espontaneidade da graça, da pilheria, do humour, do espirito em Machado de Assis. Sente-se o esforço do escriptor para ter chiste ; vê-se que corre a cançar atraz delle e não o consegue pegar.

Manifesta-se o trabalho inutil no arrevesado das palavras e na extravagancia das imagens e das comparações.

XVI

Não resisto já agora ao desejo de cotejal-o, até sob o ponto de vista da pilheria e da ironia, com o autor dos *Estudos Alemães*; e devo fazel-o, porque não haveria motivo algum para comparar os dois no que diz respeito á poesia e ao estylo em prosa, e não fazer o mesmo no que toca ao *humour*, quando para a multidão legente do Rio de Janeiro Machado de Assis é o nosso melhor cultor do genero e para mim ainda neste particular elle fica notavelmente abaixo do autor de *Um discurso em mangas de camisa*.

Nem se pense que é pelo sestro de querer á força crear, ao meu capricho, um especial Tobias Barreto, attribuindo-lhe qualidades, acima das reaes. Não, não é isto; é cousa bem diversa, e nem eu attribui jamais ao poeta dos *Dias e Noites* predicaos que elle não possuísse realmente e não se podessem demonstrar á evidencia.

O facto é que, tendo sido um desprotegido, um homem do povo, que fez o seu caminho por entre vinte mil difficuldades, não podendo nunca passar de Sergipe e

de Pernambuco, onde, já no fim da vida, conseguiu quasi por milagre, como supremo galardão ao seu merito, um lugar de professor na Academia do Recife, o facto é que aquelle singular lutador foi naturalmente chamado a exercer a funcção de reactor contra as patacoadas ôcas e francelhas do pensar brasileiro e desempenhou-se desse mister galhardamente.

No theatro de sua acção tinha de desenvolver-se talvez mais ainda pela presença e pela palavra oral do que pela palavra escripta.

Tinha espontaneamente de ser um andarilho, um frequentador das ruas, dos cafés, dos theatros, sempre cercado de grupos de rapazes estudantes, com os quaes discreteava de poesia, de arte, de litteratura, de philosophia, de politica, de direito, de envolta com os assumptos do dia. Um temperamento que assim se torna, sem calculo, um centro de attracção, é preciso que nativamente seja eloquente, repentista, engraçado, o que, n'um espirito culto, em luta além disto com os prejuizos do meio, torna-o fatalmente um dispensador de motejos e ironias.

Este lado da indole e do talento de meu patricio eu nunca o analysei justamente pelo receio de parecer que exagerava-lhe as qualidades. Tal a razão pela qual, nos dois estudos especiaes que até hoje lhe tenho consagrado, um ao poeta no prefacio da primeira edição dos *Dias e Noites* e outro ao critico de philosophia e litteratura — na *Philosophia no Brasil*, estudos que foram máis tarde reunidos

e ampliados na *Historia da Litteratura Brasileira*, não disse nada delle como humorista. Disse alli de sua acção como poeta na phase do Recife de 1862 a 1870, de sua reacção de critico e philosopho no periodo da Escada de 1871 a 1881, e do seu magisterio juridico em a segunda phase do Recife de 1882 a 1888, e nada mais adiantei a não serem algumas notas sobre seu talento oratorio, repito, para não parecer que exagerava.

Fóra d'aquelles estudos, que directamente lhe dediquei, não tenho falado delle, sinão accidentalmente e na rigorosa defensiva, como é o caso agora.

No Brasil, como já notava Torres Homem em 1836, não se gosta de ouvir muitas vezes o mesmo nome. Que doestos não teria de aguentar aqui um critico que consagrasse, dez ou doze artigos differentes, em épocas diversas, todos elles extensos, sobre varios aspectos de um mesmo escriptor?

Entretanto, nada mais vulgar na Europa. Ed. Scherer escreveu uma duzia de variados estudos sobre o autor da *Vida de Jesus*, uns sete ou oito a respeito de H. Taine, uns quatro ou cinco sobre Sainte Beuve.

Aqui não ; é forçoso liquidar tudo de uma só vez ; porque o mais é massada. Apenas se pôde admittir uma excepção para o Sr. Escragnolle Taunay diante do Padre José Mauricio ; ou de certos elogiastas anonymos sobre o proprio Machado de Assis. E' que estes são de casa...

Mas a cousa é tão evidente que não precisa de demonstração.

Tobias, sabem-n'ó todos, foi, na satyra oral e escripta em Pernambuco uma especie de Gregorio de Mattos que não poupou quasi a ninguem, e, nos repentes, improvisos e pilherias, um outro Laurindo Rabello, sempre requestado e applaudido pelos despreoccupados e entusiastas. Seus dictos e graças, suas criticas e epigrammas correm ainda alli de bocca em bocca.

Era um impossivel a olhos vistos, que suas obras não dêssem testemunho dessa peculiar attitude de seu espirito, não tivessem o acre sabor da ironia e do humour. Singular mixto de imaginação e raciocinio, de idealisação e scepticismo, de emoção e descrença, de confiança e desanimo, de dedicação e desdem, de esperança e desalento, o descuidado meridional foi a arena das mais descontraídas paixões, das mais terriveis lutas do coração e da intelligencia.

Nunca vi nem rir nem chorar tanto. Disto dou testemunho, que o conheci de perto e o amei como irmão.

A sua vida emocional e mental tem sido escripta a largos traços no intuito de indicar sob taes faces a formação geral de sua intellectualidade e da influencia de sua acção no meio pernambucano e, por contra golpe, no meio brasileiro pelo influxo de seus discipulos. Mas a sua vida intima desde Sergipe, quando ensinava latim e cantava trechos sacros na egreja e modinhas nas serenatas da rua em Itabayana, até que falleceu, leccionando direito em Pernambuco, não esquecendo o decennio terrivel da Escada, ainda não foi contada.

Toda ella andou cheia de lances e situações aptas a desenvolverem o humorismo. Não era um comico, um espirituoso a Martins Penna; não era tambem um satyrico a Juvenal; era uma alma sensivel e poetica complicada com fortes tendencias de investigação e analyse. D'ahi, um certo conflicto, como o que se dava em Schopenhauer, em Carlyle, em Emerson. Era um espirito cheio de aspirações em luta com um character rebelde, insubmisso e desdenhoso. D'ahi, uma serie de combates subjectivos, que lhe amarguraram toda a existencia.

Era natural de uma pequena aldeia do pequeno Sergipe, filho de um obscuro escrivão de orphãos e teve, desde muito cedo, de largar a casa paterna para ganhar a vida, a principio como mestre-escola no Lagarto, depois como professor de latim em Itabayana, o que importa dizer que, desde os quinze ou dezeseis annos, se lhe estabeleceu na alma o desaccordo entre as tendencias brincalhonas da mocidade, aggravadas nelle pelas exuberancias de um temperamento robusto de sertanejo e mestiço, e as necessidades economicas e exigencias da ordem social. D'ahi, um dissabor latente que nunca mais o abandonou, essa insistente prevenção contra os grandes, os poderosos, os favorecidos da sorte, todas essas encarnações da fatuidade brasileira, todos esses famosos que via acima de si, sem terem o seu merito. Era uma indole espiritual, singularmente curiosa pelas idéas, pelos labores, pelos combates da cultura européa, n'um corpo de americano, habitando quasi sempre obscuros recantos

do Brasil e usando de uma lingua, que o escrever nella *é o mesmo que falar a portas fechadas*, como dizia Herculano, isto é, era a consciencia de um talento que se sentia apto a figurar no seu tempo, se outros foram seu meio, sua posição, sua fortuna, seu povo, sua linguagem. D'ahi, o peculiar e indefinivel estado da alma dos talentos sem meio adequado, das intelligencias condemnadas a labutar no vacuo, sem publico, sem o galardão condigno.

Era, demais disso, e nesse ponto não estava só, era demais disso um mestiçado, o que equivale a afirmar que era o resultado de tendencias oppostas, que quasi sempre se atropellam e muitas vezes se aniquillam, estado psychologico quasi sempre aggravado nas indoles estheticas e progressivas, como a delle, por essa molestia da côr, esse mal não definido ainda, que ainda não tem nome, e deve ser uma especie de nostalgia da alvura, envolta em certa dóse de despeito contra os que gozam da superioridade da branquidade.¹ Todas estas condições juntas são capazes de fazer nascer certa classe de humour, a especie de humour compativel com as nossas raças ibero-africo-americanas. Tobias as possuia todas, e Machado de Assis apenas algumas; um era, quasi se póde dizer, um tumulto organizado; o outro, por indole, é manso e tranquillo, como o mais pacato burguez.

¹ Tito Livio de Castro, que foi um mestiço de grande talento, escreveu em seu *Diario intimo*: « Ha um preconceito de que o homem não consegue libertar-se nunca; é o da côr. »

Não exaggero, pois, quando digo que aquelle era um poeta, se disto ha documento nos *Dias e Noites*, e se sabe que exerceu acção por este lado e teve discipulos ; que era um critico de litteratura e arte, se disto ha documento nos *Estudos Allemães*, e se sabe que exerceu acção por esta face e teve discipulos ; que era um critico de philosophia, se disto ha documento nos *Ensaaios de Philosophia e Critica* e nas *Questões Vigentes*, e se sabe que por ahi exerceu acção e teve discipulos ; que era um jurista, se disto ha documento nos *Estudos de Direito* e nos *Menores e Loucos*, e se sabe que exerceu por ahi acção e teve discipulos.

Mas possuiu elle, não falando no talento polemico, duas qualidades mais, que são de vulgar noticia por onde andou: o talento oratorio, de que deu centenaes de provas no jury, nas sociedades, nos clubs, na academia, na assembléa provincial do Recife e de que ha varios especimens impressos, e o espirito humoristico, de que deu innumeras mostras durante toda a vida a quantos o conheceram e com elle privaram, tal qual se conta de Laurindo Rabello, de Ferreira Vianna e outros mestres da *causerie* entre nós.

Estas cinco ou seis facêtas de um só espirito são em muito menor numero do que as de José de Alencar, por exemplo, a que ninguem poderá contestar que foi poeta, dramaturgo, comediographo, folhetinista, critico, romancista, orador, jornalista, jurisconsulto, polemista e pamphletario; porque de tudo isto deu provas sobejas e

em tudo saiu-se bem, não falando já nas qualidades de estylista, de artista da palavra que em tudo revelou.

Já se vê, que não multiplico demasiado os predicados do autor do *Brasilien wie es ist*, como muita gente desdenhosa finge suppôr, acreditando engraçadamente que o Brasil inteiro dá-lhe fé.

E não é só José de Alencar que era um compendio de attributos; o Sr. Escragnolle Taunay não figura como critico, musico, pintor, publicista, dramaturgo, romancista, contista, orador, homem de Estado, e não sei quantos predicados mais?

O proprio Machado de Assis não é comediographo, contista, dramaturgo, poeta, romancista, critico, humorista e philosopho? Todos não o proclamam, e com razão em grande parte dos casos, como tal? Porque ha de, pois, certo grupo phantasiar que exaggero, se não saio da verdade estricta, e o meu amigo José Verissimo chamar pessima a escola do Recife, se ella não é tão ruim com elle a pinta? E devo ouvir taes ataques sem tugir nem mugir para não passar por exaggerado!... ¹

E se hão de calar convicções profundas, pontos de historia litteraria perfeitamente averiguados, e que

¹ O meu caro José Verissimo não diz a que escola se refere quando fala da *pessima escola* de Tobias. Não sei se trata do poeta, do critico de litteratura e philosophia, do jurista, do orador, do polemista, ou do humorista. Em todo caso, depois de perto de trinta annos de lucta, não podia deixar sem reparo o vir declarar-me que ando filiado n'uma pessima escola. Qual será a *optima*? Será a de Machado? a de Taunay?

importam ao conhecimento exacto da vida espiritual da nação, pelo receio de desagradar a espiritos interessados em diminuir o merito dos escriptores das provincias, no claro empenho de augmentar o valor de certas figuras convencionaes do Rio de Janeiro!

Insisto, portanto, em affirmar o que me parece a verdade irrecusavel e vou mostrar como o autor do apologo — *O rei reina e não governa* — revelou sempre mais perfeitas qualidades de humorista do que o romancista de *Helena*. Antes de tudo, releva ponderar que n'aquelle era cousa natural e incoercivel que apparecia inesperadamente no meio dos assumptos mais serios, das mais graves idéas. Este é o signal do verdadeiro humour. Era o mais das vezes tratando os mais sombrios problemas de religião, de philosophia, de direito, de politica, de moral, de historia litteraria, que o escriptor sergipano dava a terrivel gargalhada humoristica. Tal como Carlyle ou Schopenhauer. Machado de Assis não; procura o humour pelo gosto de o procurar e mostral-o á galeria. Para isto cata propositalmente uma serie de assumptos frivolos para ter occasião de dizer graças, que são verdadeiramente encomendadas. Tal o motivo pelo qual de caso pensado architectou aquelles dous quartapacios de sensaborias que se chamam *Braz Cubas* e *Quincas Borba*, onde certos basbaques nacionaes fingem descobrir não sei que profundos abysmos de sciencia occulta, magia, fakirismo, ou kabala, que os anesthesia e embriaga, como os mon-gangas de Antonio Conselheiro aos jagunços de Canudos.

Por mim, não pude nunca descortinar onde pousam tantos despenhadeiros do pensamento, tantos grotões da philosophia, onde a gente se possa afogar. Puro convencionalismo é tudo aquillo, carissimo leitor. Tenhamos um pouco de scepticismo diante desse pessimismo e desse humorismo pacato das secretarias do Estado, bons cidadãos neutros, na eterna quietude do gracejo officioso. *Ao vencedor as batatas!... A felicidade é um par de botas!...* São como syntheses de taes profundezas! Por mim, confesso que aprecio mais o humorismo do outro. Era mais espontaneo.

E já agora, *currente cursu*, a penna foi me levando insensivelmente a um ponto em que, na defesa aliás da pessima escola, não posso mais recuar e não ha remedio sinão completar a pintura de Tobias sob a face do humorismo e transformar em parte este estudo de Machado de Assis n'um estudo comparativo de litteratura nacional.

E' provavel que nunca tivesse de tratar este assumpto, propositalmente sempre por mim deixado de lado. Mas os ataques malevolos, injustos, de homens conside-raveis, como alguns que me hão objectado neste ponto, não são cousas para desprezar, nomeadamente por quem está incontestavelmente com a verdade e faz acto de benemerência defendendo um morto, que indiscutivelmente foi tambem um dos chefes intellectuaes da nação, com titulos melhores do que o poeta das *Phalenas*.

O escriptor dos *Menores e Loucos* foi no seu tempo e no seu meio, durante cerca de trinta annos, um espirito ao gosto de João de Deus em Portugal e Laurindo Rabello no Brasil, já eu o disse; mas o foi por um modo mais complicado que estes dous romanticos, que não passaram da poesia escripta ou improvisada e da pilheria oral, não tendo quasi de sustentar luctas com um meio hostil.

O poeta dos *Dias e Noites* tinha um lado voltado para as curiosidades do pensamento, para as luctas das idéas, para as paixões politicas e questões sociaes, e teve de ser satyrisador, ao geito de Gregorio de Mattos, e polemista, á maneira de Camillo Castello Branco.

Este aspecto de sua indole é facil de ser determinado pela leitura dos dez ou doze livros e opusculos que d'elle correm impressos; mas deve tambem ser esclarecido pela tradição oral e pelo conhecimento da porção de periodicos e papeis avulsos que deu á luz na Escada. Vejamos uma e outra cousa, posto que rapidamente, como é indispensavel n'um livro que não é especialmente consagrado a tal fim.

A corrente oral mostra-nos o emulo de João de Deus e Laurindo, já nos improvisos gracejadores, já nos repentinos pilhericos e humoristicos.

Desde os mais verdes annos da mocidade revelara o talentoso sergipano essa natureza inquieta, impressionista, impulsiva, mas fundamentalmente bondosa dos grandes despreoccupados, dos temperamentos idealistas. Lá mesmo na antiga provincia improvisara elle o debique

satyrico contra varios typos pretenciosos, sendo o mais conhecido o que dedicara a certo juiz da cidade de Laran-geiras e que começava :

« Ha no Recife uma bella,
Que tem amantes aos mil,
E chama-se a Academia :
Sempre a parir todo o dia,
De filhos enche o Brasil ... »

Teve alli um viver muito expansivo de que davam testemunho o saudoso Oliveira Campos, seu mestre de primeiras lettras, os padres Quirino de Souza e Alves Pitangueira, seus professores de latim, e o illustre Marcello Santa Fé, que lhe ensinara a musica. A tradição dá conta das grandes patuscadas nocturnas, em que era parte conspicua, feitas pelos rapazes de Itabayana, e das serenatas com flautas e violões, em que era a figura principal, tendo o grupo de pandegos o sestro especial de escolher para ponto de seus descantes os bancos de pedra que circulavam a casa do vigario Domingos de Rezende, que quasi nunca podia dormir socegado e tinha de vir por desfastio ás vezes assistir á festa.

Desse tempo (1857 a 60) é a modinha, ainda hoje cantada naquellas paragens, por Tobias feita, e que principia :

« Quando, á mesa dos prazeres
De amor, bebi minha vez,
Ao revoar dos desejos,
Fascinou-me a candidez. »

Da Bahia, onde passou o anno inteiro de 1861, o facto mais typico foi o de, matriculado no seminario pequeno, pretender, na primeira e ultima noite que alli passara, perturbar o silencio do dormitorio, abrindo o peito a saborear uma de suas canções predilectas. Avalie-se o reboliço causado naquella casa de religioso socego por tão estranha aventura.

Atirou-se ás republicas de estudantes e ás brincadeiras bahianas. Uma vez, na redacção d'um jornal, (contava Rosendo Moniz, que era seu collega de philosophia na aula do famoso Frei Itaparica, e já era acatado como rapaz de talento e filho do celebre repentista), uma vez, na redacção d'um jornal estava Rosendo a declamar, com toda a força dos pulmões que tinha, um folhetim que levava escripto e em que se desfazia em louvores a não sei que diva do palco que naquelle tempo encantava a Bahia, e terminava com este emphatico apophtegma: « Não ha impossiveis moraes !... » « Contesto ! O senhor não póde casar com sua irmã ; é um impossivel moral ; porque phisico não ha nenhum... » Bradou inesperadamente alguém que entrava exactamente na occasião. Era Tobias ; e a gargalhada foi geral.

Em Pernambuco, já no quinquennio academico, já posteriormente, a troca foi um dos caracteristicos do espirito do poeta.

Aquelle periodo escolar era o tempo de Varella, Castro Alves, Luiz Guimarães, Victoriano Palhares e outros bohemios de gosto ; o tempo de desusado brilho no

theatro de Santa Isabel, a ultima phase do romantismo academico que ia expirar.

Tomou o nosso poeta parte nas pandegas e divertimentos da época: o theatro era a sua mania, que nunca perdeu; por dramas e musica foi sempre louco.

Era o periodo da guerra do Paraguay; geral era o calor patriotico, que se expandia nas festas por nossas victorias nas regiões platinas e na formação de batalhões patrioticos. Alguns estudantes, dos mais entusiastas, chegaram a alistar-se e a seguir para a campanha. O mais notavel delles foi o illustre Maciel Pinheiro. Outros houve que andavam especulando com a situação, no intuito de engrossar alguns lentes como o velho Trigo de Loureiro que, a despeito dos seus setenta e muitos annos, queria assentar praça e seguir para o sul.

Havia nomeadamente certo charlata de Sergipe que fingia pretender organizar um batalhão, e, para isso, já se tinha engajado e andava a procurar proselytos entre os collegas. Uma vez entrou na *republica* do poeta e começou a propaganda. Tobias, que lhe conhecia as manhas, no meio da loquella do sujeito, pulou da rêde em que estava e, batendo palmas, bradou: «La vai verso, rapaziada:

« Correi, correi, paraguayos,
Que os estudantes lá vão!
São do sexo feminino...
Cada malandro mofino
Com sua p... na mão! »

A estudantada caiu na gargalhada, o valentão saiu enfiado e não voltou mais com suas fumaças guerreiras.

No tempo do abolicionismo houve no Recife não me lembra que famoso orador, que se dizia falar com todos os requisitos dos parlamentares britannicos. Uma vez faziam delle o elogio diante do nosso critico, insistindo nos alludidos e singulares dons, e este interrompeu repentinamente o interlocutor :

« Sim, fala de mão na ilharga,
Qual figura de estremez,
Como quem dança a *Caxucha*,
Ou quem bate o *Sólo inglez*... »

O sujeito d'ahi por diante não insistiu mais no assumpto.

De outra feita, e antes daquelle caso, gabavam-lhe insistentemente a valentia de certo coronel que se dizia ter feito prodigios na revolução de 48 entre os comandados de Pedro Ivo. Tobias retrucou scepticamente:

« Se o coronel fez proezas
De coragem verdadeira,
Então já sei que é mentira
A tal revolta *praeira*. »

Os circumstantes puzeram-se a rir e o caso era disso.

No concurso que fazia para obter o lugar de lente da Faculdade de Direito do Recife, no mais forte da discussão, bradou um dos concorrentes que o arguia :
« Isto é falta de logica ! » « Logica ? ! Não me fale em

logica : logica em direito é um touro bravo n'uma loja de vidros ! . . . »

O repente do dito provocou risadas francas dos espectadores. Mais adiante o arguente appella para os principios do Direito Internacional. « Principios do Direito Internacional ? ! Só conheço um : é a bocca do canhão ! . . . » ; foi a resposta do defendente. Nova hilaridade. « Senhor Doutor, isto é incomprehensivel », replicou aquelle. « O incomprehensivel suppõe o incomprehendente ; se sou incomprehensivel, alguem é aqui por força o incomprehendente e a culpa não é minha ! . . . » Foi a réplica do repentista, que prolongou a hilaridade.

Neste concurso foi extremamente notavel, além da dissertação impressa e da these escripta, a prelecção oral em que o philosopho critico defendeu brilhantemente o papel historico do papado, chegando a confessar que sentia em si serias tendencias religiosas e não duvidava que viesse a acabar de rosario na mão. Mas, accrescentou logo humoristicamente : « só uma cousa exijo, é que não seja muito grande, nem muito pesado . . . ».

Seu lugar entre os professores de heresias nunca foi dos mais conspícuos. E como em 1886 estivesse em Pernambuco e lhe notasse a brandura e complacencia em materia religiosa, me respondeu no mesmo singular tom de *boutade* humoristica : « A religião são as hemorrhoidas do espirito ; vou chegando á idade dellas. »

Naquelle anno falava-se muito em Pernambuco em os escandalos das celebres propinas academicas aos

examinadores, cousa em que elle nunca entrou, e criticavam-se os casos de varios individuos que se tinham bacharelado em direito em mui pouco tempo, accumulando os exames das disciplinas escolares.

Hilario Ribeiro, o conhecido autor de excellentes livros didacticos de instrucção primaria, que tambem se achava então na capital do norte, pediu-me que o apresentasse ao famoso cantor dos *Voluntarios Pernambucanos* e do *Genio da Humanidade*. Combinamos o dia e, na hora convencionada, apresentamo-nos no escriptorio do curioso mestre. Havia varias pessoas; a apresentação se fez, correndo a conversação sobre varios pontos, quando Hilario a encaminhou para o terreno das propinas academicas. « Contam-se cousas terriveis; fala-se até em certo empregado publico, que se formou n'um anno! »; dizia o intelligente rio-grandense. « Um anno, não; dez mezes! Teve a gestação das béstas... » Respondeu incontinenti o professor do Recife. A pilheria provocou o riso de todos.

Ao despedir-se, disse-lhe Hilario que ia encantado de sua conversação, que bem justificava-lhe a popularidade. « Oh! meu amigo, não me diga isto; sou um homem do povo; mas detesto a popularidade. Nada de concurrencias ao café e á febre amarella, as duas maiores notabilidades do Brasil... » Hilario despediu-se e voltou lá varias vezes. Este dicto lembra outro d'elle mesmo a um allemão: « Possuo, meu caro Sr. F., as melhores qualidades do brasileiro: a molestia do figado e a ignorancia... »

Annos antes, estavamos eu, elle, Altino de Araujo e varios amigos a commentar uma rusga havida na Faculdade n'um acto academico, e um de nós veio a falar n'um Dr. Fagundes Coelho, que já foi Sousa Martins. « Bravo! disse Altino de Araujo, temos um motte, e o Tobias vae glosal-o :

— O Dr. Fagundes Coelho,
Que já foi Sousa Martins. »

Nosso espirituoso camarada retrucou sem pestanejar: « Neste caso é preciso completar o motte e o faço assim :

— O Dr. Fagundes Coelho,
Que já foi Sousa Martins,
Sempre traz os bolços cheios
De uns punhados de latins. »

« Vamos á glosa », bradamos todos.

Poz-se de pé o poeta, repuxou o bigode, como era habito seu, e irrompeu d'esta maneira, com aquelle gesto amplo e nervosamente animado, que lhe era peculiar:

« Olhem aquelle fedelho,
Que vive sempre amolado,
Sempre raivoso e zangado,
— O Dr. Fagundes Coelho.
Na Camara, quando vermelho,
Foi o rei dos azucrins;
Lançou discursos tão ruins,
Quaes nunca ouviram-se alli:
O Coelho do Piahy,
— Que já foi Sousa Martins !

Não se sabe porque meios
De leis, de textos, de ditos,
Casos julgados, rescriptos,
— Sempre traz os bolços cheios.
E aquelles discursos feios,
Que pareciam pasquins,
Eram perfeitos affins
Dos que elle recita agora,
Cheios de — membros de fóra —,
— De uns punhados de latins !...»

Casos assim deram-se muitos e o foram rodeando da grande popularidade, que parecia de facto desdenhar.

Os rapazes estudantes já sabiam disso e muitas vezes o provocavam pelo gosto de o ouvir.

Um dia disseram-lhe á queima roupa na livraria do Walfredo de Medeiros :

« Ilustre Dr. Tobias,
Uma rima p'ra camello? »
— « Francisco Gomes Pereira,
Dr. de borla e capello, »

foi a resposta immediata, alludindo talvez a algum doutor muito conhecido e meio desfructavel. Mas não tinha só repentes satyricos ; tinha-os tambem lyricos e graciosos.

Levado uma vez ao camarim da intelligente e formosa cantora Ida Giovanni, a quem já havia dedicado bellos versos, enleiado com a diva em delicado *flirt*, disse-lhe d'improviso :

« De tua bocca mimosa
O labio superior
Tem a fórma graciosa
Do arco do Deus do amor.

E, qual flecha que assentára
Nesse arco de rubim,
Fôra assim em tua bocca
Um beijo dado por mim... »

Se é verdade que o espirito está no repentino da resposta e no inesperado da réplica, ninguém mais do que elle o possuia. Nas prelecções academicas, nas arguições a estudantes e concurrentes deu innumeras provas disso.

Lembra-me agora um caso da Assembléa Provincial de Pernambuco no tempo em que foi alli deputado (1879 a 1880). Falava, sustentando não sei que these, quando um membro da opposição conservadora bradou-lhe em aparte: — « Isto é contra a liberdade... » Voltar-se para o *apartistista* e retrucar-lhe: — « Oh ! minha Phriné, não me fales de amor ! Conservador, não fales em liberdade !... » foi obra de dois segundos. As galerias proromperam em applausos.

E' impossivel narrar o que delle os que o estimavamos ouvimos, especialmente em festas, nos discursos de mesa, quando radiava de contentamento e boa camaradagem ; porque era de facto um espirito alegremente pagão.

— « A eloquencia é uma verdadeira hespanholada, e é por isso que o ultimo grande orador é um hespanhol, Castellar » — ; disse-me uma vez : « E acho especialmente insupportavel a *brindologia*, a enfadonha eloquencia da mesa » ; accrescentou. Porem não se furtava ; quando o convidavam para festas, e era quasi sempre, lá ia elle e falava a valer ; mas, exactamente como Laurindo em

casos taes, sempre falava bem, ora imaginoso e poetico, ora engraçado e humoristico. E não raro improvisava versos, como o vi fazer n'um dos magnificos arrabaldes do Recife da ultima vez que lá estive.

Era n'umas bodas e dava-se o caso justamente invertido do que dissera o poeta latino ; alli havia:— *filia pulchra et mater pulchrrior*.

O poeta brasileiro falou da noiva em bellissimos reptos de eloquencia, dessa eloquencia lyrica dos imaginosos. E, como alguém lhe lembrasse que devia dizer tambem alguma cousa da ainda tão linda mãe da joven recém-esposa, respondeu: « E' verdade ; mas isto só n'uns versinhos » ; e disse de prompto estes :

« Nunca vi flôr durar tanto,
Nem tanto tempo brilhar ;
Mas, minha flôr, meu encanto,
Terás por orvalho o pranto
Que a filha te vae deixar. »

Foi n'uma dessas horas d'expansão, em que dava largas a seu enthusiasmo de galanteador, que pronunciou diante d'uma moça esta bonita quadrinha, ainda muito popular na minha phase academica:

« Queres feição para a téla,
Raphael ? Na sua imagem !
Queres do céu a linguagem,
Oh ! Dante ? Nos olhos della ! »

A's vezes tinha o habito de rematar discussões em que entrava, ou a que assistia, resumindo o debate n'uma

estrophe. Um caso destes foi n'uma *republica* em certo dia em que Fagundes Varella e Cardoso Vieira, talentoso estudante parahybano, que mais tarde foi distincto deputado geral, discreteavam sobre as vantagens ou defeitos do epicurismo.

Tobias ouviu-os algum tempo, sem tomar parte na lucta, e saiu-se com esta: «Vocês ambos estão de accôrdo; porque para ambos a questão é de *prazer*. Aqui ou além, na terra ou n'outro mundo, a duvida é só do lugar!... Parece-me que a cousa é esta:

« Se as crenças são um engodo,
Se falha o verbo da fé,
Se o homem se acaba todo
Com a materia que elle é,
Se o coração nada aspira,
Se este bater é mentira,
Se além não ha desfructar,
Da vida a idéa suprema,
O grande, o sabio problema,
E' viver muito e gosar.»

Já de repente destes déra exemplo em Sergipe no anno de 1859, n'uma discussão entre Pedro Barreto, pai do poeta, e J. J. de Oliveira Campos, sen antigo mestre de primeiras letras, que m'o referiu. Debatiam os dois sobre as idéas liberaes, no tocante ás relações entre o *throno* e o *altar*, que, na opinião de um, iam com razão perdendo terreno. O moço poeta, que assistia á polemica, dirigindo-se aos dois, disse-lhes: «Atacar o *throno* e o *altar* é nos modernos tempos uma como tentação do desconhecido,

alguma cousa de mysterioso atraz de ignoradas riquezas occultas, como as que se procuram nos seios dos montes e supponho bem figurar a questão nos seguintes versos :

«Ante o vulto das montanhas,
Que pousam na solidão,
De sondar-lhes as entranhas
Ha como uma tentação,
Que nos diz : — Ali ha ouro !
De certo, quanto thesouro
Não se podera encontrar
Sob os montes arrazados,
Sob os thronos derrocados,
E até nas bases do altar?...»

Bella estrophe que o professor Oliveira Campos recolheu e delle obtive, incluindo-a na edição que dei dos *Dias e Noites*, por achal-a expressiva.

Não tenho em mira com estes factos demonstrar o talento de repentista do verso, que tinha o meu amigo, qualidade essa que em summo grau possuia seu parente Moniz Barreto, e a que o poeta sergipano não ligava a minima importancia ; posto que se sentisse tambem dotado della, podendo-a educar e desenvolver, se quizesse. Se pretendesse exhibir tal prova ser-me-ia simplissimo ; pois que eu mesmo o vi glosar motes repentinamente com a maior facilidade.

Não é disso que se trata, sinão da espontaneidade do espirito, da *charge*, da pilheria.

E tanto mais facil seria a improvisação para Tobias, quanto é certo que elle se habituara a não escrever a mór

parte das vezes suas poesias e sim a ruminal-as de c6r, a compol-as de cabeça, segundo a phrase popular. Nos annos de 1868 e 1869, em que era elle ainda estudante, brilhava no theatro Santa Isabel a intelligente e sympathica Julia Tamborini. O poeta recitou-lhe muitos versos. Tive occasi6o de v6r como os fazia; porque uma vez appareceu no Convento do Carmo, onde morava eu com Jos6 Dantas da Silveira, e disse-nos: «Venho aqui neste retiro preparar uns versos para a Tamborini.» Demos-lhe papel, penna e tinta e n6o aceitou. O seu modo de *preparar* os versos, era andando de um lado para outro, retorcendo o bigode e resmungando. Absorvia-se intensamente n'aquella tens6o e, algum tempo depois, estava a poesia escripta na memoria, que era extraordinaria. Dadas certas circumstancias de electrisa6o nervosa, a eclos6o poetica era repentina. Entre suas produc66es nascidas em momentos d'esses 6 digna de citar-se aquella a que poz o titulo de — *Presentimento*. Era em dezembro de 1867; o poeta estava no engenho *Recreio* do coronel Jo6o Felix dos Santos, que veio mais tarde a ser seu sogro. Estava *passando a festa*, como se diz no norte. Era uma tarde; havia alegria, mo6as, dan6as, musica.

N'um momento o emulo de Laurindo, que ent6o estava a cantar, caiu repentinamente em choro convulsivo.

« Que 6 isto? que tem, doutor? » Bradaram-lhe os circumstantes que se acercaram delle.

« N6o sei, alguma desgra6a me aconteceu. »

Foi a resposta do sergipano. Pouco depois recitava estes bellos versos espontaneamente ideados debaixo da commoção :

• Meu Deus, não mais este laurel d'espinhos
Não mais a dôr que o coração devasta ;
Minh'alma é farta de martyrios... basta !
Deixae esta ave procurar seu ninho.
No meu sepulchro não terei as rosas,
As doces preces que os felizes têm ;
Pobres hervinhas brotarão viçosas,
E o esquecimento brotará também.

Tudo conspira para o meu tormento ;
Soffrendo, aos poucos, minha fé se apaga :
Morte !... é a phrase que profere a vaga,
Triste noticia que me traz o vento...
Nem sobre a campa colherei saudosas
Gottas de pranto que derrame alguem ;
Pobres hervinhas brotarão viçosas,
E o esquecimento brotará também.

Estranha nuvem denegriu-me a sorte,
Do mar da vida revoltou-me as aguas ;
As ondas batem sobre as minhas maguas,
E as brisas falam sobre a minha morte.
No chão dos tumulos expressões penosas
Por mim dizel-as não virá ninguem ;
Pobres hervinhas brotarão viçosas,
E o esquecimento brotará também.

Meu Deus ! não posso caminhar sosinho
Por entre as sombras que esta vida encerra ;
Minh'alma anciosa quer voar da terra,
Deixae esta ave procurar seu ninho !

No pó que habito não terei as rosas,
As doces preces que os felizes têm ;
Pobres ervinhas brotarão viçosas,
E o esquecimento brotará também.»

Reparem n'aquelles versos :

*Morte !... é a phrase que profere a vaga,
Triste noticia que me traz o vento,*

e verão que foi um perfeito caso do que hoje se chama *telepathia*.

O poeta passou ainda algum tempo no engenho de João Felix ; mas, quando voltou ao Recife, recebeu carta de Campos em Sergipe : seu pai tinha fallecido no dia e hora em que elle sentiu o não sei quê que o fizera tão fortemente chorar.

E se meu intento fosse dar provas da sua faculdade de repentista ao geito de Moniz Barreto, não precisava de outra mais do que citar estas duas bellissimas estrophes, que foram improvisadas :

« Oh ! deixa aquecer-te ao calor de meu peito,
Derrama os cabellos por cima de mim...
De flores e sonhos forremos o leito,
N'um beijo esvaídos, morramos assim.

E Deus, que nos visse na campa dormindo,
Vedara que as auras nos fossem bolir,
E aos anjos inquietos dissera sorrindo :
São noivos ainda... deixai-os dormir.»

Ainda hoje e sempre, como Laurindo, o poeta sergipano, nos varios aspectos de sua actividade, ha de ser

em grande parte um autor inedito. Muitas de suas poesias, diversos de seus artigos, ou não foram publicados sequer em jornaes, ou andam esparsos nas paginas destes. O mesmo, e com maioria de razão, acontece aos seus improvisos e repentes.

Nos ultimos annos da vida passou por duas crises que lhe apressaram a morte: uma terrivel paixão amorosa, que o desvairou, e uma violenta discussão sobre a organização do *self government* na Inglaterra e paizes germanicos com o Dr. José Hygino, o mais genial felizardo que conheço em todo Brasil.

Em tão terrivel debate certos perversos, admiradores do futuro Senador, Ministro de Estado e Membro do Supremo Tribunal Federal, saíram anonymamente contra o gracioso humorista e insultaram-no vilmente, infamemente.

Já antes tinham feito o mesmo na celebre polemica com os padres do Maranhão, chefiados por um Sr. Guedelha Mourão, que dizem ser hoje deputado da Republica!... Tanto é certo que, á parte a mocidade talentosa e boa de Pernambuco, até ao fim o sabio autor das *Questões Vigentes* teve sempre contra si a vasta associação dos charlatães de todos os feitios. E foi áquelle trovoar de doestos que elle se referiu nos versos que escreveu, ao correr da penna, em casa de uma discipula. O polemista chegara alli, revelando no rosto a impressão da magua e da colera. Notara-lh'o alguem, deixando transparecer certo riso indiscreto.

Sentou-se o poeta á uma mesa, onde havia livros, papel e pennas, que serviam ás lições, e escreveu estas palavras :

« Não são ultrajes cuspidos
Pela bocca da baixeza
A causa desta tristeza,
Que turva-me a fronte assim.
Não ! a causa é vêr que aquelles
A quem rendó íntimos cultos,
Acham graça nos insultos
Que se atiram sobre mim.

E eu que julgava ainda
Sentir a luz da verdade
Nesta palavra—amisade—,
Que nada, entretanto, diz !
Será que o mundo já desce
Das proprias féras ao nível ?
E' elle que é insensível,
Ou eu que sou infeliz ? »

Isto faz lembrar um episodio de sua vida, de quasi trinta annos antes, que o impressionara a ponto de nunca mais o esquecer, e muito mais tarde ainda o referir com evidente desgosto. No dia em que chegou ao Recife, ao sair do pateo do Collegio e entrar na rua do Imperador, passando junto de um grupo de animaes cargueiros que estacionavam ahi, levou um formidavel coice de um possante burro, que o pegou no peito e atirou ao chão muito maltratado, deixando-o ver nesse incidente como que uma especie de prenuncio da vida de luctas e soffrimentos que teria de ali passar.

Effectivamente, não muito depois, caiu gravemente enfermo de variola, achando-se em grande desamparo. Pauperrimo, desconhecido, relegado n'uma republica de estudantes, meio indifferentes, que o abandonaram quasi todos, curtiu amargas horas de desespero e protestava que, logo que sarasse, largaria o Recife, como deixara a Bahia, recolhendo-se definitivamente á sua pequena villa de Itabayana.

Dessa crise tremenda é este grito de dor, exhalado n'um momento de desanimo :

« Meu coração, batido de tormentos,
E' assim qual o naufrago infeliz
Sobre plaga estrangeira arremessado...
Muita gente vem vêr o desgraçado,
Mas ninguém comprehende o que elle diz. »

A molestia passou, as cousas melhoraram um pouco, mas muito pouco. Os vinte e sete annos de Tobias em Pernambuco (1862-1889) foram sempre de alto a baixo cheios de luctas tenazes. Sempre lhe fizeram guerra desabrida os poderosos da terra e os rivaes das letras.

Polemicas tremendas, teve-as com Martinho de Freitas, Castro Alves, Conselheiro Autran (com o pseudonymo de *Catholico*), Franklin Tavora (com o pseudonymo de *Lessing*), Albino Meira (com o pseudonymo de *Carvoeiro litterario*), Carneiro da Cunha (com o pseudonymo de *Hunger*), diversos padres do Maranhão, nomeadamente um Joaquim de Albuquerque e um Guedelha Mourão, não falando em constantes e azedas discussões

pela imprensa com promotores publicos, juizes e advogados da Escada.

Deste ultimo lugar teve de retirar-se após o cerco que mandões da terra fizeram-lhe á casa, por causa d'um inventario, insultando-o crudelissimamente.

O brado de indignação de Tobias, pelo *Jornal do Recife*, foi uma das paginas mais terrivelmente eloquentes de nossa lingua.

Sinto não tê-la aqui para documentar esse passo dolcroso de sua existencia e citar della alguns trechos.

Nunca mais se me apagaram da memoria aquellas linbas de fogo em que, quasi ao findar, depois de expôr e discutir o factó, exclamava : « Eu bem quizera impetrar justiça... mas não sei onde reside esta degenerada ! E, demais, fica sempre feio a um homem velho entrar de dia em casa d'uma prostituta... » A vida não lhe foi nada suave. Morreu aos cincoenta annos e só nos ultimos seis é que teve o pequeno emprego regular de lente da Academia ; mas desses seis os dois derradeiros foram tomados pela molestia que o minava e o obrigava a continuas licenças.

O corpo afinal ficou quebrantado pela doença ; o animo caia naturalmente tambem por vezes com o soffrimento. Pouco antes do fatal agravamento physico tinha começado a paixão amorosa a que acima se alludiu, que não se compara, por fórma alguma, ao doloroso idealismo idyllico de Leocadia Cavalcanti. Foi um desbragamento

que lhe consumiu a seiva, dando desde principio lugar a versos de um sensualismo ardentissimo. Eram expansões cochichadas ao ouvido da bella namorada romanesca, que se deixou dominar.

Eis uma amostra :

« Esta paixão que me devora o peito,
Esta sêde que abraza-me as entranhas,
Para acalmal-a, ao menos por instantes,
Bastava um gole d'agua em que te banhas. »

E' a turbulencia exuberante dos temperamentos em que predomina a excitação da sensibilidade. Como um amigo meu, a quem o improvisador recitara aquella folgosa quadra, que é de seus ultimos tempos, lhe notasse pilhericamente que não seria muito aceiado, retrucou : « Perdão! Esses seres celestes são como os deuses que gosavam do predicado da anamartesia, qualidade essa que os fazia escapar á grosseria das funcções naturaes ; por isso são sempre deliciosamente limpos. E, demais, falo de um banho como o de *Sara la Baigneuse*, na lympha corrente d'um regato abundante. » Bem se vê que tinha resposta para tudo.

Quando após os primeiros passos de lucta, o poeta teve presa a bella ave arisca, sentiu-se mais socegado e lhe falava mais docemente :

« Do beijo que tu me déste,
Primeiro beijo de amor,
Toda tremula e convulsa,
Cheia de graça e candor ;

Nasceu esta f'licidade,
Que m'enleva o m'extasia,
Que outr'ora, de longe em longe,
Sómente em sonhos eu via.

O orvalho do céu caído
Em floreo seio acha abrigo:
Minh'alma dorme na concha
Cheirosa de teu embigo». (1)

(1) Estes versos entendi também publicá-los nos *Dias e Noites*; mas foram os únicos dessa phase a que fiz isso. Muitas foram as *flirtations* que o poeta teve com varias damas de categorias diversas e ás quaes dedicou canções. Mas só tres paixões reaes sentiu; a primeira foi a de Leocadia, que lhe inspirou todas as bellas poesias, que constam dos *Dias e Noites* entre 1865 e 68; esta teve alguma cousa de angelico e foi profunda, como o attestam as citadas poesias e muitas outras que não pude colligir. A segunda foi uma especie de desvairamento por uma bella joven da Escada, a quem dedicou a bella poesia, que começa:

« Eis-me á borda do abysmo arrastado
Deste amor aos impulsos fataes...
E teus olhos, que assim me levaram,
Já parecem dizer: é de mais!... »

e outra, que principia:

« Quando refiro-te a porção de sombras
Que o teu cabello me lançou na fronte,
E os ais sentidos que no ermo exhalo,
Pedindo ao ermo que a ninguem os conte... »

e mais outra, que abre por estes versos:

« Vêr-te chorar!... E não poder prostrar-me
Dos olhos teus ao infantil quebranto,
E, como o orvalho da manhan nos campos,
Nas minhas barbas embeber-te o pranto... »

e varias assim, que estão nos *Dias e Noites*.

A sensualidade sente-se mais satisfeita nessas confabulações ultimas do notavel sergipano na sua ultima paixão, que o ajudou a matar.

E, dest'arte, sempre até a morte foi um temperamento de expansão.

Já muito doente e abatido pela terrivel molestia que o victimou, teve de retirar-se, por conselhos medicos para o sertão de S. Bento, distante algumas leguas do Recife. Habitnado á vida da cidade, ao ruido captivante da cultura, como costumava dizer, não poudé supportar o viver monotono da roça, e, poucos dias depois de chegado, dispoz-se irresistivelmente a voltar. O vigario do lugar, que o apreciava, e achava extemporanea aquella retirada subita, interpella-o:

« — Porque volta, doutor ? »

« Porque volto ? Esta é boa ! nem se indaga :

Não posso mais soffrer tamanho exilio :

Pois a vida bucolica e campestre

Só me agrada... nos versos de Virgilio. »

Foi a resposta do enfermo, que já era um condemnado proximo ao tumulo, já era quasi um cadaver, tendo apenas scintillante o espirito.

Aqui ainda o idealismo predominou. A terceira e ultima foi aquella de que tratei no texto, mais terrena e sensual, sem a grandeza das outras.

A' primeira poz termo a opposição fidalga da linhagem da moça pernambucana; á segunda, já sendo elle casado, cortou os vãos sua mãe, então ainda viva, que morava com elle na Escada, e que o poeta adorava; á terceira desmanchou a intrincada malha — a morte.

São elementos que ahi deixo para uma mais completa comprehensão de sua vida intima, que ainda não foi escripta.

Quando se lhe recapitula a vida, quem a conhece a fundo, vê bem que em todas as phases, em todos os sitios que habitou, teve os momentos de folga que lhe dava o lado prasenteiro de seu genio ; mas passou por dissabores tremendos. No ultimo anno da existencia esgotou até ás fezes a taça do infortunio.

Com a certeza da morte, irremediavelmente proxima e esperada á qualquer hora, na impossibilidade de trabalhar, chegou á quasi completa penuria.

Nem assim se applacou a sanha de seus crueis inimigos : divertiam-se em passar telegrammas sobre a sua morte para o aterrar. Se os azares da existencia tivessem feito delle um pessimista completo, nada seria mais justificavel.

Não foi assim, entretanto ; o que havia de imaginoso e sentimental em sua indole preservou-o disto, deixando-o apenas no humorismo.

Recordo todas estas cousas que andam na tradição, e me occorrem agora apressadamente á penna, no claro intuito de mostrar quanto havia de naturalidade e de espontaneidade no talento do poeta e prosador sergipano, e provar quão diverso foi elle do typo *remontado e gongorico*, qual o phantaziam para seu uso os criticos malevolos do Rio de Janeiro, que o não conheceram, não o ouviram, jamais o leram largamente, attentamente, e não podem avaliar quanto o representam mal.

Dava-se com elle o que disse Scherer da Stael, isto é, que quem a conversava ficava por muito tempo *sous le charme*.

As notas ahí deixadas referem-se ás espontaneidades do *causeur*. Vejamos mais de perto o humorista; mas isto só em seus livros.

De todos elles é preciso excluir o livro de poesias, porque o autor dos *Dias e Noites* tinha neste ponto opinião assentada: achava que era uma especie de profanação empregar a divina arte em assumptos que não fossem nobres e para dar expressão a sentimentos que não fossem dos mais puros, immaculados, ideaes. E' por isso que só usou da fôrma poetica em circumstancias critico-humoristicas tres vezes: na satyra a um juiz de Laranjeiras, no debique feito n'uns autos a um juiz da Escada, que dizia *não ser crime o namoro*, e no apologo — *O rei reina e não governa*. Fôra disso só em innocentes pilherias e repentés de occasião.

Na poesia, como fôrma adorada, só vasava as effusões lyricas, nascidas dos grandes e serios affectos do amor, do patriotismo, da emoção artistica e congeneres. Como era natural, tinha de daí nella expansão ás faculdades imaginativas e ás emoções que ellas sabem crear nas almas impressionaveis nos annos da adolescencia e da mocidade. E' por isso que a poesia predominou na sua phase sergipana e na primeira época em que viveu no Recife. E' o estadio do romantismo, o periodo francez de seu desenvolvimento: Hugo e Quinet eram, como já se disse, os mestres predilectos. Mas seria um erro affirmar que esse predominio da lyrica equivalia á ausencia das tendencias revolucionarias posteriores. Ellas lá se achavam

incubadas, revelando-se por vezes, e pedindo apenas um raio propicio para se expandir com intensidade. As naturezas complexas podem, segundo as circumstancias, desenvolver-se ora mais fortemente n'um sentido, ora noutro, ao sabor dos influxos que lhes provenham do mundo que habitam, do meio social em que agem, das mutações do ambiente que as cercam. Taine e Renan, quando começaram sua carreira na vida espiritual, eram, ao que parecia, dotados por modo igual de qualidades poeticas e scientificas. Os primeiros ensaios dos dous revelavam duas fortes imaginações ao serviço de dous temperamentos critico-scientificos. Foram-se passando os tempos e a differenciação das duas organizações foram-se accentuando cada vez mais. O espirito scientifico, systematisador, classificativo e esmiuçante foi-se destacando cada vez mais no autor da *Viagem aos Pyreneos* até reduzi-lo ao arido accumulador de factos de alguns capitulos de suas *Origens da França contemporanea*, apagando-lhe quasi a veia poetica do Taine dos primeiros tempos.

O contrario succedeu ao autor da *Historia geral das linguas semiticas*. Parecendo a principio que iria dar a França um emulo de Gesenius e um rival de Strauss, viu crescerem-lhe a mais e mais as tendencias poeticas de seu espirito de bretão emocional, acabou em pleno dominio da phantasia que elle tinha a ingenuidade de tomar pelo terreno solido da philosophia e da sciencia. Mas se enganaria quem suppuzesse que n'um e n'outro d'aquelles dous grandes espiritos da França de nosso seculo a ultima

phase estivesse em opposição á primeira, ou que elles tivessem alcançado faculdades novas que de principio não possuíam. Seria um modo imperfeito de comprehender-lhes a evolução, o natural desdobramento das qualidades nativas.

Egualmente erraria quem proclamasse a antithese radical entre a primeira e a ultima phase da vida espirital do autor da *Lenda civil*.

Seria erro identico ao d'aquelles que imaginam completa antinomia entre os dous periodos fundamentaes da vida de Machado de Assis. Já tive occasião de assignallar paginas acima o desparatado de similhante opinião. O que tem illudido os criticos do romancista fluminense têm sido apenas as apparencias.

Pegam de *Braz Cubas* e *Quincas Borba*, notam aquella carcassa exterior do humorismo, aquelles pequenos capitulos, aquelles titulos extravagantes, aquellas paginas occupadas por pontos enfileirados, e julgam lá de si para si: « aqui sim, estamos n'um perão, a cousa é séria; o homem emmaranhou-se na profundeza da loucura humana, traz as mãos cheias de mysterios e prodigios; não devemos ficar atraz d'elle, devemos mostrar que somos tambem capazes de sentar-nos á mesma mesa e saborear os mesmos fructos de sciencia transcendental. »

Tanto mais convictos se mostram de haver aportado a regiões encantadas, quanto, lançando vistas descuidosas aos livros antigos do escriptor, não lhes descobrem os

assustadores meandros. Mas é simples leviandade. O humorismo, todo o humorismo de que é capaz Machado de Assis, que é de natureza innocente, placida, tranquilla, já se acha nos seus mais velhos escriptos ; já está em *O caminho da porta*, *Os deuses de casaca*, *O protocollo*, *as Chrysalidas*, *as Phalenas*, *os Contos Fluminenses*, *as Historias da meia noite*.

Quem duvidar leia em *Chrysalidas*, por exemplo, *Os arlequins*, *As ventoinhas*; em *Phalenas*—*Menina e Moça*, *Lgrimas de cêra*, *Pallida Elvira*; nos *Contos Fluminenses*—*Miss Dollar*, *Luiz Soares*, *Confissões de uma viuva moça*, *Frei Simão*, *Linha recta e linha curva*; em *Historias da meia noite*—*As Bodas de Luiz Duarte*, *Ernesto de tal*, *Aurora sem dia*, *Ponto de vista*. E assim é sempre o mesmo caso em todos os livros de todos os tempos do autor d'*A mão e a luva*. O que, a meu vêr, tem illudido os criticos, é simples questão de apparencias : o tal ou qual humorismo dos primeiros escriptos do contista é mais singelo, mais natural, mais espontaneo, mais de accôrdo com sua propria indole ; mas é pacato, não se exhibe, não é farfalhante, não chama sobre si a attenção. O outro, o posterior, é amaneirado, tem pretensões infundadas ao horrivel, é postigo justamente nesse esforço que faz para se mostrar. Tiro, desde já, certas conclusões indicadas rapidamente em todo o correr deste estudo e que serão o remate ulterior de minha analyse : 1ª, ha unidade na obra total de Machado de Assis ; 2ª, não lhe contesto o humorismo em geral e em certo sentido em que elle se confunde

quasi com o gracejo ingenuo e com a ironia docemente velada ; 3^a, tal manifestação do humour, a unica de que é susceptivel a indole pacata e tranquillã do poeta fluminense, acha-se mais espontaneamente em seus primeiros livros ; 4^a, a feição mais carregada que lhe deu nas obras recentes é uma superfectação, um traje tomado de emprestimo, nma imitação inhabil e escusada ; 5^a, o progresso do escriptor em seus ultimos livros está especialmente no apuro da phrase, na correcção do estylo e tambem na maior penetração da analyse das almas, no estudo dos caracteres ; 6^a, a tendencia humoristica, no que ella tem de confiante com o pessimismo, e que o autor desenvolve artificialmente, tem prejudicado a tendencia analysta psychologica, que lhe era natural e espontanea, desde os primeiros livros, nomeadamente— *Helena*, *Yayá Garcia*, *Resurreição* ; 7^a, é por isso que, em vez de ser elle, como podia ser perfeitamente, um rival de Bourget, sem esforço, sem bulha, apparece antes como um Edgar Poë aparado, um Baudelaire de agua de rosas. Tal o motivo pelo qual em todos os seus livros, velhos e novos, as paginas mais duradouras são aquellas em que se revela o seu talento de conhecedor das almas, de characterista dos homens, em que a poesia o acompanha e o humorismo singelo, que lhe é espontaneo, exactamente como em Bourget, se faz tambem sentir. Quando faz de tragico, horrivel, enigmatico, transcendental, pessimista dogmatico, não me toca, não lhe acho graça ; porque aquillo não me empolga, não me subjuga, nem sequer me convence ou me illude em qualquer grão.

Escusado é accrescentar que dou aqui a minha simples impressão sem a minima veleidade de que ella seja a verdade para todos.

Concordo, pois, que Machado de Assis seja um humorista, dando a esta palavra a significação especial que é de costume lhe emprestar entre latinos e meridionaes, como synonimo da simples graça, do espirito, da pilheria, da ironia suave, como temos varios especimens entre gregos, romanos, francezes, hespanhoes, como é entre nós o caso de Lafayette Pereira, Ferreira Vianna, França Junior, Arthur Azevedo, Augusto de Castro, Carlos de Laet e Ferreira de Araujo, por exemplo. Este é o que se acha em todos os seus livros, quando elle quer ser elle mesmo, quando não o tenta o demonio da imitação de inglezes e allemães. O outro, seguindo as definições de Hennequin, Taine e Scherer, que deixei referidas, a alegria louca em meio da tristeza ou a tristeza incuravel em meio das expansões mais espontaneas da alegria, essa typica união de contrastes, identificados n'uma synthese organica superior, quasi inexplicavel, o lyrista do Rio de Janeiro tem delle apenas as apparencias.

Voltemos agora ao nosso estudo comparativo e vamos apreciar o caso do poeta, critico e philosopho nortista. O humorismo está n'um certo exaggero da sensibilidade (Hennequin); no gosto dos contrastes; n'um especial desdem do publico que não busca agradar; em allusões, casos e ditos inesperados; na desusada sinceridade de dizer tudo que pensa, mesmo as maiores extravagancias;

na irrupção subita da alegria soterrada n'um montão de tristezas, manifestando-se por ditos exquisitos; na phrase poetica inesperada no meio da monotonia da prosa (Taine); no desaccôrdo entre o homem e seu destino, entre a realidade e o ideal, expressa essa ironia da sorte sem irritação, sem colera; no gosto de mostrar na virtude o cortejo do ridiculo e nas cousas veneraveis o grotesco que as acompanha; n'um mixto de cousas brejeiras e tocantes; n'uma certa complacencia sceptica incompativel com o fanatismo das almas inteiriças e unitarias (Scherer). Ora, pois, quasi todos estes signaes acham-se no polemista de *Self government* muito mais intensamente do que no poeta de *Tu só, tu, puro amor*. Não é phantasia; convidado o leitor a fazer commigo um processo de completa demonstração. O poeta e critico que venho comparando a Machado de Assis, sob o ponto de vista de alguns predi-cados litterarios, era uma especie de natureza dupla, uma synthese de duas indoles contrarias: um temperamento escarninho e zombeteiro, cuja origem não seria difficil indicar a quem, como eu, conheceu os seus antepassados, alliado a uma natureza de melancolico, de que me seria tambem facil determinar a procedencia.

Estas organizações de homens notam-se fundamentalmente por uma aggravação da sensibilidade, oriunda de pronnciado disequilibrio nervoso. Se os azares da existencia, se as condições da luta pela vida vêm em auxilio dessa hypertrophia inicial da sensibilidade, as manifestações desse estado ainda mais se accentuam e

tornam-se incoerciveis. O filho do zombeteiro, satyrico e intelligentissimo escrivão Pedro Barreto tinha naturalmente o espirito aberto ao divertimento, á alegria, ao prazer e ao desabuso contra certas formulas da hypocrisia humana; o filho de D. Emerenciana de Menezes, a doce e poetica figura de mãe extremosa e sentimental, que tanto conheci e a quem rendo aqui um preito de saudade, tinha de ser triste e magoado, religioso e sonhador, como todas as almas profundamente boas. As condições de vida desenvolveram esses germens. E' por isso que toda a obra de Tobias dá testemunho dessa dupla personalidade: a poesia e o sonho ao lado da analyse, da critica, da satyra. Mas estas ultimas eram sempre contaminadas pelo subjectivismo da poesia e do sonho, tudo, afinal, se transformava em emoção e affecto, condição fundamental do humour, segundo o autor de *Ecrivains français*. A mais superficial leitura de seus escriptos o mostrará facilmente a qualquer. E o mais interessante é que elle mesmo tinha consciencia de tal estado psychologico. Já deixei citado o trecho sobre as terriveis procissões penitenciaes que se faziam em Campos no tempo de sua meninice e que lhe deixaram inapagavel impressão. E' que acharam o terreno apropriado. Mas temos confissões ainda mais completas sobre a preponderancia da sensibilidade em seus varios estadios d'alma.

São instructivos como documentos humanos e descripções do terreno em que costuma brotar o humour.

Falando sobre Bellini e a *Norma* em junho de 1882, escrevia isto. « A ultima vez que assistimos aqui a uma representação da *Norma*, foi ha cerca de treze annos, em setembro de 1869. Já é tempo sufficiente para apagar de todo quaesquer impressões e fazer esquecer até o nome dos artistas, que por ventura então se distinguiram. Com effeito, não me lembro mais delles, nem posso mesmo affirmar em consciencia qual tenha sido nessa época o desempenho da opera. Era pois muito natural, se é que a natureza entra nessas cousas, que hoje uma representação da *Norma* tivesse, como teve, para mim, e creio que para muitos outros, um certo ar de estranheza e novidade. Póde isto, aos olhos de muita gente boa, dar sómente prova de meu gosto pouco apurado em materia musical. Não questiono sobre este ponto.

O que porém parece-me acima de qualquer duvida, como facto psychologico, é, que todos nós, velhos e moços, cultos e incultos, somos sempre, mais ou menos um resultado das emoções da meninice. Bellini, as musicas de Bellini foram uma das fontes de minha primeira educação esthetica. Cheguei ao ponto de amar o meu Vincenzo, como amava o meu Virgilio. O autor da *Somnambula* não me era menos amigo do que o autor das *Eclogas*. Ambos mellifluos, ambos serenos : eram os dous mais intimos frequentadores do meu palacio de chimeras. Esta quadra passou, é certo ; mas não passaram com ella todas as illusões de que se nutre um espirito, uma daquellas naturezas problematicas, para quem, a despeito de tudo,

um galho de rosa, que entra pela janella, offerece maior delicia do que um bonito prato de assado sobre a mesa.

A minha velha sympathia por Bellini é talvez um resto de sonho juvenil, porém um sonho que ainda me agrada. *Aliquando fas est insanire*, — algumas vezes é bom *romantisar* a vida, e eu não conheço força mais apta para fazer-me estremecer a fibra romantica do que o *bel canto* do grande poeta siciliano. Ha um proverbio francez segundo o qual todas as cousas têm a sua manhã, — *il n'y a que le matin en toutes choses*. E' uma verdade; mas nós podemos addicionar-lhe outra e é que ha cousas que sempre se acham no estado matinal.

A *Norma* pertence a esta classe. Com os seus 51 annos de existencia, idade mais que bastante para desdentar a grega Hellena, ou abrir meia duzia de sulcos na face de Maria Dagmar, a *Norma* ainda tem viço e conserva intactas as suas mil bellezas. Não foi sem muita razão que o celebre historiador da litteratura italiana, Luigi Settembrini, apreciando a natureza das differentes artes, escolheu a popularissima opera como typo de perfeição na musica. Creio que o famoso professor da Universidade de Napoles merece mais respeito do que qualquer dos nossos dilettantes, que em todo caso preferem um grito ou uma risada de Verdi a uma lagrima do mimoso componista, compatriota de Meli.

Não ha duvida que a musica de Bellini, já por effeito da propria indole do poeta, já pela influencia do tempo em que appareceu, resente-se ás vezes de um excesso de

morbidez, de alguma cousa que só pôde bem falar a um coração doente. Porém, qual é o feliz que dispense qualquer afago, qualquer consolação, daquellas que só á mulher e ás flôres, á musica e á poesia é dado distribuir?»

E' bem claro; é a linguagem de um hypertrophiado da sensibilidade, um critico que vê as cousas com olhos de poeta, que troça e chora ao mesmo tempo. Tal estado d'alma precisa ser bem documentado para as conclusões que devem ser tiradas. N'outro ponto disse o escriptor :

« Continúo a julgar dos productos musicaes, não segundo a letra de um frio programma philosophico, mas segundo as impressões, mais ou menos profundas, que elles me causam. As relações que mantenho com a musica não são de pura intuição, mas ainda de caracter pathologico: apaixono-me por ella... O meu modo de pensar se confunde com o meu modo de sentir; o meu doutor é o meu enthusiasmo. »

Este ponto está assentado pelas proprias confissões do autor.

Mas a pintura seria incompleta e ficaríamos pensando que tínhamos diante de nós um desses românticos choringas a Franco de Sá ou a Casimiro de Abreu, sinão assistissemos ao desdobramento do quadro, sinão ficasse consignada a volubidade propria desses espiritos emotivos complicados pela analyse.

Além de ser ella evidente em toda a obra do amavel poeta e pensador, elle proprio, com uma sinceridade

de pasmar, é o primeiro a confessal-a. Eil-o que escreve no prologo da primeira edição dos *Estudos Allemães*: «Julgo dever fazer uma advertencia: em alguns dos artigos que compõem o presente volume, ha mais de uma idéa, nascida em outra época e sob outras influencias, com que já não me sinto de todo identificado. Eu sou um pouco volúvel.

Esta verdade, que ha trinta annos já me dizia em tom convicto, a minha primeira *deidade* quando se viu sacrificada a um rosto mais gentil, permanece no mesmo estado de frescura, pelo que toca, não a amores, mas a theorias, que nunca tiveram força de ganhar-me o coração, e que portanto não duvido desprezar de olhos enxutos, por causa de outras, que melhores me parecem. Se uma tal franqueza de minha parte está em condições de produzir escandalo, é o caso de repetir com Schopenhauer: — commetta-se o escandalo, porém diga-se a verdade. »

Em tudo isto, em todos os trechos até aqui citados, a começar no das encommendações das almas, o demonio do humorismo já vai pondo as unhas de fóra.

Mas o scenario não está ainda completo: da volubidade a um scepticismo mais ou menos fundamental, em quasi tudo, a distancia não é muita. No mesmo prologo o autor a percorre e declara-nos: « O que este livro significa, elle mesmo o dirá. Não hei mister de entrar em prévias explicações. Para bem julgal-o, o leitor não perca de vista que lê o trabalho de um espirito inquieto, o qual

muitas vezes, da sua luta *jacobica*, na falta de anjos do céu, com demonios da terra, ainda que victorioso, todavia teve de sair, não coxo, porém sceptico. »

Onde a sensibilidade exaggerada toma a fôrma da successão rapida de impressões, que se chama volubilidade, e, em collisão com o pensamento critico, não consegue eliminal-o, e apenas o attenúa nos moldes do scepticismo, é fatal que venha a produzir a ironia, peculiar situação de espirito em quem é bastante vibratil para sentir e bastante lucido para dirigir os assomos das proprias emoções. O nosso critico de arte, religião e philosophia chegou tambem a esse ponto. E' interessante ouvi-lo confessar, no final do seu estudo sobre *direito autoral*, escripto por occasião do concurso que fez para uma das cathedras da Faculdade do Recife e que lhe valeu muitas intrigas: « Segundo li ultimamente em um jornal do sul do imperio, o sabio naturalista allemão Fritz Müller, que alli reside, acaba de descobrir que a natureza, entre nós, cercou certas plantas selvagens de meios de protecção contra o ataque das lagartas. E' assim que o maracujá, diz elle, é dotado de umas glandulas que secretam um mel especial, o qual attrahe umas formigas pretas, que deliciadas por aquelle nectar não consentem que as lagartas se approximem.

Eu sou uma dessas plantas selvagens. Tambem guardo o meu mel: — é um pouco de poesia, que não me abandona mesmo nos momentos mais criticos da existencia. Tenho tambem commigo uma formiga preta: — é a ironia

a ironia reflexa que zomba até da propria zombaria, a ironia que me defende das más impressões que me possam causar a intriga e o mexido das almas pequeninas ».

Trecho é este bem significativo, que aclara todo o interior d'alma do ensaista brasileiro. Mas com mão firme elle proprio brandiu resolutamente a tocha que illuminou todos os recantos daquelle mundo subjectivo neste pedaço, que tem alguma cousa de doloroso: « A sociedade em que vivo não tem de certo força bastante para levar-lhe comsigo, como um madeiro arrastado pelas aguas selvagens dos nossos rios ; mas eu tambem, por minha vez, não sou bastante forte para desvial-a do seu caminho, para fazel-a á minha imagem e similhaça : d'ahi alguma cousa de tragico em minha vida, que far-me-hia misanthropo e infeliz, se a natureza me não tivesse investido de uma indole expansista e mil vezes mais disposta ao prazer do que á tristeza. »

E' a consciencia do desaccôrdo entre o pensador e a sociedade e a indiferença para com as opiniões desta ultima.

Conhecida assim a situação espirital do escriptor sergipano, bem se comprehende como elle não ficou um simples satyrico ao gosto de Gregorio de Mattos, ou um simples polemista ao sabor de Camillo Castello Branco, ou um pilherico improvisador ao geito de Laurindo Rabello, ou um doce humorista nas cordas de Paul Louis. Os problemas graves da esthetica, da religião, da philosophia e do direito não o deixaram nunca de preoccupar.

e por isso em sua ironia entraram notas, que lembram Carlyle, Emerson e Schopenhauer.

E' um João de Deus sobrecarregado pelas luctas, pelas dôres, pelos soffrimentos e audacias do pensamento do seculo. E eis como um homem que escreveu pouco, mas pensou muito, nos seis ou sete volumes a que se póde reduzir toda a sua obra, não deixou nada que não seja bom como sinceridade, como talento, como espirito e como suggestão para os outros.¹

Assim preparados entremos, eu e o leitor, na demonstração directa do humorismotobiatico, citando-lhe trechos. Ha apenas a difficuldade da escolha, tantos são elles, que não existe escripto seu em prosa que o não contenha ás duzias. Nestas condições, peguemos qualquer de seus livros em qualquer pagina. Sejam os *Estudos Allemães*, de que tenho presente a primeira edição de 1883, e, para não parecer capricho, seja logo no primeiro artigo alli inserto e que se intitula *A alma da mulher*. O philosopho bate-se contra A. Jellinek a favor da cultura feminina. Ouçam estes trechos: «O illustre rabino, a quem approuve reforçar tambem com sua quota o capital, já tão crescido, de prejuizos obscurantes sobre a natureza, o

¹ Já estavam estas paginas escriptas, e postas na typographia a serem impressas, quando li o excellente artigo de Clovis Bevilacqua, *Tobias Barreto como jurista*, publicado na *Revista Brasileira* de 15 de julho deste anno e onde vejo que o illustre professor de Pernambuco pensa sobre o autor dos *Menores e Loucos* como eu mesmo penso. E d'aquelles que não acabam *pessima a escola* do escriptor sergipano.

destino, a vocação feminina, se a esta hora ainda existe, não deve olhar com muito orgulho para o seu trabalho de 1872, que bem podera se denominar um ensaio de *gynecologia biblica*; deve antes sentir-se tristemente impressionado de vêr que as suas idéas, ainda que elevadas pouco acima do nível do senso commum, que é a chamada philosophia do povo, não conseguiram ganhar terreno. A parte louca da humanidade, aquella que gyra em ellipse alongadissima em torno da velha pratica da vida, e que é dotada de maior grau de adaptabilidade, insiste no seu proposito de outorgar á mulher, na esphera da prosa, uma fracção ao menos do que se lhe confere na esphera da poesia. E a questão já chegou a tal ponto, que os doudos entusiastas da emancipação de Eva começam a ser os mais arrazoados no debate.

Já vae soando como um ruido de matraca a pretenção fradesca de não se abrir no *gyneceu* nem sequer uma janella, que dê para o grande mundo, para a vida em pleno ar, e de permittir apenas uma fresta, por onde a mulher veja sómente o céu. . . »

« Em defesa de sua these Jellinek ainda invoca a chamada economia da natureza, que nada faz superflua-mente, que não se repete em seus typos. Mas elle não se lembra que a natureza é como Deus, que se presta a ser invocado, com igual direito e chanças iguaes de triumpho, por qualquer de duas hostes belligerantes; nada resolve por conseguinte. Emquanto, diz elle, a voz masculina de uma mulher fôr, como é, uma cousa chocante e

estranhavel, nós teremos por justificado o falar de uma psychologia feminina.—Sim, senhor; mas que prova isto? Absolutamente nada em relação ao thema proposto. De bom grado concedo a existencia de uma psychologia feminina, mas... quem a faz? quem lhe formula as leis? Jellinek tem o defeito commum a todos commungadores da mesma idéa: só parece que, ao menos uma vez na vida, já fizeram parte do sexo amavel, tal é o tom de segurança com que falam, *psychologicamente*, das fraquezas da mulher. Não duvido em subscrever-o: a mulher com qualidades másculas, a mulher ossuda e barbada, é na verdade um phenomeno chocante, e autoriza-nos a presuppor uma grande differença entre os papeis de cada sexo; mas tambem é certo que, emquanto se nos não explicar plausivelmente, porque razão, uma vez admittida a unidade de lei no desenvolvimento das especies, o pavão, por exemplo, é mais bonito que a pavôa, o gallo mais que a gallinha, o novillo mais que a novilha, o leão mais que a leôa, só a mulher entretanto é mais bonita que o homem, nós temos o direito de admittir uma superioridade feminina e de reclamar para ella as regalias que entendemos lhe competirem.» « A chamada questão da mulher, depois de atravessar a phase poetica e rhetorica, na qual se queimou muito incenso em honra da *deusa* e tambem, conforme os gostos, muito grito de execração se fez ouvir contra a *diaba*, depois de deixar o estado crepuscular do idealismo phantastico, chegou enfim ao pleno dia do realismo scientifico, onde até a estatistica, com toda a

fria prosa dos seus dados, não se recusa a lhe prestar serviços.

Não se trata mais hoje de escrever livros á saúde da mulher. Cessou o banquete dos deuses, e, com as musas que adormeceram, emmudeceu tambem a lyra dos poetas.

Bem entendido, não para sempre, por algum tempo sómente ; pois dá-se no dominio gynecologico alguma cousa de semelhante ao que se dá no dominio astronomico: por mais longe que vá o espirito observador, nunca poderá affirmar ter conhecido tudo que é cognoscivel e capaz de entrar no campo objectivo dos seus instrumentos de observação; e é justamente esta esphera de conjecturas e presentimentos, tangente ao circulo, grande ou pequeno, do nosso saber, quer no districto das estrellas, quer no dos bellos olhos femininos, que ha de sempre constituir o mundo da poesia.

« Todo e qualquer escripto que se propõe na época hodierna addicionar uma pagina ao grande livro do chamado sexo fraco, é anachronico e atrasado, desde que não encara a questão pelo seu lado pratico, mas se limita a repetir, com bem poucas variações, o thema popular, que se assovia nas ruas, quero dizer, a velha cantiga da *beleza feminina*, unida á incompetencia para outros misteres, que não sejam os do concheiro familiar e da sua *despoetisação* pelo contacto com a vida politica e social.»

« A expressão — naturezas demoniacas —, que não duvido pareça estranha, eu a emprego com o proposito de

firmar a antithese que existe entre mulheres intelligentes e consciâs do seu destino, de um lado, e de outro lado o grande numero de simplórias, frias, indifferentes, mal sabendo externar uma idéa que se eleve alguns pontos acima do *mezzo soprano* da moda, do tricot e do crochet, mulheres bonecas, em quem se pôde, é verdade, adivinhar umas lindas e polpudas pernas, um embigo ideal, delicia dos olhos ou de qualquer outro sentido ainda mais exigente, e que faria lembrar o proprio *alabastrum unguenti pretiosi* derramado sobre a cabeça do Christo, mas tambem se reconhece um espirito pauperrimo, e ás quaes aliás se dá o titulo de — naturezas angelicas —, sem duvida por já mostrarem na terra o idiotismo transcendental, que as espera no céu.»

« Os escriptores que ainda se dão ao trabalho de bradar contra as justas pretensões da mulher, têm o ar de quem se julga unico iniciado nos grandes mysterios de um olhar amoroso, ou de um arfar de seio feminino. Dir-se-ia que só elles conhecem, que só elles experimentaram a magia de um abraço, ou a inebriante doçura de um beijo, e que por isso tratam de mostrar a nós outros, pobres profanos, a quem são desconhecidas estas divinas cousas que a mulher não é isso que nós pensamos, mas um ente á parte, o qual ao muito pôde entrar comnosco na lucta pela vida em sua fôrma rudimentar, que é a conquista do *pão quotidiano*, porém nunca entrar comnosco na lucta pelo direito, pela luz, pela verdade. São muito ingenuos estes senhores! Tambem nós sabemos que gosto tem o

nectar e de que carne é feito o manjar dos numes; mas não é este o ponto em discussão. O desenvolvimento da essencia feminina, no sentido de central-a e reduzi-la ao circulo unico da familia, tem sido natural e regular? Além do theatrinho do lar domestico, em que ella realmente representa o primeiro papel, não ha um theatro mais vasto, onde ella possa expandir talentos e forças ainda não aproveitados? »

« A velha phrase *bello sexo* já me vai causando suspeitas; quer me parecer que ella, por si só exprime tudo que ha de frivolo e leviano no modo commum de apreciar a natureza feminina. Dá-se com o *bello sexo* o que se dá com as *bellas letras*: assim como a respeito destas bem poucos são os que as consideram mais que um assumpto de puro entretenimento, assim tambem a respeito daquelle são rarissimos os que se elevam a cima do ponto de vista, não direi mesmo esthetico, mas puramente plastico; e este é o mal que deve ser combatido. »

« O cerebro da mulher ainda não está atrophiado e, á falta de exercicio, reduzido á inercia funcional dos olhos da coruja, ou das azas da ema. Ainda é possivel uma reacção salvadora. Desta especie de renascimento do sexo feminino depende, em alta escala, o futuro da humanidade.

Minha idéa, pondere-se bem, a idéa que eu esposo, não é a da rapida transição de um extremo a outro. Nada haveria mais perigoso que essa passagem, por exemplo, da

Silencieuse à Philosophie des Unbewusten... A natureza não dá saltos; mas seria um *salto mortale* a troca immediata da familiaridade com Singer ou Howe pela familiaridade com Hartmann ou Schopenhauer. Não sigo por este caminho. Os posteros poderão um dia comprehender e admirar, *verbi gratia*, uma *schopenhaueriana* costureira; porém hoje é incomprehensivel e detestavel uma costureira *schopenhaueriana*, uma costureira-philosophia, epitheto este, que entretanto caberia de direito a toda e qualquer mulher de nosso tempo e de nossa terra, a quem aprouvesse subitamente emancipar-se da almofada por amor do livro, pois que todas, em ultima analyse, qualquer que seja a sua condição economica e posição social, não saíram ainda do terreno em que floresce a sciencia da agulha e do dedal. *Festina lente*—tambem é neste, como n'outros pontos, a minha norma de conducta. Mas não se julgue que, assim opinando, eu queira fazer côro com certa classe de *neptunistas* politicos que não admittem catastrophes, que explicam tudo pelo tempo, que exigem para a extincção de um erro ou o reconhecimento de uma verdade a mesma somma de seculos que se requer para a formação de um arrecife ou a de um banco de coral. »

« Sobre que classe de seres não se póde idear uma psychologia? As proprias flôres têm a sua, a crêr-se nos poetas, que lhes conferem este ou aquelle sentimento. A psychologia da mulher por Jellinek, é vasada em molde igual.

« Se a mulher existe unicamente, como se soe dizer, para a vida da familia, para as funcções supremas de mãe e esposa, a conclusão é que uma vez não attingindo este alvo, pois que a todas não é dado enfiar no dedo o anel esponsalicio, nem o cingir-se da charpa da maternidade é acto que só dependa do desejo de cada uma, a vida da mulher que lá não chega, é uma vida falhada, uma existencia espectral, uma peregrinação lastimavel.

Mas esta conclusão é absurda em si mesma, e ainda mais, porque ella importaria justificar o prostibulo quasi como uma bella instituição social, estabelecida para corrigir os erros do destino. Assim aquelles que não cançam de repetir o estribilho da chamada *vocação natural*, deviam lembrar-se, antes de tudo, que no grande baile da vida muita senhora *fica sem cavalheiro*, que a sociedade não tem á sua disposição o numero de *noivos* de que carecem as *noivas*, e que, portanto, é uma extravagancia, na educação da mulher, só ter em vista o futuro estado de mãe de familia.

Pondo de parte o que de mau tem causado esta maneira de ver, attento que mais de um casamento infeliz só deve a sua infelicidade ao velbo preconceito, pelo qual a mulher que não casa, é um ente inutil, como o segundo tomo de uma obra de dois, dos quaes perdeu-se o primeiro, em me limito a seguinte observação : dado mesmo de barato que a unica missão feminina fosse a de ter filhos e de viver ao lado do homem, ha por ventura alguma incompatibilidade entre esta nobre missão e um grau superior

de cultura? Tão simples é o papel de esposa e mãe, que dispensa a luz intellectual, ou até a repelle como perturbadora do socego domestico? Será também uma lei providencial que o homem culto, quando casado, não tenha uma mulher, com quem converse, nem seja por ella entendido?»

« A chamada instrucção secundaria, que é dada nos collegios particulares, com rarissimas excepções, está abaixo de qualquer critica. Mais de uma discipula aproveitada de taes *collegios* não sabe nem se quer conjugar o verbo *saber*.—V. Ex. far-me-ha o obsequio de tocar ao piano um *nocturno* de Chopin? — *Não seio* — é a resposta commum. Bem poucos seriam, na verdade, os que não quizessem fazer dos proprios labios *catechu* para apagar na bocca da bella aquella lettrinha de mais ; — porém o *seio* em vez de *sei* faz mal aos nervos.

Assim, um pouco de musica, algumas peças de salão para o piano, um pouco de desenho, gaguejar uma ou duas linguas estrangeiras, e ler as bagatellas litterarias do dia, eis o total da maior cultura do sexo feminino em nossos tempos, cultura anomala, que E. von Hartmann justamente qualificou de instrucção systematica da vaidade, e que, entretanto, não é preciso dizel-o, redobra de esterilidade e penuria entre nós.

Ao menos emquanto não chegar a época prefixa pelo propheta V. Hugo, o nosso atrazo ha de ser sempre superlativo, em relação a outros paizes; temos para isso muito boas razões. Mas é consoladora, se não para mim,

todavia para outros, a esperança gerada pelo verbo do vidente, isto é, que no seculo XX, de 1900 em diante, o Brasil ha de ser alguma cousa de grande e extraordinario. Só ha a ponderar o seguinte : é que, no mesmo seculo vindouro, segundo o proprio alcance de V. Hugo, a França tem de ser deusa (*Paris guide*); e, como este, muitos outros factos dar-se-hão, a crer-se no vaticinio do mestre, que aliás são inconciliaveis com a promettida grandeza do Brasil.

Oh ! misera fraqueza humana ! O republicano V. Hugo, não achando palavras bastantes para agradecer a honra que lhe adveio da visita de um rei, como Pedro II, deita-se a dormir e sonha maravilhas para esta terra, que esse rei aliás tão desastradamente governa !...

Limitada como tem sido em geral, e como ainda hoje ha quem pense que deve ser, não passando além da elementariedade, a instrucção feminina é totalmente inutil, e quasi podia-se dizer, perniciosa e fatal.

Se já houve quem opinasse que a arte de *ler e escrever*, sem cultura intellectual propriamente dita, é o mais um mal do que um bem, pois importa para os agitadores um meio seguro de propaganda, tendo elles por esse modo um rebanho de leitores doces, que não reflectem, que não reagem criticamente, parece que isto é applicavel com igual, senão maior propriedade, á instrucção elementar feminina. No velho prejuizo, ainda mal extinto actualmente, pelo qual não se admite que a mulher saiba *ler e escrever*, afim de não abusar desta *sciencia* com

epistolas amorosas, ha um fundo de verdade. O *a b c*, reduzido á sua propria efficacia, é uma força perturbadora do equilibrio moral. Antes a casa de todo não varrida, do que sómente começada a varrer e deixada em méio caminho, para acudir de prompto a outros misteres : a impressão da immundicie fica mais pronunciada. Da poesia do *billet doux* á baixa prosa do *rol de roupa suja* vai apenas a distancia de um salto de gato ; e todavia são estes os dois polos da esphera litteraria da mulher, como ella deve ser; segundo o conceito que na pratica infelizmente ainda predomina. Não falta até quem julgue que a honestidade é uma flôr selvatica, que só viceja em terreno virgem, não revolvido por mãos humanas; que a honradez da mulher é um producto da natureza e como tal sómente medra e floresce na razão inversa do cultivo mental. Singularissima idéa. E' uma triste honestidade aquella que só póde existir por favor da ignorancia, ao lado da estupidez. Será de minha parte uma exquisitice, mas eu não comprehendo a attitudo de certos homens, que calculam o grau da propria ventura pela bruta honradez da *cara metade*, sentindo-se elevados e orgulhosos de terem o seu relógio de *ouro de lei*. Que novidade ! Comprar o anel de brilhante como tal, depois mostrar-se desvanecido e aditado com a legitimidade da pedra !... A honradez da mulher não é um acto, mas um estado; e nesta presupposição é tão conciliavel com a estolidez da mulher de Haydn, que rasgava-lhe as partituras para fazer embrulhos, como com o talento e illustração

de uma qualquer, que esteja no caso de secundar seu marido no mais difficil dos trabalhos, o trabalho de pensar, que não viva delle eternamente separada *quoad thorum et mensam* do espirito. A honestidade feminina, quanto a mim, é uma cousa muito commum e faz parte da bagagem ordinaria da vida ; é um predicado tão pouco caracteristico desta ou daquella individualidade, como o longor dos cabellos ou a pequenez dos pés. Não é phomeno tão singular, nem que custe tanto esforço, para se formar delle uma virtude que só pôde ser bem garantida pelas quatro grossas paredes da parvoice.

Alguma cousa de analogo, talvez, ao que se dá com a liberdade: deve ser muito poetica para quem está na cadeia ; porém eu, graças a Deus, acho-a prosaica e trivial, como a agua que bebo e o ar que respiro. Demais, a moralidade que se pretende salvaguardar com a pressão cerebral feminina, está bem longe de ser, como se crê, um rebento da natureza, é um facto de convenção. A moral convencional chega até lá. E para bem explical-o, seja-me permittido repetir a seguinte narrativa: Um viajante do Oriente, achando-se em Constantinopla, saiu uma tarde a passeiar e contemplar em suas particularidades a cidade dos sultões. Approximando-se de um parque, onde havia um bosquesinho, cuja sombra era attrahente, elle sentiu um murmurio de vozes humanas ; tornou-se curioso, espreitou e viu: odaliscas que se banhavam !... E algumas dellas iam então saindo das aguas. Que espectaculo! Mas... oh ! terror ! As bellas

presentiram que alguém as lobrigava, e, a um grito unisono, fugiram todas... *todas nuas*, cada qual mais linda, mais provocadora, com a pelle de seda humedecida e ondulante,

*Comme si goutes à goutes
Tombaient toutes
Les perles de son collier,*

em procura dos veus que pendiam da folhagem e com que logo cobriram os rostos, abandonando tudo mais á extatica contemplação do feliz observador; pois é esta uma lei do Koran: a mulher não deixar que o homem lhe veja a cara; o *resto* é indifferente!

Não se parece um tal preceito com o do evangelhò sagrado e profano da nossa moralidade, pelo qual está assentado que a mulher saber escrever um livro é cousa que gera suspeitas contra o seu character; não assim porém saber escrever uma carta de namoro?

Fazer litteratura no salão, conversando e discutindo com qualquer homem culto, está fóra dos limites da regular instrução feminina, e compromette a sua reputação; mas é justo e regularissimo *fazer theologia* com o padre no confessorio!... Isto é digno de riso; mas tem tambem o seu lado sério e lastimavel. »

Logo no segundo artigo dos mesmos *Estudos Al-lemães*, artigo que se intitula *As faculdades juridicas*

como factores do direito nacional, entre outros humorismos, lê-se :

« No meio em que vivo, ha perigo em dar-me qualquer apparencia de estudo e applicação, como ha perigo em dar signaes de riqueza no meio de larapios. São actos de leviandade, que rara vez passam impunes. De mais, e isto vale um epilogo de todos os trabalhos precedentes, eu estou sómente a referir-me á Allemanha, a appellar para a Allemanha, sem attender que a mais de um leitor, benevolo ou malevolo, similhante appello ainda se afigura como um disparate.

Conta um viajante europeu dos nossos dias ter encontrado na America uma tribu selvagem, a tribu dos *accavai*, que entre outras singularidades possui tambem a da formosura de suas mulheres. Fez-lhe sobre tudo profunda impressão a belleza de duas moças de 12 a 15 annos. Suas fôrmas estavam já tão perfeitamente acabadas, eram de tão classico desenho, que poderiam servir a um esculptor como modelo de uma Venus. Nada dos beiços grossos e dos narizes chatos, que são communs aos typos da raça ; mas narizes idealmente afilados, e rubros labios regularmente polpudos, como que abertos pela mão invisivel que distende a corolla dos cravos ; tudo isto rematado ou realçado pela bagatella dos pés e o diminutivo das mãos. Mas eis aqui o mais extraordinario : — o viajante refere que fez a estas duas moças um presente de fios de aljofar que ellas aceitaram com muito prazer ; em paga do que pede-lhes elle que cada uma lhe

dê um beijo. Ellas olham-se como que espantadas ; nenhuma sabe o que é um beijo, nem o modo de dar semelhante cousa ; e quando elle mostrou praticamente ás duas bellezas o valor dessa incognita, os selvagens presentes romperam numa gargalhada : nunca tinham visto esse phenomeno, chamado *beijo*. Ora, pois, eu tambem, com o meu continuo citar de autores allemães e idéas allemães, não estarei sujeito á alguma risada *accawaina*? Tenho meus receios. »

No artigo — *Da influencia do salão na litteratura*, entre muitas notas caracteristicas, que se não transcrevem por brevidade, basta-me respigar este trecho :

« O seculo XIX não fez render, é verdade, o capital accumulado pelo seculo que o precedeu. A influencia do salão sobre a vida nacional, no ponto de vista litterario, deixou-se reduzir por certo á um *minimum* insignificante, que não occupa lugar proprio na historia da litteratura dos paizes cultos, se antes não é que o salão, tal qual existiu na época do *rococo*, o salão organizado e sempre dirigido por uma mulher, d'onde aliás as outras mulheres eram arredadas, tornou-se uma cousa inteiramente desconhecida. Mas isto não quer dizer que o salão, como o temos actualmente, menos brilhante talvez, porém tambem menos exclusivo e limitado a uma certa ordem de idéas ou de pessoas, que as representem, seja destituido de qualquer influxo proveitoso ao espirito litterario.

Infelizmente porém tambem é verdade que, no que toca em particular á sociedade brasileira, a vida do salão ainda

é uma cousa amorpha e indecisa, se não antes uma cousa anomala, cuja influencia, dado que se fizesse sentir, seria, em geral, mais entorpecedora do que favoravel á expressão das idéas. Um *homem de salão* e uma *mulher de salão*, no sentido usual da palavra, são duas grandes banalidades, que não deixam todavia de ter o seu lado interessante, o lado comico e risivel. O canto e a dança, o jogo e a maledicencia são ainda por ora as unicas, ou, ao menos, as occupações preponderantes do *salonismo* brasileiro. Invento a expressão para mais accentuar a estranheza do conceito. O que entre nós se conversa, é sómente por amor da propria conversação, que deste modo, como alvo de si mesma, não como meio de um fim superior, torna-se puro ruido e fumaça inutil. Em um accesso de orgulho nacional, Mme de Stael disse: a conversação com o talento só existe em França. Póde ser. Mas uma cousa é igualmente certa, ou pelo menos provavel: a conversação como vicio só existe no Brasil.

— A guerra, a politica, os partidos, a ambição, o luxo, a moda, diz Emerson em sua linguagem imaginosa e poetica, tudo isto são burros carregados de cestos cheios de flores e fructos, para o serviço da mesa do rei *espírito*. — Mas esse rei, quanto a nós, é alguma cousa de messianico: estamos á sua espera. A politica, os partidos, o luxo, a moda, a ambição e todos os mais asnos ou camellos, que formam a régia caravana do espirito, são, entre nós, outros tantos senhores absolutos do entretenimento, onde aliás o mesmo espirito só brilha pela ausencia.

Karl Frenzel diz que nos salões do seculo XVIII em França, um Kant seria tão impossivel, como um Shakspeare. Nos nossos circulos, porém, é que mais exactamente um Shakspeare ou um Kant faria a impressão de uma peça de artilharia no *boudoir* de uma moça. Em parte nenhuma o homem tanto se parece com o animal que se nutre de palhas como entre nós nos fôcos aristocraticos de nossa sociedade, onde o homem se nutre de bagatellas. E' certo que a mulher brasileira não se oppõe á lei commun pela qual á chamada bella metade do genero humano foi outorgado com largueza o dom da conversação; e posto que della não se possa dizer o que Shenstone disse das francezas, que são capazes de arrancar faiscas de intelligencia até da cabeça de um sandeu, não obstante, seria injusto suppor que nenhum proveito ha a tirar do commercio mental com o sexo amavel. Mas tambem é fóra de duvida, ainda que bem contristador, que muita bocca de rosa não poucas vezes se entreabre para deixar sair, de envolta com as graças e perfumes da belleza, o almiscar da tolice. Coleridge chamava as mulheres cultas de seu paiz — as zeladoras do *puro inglez*. Não podemos orgulhar-nos de possuir um semelhante *vestalato* da lingua. Comtudo, insisto em crer que, para um espirito alado, para um espirito com *grandeza*, ha menos perda de tempo e mais occasião de excitamento intellectual, conversando em um salão, no meio mesmo de um grupo de *ingenuas*, do que assistindo, por exemplo, a qualquer sessão das nossas grandes ou pequenas assembléas

parlamentares. Quanto ao mais, mera questão de grau cultural. »

No bello estudo sob o titulo — *Um ensaio sobre tentativa em materia criminal* tantos são os trechos de significativo humour, que seria preciso transcrevel-o quasi todo.

Limito-me aos seguintes pedaços :

« Os exemplos illustram, e eu quero ainda lançar mão de outro, tirando-o de proposito da supposição de um dos crimes, em que os nossos expositores, isto é, computadores de penas para *uso e guia* dos . . . juizes de direito, não admittem a tentativa. Seja o delicto subsumido no art. 224 do codigo criminal; e para melhor exemplificação applicuemos a uma velha legenda fradesca a medida do direito. E' bem sabida a historia do fervoroso devoto do nome de Maria, que, namorando uma bella freira, poude conseguir penetrar até o *sancta sanctorum* da cellula virginal, até a gruta mystica da fada, noiva de Jesus; mas ahi chegando, e quando a belleza acabava de sacudir de si os habitos grosseiros, produzindo-lhe de subito a mesma impressão olfactiva que o arrancar violento do cortice de um tronco de sandalo, elle sabe do seu nome: é o nome que elle respeita. Recúa de seu plano. A tentativa foi interrompida de motu proprio do agente, e como tal não encerra criminalidade. Resta porém saber, se delictos desta ordem são realmente susceptiveis de um *conatus proacimus*, como diziam os velhos juristas latinisantes.

Bem podia escolher para a minha hypothese, em vez do art. 224, o art. 219. Mas não sei, se soror Maria, que dou como menor de 17 annos, com os seus bonitos dentes, tão symmetricamente emparelhados, como as *touches* brancas de um teclado de piano novissimo, com os seus alvos braços nús, que valem no diametro e no bem talhado do marmore as pernas de muitas outras, ainda tem, todavia, algum floreo botão a abrir; considero-a pois como simplesmente honesta, no sentido vulgar da expressão. E neste presuppuesto, admittamos agora que o seu amante não fosse um typo de devoção, porém de libertinagem, e que no ardor do seu *donjuanismo* em vez de encontrar, como diz a legenda, o braço do Christo de madeira, que se estendesse para salvá-lo do perigo, em recompensa do respeito ao santo nome de sua mãe, encontrasse logo ao colher o primeiro beijo da hostia risonha a voz do *gendarme*, que lhe gritasse atrás, em florida linguagem nobiliarchicopernambucana: *está preso, cabra!* — e a figura da velha abbadessa, que, dando bons conselhos na impossibilidade de dar maus exemplos, dissesse, com as mãos erguidas para o cén: graças a Deus que pudemos chegar a tempo de obstar a consummação do sacrilegio na casa do Senhor! Não dar-se-hia então uma verdadeira tentativa do crime indicado no art. 224? Não seria o primeiro beijo um *commencement d'exécution* do respectivo delicto no sentido do *Code pénal* e do seu imitador, o codigo brasileiro? Ou seria simplesmente um *acto preparatorio*, com todo o valor ethico e esthetico, mas sem valor juridico?

De nenhum modo hesito em sustentar a idéa, que parece inaceitavel, isto é, a idéa da tentativa, e neste caso a possibilidade tambem de um arrependimento, que a torna impuniavel. »

Mais este do mesmo ensaio :

« Nenhuma duvida sobre este ponto : o *conatus* do crime impossivel pela insufficiencia dos meios não tem character criminal. Um homem que assesta, no proposito de disparal-a contra outrem, uma arma descarregada, qualquer que seja o seu impeto, a sua sêde de sangue, não é réu de tentativa, por que o meio, isto é, a arma não se prestava ao fim querido ; o crime, assim projectado, não podia ter um começo em nenhum dos momentos sucesivos ao da sua concepção.

Imaginemos o seguinte passo. Um individuo casado está prestes a casar-se segunda vez. Sua mulher é Zulmira, sua noiva é Adalgiza. O matrimonio vai celebrar-se ; o altar espera os nubentes. Eil-os que chegam : tudo riso, luzes, flôres, e o mais que sóe haver em semelhantes casos. No momento porém em que o sacerdote vai collocar sobre a da noiva a mão do noivo, ouve-se um grito como que de pessoa afflicta e angustiada. A turba attonita volve-se para o lado, d'onde elle partiu, e divisa então quem o deu : uma mulher de feições lindas, porém nubladas pela tristeza, com o desalinho da fadiga de uma longa viagem. E' Zulmira, que atravessa a multidão e apontando para o nubente, que tremulo a contempla, diz em tom de vingança : este homem é meu marido ! Todos os

rostos cobrem-se de vergonha: o casamento não se realiza. Tal facto, que é verosímil, não tem todos os caracteres de uma tentativa da *polygamia*, incriminada pelo nosso código?

♣ Mas figuremos que nesse momento extremo, ao rasgar-se o veu que encobria a fraude do marido ingrato, e quando o odio geral já ia se accumulando sobre a cabeça do criminoso, para exigir a sua punição, a bella Adalgiza é a unica pessoa que não se mostra incommodada; pelo contrario parece achar prazer naquelle espectaculo que os outros não toleram. E firme, com ar risonho, sem o minimo signal de intima inquietude, ella diz aos circumstantes: *engodô contra engodo; eu não sou uma mulher!* Adalgiza é com effeito um Ganymedes gaiato, que quiz assim mystificar um misero mystificador. E' claro que, em taes condições, ou se considere a noiva, no crime da *polygamia*, como meio, ou como objecto do mesmo crime, o que não é ainda uma verdade assentada, a tentativa não existe.

Eu podia, para melhor exemplificar a *impropriedade* do meio do delicto supposto, imaginar que Sua Reverendissima, o ministro celebrante, á semilhança dos bispos estrangeiros, que costumam apparecer entre nós, não fosse realmente um padre; mas a questão, assim proposta, iria talvez parar no *vasto campo* da theologia, que como todos os *vastos campos*, inclusive o da *Samba*, na provincia de Sergipe, só se distinguem pela esterilidade, e pelo grande numero de bestas bravas, que nelle

pastam.¹ Recuei pois diante da terrível questão, que entretanto o leitor, se lhe aprouver, pôde bem levantar discutir consigo mesmo.

Uma ultima hypothese illustradora do assumpto Invertendo, ou modificando a bem conhecida e poetica historia de Piramo e Thisbe, supponhamos que o moço namorado conseguisse da bella Thisbe, que imaginamos menor de 17 annos, um *rendez-vous* delicioso em lugar êrmo e pinturesco, no qual podesse dizer e desejar, como o poeta :

Que o murmurio da linfa crystallina,
Falando a sós por baixo do arvoredor,
Abafasse o rumor dos nossos beijos,
Para mais esconder este segredo.

Eil-os chegados ao ponto ajustado. Elle avança e elle treme... Mas isto é uma affronta ao meu bom Ovidio Piramo e Thisbe, como Leandro e Hero, são dois mimo da imaginação antiga, que não é licito utilizar para outro fim, que não seja o de reconfortar-se, como o velho Davi ao calor da sunamitide Abisag, na taça do melhor dos nectares — o amor, ainda que della não se receba mais, se

¹ Refiro-me á um enorme descalfado, que se encontra entre as villas de *Campos* e *Lagarto*, a igual distancia de ambas, com uma extensão de mais de duas leguas de sul á norte e de leste á oeste, e de qual pode-se-hia dizer, em estilo pomposo, que é esteril, como a corô de um frade, se á grande esterilidade elle não associasse uma grande belleza. (*Nota de Tobias*).

não o aroma. E' uma falta de gosto lançar mão de um bronze de Pompeia, uma *Graça* ou uma *Venus*, para destinar-o a serviço de balança. Supponhamos pois, não que Píramo, porém que um bello moço dos muitos que se exhibem na rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, alcance a dita de um *rendez-vous* com a belleza do dia, com aquella menina loura e pallida, que fulge em todos os salões, como uma estrella caudata... de adoradores. O encontro tem lugar no Passeio Publico, ou melhor... no Jardim Botânico. A hora é das mais propicias. Tudo convida, tudo provoca o delicto, isto é, o gozo; nem foi para outro mister, que o rapagão bonito, de *croisé* quasi talár, moço faceiro, litterato, palavroso e até um pouco abolicionista, seduziu a sua dea. Ambos se encaram, calados, anciosos, como dois guerreiros que se medem frente á frente. Por um rapido movimento de *coquetterie*, a menina faz soltar-se-lhe o cabello, que rola pelos hombros, como uma toalha de agua limpida, dourada pelos raios do sol poente, que a subita abertura de um dique fizesse precipitar-se por cima de um outeiro, e inunda de perfumes a face do homem que já a tem segura e palpitante em seus braços. Que momento! Mas oh! dôr! A emoção é tão forte, a posse da felicidade é tão esmagadora, que ao fogo succede o gêlo, e só vê-se, em ultima analyse, uma figura de estafermo, e junto de uma mulher... outra mulher! O campeão está desar-mado; o *meio* do crime ficou em casa; e neste aperto, ainda mais afflictivo que o da *cinta beriberica*, chega o pai da moça, que agarra o brejeiro pela gola para o terrivel

ajuste de contas. Apparentemente, o crime deixou de realizar-se, por interpor-se, como causa antagonica, a presença do velho; mas esta causa não foi, no fundo, que gerou o obstaculo á consummação do delicto, a qual, mesmo sem ella, não se podia dar, em virtude da impossibilidade creada pela insufficiencia do *meio*. Por conseguinte a tentativa de estupro, que em outras condições seria admissivel, não se admite no caso descripto.

Entretanto, aqui levanta-se uma questão, que se prende á questão geral da impossibilidade absoluta e relativa, concernente ao *conatus criminis*. E' a seguinte: o bom do moço faceiro, lepidio, cheiroso como uma casa de perfumaria, já tinha dantes o defeito da *inviridade*, ou este mal lhe appareceu occasionalmente e só por força da emoção sem igual? No primeiro caso, a tentativa não existe, por que além da irrealizabilidade do facto criminoso, accresce que ella não tem a base psychologica do *dolus*. Quem traz no bolso um revólver sem capsulas, não póde ter seriamente a intenção criminosa de metter, com elle, uma bala na cabeça de alguém. Quem se apresenta na liça, armado de uma *badine*, não presume de modo algum poder esmigalhar de um golpe o craneo de seu adversario. No segundo caso, porém, é que o *conatus* apparece. A profundeza e intensidade da emoção produzida pela posse dessa ave azul, que se confunde com o azul do céu, e que chamamos o impossivel, bella encantada avesinha, cujo desencanto não raras vezes consiste

em tomar a fôrma de uma mulher, a força de tal emoção, sendo capaz de neutralisar os impetos da *carne*, como dizem os padres, é uma d'aquellas circumstancias, independentes da vontade, que entram na comprehensão da idéa da tentativa. Assim, quando affirmei que, na hypothese dada, o bom do moço seductor não era criminoso, foi presuppondo que, além da excitação nervosa do momento, ainda elle padecesse de fraqueza viril proveniente, quer de alguma affecção morbida, quer do abuso dos banhos aromaticos, dos cosmeticos e fricções, muito em voga entre os homens da côrte, por via de regra indolentes e effeminados pela influencia deleteria que sobre elles exerce a temperatura pyretica da atmospherá imperial. »

Do estudo sob o nome — *A co-delinquencia e seus effeitos na praxe processual* indico ao leitor o fragmento seguinte e sua nota :

« No mundo em que vivemos, neste mundo de bonitas miserias, no qual Deus e o diabo, não sei se á cima ou ao lado do imperador, formam com elle os tres unicos factores da historia nacional, os problemas juridicos são os mais aptos para dar a medida exacta dos nossos dotes moraes. Se fosse possivel a invenção de um instrumento graduador da intelligencia dos individuos e dos povos, e ao querer-se tomar o grau da temperatura mental brasileira, o direito, o estudo do direito, as relações juridicas em geral, fariam o mesmo papel que a axilla dos febricitantes, seriam o ponto mais adequado á collocação do *nóometro*.

O meu amigo Sylvio Romero, em um dos seus felizes momentos de acertada diagnose social, estabeleceu que o Brasil é o paiz nato dos *leguleios*: quem não acha em que se occupe, tem logo ao alcance da mão um meio commodo de corrigir a fortuna; é munir-se de um *Assessor forense* e augmentar o enxame dos rabulas. Esta idéa é muitissimo justa e não póde ser contestada. *Facta loquuntur*. Mas é sempre cabivel observar que o nosso escriptor deixou de lado o grande numero de phenomenos que se prendem, antecedente e consequentemente, á importante verdade, por elle enunciada. ¹ O *leguismo* brasileiro não se manifesta sómente, como meio de vida, nas regiões inferiores da pobreza desarranjada, mas tambem, como expediente politico, na alta esphera governamental. A nossa politica tem sido e é em geral uma politica de *advogados*. D'ahi os males que nos assoberbam, pois que os nossos estadistas, em sua maioria *homens da*

¹ Vem a proposito ainda aqui assignalar um facto bem significativo: o typo sociologico do brasileiro,—alguma cousa de paralelo ao *yankee*, — do brasileiro de corpo e alma, como elle se fez valer nos primeiros tempos de nossa vida historica, é o demandista. A propria politica saiu deste embryão. Quasi todos os chefes de localidades e contedores eleitoraes de hoje foram demandistas, ou são descendentes de taes, que gastaram do seu melhor em defender as suas terras da invasão do visinho ambicioso, que queria tomar o rumo do *pé da aroeira*, quando devia ser o do *jatobá*, na direcção da casa de *Maria de Souza*, etc., etc., segundo *rezava* (este *rezar* é caracteristico) a *sesmaria* do capitão-mór A. ou B. Já se vê que a nossa politica, por via de regra, não póde deixar de ser tambem uma *chicana* impertinente. (*Nota de Tobias*).

lei, quando têm de defender e sustentar uma idéa, fazem-no sempre com o mesmo grau de convicção, com que escrevem umas *razões finaes*, para firmarem logo o direito ao recebimento da segunda metade do honorario. D'ahi o estrago dos caracteres, o embotamento quasi completo do senso da justiça, e a falta de seriedade, que se mostra em todas as luctas do direito em acção. Mas não fica nisto. Os leguleios, que preponderam nas diversas direcções da actividade publica, não são productos de si mesmos, ou resultados de alguma curvatura irregular, que tenha tomado o desenvolvimento nacional. São effeitos da indole originaria do povo, que tem um talento chicanistico assás pronunciado, como já foi com acerto notado por Burmeister. E esse talento innegavel, que se phenomenisa cá em baixo por actos de pequeno alcance, vai crescendo e se avolumando para cima, até que se ostenta grandioso e inexcedivel, como o vemos, nos conselhos da corôa, no seio do parlamento. Razão pela qual damos ao mundo este espectaculo singularissimo: somos realmente um *povo de adrogados*, mas tambem é certo que não ha outra nação, onde tão nullo tenha sido o desenvolvimento do direito, quer como idéa, quer como força, como sciencia e consciencia do justo.

— I popoli, diz Settembrini, che hanno forte personalità naturale hanno molti giuristi, perche questa personalità e la coscienza del proprio diritto individuale: e dov'e questa coscienza negli uomini, nascono frequenti contrasti, quindi la necessità di deffinirle risalendo a

principii di ragione generale. — Sem duvida alguma. Os povos que têm uma forte personalidade, possuem muitos juristas; e não hesito mesmo em admittir a reciproca : onde ha muitos juristas, ha uma forte personalidade do povo. Mas nós não temos nem uma nem outra cousa. *Advogados e praxistas*, que de certo possuímos em numero legionario, não são jurisconsultos; e um povo que se curva humilde e resignado a todos os arbitrios e impudencias do poder, como que seguindo o exemplo dos negros — escravos, incapazes de reagir até contra os *bichos*, que lhes atacam os pés, não tem personalidade. E' um povo rebanho, no verdadeiro sentido evangelico, duplamente rebanho em relação á igreja e em relação ao Estado. Não pôde ter, portanto, aquella consciencia da propria individualidade, d'onde saem as divergencias e contrastes, que determinam a producção do direito e a educação dos juristas. A nossa vida juridica é com effeito digna de lastima. Ha neste paiz muita gente, cuja unica missão é bradar contra os padres; entretanto, eu acho mais motivo de clamor contra os magistrados. Jesuitismo por jesuitismo, antes quero o da sotaina, que o da béca. Se ha juizes integros, tambem ha padres honestos. Em regra, os nossos padres não sabem lêr o latim do breviario; em regra, os nossos juizes não sabem ler o latim das institutas. Em regra, os nossos padres são capazes de excommungar a quem quer que lhes roube a posse de suas amantes; em regra, os nossos juizes são capazes de fabricar processos para julgar e

condemnar os seus inimigos. N'uma palavra, a egreja de que somos fleis, é uma digna irmã do Estado, de que somos subditos; só ha uma differença: é que a egreja nos garante a bemaventurança por muito menos dinheiro do que o Estado nos garante a justiça. A salvação de uma alma, segundo a ultima tarifa dos bilhetes de passagem do purgatorio ao céu, custa apenas os quatro vintens de um responso; o ganho de uma causa, ainda que justa, e por sel-o mesmo, importa em contos de réis, ficando sempre salva a possibilidade de se renovar o jogo e perder-se o que se ganhou. Então! Qual será preferivel? Em todo o caso e pelo que me interessa, os ministros impuros de uma religião, a que sou indifferente, não me podem causar tanto mal, como os sacerdotes corruptos de uma justiça, de que posso precisar a cada momento. Ha ainda a ponderar uma circumstancia importante: quasi sempre os padres devassos encontram na propria devassidão um obstaculo insuperavel á sua elevação hierarchica; não assim porém os magistrados corruptos, que só têm a vencer os escrúpulos da consciencia; vencidos estes, *ipso facto*, estão de carreira feita. »

Do mesmo ensaio ainda este pedacinho de ouro :

« A admittir-se a theoria da separação, teriamos que o juiz ou outro funcçionario, que aceitasse a peita, responderia em fôro diverso daquelle em que devesse responder o peitante, o que por certo importaria uma difficuldade invencivel na justa applicação da penalidade. A menos que um dos julgadores esperasse pelo outro, ou

mandasse saber delle, qual a pena que impunha ao respectivo accusado, não se concebe, na hypothese dada, a possibilidade de um exacto cumprimento do art. 132.

Entretanto, por mais extravagante que o caso seja, não duvido que nos annaes da nossa jurisprudencia, onde se encontram disparates de toda a sorte, já figurem tambem exemplos de tal praxe processual.

Seja-me, pois, permittido lançar mão de outra hypothese, menos commum, e ainda mais significativa. Supponhamos que a princeza Quintilia Cavalcanti, do *Secrétaire intime* de G. Sand, ou, deixando de parte a princeza, para não scandalisar os seus parentes de Pernambuco, supponhamos antes que a senhora Fanny, a creação de Feydeau, tivesse o capricho de vir passar uns dias na Escada, a tomar banhos no Ipojuca, e encontrasse na pessoa do juiz de direito da comarca um outro opiniatico e apaixonado Rogerio, a quem ella chamasse, não de certo *mon enfant*, porém *mon grand papa*. O velho pegava fogo e commettia um desatino. O marido de Fanny não estava pela graça, e recorria ás leis do paiz para vingar-se da affronta recebida. No art. 250 do codigo criminal acharia elle a solução do embaraço; mas logo após surgiria maior difficuldade, resultante da disposição do art. 153. Com effeito, a prevalecer a doutrina da multiplicação dos processos conforme o fôro de cada um dos criminosos, qual seria o meio de promover *conjunctamente* a accusação dos dois réos da nossa hypothese, e, ainda mais, de não ser um condemnado sem o

outro, como está escripto naquelle artigo? O pobre Rogerio adultero, victima de uma paixão infeliz, iria contar a historia dos seus amores no tribunal da Relação, ao passo que a caprichosa Fanny seria levada, como se diz em florida linguagem forense, á *barra* do tribunal do jury d'este termo, depois de correr o processo perante o juiz municipal. »

Mas eis aqui cousa melhor, o humorismo mais intimo e mais profundo, porque trata-se do que ha de mais subjectivo no homem, a sua religião. No magnifico escripto — *Uns ligeiros traços sobre a vida religiosa no Brasil* — lê-se :

« Já se vê, portanto, que na ordem dos heresiarchas da actualidade não occupo um lugar saliente. As minhas idéas religiosas não são, é verdade, totalmente estremes do satanico influxo da sciencia vigente; mas não são tambem de todo perniciosas. E comquanto, ainda assim eu seja um grande peccador diante do papa e da sua igreja, *coram Leone pontifice*, todavia, se fosse candidato á bemaventurança eterna, a minha candidatura não seria tão pouco segura, como a de muito actual pretendente á deputação parlamentar pela novissima lei eleitoral. No fundo da minha impiedade, um olhar menos envesgado e mais perspicaz que, por exemplo, o do autor dos novos *Elementos de philosophia do direito*, e de seus dignos irmãos em S. Thomaz, descobrirá talvez ainda um resto de senso religioso, que é a unica herança dos meus avós, se é que me concedem tel-os, herança aliás tão sujeita á

lei do homochronismo, como a de qualquer qualidade physica; d'onde resulta que ha uma idade da religião da mesma fórma que ha uma idade de pubescencia, e uma outra de canicia. Eu me acho nessa idade; razão pela qual já começo tambem a *duvidar* das minhas *duvidas* e a ficar um pouco mais sério diante do pensamento da morte, que é e ha de ser sempre o *musa geta* da philosophia.

Dest'arte é facil comprehender que me propondo a apreciar, bem que ligeiramente, a symptomatologia da vida religiosa entre nós, não tenho segunda intenção, nem me deixo levar por este ou aquelle sentimento de rancor e hostilidade contra o *negocio* dos padres, que porventura faça mal ao meu *negocio*. A cousa é mui diversa; é um estudo de occasião, ou, se quizerem, um entretenimento de artista, perfeitamente adaptado á natureza do assumpto.

E, com effeito, a nossa religiosidade é um pedaço de esthetica, e de esthetica nacional, adequada ao grau inferior da nossa cultura, na qual, a similhança das plantas e animaes, ainda os espiritos são incapazes de transmittir á materia, que os circumda, as idéas que os animam, e o esforço pelo bello se exprime unicamente por manifestações immediatas de fórmias e côres harmonicas em seu proprio corpo, como a corolla da rosa ou a plumagem do beija-flor. Os que vão a egreja, que é um theatro sagrado, como os que vão ao theatro, que é uma egreja profana, pensam e tratam, sobre tudo, de

embellecer a si mesmos. Um pedaço de esthetica, disse eu, mas esthetica selvagem, que maneja o que ha de mais futil na poesia, de mais sedição na musica, de mais ridiculo na esculptura. D'ahi o velho, mas sempre estranho espectaculo dos nossos festins religiosos, que nada encerram de edificante e purificador, e onde o perfume do incenso, que se tem por agradável ao olfacto divino, posto que o bom Deus, na phrase de Daniel Spitzer, o famoso folhetinista de Vienna, se compraza tanto em aspirar a fumaça de um thuribulo, como a que são de um bonito cachimbo de *écume de mer*, onde o incenso, se allia ao detonar da polvora, cujo cheiro sulphuroso é aliás, segundo a crença dominante, um dos mais vivos caracteristicos do diabo. Muito mais demonologica do que theologica, a nossa vida religiosa é justamente por isso menos tragica do que comica, pois que o chamado principe das trevas, com o genio folgazão que todos lhe reconhecem, intromettendo-se em toda e qualquer conversa, que o homem trave com Deus, constitue o momento de mais interesse na *comédie larmoyante* da existencia ».

Linhas adiante, no mesmo escripto, está isto:

« Mas saude e longevidade não querem dizer immortalidade. Quem não succumbe pela doença, acaba enfim pelo *marasmus senilis*; verdade, quanto aos individuos das especies vivas, que permanece a mesma, quanto ás idéas organisadas, quanto aos corpos e instituições sociaes. O christianismo, isto é, o conjuncto de religiões

differentes que saíram da velha cepa, está nesse caso : desfolhado, secco, inanido, e quasi já em condições de poderem-se lhe applicar as bellas palavras de Lucano sobre Pompeu : *stat magni nominis umbra !* Quando uma religião chega ao ponto de nada mais inspirar de grande e elevado, quer no dominio ethico, quer no dominio esthetico, é concludente que a historia vai dispensar os seus serviços, arrojando-a sem piedade para o remanso das aguas. A religião dos nossos pais é hoje incapaz, não só de produzir um heroe, um martyr, um santo, ou mesmo de alimentar um poeta ou um artista, mas até de provocar um feito digno, uma acção nobilitante. E' possivel que ainda actualmente, onde quer que se achem, reunidas em nome de Christo, duas ou tres pessoas, o espirito do homem-deus esteja com elles ; mas é mister confessar, ou que não ha mais quem se reuna em nome d'elle, ou então que a sua assistencia é de todo esteril e impotente para suscitar idéas grandes e abrir caminho a grandes commettimentos.

Não que eu conteste ao fundador do christianismo os seus altos merecimentos ; porém contesto ao espirito moderno, sob a fórma mesmo pouco elevada, que elle veste entre nós, a faculdade de sentir e pensar evangelicamente. A influencia de Jesus sobre a vida psychica está reduzida a um minimo inperceptivel, que já não é sufficiente, nem até para servir de pretexto á continuação do espectáculo grotesco de padres e frades, popes e bonzos, catholicos, gregos e protestantes. O proprio *eldorado* da

bemaventurança eterna não tem mais a efficacia de outr'ora. A fé que transportava montanhas, não transporta um grão de areia. O reino dos céus, que se prometeu aos pobres, aos sequiosos de justiça, tornou-se alguma cousa de semelhante ao imperio dos *Incas* : uma recordação historica, ou antes, uma reminiscencia poetica. E tenhamos coragem de dizel-o : em materia de amor e fraternidade, que constituem o amago da sua doutrina, Jesus *perdeu o seu latim*. »

Do alludido escripto, finalmente, estas linhas :

« Na época das cruzadas, quando todos os christãos ardiam no desejo de derramar o sangue e a vida para remir o Santo Sepulcro, os mercadores de Veneza e Florença vendiam armas aos infieis. Ainda não fizemos outro tanto, é verdade, mas fazemos cousa peor : reduzimos o templo, a respeitável *domus orationis*, de que tanto fabulam os padres, a lugar de *rendez-vous*. Os amantes, a quem é vedado avistarem-se no theatro, avistam-se na egreja, onde é mais facil a troca de olhares e não raras vezes tambem a troca de beijos. A casa do Senhor, com todos os seus terriveis mysterios, — *quam terribilis est locus iste*, — não é bastante sagrada, para que nella nos abstenhamos de actos ainda mais indecentes do que um beijo a furto ou um olhar amoroso. Dentro do templo faz-se jorrar o sangue e commettem-se assassinatos. O ponto é que um motivo superior de interesse humano justifique o desrespeito ás cousas divinas. Entre nós não se costuma ajoelhar diante da Madonna antes de ir perpetrar

um crime ; porém não se duvida, no fervor de uma luta eleitoral, quebrar a cabeça de um adversario politico, atirando-lhe em cima até uma imagem da Santa Virgem. Onde está pois a nossa catholicidade ?

O escriptor suiso M. G. Conrad, para mostrar o estado de decadencia religiosa na propria patria do catholicismo, refere o seguinte facto : No Molo, em Napoles, diz elle, um dominicano estava fazendo uma predica quasi mal ao ar livre. Não longe dalli brincava um polichinello. O frade era entretenedor, mas polichinello entretinha mais. Que faz então o povo leviano ? Elle abandona o sacerdotal comediante e precipita-se em busca do brincão. Apenas o frade observa esta deserção de bandeira, empertiga-se, levanta o seu crucifixo e grita aos fugitivos em tom de colera : *Rimanete quá, ecco il vero Pulcinella !*

Paulo Schramm, citando esta narrativa de Conrad, observa convicto : Um tal *intermezzo* seria na Allemanha absolutamente impossivel. E eu creio bem. Uma questão de raça, se não antes de evolução cultural : a fé germanica é toda sisudez e gravidade ; não admitte portanto semelhantes profanações.

Mas o caso é outro. A historia que refere Conrad, pôde ser a expressão de um facto realmente acontecido ; porém parece antes criação da musa faceta, que produz os cantos e as legendas populares. Entre nós tambem se sabe mais de uma historia analoga. Não é o frade dominicano, apresentando Christo ao povo como o unico e verdadeiro polichinello : mas é o vigario do sertão,

ministrando o pão eucharistico ao compadre moribundo, em luta com a idéa fixa de um bode que havia furtado, e dizendo-lhe piedosamente que não pensasse em mais nada, se não naquelle Senhor de misericordia, que era o seu *verdadeiro bode*... Quem já não onvin contar esta anedota? Ella faz parte do nosso herbario de pêtas; nem eu dar-lhe-hia a honra de aqui mencional-a, se não tivesse, para justificar-me, o edificante exemplo do philosopho suisso. Seja porém, como fôr, o certo é que a historia possui tambem no Brasil a sua *variante* menos subtil e delicada, sem duvida, mas nem por isso menos impia. O que ella, por ventura, pôde provar a respeito da Italia, prova igualmente a nosso respeito, isto é, que somos mais incredulos do que se imagina.

A nossa religiosidade é com effeito mais epidermica do que visceral. Não é raro, eu o reconheço, que ainda entre nós o sentimento religioso desça até ás fontes do pranto; mas tambem nas lagrimas de muita bella devota não seria talvez impossivel ao microscopio descobrir alguma indecencia... O choro é simplesmente um acto de volupia. »

Um assumpto em que o escriptor deixava sempre falar a musa do humorismo era o da critica musical.

Neste terreno a galhofa nunca deixava de o embriagar. Conheço seis desses entretenimentos ¹ e aqui

¹ São : Carlos Gomes e a sua opera *Salvator Rosa*, *As ultimas representações do Fausto*, *Bellini e Norma*, *Algumas palavras sobre o lyrico*, *Um pedaço de auto-psychologia*, *Alguma cousa sobre Meyerbeer*.

insiro um delles ; porque preciso de provar o que affirmo.

E' o pequeno ensaio *Carlos Gomes e a sua opera Salvator Rosa*, que bem revela o *esprit* do nosso poeta e escriptor. Eis aqui :

« Não me proponho, fique isto logo assentado, escrever uma cousa que tenha feição de estudo critico sobre a obra mencionada do maestro brasileiro.

Para que possam ser devidamente julgadas, as *partituras* tambem se estudam, tambem precisam de ser submettidas a um processo regular de reflexão e de analyse.

Dizem-no os competentes, que não cessam de illustrar o preceito com o exemplo. Mas esse ingrato mister de apreciar as bellezas ou os defeitos de uma *opera* no silencio do gabinete, nem eu me sinto com forças para o cumprir, nem, dado mesmo que as forças me não faltassem, teria tempo e gosto bastante para o executar.

Além disto, não estou longe de pensar com o meu Settembrini que... *i critici che vollero ragionare sul melodramma diedero in molte siochezze, e chi fece qualche osservazione senata non fu ascoltato*. Guardadas as reservas, eu continuo a julgar dos productos musicaes, não segundo a lettra de um frio programma philosophico, mas segundo as impressões, mais ou menos profundas, que elles me causam. As relações que mantenho com a musica, não são de *pura intuição*, mas ainda de character

pathologico : enthusiasmo-me, apaixono-me por ella. Não comprehendo aquella serenidade celeste, com que Hanslick pretende que o bello musical deve ser contemplado. Se é exacto, e eu não contesto, que a musica não existe • para servir de meio a outra qualquer arte nem tem por fim suscitar sentimentos da ordem moral, é igualmente indubitavel que muitas vezes, mau grado mesmo dos autores, ella assume funcções alheias e um pedaço de bella musica, se não produz, ao menos lembra a emoção produzida por objectos que não são estrictamente musicaes : um quadro, uma poesia, uma campina em flor, e até mesmo uns bellos olhos que nos falaram.

A musica não é directamente representativa, mas pode-se dizer que ella o é indirectamente, por força de uma associação, não de idéas, porém de sentimentos ; processo psychologico este apenas presentido e ainda não analysado.

Seria ao certo um despropósito affirmar, por exemplo, que esta ou aquella phrase de uma opera de Bellini ou Donizetti é a expressão determinada do amor, do ciume, ou de outra qualquer paixão, que tem um nome proprio na linguagem e um caracter distincto na consciencia. Mas isto não exclue o seguinte facto, que aliás até hoje não tem sido estudado : assim como a physiologia conhece os movimentos consensuaes, é natural que na psychologia tambem exista uma certa *consensualidade* das emoções. E' em virtude destas *emoções consensuaes*, que a musica pôde ir muito além dos seus proprios limites e

operar effeitos, que parecem estranhos á sua natureza. E um dos signaes caracteristicos do genio musical está mesmo ahi : em despertar com uma só phrase, com um só accordo, um sem numero de sentimentos diversos, adormecidos no fundo da alma.

Ouvi um *Lied* de Schubert, *Suleika*, por exemplo.

Ninguem dirá que o componista quizesse produzir mais do que a simples emoção da belleza musical. Entretanto, e por força daquella consensualidade, que mistura de prazer e de tristeza, que pensamentos de amor, que recordações, que saudades, ao entoarem-se as palavras :

*Ach, die wahre Herzenskunde
Liebeshauch, erfrischtes Leben,
Wird mir nur aus seinem Munde
Kann mir nur sein Athem geben !*

Como se dá este *consensus* emocional, esta magica evocação de sensações differentes? Eu não sei ; nem ha quem saiba. Mas o facto existe ; e não só existe, como objecto de observação e de estudo, porém é tambem, a meu ver, a prova mais inequivoca da grandeza genial dos compositas.

A respeito da musica e seus effeitos, já o fiz vêr, o meu modo de pensar se confunde com o meu modo de sentir. Não tenho nem sigo theorias ; o meu doutor é o meu enthusiasmo.

Ou seja defeito de raça, ou defeito de educação, se realmente é um defeito, a verdade é que o meu ponto de

vista está de accordo com o do grande patriota e pensador italiano, que diz : — Si, andate á teatro, udite la Norma cantata da Maria Malibran, e poi pensate ai critici se potete. La gente non ragiona piú, esce dal teatro, •accende i torchi, riconduce trionfante la donna a casa, e va repetendo per le vie quell'armonia che ancora risuona nell'anima —.

Como se vê, é o ponto de vista do frenesi e da loucura. A minha philosophia musical não renega esta sua origem. Dado porém de barato que os theoreticos tenham razão, e que seja mister, em todo caso, filiar-se n'esta ou aquella doutrina já feita e assentada, que dispensa qualquer nova indagação, em tal hypothese, eu matriculo-me na escola de W. Ambros ; e admittindo com este critico allemão, como phases evolucionaes, uma *musica da forma*, uma *musica da alma*, uma *terceira do espirito* e finalmente uma outra da *palavra solta*, não hesito entretanto um só instante em confessar o meu atrazo, pois a despeito de todos os thesouros e maravilhas das duas ultimas, ainda estou pela segunda phase, só comprehendendo a musica da alma

Neste pé, e antes que o leitor me peça contas da minha digressão, quero explicar-me a respeito della.

Aristoteles deixou escripto, para ainda hoje repetir-se, que a admiração é a causa da philosophia.

Ora, eu admiro o Sr. Carlos Gomes ; nada de mais natural, de mais aceitavel, nada de mais aristotelico, em summa, do que philosophar um pouco sobre elle ou a

proposito de sua pessoa. E philosophar quer dizer entrar n'uma ordem de considerações que não são especialmente destinadas para o *album* do componista; nem feitas no unico intuito de seguir a corrente da moda, mas podem, ao certo, prestar um grande serviço, o deixar bem accentuada a physionomia do maestro, que até hoje as nuvens de incenso não nos tem permittido ver em sua verdadeira expressão, em sua singela clareza.

O Sr. Carlos Gomes... Este *senhor* é de mais. Tanto valera dizer, *cæteris paribus*, o *senhor* Gounod ou o *senhor* Richard Wagner. Um dos phenomenos communs aos homens notaveis é a perda dessa *senhoria* inherente a todas as vulgaridades, que sem ella, ao menos entre nós, difficilmente se distinguem dos escravos. Carlos Gomes; —é o que eu ia dizendo,—não dedignar-se-ha de desculpar-me, se uso aqui de uma franqueza, a que elle talvez não esteja habituado.

Julgo dever fazer-lhe a mais sincera confissão: um dos traços característicos da minha natureza é o odio ás *fables convenues*, ás phrases de effeito, aos estribilhos do dia. Não presto a minha assignatura ao enthusiasmo que se formula, em estylo de caridosa subscripção, para se glorificar em familia o nome brasileiro, do qual não tenho lá grandes motivos de ser orgulhoso. Pilatos perguntou a Christo: *quid est veritas?* Eu pergunto aos patriotas: *quid est patria?*

Até o presente esta *deusa* não me tem querido apparecer, senão sob as unicas fórmulas do *imposto*, que se me exige, e do *soldado* que me faz mêdo.

E' natural portanto que esse velho idolo não occupe lugar no meu oratorio. Patriotismo é cousa que tambem diminue, acaba-se mesmo a poder de decepções; estou livre desta virtude, que peço perdão de já haver sentido e praticado.

Isso que Lessing chamava uma heroica fraqueza, tempo ha de vir, em que limitar-se-ha a ser simplesmente um objecto de estudo para psychiatras, como uma nova especie de *mania sine delirio*, como uma psychose, como uma doença.

A prova é que hoje mesmo, ainda bem longe d'essa phase final do amor da patria, não se apresenta, não ha um patriota sincero, realmente sincero, que não seja, mais ou menos, um candidato ao hospital, ou como idiota, ou como mendigo. Uma cousa vale a outra.

Bem pôde aqui o leitor interrogar-me: a que vem isto? Muito a proposito, é a resposta. Desde que trato de Carlos Gomes, para cujos triumphos, entre nós, a par de uma admiração desinteressada, tem contribuido em igual escala o arroubo do patriotismo, eu que não sou patriota de velha tempera, devia declaral-o alto e bom som, afim de que, por ventura, não se attribuisse a um criminoso desconhecimento, de mim para com o genio, aquillo que é apenas o resultado de uma falta de febre patriotica.

Sem duvida, o pendor do character brasileiro, em geral, faz do patriotismo o que os francezes fazem do amor, na opinião de Taine, isto é, *non une passion, mais un joli festin, arrangé avec goût*, e muitos dentre

aquelles mesmos, que ora entôam ao maestro os mais fer-
vorosos hymnos, cantar-lhe-hiam, no mesmo tom e com a
mesma cara, uma comprida *nenia*, caso o maestro se dig-
nasse de lhes fornecer ainda essa occasião de *brilharem*.
Simples questão de pretexto e oportunidade para as
aguiêtas quebrarem a casca e sairem do ovo.

Mas é sempre um modo de servir a patria e eu não
me presto a isso. Esta minha franqueza tem direito a uma
descompostura, que ao certo não se fará esperar por
muito tempo.

Schiller tinha razão de dizer que todas as artes são
filhas do pueril e innocente *gosto de brincar*. Escrever
tambem é uma arte, a qual para mim, em mais de um
ponto, substitue um dos meus predilectos brinquedos da
meninice. Era bolir com as *vaccas paridas*, ou com os
carneiros marradores. E o meu maior prazer consistia
justamente em ver o animal atirar-se de corpo e alma
contra mim, mas quando batia com a testa no tronco, já
eu estava trepado na copa da engazeira.

Continúo no folguedo, sob fórma menos perigosa,
mas igualmente aprazivel: é dar alfinetadas na vaidade
de uma sucia de parvos, para me rir da sua furia e dos
seus insultos, que aliás me deixam illesos.

Eu disse que das quatro phases musicaes, indicadas
por Ambros, só comprehendendo a *musica da alma*. Por tal
entendo e creio dever se entender aquella que não nos
causa sómente a pura impressão do bello musical, que é
difficil de determinar, mas nos deixa sempre como que

um sedimento de felicidade e bem estar, alguma cousa que se parece com uma flôr peregrina que se acaba de aspirar, ou com um primeiro beijo que se acaba de colher. Não comprehendendo outra musica, senão essa, tão bem caracterisada nos seguintes versos da anthologia latina de Tucciani :

*Cantica gignit amor, et amorem cantica gignunt;
Cantandum est, ut ametur, et, ut cantetur, amandum.*

E a não ser um desses philosophos bemaventurados, que se nos afiguram taes, quaes se pintam os cherubins: cabeças aligeras sem corpo, intelligencia sem coração, ninguem ha que seriamente deixe de admittir, mais ou menos, este modo de sentir e apreciar a musica.

Conta-se que, durante o concilio de Trento, para obviar ás censuras levantadas pelos protestantes, se tratou em Roma de banir totalmente a musica das funcções sagradas.

Achava-se ahi então o celebre Luigi Palestrina, o qual supplicou a todos que não matassem a sua cara arte, que não commettessem aquelle furioso peccado, pediu a cardeaes e prelados que o ouvissem pela ultima vez, e fel-os realmente ouvirem a sua *Messa di Papa Marcello*, que commoveu os crueis e salvou a arte.

O grande critico, autor do *Musicalisch-Shoenen*, para quem — quanto menor é a resistencia da cultura, tanto maiores são os golpes da força musical, que exerce por isso sobre os selvagens a sua mais energica influencia, — não acharia em semelhante facto uma refutação da

sua doutrina? Ou será que aquelles prelados e cardeaes fossem barbaros e incultos, a ponto até de deixar os sons plangentes do maestro influirem na sua vontade?...

Eu estou certo que ante um concilio de criticos e doutores musicaes, com a frieza dos seus raciocinioŝ e o *apriorismo* das suas idéas, o pobre Palestrina choraria em vão.

Mas tambem não hesito em me collocar, neste ponto, do lado dos padres, ainda correndo o risco de passar por *um pouco selvagem*. Tirai da musica a parte commovente, aparte que me convida ao prazer ou á tristeza, um innocente prazer e uma tristeza doce, tirai-lhe essa parte, e eu não percebo nella mais do que a qualidade de um *ruido*, que não me incommoda, porém tambem não me agrada.

Tudo isto deve levar-me a um fim determinado. Aqui está elle: a opera *Salvator Rosa* tem para mim o defeito de não me impressionar lyricamente, segundo o sentido em que comprehendo a impressão lyrica.

Muita complicação artistica, e podia mesmo dizer, muita *maestria* no plano architectural da obra, mas a isto, quasi só a isto se reduz o seu merecimento.

Falei de *plano architectural*, e o leitor não estranhe a apparente novidade da expressão.

Entre as muitas phrases, não mais do que phrases, com que se tem querido caracterisar a musica, figura eloquentemente a que lhe confere o predicado de uma *architectura derretida*, para fazer contraste com a definição,

não menos exquisita, de F. Schlegel, que chamou a architectura uma *musica gelada*.

O que eu quiz, portanto, dizer, foi que no *Salvator Rosa* o elemento architectonico apparece mais como sujeito, e o musical como attributo... A opera resente-se realmente de um pouco de frieza. Cabe aqui uma pequena historia.

No tempo da maior florescencia do *hetairiato* na Grecia, quando brilhavam mulheres notaveis, como Lais, Diotima, Phryné e Mania, achava-se um dia, em casa desta ultima, um grupo de moços athenienses a divertir-se e banquetear-se. A bella Mania distribuia espirito e sorriso com todos os seus convivas.

O vinho espumava nas taças. Já nesse tempo se usava gelo no vinho ; e um e outro havia em abundancia. Eis que um dos commensaes, de nome Diophilo, poeta comico, sentiu-se tentado a perguntar : oh ! minha cara Mania, onde achas tanto gelo ?

—Não se incommode com isso, acudiu a bella grega, quando o gelo me faltar, terei o cuidado de deitar nos copos os prologos das suas comedias. —

Eis ahi : não raros longos pedaços do *Salvator Rosa* prestariam o mesmo serviço.

Com todos os seus defeitos de primeiro trabalho, que são aliás compensados por outras tantas qualidades incontestaveis, o *Guarany* me parece dez vezes superior.

Bem diverso pôde ser o juizo do maestro mesmo. Mas isto não importa. Em geral, os pais estremecem

pelos filhos fracos e doentes, de preferencia aos fortes e sadios.

O que ha de certo, é que se o *Salvator* tivesse sido a sua primeira prova, o maestro não teria conquistado um terreno tão largo.

Estas minhas observações podem ser erroneas, porém são sinceras. Ainda que contida dentro de certos limites, a minha admiração pelo componista não é menos verdadeira. E seja como fôr, eu digo sem rebuço : na galeria de *estatuas mutiladas*, que enchem o pequeno pantheon das notabilidades brasileiras, Carlos Gomes é um dos poucos, *que têm nariz*, isto é, que têm uma feição propria, uma feição individual e caracteristica, adaptada ao nosso espirito e ao nosso estado de cultura. »

Com esta transcripção dou por finda a viagem feita através do exemplar da primeira edição dos *Estudos Alle-mães*. Escolhi esta, que é reduzida, deixando de parte a edição posthuma, que é muito mais alentada, e onde a mêsse teria de ser muito maior. Tambem de lado foi indispensavel deixar os outros livros e opusculos do autor, especialmente os seus discursos e escriptos de polemica, onde o humour irrompe de todos os lados. Mas era urgente pôr um limite ás citações, que seriam ainda mais avultadas, se entrassem na resenha os jornaes e periodicos que o terrivel satyrico publicou por dez annos seguidos na Escada, no tempo incandescente de suas luctas.

Creio que a minha these está demonstrada. Os livros de critica, de direito e de philosophia do escriptor

sergipano podem figurar como outras tantas collecções comico-humoristicas, onde os artigos ou estudos representam o papel dos contos das collecções de Machado de Assis, pelo recheado de ironias que encerram. Sómente acho mais espontaneo o humour do philosopho e critico do que o do romancista e *conteur*; porque vem sem ser procurado; surge, quando menos se espera, no meio das mais aridas discussões; ao passo que o do autor fluminense é propositalmente solicitado já desde a propria natureza dos assumptos escolhidos e do estylo que requerem.

Tobias nunca fez o humour pelo humour, de proposito, de caso pensado, senão no seu artigo *Ensaio de peruvistica ou philosophia do Perú*, que é um modelo do genero, como critica á theologia e á metaphysica.

XVII

Estudado em Machado de Assis o poeta em sua feição epico-lyrica das *Americanas* e lyrico-humoristica das *Chrysálidas* e das *Phalenas*, apreciado o prosador dos contos e dos romances, sob o ponto de vista do estylo e do cultivo do humour, é indispensavel confabular agora com o pessimista, que se diz manifestar-se pujantissimo, especialmente nas *Memorias de Braz Cubas* e no *Quincas Borba*.

Antes de tudo, uma nota que se me antolha indispensavel : nós os brasileiros não somos em grau algum um povo de pessimistas. Em nossa alma nacional, em nossa psychologia ethnica não se encontram as tremendas tendencias de desalento morbido e de resignação consciente diante da miseria, da mesquinhez, do nada incuravel da existencia humana.

Nas raças arianas, a que supponmos pertencer de todo em nossa vaidade de mestiçados levianos, mas a que de facto só pertencemos em mui limitada parte, nas raças arianas, que eu saiba, só entre hindús e slavos, os psychologos das nações têm encontrado insistentemente tão desoladoras tendencias. Entre germanicos, gentes essencialmente energicas, não se dá o facto, senão,

por assim dizer, esporadicamente e de modo exterior e sem alcance sério. Tal o caso de um Schopenhauer, de um Hartmann, de um Taubert, a quem erroneamente alguns juntam, sem a minima razão, Frederico Nietzsche, que era exactamente o contrario de um pessimista. O mesmo se pôde dizer de latinos com seu Ta-cito antigo, ou seu moderno Leopardi. Nós brasileiros somos faladores, maldizentes, desrespeitadores das conveniencias, assás inquietos, até onde nos deixa ir nossa ingênita apathia de meridionaes, mas não somos pessimistas, nem nos agrada o terrivel desencanto de tudo sob as fôrmas desesperadoras dos *nirvanistas* a Buddha ou a Schopenhauer.

Em nosso mundo occidental os poucos verdadeiros pessimistas, os desabusados de tudo e de todos, irremediavelmente condemnados a soffrer a immensa dôr inapagavel das desillusões, mais do que desillusões, verdadeira condemnação e prisão da vida, são sempre seres completamente desequilibrados, como era Baudelaire, como era Ed. Poë, como era em parte Flaubert, como era o proprio Schopenhauer. Escuso-me de proval-o com relação aos tres primeiros, por demasiado conhecidos, depois especialmente dos magnificos estudos que lhes consagraram Zola, Bourget e Hennequin.

Mas eis aqui o que se dava com Schopenhauer, segundo E. Rod :

« Pour peu qu'on causât avec lui, l'inquiétude augmentait, tournait à l'obsession. Il parlait lentement,

discourant plutôt qu'il ne causait, traitant toujours des sujets sur les quels il méditait habituellement, c'est-à-dire de la lamentable condition des hommes, de la misère inhérente à la vie, de la souffrance de tous les êtres, du néant dont nous sommes enveloppés. Et cela faisait froid.

Autrefois, sa mère lui reprochait de l'empêcher de dormir. M. Challemel-Lacour, qui le vit une année avant sa mort, n'en dormit pas non plus : il crut sentir passer sur lui un souffle du néant. Les biographes sont d'ailleurs unanimes à relever certains traits douloureux, presque maladifs, de son caractère : une crainte continuelle devant toutes sortes de dangers imaginaires ; mille précautions en affaires comme en hygiène ; une méfiance toujours en éveil qui fait penser à un commencement de délire de la persécution. Oh ! point de folie, quoi qu'aient prétendu certains de ses détracteurs, mais un germe morbide d'inquiétude, une angoisse latente, disproportionnée à ses causes, qui le suivait pas à pas dans la vie, l'état douteux de beaucoup d'hommes qui, sans être malades d'esprit, ne sont pas entièrement sains, et qui, comme des écorchés, souffrent réellement, cruellement, des moindres piqûres, de celles là même dont les autres ne s'aperçoivent pas. Ainsi, Schopenhauer était de ceux dont on peut dire qu'ils ont tout pour être heureux, et il fut malheureux : non pas par la faute des circonstances extérieures, mais par celle de son organisation particulière. Il y eut dans son cas un excès de sensibilité, et il n'y eut pas autre chose. »

Não é este precisamente o caso de Machado de Assis, nem era também o caso de Tobias Barreto, que é também de uso apontar entre nós como um pessimista. Quem conversava com o escriptor do norte levava a impressão de uma festa do espirito: pilherias, contos, anedotas, cousas alegres, expansivas.

Uma impressão da mesma ordem recebe quem priva com o escriptor fluminense; não é, por certo, tão intensa, nem tão duradoura; mas é sempre agradável. Seu espirito é velado, discreto, tranquillo; mas é doce e communicativo. Tem saude, não anda carregado de sombras; usa de *bons mots*, de trocadilhos, de *calemburges*; ri facilmente, posto que com certa reserva; sente-se que não se entrega de todo, não abre largamente todas as portas d'alma á curiosidade estranha.

E' verdade que, por este lado, não sou, não posso ser o melhor observador; porque não tenho a honra de gosar da intimidade deste notavel homem de lettras. Tenho sim tido o prazer de conversar com elle e o tenho visto e ouvido a palestrar com outros, que lhe são mais amigos e mais intimos, e isso não é de todo sufficiente para uma analyse; porque dá-se também com os escriptores o que acontece ao commum dos mortaes: em havendo na roda um estranho ou quasi, nossa expansibilidade se retrae inevitavelmente.

Posso, entretanto, affirmar que quem conversa com o autor de *Braz Cubas* certamente *ne sent pas passer sur soi un souffle du nèant*.

Ao contrario, sente-se animado pelas auras da vida em alguma cousa do que ella tem de meigo e risonho.

Mas o trecho citado de E. Rod é suggestivo, posto que não seja completo. Póde um individuo passar na vida sem luctas, sem necessidades, sem privações, e ser, entretanto, um pessimista. Era o caso de Schopenhauer. Póde, por outro lado, uma pessoa andar sempre a soffrer dissabores *por entre as sombras que esta vida encerra*, e não ser um verdadeiro pessimista. Foi o caso de Tobias e pode-se dizer que o de Laurindo Rabello e Machado de Assis, por que estes, ao menos no começo de suas carreiras, sentiram-se seriamente embaraçados na lucta pela existencia. Esta porém não é a principal consideração a fazer; outra existe e mais interessante: Affirma Rod que no caso de Schopenhauer — « il y eut un excés de sensibilité, et il n'y eut pas autre chose. C'en fut assez pour donner le ton à sa philosophie, qui devait devenir le *credo* de tous ceux, si nombreux aujourd'hui, qui souffrent de la même hypéresthésie. » Não é isto de todo verdadeiro; não é exacto que a simples exageração da sensibilidade seja sufficiente para, só por si, explicar um caso como o de Schopenhauer. Essa hyperesthesia precisa de outras qualidades do character e da intelligencia para conduzir por aquelle caminho e levar áquelle ponto.

Muitas vezes tal augmento consideravel da sensibilidade conduz apenas ao humour, como foi o caso de Dickens e de Heine; ou á simples melancolia como em

Chateaubriand ou Lamartine ; ou ao mero scepticismo como em Musset e Schelley. E muitas vezes a hyperesthesia, até levada ao excesso do delirio de perseguição, como em Rousseau, chega, ao través da melancolia, a um accentuado optimismo. E, ainda mais, não é raro um espirito equilibrado, sadio, como o de Voltaire, vir a ter, como nota final de sua concepção do mundo, a conclusões pessimisticas. E' esta tambem a hypothese de Vigny, ao que me parece. Tiro d'aqui uma conclusão : ha duas especies de pessimismo, um profundo, irreductivel, que é tanto da cabeça como do coração, e apparece quando se dá a conjuncção do desmantêlo da sensibilidade com certas tendencias do espirito e da cultura philosophica do individuo ; é o caso do de Schopenhauer, Baudelaire, Leopardi, Flaubert, Byron *et reliqui*; outro só da cabeça, sem grandes raizes, meramente especulativo e sem chegar a tremendas crises que envolvam o coração; e desta especie é o de Voltaire, Tobias e Machado de Assis.

Em Rousseau encontravam-se as condições da sensibilidade propicias á cousa, que se não produzia, por ser obstada pela nativa e confiante poesia naturalista do celebre escriptor.

Esta questão do pessimismo, para ser aprofundada, deveria esmiuçar o problema da sensibilidade e da intellectualidade dos escriptores, lado subjectivo do assumpto, e, ao mesmo tempo, a acção das peripecias, das pressões da sociedade sobre elles, lado objectivo do phenomeno. Só com um estudo, assim completo, sobre cada autor,

poder-se-hia conhecer a natureza de sua intuição pessimistica ou não sobre o mundo e a existencia.

Pelo que toca aos vai-vens da sociedade, bem se vê como elles actuam diversamente sobre os homens e d'ahi a variedade de casos que se nos deparam.

Existem os grandes felizes optimistas, o que é natural; os grandes felizes, que se dão ao luxo de ser pessimistas, o que não deixa de ser muitas vezes bem singular; ha os grandes soffredores pessimistas, o que é explicavel; os grandes desgraçados, que têm a generosidade de se mostrar optimistas, o que merece peculiar attenção. Mas a lista ainda está bem longe de ser completa: ha os soffredores, que, por circumstancias varias da sensibilidade e da intelligencia, chegam a certo pessimismo apenas theoretico, especie de protesto para uma mais perfeita organização das cousas.

Creio que nesse grupo é, como já deixei indicado, que se póde collocar o nosso Machado de Assis.

Existem os misanthropos, que se não devem confundir com os pessimistas, posto que, ás vezes, as duas qualidades, misanthropia e pessimismo, andem unidas. Sobre este ponto são dignas de apreço as observações de Rod. « O pessimismo, escreve elle, é uma doutrina inoffensiva e triste, mais especulativa do que pratica, que só exerce mediocre influencia na conducta da vida.

Repousa n'uma observação geral do complexo dos phenomenos, que em seus vai-vens incessantes manifestam sómente afinal o desejo e o cansaço, e mais

particularmente n'uma analyse mais intima da sorte da humanidade, que é mais dolorosa por ser mais consciente, porque o homem tem a noção de sua tristeza e de sua vaidade.

Se se procurasse a idéa principal, em torno a qual o pessimismo agrupa suas fataes deducções, achar-se-hia que é a idéa da morte. Por uma suprema contradicção, o que elle censura mais amargamente a esta existencia de miserias, é ser transitoria. Bem diversa é a misanthropia que nada tem de inoffensiva.

Esta não fixa a attenção sobre as grandes leis da natureza, para lhes indicar o character fatal e desolador. E' o homem só que serve de objecto á sua perigosa perspicacia ; esquecendo que elle não é um ser isolado no mundo, separando-o da tyrannia dos factos exteriores que pesam tão cruelmente sobre elle, ella, a misanthropia, o examina e critica em si mesmo, como um todo á parte, com uma desintelligente malevolencia, lançando-lhe em rosto não só ser o que elle de facto é, como ainda de não poder ser diverso do que é. Insistirá, por exemplo, nos obscuros laços que o prendem ainda á animalidade e lhe fará disso um crime, como se elle fosse culpado de sua propria origem. Acabrunhal-o-ha sob o peso dos moveis externos ou internos que lhe governam a vontade, não por o lastimar de sua fraqueza em libertar-se delles, sinão por comprovar com maldosa alegria sua escravidão.

Penetrará nos arcanos de sua consciencia para se indignar contra as idéas que nella se elaboram, sem fazer

o menor caso dos esforços empregados por sua intelligencia e sua bondade no claro intuito de fazer brilhar a luz nessas trevas. Depois de haver provado, deplorando-o, o character relativo do bem e do mal, a misanthropia terá prazer em mostrar que o homem, por instincto, prefere este áquelle, esquecendo ou fingindo ignorar que a idéa do bem é, afinal de contas, uma flor do cerebro do proprio homem.

Desleal, cruel, injusta, mesquinha, odienta, hypocrita, avida, a misanthropia exultará com suas observações mais pungentes e encerrar-se-ha em seu infecundo desprezo da humanidade.

Mais que o pessimismo ella é antes um estado d'alma do que uma doutrina; é, porém, doentia e explica-se quasi sempre por alguma deformação physica ou moral, por uma qualquer dessas molestias, que, privando-vos de todas as alegrias, fazem-vos invejar as dos outros, ou por um orgulho desmedido vos incita a buscar no abaixamento do proximo a prova de vossa propria superioridade. Seria, entretanto, injusto dizer que, se o pessimismo é a philosophia dos desabusados e dos tristes, a misanthropia é a dos máos.

O homem é, por felicidade, um tecido de contradicções: uma das mais notaveis é seguramente essa que faz não raro dos mais decididos misanthropos, desses cujas falas e escriptos exhibem, com a mais cynica complacencia, os ridiculos, as deformações, as fealdades da pobre humanidade, seres benevolentes e bemfazejos na pratica da

vida, caridosos, e muitas vezes faceis em se enternecer. E' frequente o caso desses faladores incisivos que injuriam os homens e lhes fazem todo o bem que podem.

Certo, sua bondade é quasi sempre mesclada de desprezo e muitos delles affectam dizer, por palavras especiosas, que é o desdem que os induz á indulgencia e o odio á caridade. Elles, porém, illudem-se a respeito de si mesmos. A verdade é que existe apenas divorcio entre seu coração e seu espirito: este molestou-se, corrompeu-se, viciou-se através das decepções do amor, do interesse, da amisade, da ambição, e é elle que pensa, elle que fala, elle que escreve; o outro ficou bom a despeito de tudo, como o provam acções que não são sempre reflectidas, nas quaes entram, como diria Hartmann, uma larga parte de inconsciente. »

Bella pagina, em verdade, e se as idéas que expõe são verdadeiras, como de facto são em grande parte, qual de nós velhos ou moços, cultos ou incultos, ricos ou pobres, vencedores ou vencidos, não terá tido suas horas de pessimismo, seus momentos de misanthropia ?

Mas hesito, até certo ponto, em applicar taes idéas a Machado de Assis. Uma cousa é o philosopho ou o critico, que fala ou escreve por sua conta e risco sobre homens e idéas, outra cousa é o romancista, o *conteur*, que fala indirectamente de factos e idéas por intermedio de figuras imaginarias, de typos de pura invenção, sempre varios e contradictórios entre si. Com que direito a Machado de Assis, sempre tão comedido e confiante,

quando escreve criticas e chronicas, quando fala por sua propria conta, se poderão applicar os pessimismos e misanthropias de Braz Cubas, de Rubião, ou de Quincas Borba ? Qual desses personagens o define ? Qual delles o representa ? E se formos aos seus outros romances e contos, todos cheios de figuras contradictorias, qual dellas é o seu proprio retrato ? Qual dos famosos typos de Shakespeare traduz perante o mundo moderno o pensar do grande inglez ? Será Othelo ? será Shylock, será Hamlet ? será Iago ? será Lear ? será Falstaff ? será Polonio ? será Caliban ? será Prospero ? Absurdo seria responder em qualquer sentido. O mesmo se dá com o nosso illustre romancista ; não é possivel directamente responsabilisal-o pelo modo de pensar desta ou daquella de suas personagens. Não se vá d'ahi concluir a impossibilidade absoluta de chegarmos a conhecer a indole, a visualidade interna d'alma dos romancistas e dramaturgos. Seria absurdo. Insurjo-me apenas contra certo methodo elementar que anda de ordinario a figurar o character dos autores como um modelo d'onde elles extrahem as copias das creações de suas phantasias, em contradicção com o principio da impersonalidade da arte, que é praticado conscientemente por muitos.

A critica é tambem uma criação, é tambem um trabalho de arte. Bem sei que é costume de alguns ainda hoje dal-a por uma cousa inutil, especie de impotencia turbulenta de espiritos emasculados, incapazes de criação. Não póde haver maior injustiça, nem ponto de vista mais

atrazado. Tomar um escriptor, um typo litterario, um poeta, um *conteur*, um dramatisa, um autor de romances, seguir o fio de suas creações, sentir os segredos de seu estylo, penetrar no mais intimo de seus affectos através da malha enredadiça de suas phantasias, surprender o jogo interno de seu ser pensante, emocional e activo pelos mil signaes indirectos que o possam revelar, saturar-se dessa vida inteira, pensar com elle as suas idéas, comprehender e sentir os seus affectos, é a obra do critico. E não será uma criação tão difficil, essa que se faz através dos livros para conhecer um heróe do pensamento ou da arte, quanto a do romancista quando estuda os seus typos directamente na rua, ou na convivencia da sociedade? Onde a differença? Cada retrato bom que um critico dá de uma personagem das lettras vale tanto como os mais bellos quadros dos romancistas quando desenhão suas figuras, ou os dos historiadores quando pintam os grandes homens da politica. Tanto vale, como criação, o Napoleão ou o Danton de Taine como o seu Balzac, ou o seu Tito-Livio, ou o seu Lafontaine. Tanto vale, como obra de arte, a Margarida de Göthe, a Esmeralda de Victor Hugo, ou o seu Jean Valgean, ou o seu Lantenac, quanto o Chateaubriand, ou o Lamartine ou o Vigny de E. Faguet, ou o Laménais, o de Maistre de Scherer. Mas esta mesma consideração prova a favor da idéa que venho desenvolvendo. Não se hão de attribuir ao critico as idéas, as opiniões, todas as opiniões dos autores que analysa. Sua obrigação é tratá-los objectivamente. O mesmo fazem

os novellistas, tratam muitas vezes objectivamente os typos que a experiencia os fez conhecer e que elles levaram para as paginas de seus livros.

Costuma-se tambem dizer que existem duas especies de critica, uma absolutista, que é dogmatica, não leva em linha de conta as relatividades das creações do espirito e anda por ahi a lavrar sentenças condemnatorias ou absolutorias, com uma segurança de pasmar; outra que attende ao relativismo de tudo e é mais comedida nos seus juizos, ou antes, estuda e não conclue nada. E' verdade isto. A primeira especie era a velha critica oriunda da rhetorica aristotelica, suppunha-se de posse de pretensos principios absolutos que andava applicando a tudo e a todos. José de Alencar, com todo o seu talento, não fez outra quando estudou o typo de Gonçalves de Magalhães.

Quem primeiro se oppoz a essa despotia de dogmaticos foi Lessing, acompanhado mais tarde por Sainte-Beuve, o introductor da psychologia na critica.

Taine, em rigor, não saiu deste terreno; o que ha de bom em sua maneira de criticar é o que, segundo elle proprio confessa, aprendeu de Sainte-Beuve; o que lhe era mais peculiar foi o uso de certas formulas, que têm algo de absoluto e lembram a antiga maneira dos rhetoricos. Mas comprehende-se que a critica, que não é outra cousa mais que a esthetica em acção, não pôde effectuar essa indiferença tão radical dos principios de arte, que chegue ao ponto de tratar de igual para igual, como manifestações da alma, uma estatua de Phidias ou

Miguel Angelo e um tosco idolo de selvagens da Africa ou da America. Conheceu-se, pois, que a mera psychologia, como suppunha Sainte-Beuve e Taine, não é sufficiente para servir de base á critica, como ainda hoje pensa fundamentalmente o nosso Araripe Junior. A critica só agora é que se vai constituindo, levando para o seu seio o criterio da sociologia, de que ella é apenas um pequeno capitulo. Nem o dogmatismo esteril dos velhos criticos, nem a bambeza mofina, a indiferença sceptica, de quem parece não ter convicções, de certos criticos de nosso seculo. A psychologia é uma das faces do nosso problema, a sociologia outra e a mais importante.

Ha sempre a concluir de um autor para seu tempo e vice-versa. A operação critica é muito mais complicada do que á primeira vista parece, e é por isso que não basta conhecer n'um dado autor qualquer a figura de uma ou de outra personagem para concluir que se está de posse da psychologia do mesmo autor. E' uma leviandade. Haveria até injuria em dizer que, por exemplo, Machado de Assis, que é um homem grave e honrado, se acha retratado em Braz Cubas ou Quincas Borba ou Rubião, já não digo nas acções más do primeiro, nas maluquices do segundo e nos desfrutes do terceiro, o que seria até completo desaforo, porém mesmo que fosse apenas no famoso pessimismo daquelles tres sujeitos.

Entretanto, Machado de Assis é, a meu vêr, até certo ponto mais um pessimista e até, talvez, perdôe-me que lhe diga, um misanthropo, no que aliás este tem de mais

simples e innocente, do que um humorista. Já o disse em paginas anteriores deste livro.¹

Segundo a enumeração dos competentes, as classes que têm contribuido na sociedade com o maior numero de pessimistas são : moços, que, alem do mal-estar geral, são ainda mais aguçados por soffrimentos pessoaes, como ambições desilludidas, esforços inuteis na lucta da vida, fadigas sem proveito, miseria ; funcçionarios ankylosados no tedio dos serviços publicos ; bachareis mal garantidos por sua cultura, difficilmente adquirida aliás, contra as mais urgentes necessidades ; escriptores descontentes da sorte ; artistas desabusados e exasperados, e, afinal, todos os desclassificados da sociedade contemporanea. A todos estes vieram juntar-se a classe especialissima dos espiritos lucidos, clarividentes, excitados por muitas leituras, que, desencantados de tudo, entram a alimentar-se de chimeras, e a categoria de espiritos que têm destruido em si as faculdades de acção pelo excesso da vida mental, desequilibrados na vida subjectiva pelos proprios exaggeros della, verdadeiros doentes imaginarios. E' a classificação do illustre Rod, que citei linhas acima. Em nenhum dos grupos vejo que se possa collocar o nosso Machado de Assis, cuja carreira de homem de letras tem sido prospera, a não ser, talvez, no dos funcçionarios ankylosados no tedio do functionalismo, ou tambem em parte no dos lucidos e clarividentes, excitados por leituras e *qui ne sont plus dupes de rien*.

¹ Vide pag. 147.

Mas isto mesmo deve-se entender *cum grano salis*; porque a cousa não é lá assim tão evidente, como levianamente se poderia suppôr.

Eu sei bem, e não preciso que m'o lembrem, que existem, sem duvida, signaes denunciadores do pessimismo de um romancista, por mais objectivas que sejam as suas creações; ha aqui e alli phrases em que o autor se revela, mais ou menos directamente, posto que, muitas vezes, elle esteja a fazer falar as suas personagens. Sei mais que a simples predilecção em descrever typos rouvinhosos, desequilibrados, máos, immoraes, viciosos, o sestro de vêr, só ou quasi só, typos destes na sociedade, já indica da parte de um autor pronunciada dose de pessimismo. E' entre outros o caso de Emilio Zola.

Mas insisto em dizer que a hypothese de Machado de Assis não é tão simples, como, por exemplo, a do proprio autor de *Nana*. O meio deste é outro, o temperamento outro. Tem, parece-me, o nosso illustre patricio mais pontos de contacto com Flaubert, que é um caso mais complicado do que o de Zola, posto que eu proprio reconheça que o autor de *Quincas Borba* não tem a força epica, o talento descriptivo e plastico do autor de *Salammbô*.

Não contesto em nosso grande romancista o pessimismo, mais accentuado ainda a meus olhos do que o seu humorismo; mas assim como este aggravou-se inutilmente em suas ultimas obras com certas formulas meramente espectaculosas, tambem o seu pessimismo da ultima phase

tem alguma cousa de escolastico e affectado. Complicou-se de amaneirados propositaes, aprendidos nos livros, tomou guizos e vestes proprias para se exhibir e chamar a attenção das galerias.

Uma analyse penetrante das antigas obras do autor das *Phalenas* irá em todas ellas descobrir os germens de seu pessimismo, como já mostrei que lá estão as fontes de seu tal ou qual humour; fontes e germens, disse eu, melhor fora que dissesse, as mais ingenuas e puras manifestações de um e de outro, quando ambos eram ainda espontaneos e não se preocupavam com o — *qu' en dira la galérie*?

Quero ser sincero, completamente sincero até o fim: não sou grande admirador dos cultores da ironia, dos sacerdotes do humour e até dos pontífices do pessimismo. Manifesto o meu pensamento tal qual surge, nú, inteiriço, na sua nudeza nativa. Não adoro a ironia, não amo o humour, não applaudo o pessimismo, posto passe tambem aos olhos de muita gente por pessimista.

A ironia se me afigura uma censura que se encapa, um elogio fingido, uma vingança encoberta e refohada; no fundo é um insulto rebuscado e indica uma falha qualquer, por pequena que seja, no character. O humour é a galhofa do triste, a pilheria do desconsolado, uma alegria artificiosa; é fundamentalmente um meio illusorio e revela qualquer desconcerto n'alma.

O pessimismo é prova de certa lacuna da generosidade, do enthusiasmo, da piedade, e mostra que as fontes

nativas da poesia estão pobres ou quasi seccas no espirito. Releve-me o autor de *Braz Cubas* o pensar assim, e perdôe-me a memoria do meu querido Tobias Barreto esta confissão, elle que tambem sacrificou por vezes á ironia, ao humour e ao pessimismo. Bem sei que tudo isto é afinal mera questão de temperamento e não lhes faço censura por esse lado; resalvo apenas minha sinceridade, mostrando, neste particular, as origens de minha falta de enthusiasmo. Comprehando, explico e até justifico; mas não me babo de prazer. Talvez lacuna de minha parte. Será por isso provavelmente que fico quasi indifferente quando vejo tanta gente delirar de gozo lendo as *Memorias de Braz Cubas* e o *Quincas Borba*. Confesso que não foi sem esforço que cheguei ao fim das 389 paginas do primeiro livro e das 433 do segundo, e não teria ido ao termo, se não fôra a obrigação do officio. E, todavia, estudei-as com o maior cuidado e procurando quanto possivel abstrahir de minhas prevenções quanto ao genero. São confissões que poderia calar; mas a critica se me antolha tambem uma questão d'arte, como já disse neste mesmo lugar, e a arte só tem valor quando é sincera. Quando digo, pois, que não acho graça no humour de Machado de Assis e que o seu pëssimismo me parece espectacular e affectado, dou sómente a minha impressão pessoal, que apenas procuro justificar, porque ella se me antolha justa; mas não tenho pretensão nem interesse em que os outros a aceitem. Chegado a este ponto, é natural que procure documentar os meus

assertos, e não me parece que me seja preciso ir muito longe.

Pegue o leitor commigo nas *Memorias Posthumas de Braz Cubas*, vamos percorrel-as desde as primeiras paginas. O leitor conhece por certo a carcassa do livro; sabe que o autor imaginou um sujeito que do outro mundo nos brinda com as memorias da propria vida, onde se acham narrados seu nascimento, educação, amores, negocios, até o desenlace final da morte, sendo este ultimo passo contado logo em principio da narrativa. Esta especie de espiritismo litterario póde ser para muita gente o signal de grande profundeza; mas lhe não descubro a menor significação. Como originalidade é de genero inferior. Como imaginativa acho-lhe immensamente preferivel o conto de Poë intitulado — *A verdade sobre o caso de M. Valdemar*.

Neste pequeno escripto o poeta americano consegue mais ingenuamente o seu fim, que é a impressão do horrivel. O livro de nosso compatriota traz uma dedicatória, que é a seguinte : « *Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadaver dedico como saudosa lembrança estas Memorias Posthumas* ».

Como manifestação de espirito acho sem gosto e não me faz rir; porque a affectação e o *parti-pris* são evidentes.

Abre o livro por um prologo — *Ao leitor*, que para aqui se traslada, porque nelle ha certas confissões sobre o contexto da obra que documentam as intenções do

romancista fluminense ; revelam-se o seu genero d'espírito, sua ironia, seu humour, os modelos que tentou seguir, as *rabugens de pessimismo* que alli se encontram. Eis aqui :

« Que, no alto do principal de seus livros, confessasse Stendhal havel-o escripto para cem leitores, cousa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cincoenta, nem vinte, e quando muito, dez. Dez ? Talvez cinco. Trata-se, na verdade, de uma obra diffusa, na qual eu, Braz Cubas, se adoptei a fórma livre de um Sterne, de um Lamb, ou de um de Maistre, não sei se lhe metti algumas rabugens de pessimismo. Póde ser. Obra de finado. Escrevi-a com a penna da galhofa e a tinta da melancolia ; e não é difficil antever o que poderá sair desse connubio. Accresce que a gente grave achará no livro umas apparencias de puro romance, ao passo que a gente frivola não achará nelle o seu romance usual ; e eil-o ahi fica privado da estima dos graves e do amor dos frivolos, que são as duas columnas maximas da opinião.

Mas eu ainda espero angariar as sympathias da opinião, e o meio efficaz para isso é fugir a um prologo explicito e longo. O melhor prologo é o que contém menos cousas, ou o que as diz de um geito obscuro e truncado. Consequentemente, evito contar o processo extraordinario que empreguei na composição destas *Memorias*, trabalhadas cá no outro seculo. Seria curioso, mas nimiamente

extenso, e aliás desnecessario ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo : se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus. »

Não me parecem primores de estylo aquella *penna da galhofa* e aquella *tinta da melancolia*, nem é a quinta essencia da graça — aquelle *pago-te com um piparote*. Em todo o caso, quem lê attentamente as *Memorias*, vê que o romancista accumulou nos primeiros seis ou sete capitulos quasi toda a provisão de *humour*, de *horrivel* e de *pessimismo* de que é capaz. Conhecidos elles, está examinada toda a carga da transcendental philosophia que dizem residir na cabeça de Machado.

Os mais significativos por esse lado são: *Obito do autor*, *O emplasto*, *A idéa fixa*, *Chimène, qui l'eut dit ?*... e *O delirio*.

Apreciemol-os, griphando os trechos caracteristicos em que o autor forçou o *humour* e o *pessimismo*. Lêa-se o Cap. I — *Obito do autor* :

« Algum tempo hesitei se devia abrir estas memorias pelo principio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Supposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento; duas considerações me levaram a adoptar differente methodo: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escripto ficaria assim mais galante e mais novo. Moysés, que tambem contou a sua

morte, não a poz no introito, mas no cabo: *diferença radical entre este livro e o Pentateuco.*

Dito isto, expirei ás duas horas da tarde de uma sexta-feira do mez de agosto de 1869, na minha bella • chacara de Catumby. Tinha uns sessenta e quatro annos, rijos e prosperos, era solteiro, possuia cerca de tresentos contos e fui acompanhado ao cemiterio por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem annuncios. Accresce que chovia — peneirava — uma chuvinha miuda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daquelles fieis da ultima hora a intercalar esta engenhosa idéa no discnrso que proferiu á beira da minha cova: — « *Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer commigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparavel de um dos mais bellos earacteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquellas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funereo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói á natureza as mais intimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso illustre finado.* »

Bom e fiel amigo! Não me arrependo das vinte apolices que lhe deixei. E foi assim que cheguei á clausula de meus dias; foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet, sem as ancias nem as duvidas do moço principe, *mas pausado e tropego, como quem se retira tarde do espectaculo. Tarde e aborrecido.* Viram-me ir umas nove ou dez pessoas, entre ellas tres senhoras, — minha irmã Sabina, casada com o Cotrim, — a filha, um

lyrio do valle,—e... Tenham paciencia ! daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora. Contentem-se de saber que essa anonyma, ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas. E' verdade, padeceu mais. *Não digo que se carpisse, não digo que se deixasse rolar pelo chão, epileptica. Nem o meu obito era cousa altamente dramatica... Um solteirão que expira aos sessenta e quatro annos, não parece que reuna em si todos os elementos de uma tragedia.* E dado que sim, o que menos convinha a essa anonyma era apparental-o. De pé, á cabeceira da cama, com os olhos estupidos, a bocca entreaberta, a triste senhora mal podia crêr na minha extincção.

— Morto ! morto ! dizia comsigo.

E a imaginação della, como as cegonhas que um illustre viajante viu desferirem o vôo desde o Illyso ás ribas africanas, sem embargo das ruínas e dos tempos, — a imaginação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até ás ribas de uma Africa juvenil... Deixal-a ir ; lá iremos mais tarde ; lá iremos quando eu me restituir aos primeiros annos. *Agora quero morrer tranquillamente, methodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chacara, e o som estridulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fóra, á porta de um correeiro.* Juro-lhes que essa orchestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer ; e de certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida

estrebuchava-me no peito, com uns impetos de vaga marinha, esvaia-se-me a consciencia, eu descia á immobillidade physica e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra, e lodo, e cousa nenhuma.

Morri de uma pneumonia; *mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma idéa grandiosa e util, a causa de minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade.* Vou expor-lhe summariamente o caso. Julgue-o por si mesmo. »

Qual o valor desta pagina como revelação de humour? Alguns trocadilhos, como aquelle de *autor defunto* e *defunto autor*, e alguns achados que se pretendem argutos como este: *differença radical entre este livro e o Pen-tateuco* e outros assim. Não são certamente grande cousa e para isso não valia a pena tanto trabalho despendido pelo delicado escriptor de *Yayá Garcia*.

Vão mais dois trechos que se prendem perfeitamente — *O emplasto* e a *Idéa fixa*:

« Com effeito, um dia de manhã, estando a passear na chacara, *pendurou-se-me uma idéa no trapezio que eu tinha no cerebro.* Uma vez pendurada, *entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volantim,* que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplal-a. *Subito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a fôrma de um X; decifra-me ou devoro-te.*

Essa idéa era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplasto anti-hypocondriaco, destinado a alliviar a nossa melancolica humanidade. Na

petição de privilegio que então redigi, chamei a attenção do governo para esse resultado, verdadeiramente christão. Todavia, não neguei aos amigos as vantagens pecuniarias que deviam resultar da distribuição de um producto de tamanhos e tão profundos effeitos. Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo : o que me influíu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornaes, mostradores, folhetos, esquinas, e emfim nas caixinhas do remedio, estas tres palavras : *emplasto Braz Cubas*. Para que negal-o? Eu tinha a paixão do arruido, do cartaz, do foguete de lagrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio porém que esse talento me hão de reconhecer os habéis ; e eu era habil. Assim, a minha idéa trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o publico, outra para mim. De um lado, philanthropia e lucro ; de outro lado, sêde de nomeada. Digamos : — amor da gloria.

Um tio meu, conego de prebenda inteira, costumava dizer que o amor da gloria temporal era a perdição das almas, que só devem cobiçar a gloria eterna. Ao que retorquia outro tio, official de um dos antigos terços de infantaria, que o amor da gloria era a cousa mais verdadeiramente humana que ha no homem, e, consequentemente, a sua mais genuina feição.

Decida o leitor entre o militar e o conego ; eu volto ao emplasto....

A minha idéa, depois de tantas cabriolas, constituir-se idéa fixa. Deus te livre, leitor, de uma idéa fixa ;

antes um argueiro, antes nma trave no olho. Vê o Cavour; foi a idéa fixa da unidade italiana que o matou. Verdade é que o Bismarck não morreu; mas cumpre advertir que a natureza é uma grande caprichosa e a historia uma eterna loureira. Por exemplo, o Suetonio deu-nos um Claudio, *que era um verdadeiro banana*,—ou «*uma abobora*» como lhe chamou Seneca, e um Tito, que mereceu ser as delicias de Roma. Veiu modernamente um professor e achou meio de demonstrar que ámbos esses conceitos eram erroneos e abstrusos, e que dos dois cesares, o delicioso, o verdadeiramente delicioso, foi o «*abobora*» de Seneca. *E tu, madama Lucrecia, flôr dos Borgias, se um poeta te pintou como a Messalina catholica, appareceu um Gregorovius incredulo que te apagou muito essa qualidade, e, se não vieste a lyrio, tambem não ficaste pantano. Eu deixo-me estar entre o poeta e o sabio.*

Viva, pois, a historia, a voluvel historia que dá para tudo; e, tornando á idéa fixa, direi que é ella a que faz os varões fortes e os doudos; a idéa mobil, vaga ou furtacôr é a que faz os Claudios, — fórmula Suetonio.

Era fixa a minha idéa, fixa como... Não me occorre nada que seja assaz fixo nesse mundo: talvez a lua, talvez as pyramides do Egypto, talvez a finada dieta germanica. Veja o leitor a comparação que melhor lhe quadrar, veja-a e não esteja d'ahi a torcer-me o nariz, só porque ainda não chegámos á parte narrativa destas memorias. Lá iremos. Creio que prefere a anecdota á reflexão, como os outros

leitores, seus confrades, e acho que faz muito bem. Pois lá iremos.

Todavia, importa dizer que este livro é escripto com a pachorra de um homem já desaffrontado da brevidade do seculo, obra supinamente philosophica, de uma philosophia desigual, agora austera, logo brincalhona, coisa que não edifica nem destróe, não inflamma nem regêla, é todavia mais do que passatempo e menos do que apostolado.

Vamos lá; rectifique o seu nariz, e tornemos ao emplasto. Deixemos a historia com os seus caprichos de dama elegante. Nenhum de nós pelejou a batalha de Salamina, nenhum escreveu a confissão do Augsburgo; pela minha parte, se alguma vez me lembro de Cromwell, é só pela idéa de que Sua Alteza, com a mesma mão que trancára o parlamento, teria imposto aos inglezes o emplasto Braz Cubas. Não se riam dessa victoria commum da pharmacia e do puritanismo. Quem não sabe que ao pé de cada bandeira grande, publica, ostensiva, ha muitas vezes varias outras bandeiras modestamente particulares, que se hasteam e fluctuam á sombra daquella, com ella caem, e não poucas vezes lhe sobrelevam? Mal comparando, é como a arraia-miuda, que se acolhia á sombra do castello-feudal; caiu este e a arraia ficou. Verdade é que se fez graúda e castellã. . . Não, a comparação não presta. »

Que especie de graça, directamente comica ao gosto latino, ou indirecta e humoristica ao sabor germanico, pôde haver nesse acervo de banalidades, nessas comparações

desgeitosas e contrafeitas, nesse — *pendurou-se-me uma idéa no trapesio que tinha no cerebro*, nessa idéa que *braceja e perneia e cabriola*, nesse grande salto da idéa que *estende os braços e as pernas e toma a fórma de X*? Nesse *nada me occorre que seja fixo: talvez a lua, ou as pyramides do Egypto ou a finada dieta germanica*? E em tantas cousas assim do genero *ennuyeux* de que já tinha medo Boileau?

Os pedaços citados dão claras amostras da especie de talento de Machado quando... *il court après l'esprit, et...* Só uma deploravel prevenção em achar graça na insipidez se encantará com aquillo. Agora venhamos a um trecho melhor ; porque nelle se revelam mais nitidos os dotes do estylista e do observador psychologo, que é, na minha opinião, o romancista fluminense, qualidade que elle deveria de preferencia desenvolver e aperfeiçoar, e que lhe deixaria fazer obras muito mais perfectas do que as que lhe inspiram seu arrebitado humour e seu artificioso pessimismo. E' o capitulo que em Braz Cubas narra a visita que lhe fizera quando já elle estava quasi moribundo sua antiga *maîtresse*, a Virgilia.

O leitor verifique por si e decida se tenho razão ou não: nesta pagina o melhor é de analyse psychologica, que o escriptor exprime sempre aliás singelamente, porque então não se julga obrigado a fazer espirito, sendo os topicos em que tenta fazel-o os peiores deste bello capitulo:

« Vejo-a assomar á porta da alcova, pallida, commovida, trajada de preto, e alli ficar durante uns dez

segundos, sem animo de entrar, ou detida pela presença de um homem que estava commigo. Da cama, onde jazia, contemplei-a durante esse tempo, esquecido de lhe dizer nada ou de fazer nenhum gesto. Havia já d'ous annos que nos não viamos; e eu via-a agora não qual era, mas qual fôra, quaes fomos ambos, porque um Ezechias mysterioso fizera recuar o sol até os dias juvenis. Recuou o sol, sacudi todas as miserias; e este punhado de pó, que a morte ia espalhar na eternidade do nada, pôde mais do que o tempo, *que é o ministro da morte*. Nenhuma agua de Juventa egualaria alli a simples saudade.

Cream-me, o menos mau é recordar; ninguém se fie da felicidade presente; ha nella uma gota da baba de Caim. Corrido o tempo e cessado o espasmo, então sim, então talvez se pôde gozar déveras, porque entre uma e outra dessas duas illusões, melhor é a que se gosta sem doer.

Não durou muito a evocação; a realidade dominou logo; o presente expelliu o passado. Talvez eu exponha ao leitor, em algum canto deste livro, *a minha theoria das edições humanas*. O que por agora importa saber é que Virgilia — chamava-se Virgilia — entrou na alcova, firme, com a gravidade que lhe davam as roupas e os annos, e veio até o meu leito. O extranho levantou-se e saiu. Era um sujeito, que me visitava todos os dias para falar do cambio, da colonisação e da necessidade de desenvolver a viação ferrea; nada mais interessante para um moribundo. Saiu; Virgilia deixou-se estar de pé; durante

algum tempo ficámos a olhar um para o outro, sem articular palavra. Quem diria? *De dois grandes namorados, de duas paixões sem freio, nada mais havia alli, vinte annos depois; havia apenas dois corações murchos, devastados pela vida e saciados della, não sei se em igual dóse, mas emfim saciados.* Virgilia tinha agora a belleza da velhice, um ar austero e maternal; estava menos magra do que quando a vi, pela ultima vez, n'uma festa de S. João, na Tijuca; e porque era das que resistem muito, só agora começavam os cabellos escuros a intercalar-se de alguns fios de prata.

— Anda visitando os defuntos? disse-lhe eu. -- Ora, defuntos! respondeu Virgilia com um muxoxo. E depois de me apertar as mãos: — Ando a ver se ponho os vadios para a rua.

Não tinha a caricia lacrymosa de outro tempo; mas a voz era amiga e doce. Sentou-se. Eu estava só, em casa, com um simples enfermeiro; podíamos falar um ao outro, sem perigo. Virgilia deu-me longas noticias de fóra, narrando-as com graça, com um certo travo de má lingua, que era o sal da palestra; *eu prestes a deixar o mundo, sentia um prazer satânico em mofar delle, em persuadir-me que não deixava nada.*

— Que idéas essas! interrompeu-me Virgilia um tanto zangada. Olhe que eu não volto mais. Morrer! Todos nós havemos de morrer; basta estarmos vivos.

E vendo o relógio:

— Jesus! são tres horas. Vou-me embora.

— Já?

— Já; virei amanhã ou depois.

— Não sei se faz bem, retorqui; o doente é um solteirão e a casa não tem senhoras...

— Sua mana?

— Ha de vir cá passar uns dias, mas não pôde ser antes de sabbado.

Virgilia reflectiu um instante, levantou os hombros e disse com gravidade:

— Estou velha! Ninguém mais repara em mim. Mas, para cortar duvidas, virei com o Nhonhô.

Nhonhô era um bacharel, unico filho de seu casamento, que, na idade de cinco annos, fôra cúmplice inconsciente de nossos amores. Vieram juntos, dois dias depois; e confesso que, ao vel-os alli, na minha alcova, fui tomado de um acanhamento que nem me permittiu corresponder logo ás palavras affaveis do rapaz. Virgilia adivinhou-me e disse ao filho:

— Nhonhô, não repares nesse grande manhoso que ahi está; não quer falar para fazer crer que está á morte.

Sorriu o filho; eu creio que tambem sorri; e tudo acabou em pura galhofa. Virgilia estava serena e risonha, tinha o aspecto das vidas immaculadas. Nenhum olhar suspeito, nenhum gesto que pudesse denunciar nada; uma igualdade de palavra e de espirito, uma dominação sobre si mesma, que pareciam e talvez fossem raras. Como tocássemos, casualmente, n'uns amores illegitimos, meio secretos, meio divulgados, vi-a falar com desdem e um

pouco de indignação da mulher de que se tratava, aliás sua amiga; e o filho sentia-se satisfeito, ouvindo aquella palavra digna e forte, e eu perguntava a mim mesmo o *que diriam de nós os gaviões, se Buffon tivesse nascido gavião...*

Era o meu delirio que começava.»

Os dois topicos maiores, griphados o foram propositalmente no intuito de revelar directamente o famoso pessimismo de Braz Cubas, que alguns pensam ser o mesmo de Machado de Assis.

O primeiro: — «De dois grandes namorados, de duas paixões sem freio, nada mais havia alli, vinte annos depois; havia apenas dois corações murchos, devastados pela vida e saciados della, não sei se em igual dóse, mas emfim saciados» —, é cousa que não está fóra dos moldes de qualquer romantico piegas do scepticismo *blasé* da escola de Chateaubriand, Lamartine, Guérin, ou Musset.

Como pessimismo, já no livro de Job, em Isaias, em Euripides, em Tacito, em Dante, para só falar dos mais antigos, nosso mundo occidental estava cansado de ler cousas muito mais sérias e notavelmente mais profundas.

O segundo: — «Eu, prestes a deixar o mundo, sentia um prazer satânico em mofar d'elle, em persuadir-me que não deixava nada» —, é uma manifestação de misanthropia, que, uma vez por outra, invadia Braz Cubas, quasi sempre, porém, pilherico e folgazão. Os outros curtos pedaços griphados são de genero humoristico-insulso, como — *o tempo — ministro da morte, a theoria das edições humanas*

se Buffon tivesse nascido gavião... e outras galhardias ignaes.

Ha uma nota nas *Memorias* e n'outros dos mais recentes livros de Machado Assis, que tenho necessidade de assignalar para completa apreciação de sua personalidade: refiro-me a coloração de horrivel que imprime em alguns de seus quadros.

Acho que não parte de fonte nativa tal preocupação. Sei perfeitamente que cada um de nós, em noites mal dormidas, sob a excitação do tabaco, do café, ou qualquer outro agente de igual indole, ou por motivo de algum desarranjo organico desta ou daquela natureza, é capaz de sonhar cousas muito mais atrozes e horripilantes do que essas que se encontram no Cap. VII em que Braz Cubas dá conta do delirio que o assaltou pouco antes de morrer; mas por isso mesmo não vejo porque motivo se deva tanto admirar essa tarda e doentia manifestação do talento do gracioso autor de *Helena*. Como expressão do pavoroso não chega a impressionar. Falta neste ponto a Machado um não sei quê que é uma especie de impavidez na loucura, qualidade possuida pelo grande Ed. Poë e de que é um medonho exemplo o sen *Gato preto*, ou um certo tom grandioso e épico que estruge n'algumas paginas da *Casa dos Mortos* de Dostoiewsky, capazes de emparelhar com algumas scenas de Dante. Falta-lhe uma cousa e outra. Mesmo em seus mais violentos desvios de imaginação Machado de Assis é tranquillo e suave; os delirios de suas personagens não mettem pavor. Eis aqui:

« Que me conste, ainda ninguém relatou o seu proprio delirio; faço eu, e a sciencia m'ó agradecerá. Se o leitor não é dado á contemplação destes phenomenos mentaes, pôde saltar o capitulo; vá direito á narração. Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte e trinta minutos.

Primeiramente, tomei a figura de um barbeiro chinez, bojudado, destro, escanhoando um mandarim, que me pagava o trabalho com beliscões e confeitos : caprichos de mandarim. Logo depois, senti-me transformado na *Summa Theologica* de S. Thomaz, impresso num volume, encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; idéa esta que me deu ao corpo a mais completa immobildade; e ainda agora me lembra que sendo as minhas mãos os fechos do livro, e cruzando-as en sobre o ventre, alguem as descruzava (Virgilia de certo), porque a attitude lhe dava a imagem de um defunto.

Ultimamente, restituído á fôrma humana, vi chegar um hippopotamo, que me arrebatou. Deixei-me ir, calado, não sei se por medo ou confiança; mas dentro em pouco, a carreira de tal modo se tornou vertiginosa, que me atrevi a interrogar-o, e com alguma arte lhe disse que a viagem me parecia sem destino.

— Engana-se, replicou o animal, nós vamos á origem dos seculos.

Insinuei que deveria ser muitissimo longe, mas o hippopotamo não me entendeu ou não me ouviu, se é que

não fingiu uma dessas cousas ; e perguntando-lhe, visto que elle falava, se era descendente do cavallo de Achilles ou da asna de Balaão, retorquiu-me com um gesto peculiar a estes dois quadrupedes : abanou as orelhas. Pela minha parte fechei os olhos e deixei-me ir á ventura. Já agora não se me dá de confessar que sentia umas taes ou quaes cocegas de curiosidade, por saber onde ficava a origem dos seculos, se era tão mysteriosa como a origem do Nilo, e sobretudo se valia alguma cousa mais ou menos do que a consummação dos mesmos seculos ; tudo isto reflexões de um cerebro enfermo. Como ia de olhos fechados, não via o caminho ; lembra-me só que a sensação de frio augmentava com a jornada, e que chegou uma occasião em que me pareceu entrar na região dos gelos eternos. Com effeito, abri os olhos e vi que o meu animal galopava n'uma planicie branca de neve, com uma ou outra montanha de neve, vegetação de neve, e varios animaes grandes e de neve. Tudo neve ; chegava a gelar-me um sol de neve. Tentei falar, mas apenas pude grunhir esta pergunta anciosa :

— Onde estamos ?

— Já passamos o Eden .

— Bem ; paremos na tenda de Abrahão.

— Mas se nós caminhamos para traz ! redarguiu motejando a minha cavalgada.

Fiquei vexado e aturdido. A jornada entrou a parecer-me enfadonha e extravagante, o frio incommodo, a conducção violenta, e o resultado impalpavel. E depois

—cogitações de enfermo— dado que chegassemos ao fim indicado, não era impossível que os seculos, irritados com lhes devassarem a origem, me esmagassem entre as unhas, que deviam ser tão seculares como elles. Enquanto assim pensava, iam devorando caminho, e a planicie voava debaixo dos nossos pés, até que o animal estacou, e pude olhar mais tranquillamente em torno de mim. Olhar sómente; nada vi, além da immensa brancura da neve, que desta vez invadira o proprio céu, até alli azul. Talvez, a espaços, me apparecia uma ou outra planta, enorme, brutesca, meneando ao vento as suas largas folhas. O silencio daquella região era igual ao do sepulchro: dissera-se que a vida das cousas ficara estúpida diante do homem.

Caiu do ar? destacou-se da terra? não sei; sei que um vulto immenso, uma figura de mulher me appareceu então, fitando-me uns olhos rutilantes como o sol. Tudo nessa figura tinha a vastidão das fôrmas selvaticas, e tudo escapava á comprehensão do olhar humano, porque os contornos perdiam-se no ambiente, e o que parecia espesso era muita vez diaphano. Estupefacto, não disse nada, não cheguei sequer a soltar um grito; mas ao cabo de algum tempo, que foi breve, perguntei quem era e como se chamava; curiosidade de delirio.

— Chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga.

Ao ouvir esta ultima palavra, recuei um pouco, tomado de susto. A figura soltou uma gargalhada, que

produziu em torno de nós o effeito de um tufão ; as plantas torceram-se e um longo gemido quebrou a mudez das cousas externas.

— Não te assustes, disse ella, minha inimizade não mata ; é sobretudo pela vida que se affirma. Vives : não quero outro flagello.

— Vivo ? perguntei eu, enterrando as unhas nas mãos, como para certificar-me da existencia.

— Sim, verme, tu vives. Não receis perder esse andrajo que é teu orgulho ; provarás ainda, por algumas horas, o pão da dôr e o vinho da miseria. Vives : agora mesmo que ensandeceste, vives ; e se a tua consciencia rehouver um instante de sagacidade, tu dirás que queres viver.

Dizendo isto, a visão estendeu o braço, segurou-me pelos cabellos e levantou-me ao ar, como se fôra uma simples pluma. Só então pude ver-lhe de perto o rosto, que era enorme. Nada mais quieto ; nenhuma contorsão violenta, nenhuma expressão de odio ou ferocidade ; a feição unica, geral, completa, era a da impassibilidade egoista, a da eterna surdez, a da vontade immovel. Raivas, se as tinha, ficavam encerradas no coração. Ao mesmo tempo, nesse rosto de expressão glacial, havia um ar de juventude, mescla de força e viço, diante do qual me sentia eu o mais debil e decrepito dos seres.

— Entendeste-me ? disse ella, no fim de algum tempo de mutua contemplação.

— Não, respondi ; nem quero entender-te ; tu és absurda, tu és uma fabula. Estou sonhando, de certo, ou,

se é verdade que enlouqueci, tu não passas de uma concepção de alienado, isto é, uma cousa vã, que a razão ausente não pôde reger nem palpar. Natureza, tu? a Natureza que eu conheço é só mãe e não inimiga; não faz da vida um flagello, nem, como tu, traz esse rosto indifferente, como o sepulchro. E porque Pandora?

— Porque levo na minha bolsa os bens e os males, e o maior de todos, a esperança, consolação dos homens. Tremes?

— Sim; o teu olhar fascina-me.

— Creio; eu não sou sómente a vida; sou tambem a morte, e tu estás prestes a devolver-me o que te emprestei. Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada.

Quando esta palavra echoou, como um trovão, naquelle immenso valle, afigurou-se-me que era o ultimo som que chegava a meus ouvidos; pareceu-me sentir a decomposição subita de mim mesmo. Então, encarei-a com olhos supplices, e pedi mais alguns annos.

— Pobre minuto! exclamou. Para que queres tu mais alguns instantes de vida? Para devorar e seres devorado depois? Não estás farto do espectaculo e da lucta? Conheces de sobejo tudo o que eu te deparei menos torpe ou menos afflictivo: o alvor do dia, a melancolia da tarde, a quietação da noite, os aspectos da terra, o somno, emfim, o maior beneficio das minhas mãos. Que mais queres tu, sublime idiota?

— Viver sómente, não te peço mais nada. Quem me poz no coração este amor da vida, se não tu? e, se

en amo a vida, porque te has de golpear a ti mesma, matando-me ?

— Porque já não preciso de ti. Não importa ao tempo o minuto que passa, mas o minuto que vem. O minuto que vem é forte, jocundo, suppõe trazer em si a eternidade, e traz a morte, e perece como o outro, mas o tempo subsiste. Egoismo, dizes tu ? Sim, egoismo, não tenho outra lei. Egoismo, conservação. A onça mata o novillo porque o raciocinio da onça é que ella deve viver, e se o novillo é tenro tanto melhor : eis o estatuto universal. Sobe e olha.

Isto dizendo, arrebatou-me ao alto de uma montanha. Inclinei os olhos a uma das vertentes, e contemplei, durante um tempo largo, ao longe, através de um nevoeiro, uma cousa unica. Imagina tu, leitor, uma redução dos seculos, e um desfilar de todos elles, as raças todas, todas as paixões, o tumulto dos imperios, a guerra dos appetites e dos odios, a destruição reciproca dos seres e das cousas. Tal era o espectaculo, acerbo e curioso espectaculo. A historia do homem e da terra tinha assim uma intensidade que lhê não podiam dar nem a imaginação nem a sciencia, porque a sciencia é mais lenta e a imaginação mais vaga, emquanto que o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos. Para descrevel-a seria preciso fixar o relampago. Os seculos desfiliavam n'um turbilhão, e, não obstante, porque os olhos do delirio são outros, eu via tudo o que passava diante de mim, — flagellos e delicias, — desde essa consa que se

chama gloria até essa outra que se chama miseria e via o amor multiplicando a miseria e via a miseria aggravando a debilidade. Ahi vinham a cobiça que devora, a colera que inflamma, a inveja qua baba, e a enxada e a penna, humidas de suor, e a ambição, a fome, a vaidade, a melancolia, a riqueza, o amor, e todos agitavam o homem, como um chocalho, até destruil-o, como um farrapo. Eram as fórmias varias de um mal, que ora mordia a viscera, ora mordia o pensamento, e passeiava eternamente as suas vestes de arlequim, em derredor da especie humana. A dor cedia alguma vez, mas cedia á indifferença, que era um somno sem sonhos, ou ao prazer, que era uma dor bastarda. Então o homem, flagellado e rebelde, corria diante da fatalidade das cousas, atraz de uma figura, *nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpavel, outro de improvavel, outro de invisivel, cosidos todos a ponto precario com a agulha da imaginação*; e essa figura, — nada menos que a chimera da felicidade, — ou lhe fugia perpetuamente, ou deixava-se apanhar pela fralda, e o homem a cingia ao peito, e então ella ria, como um escarneo, e sumia-se como uma illusão.

Ao contemplar tanta calamidade, não pude reter um grito de angustia, que Natureza ou Pandora escutou sem protestar nem rir; e não sei por que lei de transtorno cerebral, fui eu que me puz a rir, — de um riso descompassado e idiota.

— Tens razão, disse eu, a cousa é divertida e vale a pena, — talvez monotona — mas vale a pena. Quando Job

amaldiçoava o dia em que fôra concebido, é porque lhe davam ganas de ver cá de cima o espectáculo. Vamos lá, Pandora, abre o ventre, e digere-me ; a cousa é divertida, mas digere-me.

A resposta foi compellir-me fortemente a olhar para baixo, e a ver os seculos que continuavam a passar, velozes e turbulentos, as gerações que se superpunham ás gerações, umas tristes, como os Hebreus do captiveiro, outras alegres, como os devassos de Commodo, e todas ellas pontuaes na sepultura. Quiz fugir, mas uma força mysteriosa me retinha os pés ; então disse commigo :— « Bem, os seculos vão passando, chegará o meu, e passará tambem, até o ultimo, que me dará a decifração da eternidade. » E fixei os olhos, e continuei a ver as idades, que vinham chegando e passando, já então tranquillo e resoluto, não sei até se alegre. Talvez alegre. Cada seculo trazia a sua porção de sombra e de luz, de apathia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de systemas, de idéas novas, de novas illusões ; em cada um delles rebentavam as verduras de uma primavera, e amarelleciam depois, para remogar mais tarde. Ao passo que a vida tinha assim uma regularidade de calendario, fazia-se a historia e a civilisação, e o homem, nú e desarmado, armava-se e vestia-se, construia o tugurio e o palacio, a rude aldêa e Thebas de cem portas, creava a sciencia, que perscruta, e a arte que enleva, fazia-se orador, mecanico, philosopho, corria a face do globo, descia ao ventre da terra, subia á esphera das nuvens,

collaborando assim na obra mysteriosa, com que entretinha a necessidade da vida e a melancolia do desamparo. Meu olhar, enfiado e distraído, viu enfim chegar o seculo presente, e atraz delle os futuros. Aquelle vinha agil, destro, vibrante, cheio de si, um pouco diffuso, audaz, sabedor, mas ao cabo tão miseravel como os primeiros, e assim passou e assim passaram os outros, com a mesma rapidez e igual monotonia. Redobrei de attenção ; fitei a vista ; ia enfim ver o ultimo, — o ultimo ! mas então já a rapidez da marcha era tal, que escapava a toda a comprehensão ; ao pé della o relampago seria um seculo. Talvez por isso entraram os objectos a trocarem-se ; uns cresceram, outros minguaram, outros perderam-se no ambiente ; um nevoeiro cobriu tudo, — menos o hippopotamo que alli me trouxera, e que aliás começou a diminuir, a diminuir, a diminuir, até ficar do tamanho de um gato. Era effectivamente um gato. Encarei-o bem ; era o meu gato *Sultão*, que brincava á porta da alcova, com uma bola de papel. . . »

Bello, realmente muito bello, como linguagem e como estylo. E' sem duvida uma das paginas mais intensas da lingua portugueza. Nem Vieira, nem Herculano, nem Camillo, nem Eça, nem Ruy, possuem muitas que a possam ultrapassar. Por amor della, era caso de estar quasi arrependido de tudo quanto, mais ou menos desfavoravel, tenho dito em todo o correr deste livro a respeito do romancista fluminense. Mas esta pagina mesma, que é a melhor de nosso escriptor como

brilho de estylo, é notavel por isto e não pelo que possa por ventura, conter de horriavel e tragico. Pelo que toca a estes, o trecho é instructivo, por ser aquelle de toda a obra de Machado de Assis em que elle accumulou mais esforços á cata do extravagante. Todavia, acho que não consegue plenamente o effeito de impressionar. Fica bem abaixo de Dostoiewsky, Poë e até de Hoffmann, quando este envereda, como o proprio Machado diria, pelo districto da pathologia litteraria.

XVIII

O pessimismo entre nós tem tido até hoje tres feições principaes, ou, melhor, costumamos chamar pessimistas a tres categorias de individuos: os que dizem mal de nossos desmantelos nacionaes, nomeadamente os desmantelos de ordem politica e litteraria; os que praguejam mais ou menós conscientemente contra os vicios e desarranjos da vida social em geral; os que têm opinião sombria dogmaticamente feita sobre a essencia mesma da existencia universal. No primeiro grupo tem-se-me dado um lugar que só aceito com restricções; no segundo está o finado Braz Cubas ou Machado de Assis, se endossa os esconjuros do illustre namorado de Virgilia; no terceiro tem posto mais ou menos conspicuo meu saudoso Tobias Barreto, e digo mais ou menos conspicuo, porque elle na escala do pessimismo não chegou ao degráu em que se sentaram Schopenhauer, Byron, Leopardi e Hartmann. Em todo caso, seu pessimismo é de natureza muito mais grave do que o de Machado de Assis. Vê-se, conhece-se que o philosopho sergipano, sobre os mais arduos problemas da vida, da religião, da moral, chegou até ao solio das

negações tremendas e absolutas. O sceptico e irreverente, que havia nelle, levava-o até ahi; mas o que nelle havia de sentimental e poetico vedava-o de despenhar-se do alto no pelago sem fundo do nihilismo materialistico e pessimista. Apesar disto, existem paginas suas que são muito mais amargas do que todos os delirios de Cubas ou Borba ou Rubião juntos. Fiel ao meu processo de cotejo, vou dar aqui amostras de algumas; porque é preciso, de uma vez, desfazer as miragens de Machado e sua gente quando pensam que, chegando ao pessimismo, aportaram em paragens ignotas, nunca vistas ou sequer sonhadas no Brasil. Vamos vêr trechos decisivos sobre Deus, religião, moral, liberdade, fraternidade, ordem social, em que nosso philosopho revela seu intenso desencanto.

Eis um delles do ensaio intitulado *Variações anti-sociologicas*:

« Não eston longe de subscrever a terrivel opinião de Hellwald.— Um dos problemas da sciencia consiste em destruir todos os *ideiaes*, provar a sua inanidade, o seu nada, e mostrar emfim que a fé em Deus e a religião não passam de um engodo; que moralidade, amor, liberdade e direitos do homem, não são mais do que mentiras. —

Mas é bom que nos entendamos. Ha verdadeiros, como ha falsos *ideiaes*, e só estes ultimos é que podem, é que devem ser destruidos. Todo ideal, eu creio, envolve uma illusão, mas nem toda illusão envolve uma mentira. Nada mais illusorio, por exemplo, do que a eterna

felicidade que se promettem dois corações amantes; entretanto, nada mais verdadeiro do que o amor, que lhes arranca lagrimas, ainda que lagrimas risonhas, *dakrya gelasasa*, como diria Homero, o amor insubordinado, sempre menino e ignorante, que não sabe logica nem rhetorica, que não obedece a lei alguma, porque elle mesmo julga-se uma lei.

Que a humanidade se illuda, acreditando na realidade dos seus sonhos, ou, como disse Feuerbach, convertendo os seus desejos em outros tantos *deuses*, pensamento este que já tinha germinado no espirito de Virgilio, quando fez Niso perguntar a Euryalo... *an sua cuique deus fit dira cupido?*... que a humanidade se illuda por sua propria conta, é seu destino e ella o ha de cumprir.

Que ninguém, porém, pretenda mais illudil-a, nem impôr-lhe cadeias que ella mesma não se impõe, este, sim, é um dos grandes, um dos maiores problemas que á sciencia incumbe resolver. »

Em as notas a *Um discurso em mangas de camisa* lêem-se pedaços, como este, sobre a religião: « A religião é entre nós, quasi sempre, uma questão de *bigotismo*, sinão antes de alardo pecunario, ou de simples consideração ao burel de um capuchinho... »

Peço perdão a quem quer que, porventura, taes palavras possam offender, na hypothese, aliás erronea, de importarem ellas um menoscabo do digno missionario que deu um templo a esta localidade. Prestou elle á religião, como a temos e a praticamos, um serviço

relevantissimo, e de tal arte, que a pequena parte opposicionista do publico *rezante*, aquella mesma que criticou tão cruelmente a architectonica do frade, *nolens volens*, não deixa de ir á egreja capuchinha alliviar a angustia dos peccados, esquecendo assim de dia em dia o grande perigo de morrer esmagada pelo tecto e paredes da obra, *mal construida e facil de desabar...*

Não tenho a felicidade de ser um crente em regra, um daquelles que se deliciam, maximé depois do jantar, quando mais prasenteiro é o humor religioso, na doce contemplação das consas divinas. A natureza esqueceu-se de me dar o estro que faz os santos. Entendo tão pouco a linguagem das almas devotas, que me falam das puras effusões da vida hypersensível, como pudera entender as palavras de uma mulher, que me fizesse a narrativa das dôres do puerperio. E se é certo, o que disse Goethe, que o olho é um producto da luz, para ser então parallela e symetricamente exacto que a fé é um producto de Deus, eu devo confessar que até hoje este órgão não se desenvolveu, ainda não me nasceu este *segundo olho*. Mas tambem confesso que não me julgo, por isso, autorisado a duvidar da luz que outros dizem vêr.

A verdade não me nomeou seu interprete privilegiado. Bem quer, ás vezes, parecer-me que descortino um mais largo horisonte do que o meu pio visinho, a quem, de dentro da gruta em que se deixou ficar, a gruta das suas crenças, só é dado lobrigar um cantinho do céu.

Bem quer, ás vezes, me parecer que a egreja é um anachronismo e a sotaina uma cousa lugubre : como se os padres *trajassem luto por Deus!* . . .

Porém curo-me logo de tal impiedade e recobro a consciencia de minha ignorancia; mesmo porque, no dizer de nosso povo, catholicamente educado, os *meninos sabidos não se criam*, e sendo a vida assim, por si só, uma prova de idiotismo, ponto este em que o bom do povo se encontra com mais de um philosopho, eu tive a sorte de fazer parte dos idiotas viventes.

Se não amo, pois, a santa egreja com o amor e dedicação de um filho estremecido, tambem não lhe quero mal, posto que a mim, como ao Dr. Faust, podesse a ingenua Margarida com razão dizer :

Zur Messe, zur Beichte bist du längst nicht gegangen.

*Ha tempos que não ouves uma missa,
E aos pés do confessor tu não te prostras.*

Deste modo comprehende-se qual seja a minha attitude no tocante ás cousas da sacristia. Quando falo de templo e capuchinho, é como se falasse de theatro e actor, ou de quartel e soldado, *sine ira et studio*, objectiva, historicamente. Nem ha lugar para se suppôr que, referindo-me á construcção da matriz desta parochia, pretendesse oppôr ao sentimento religioso argumentos economicos e alludir ao desperdicio de um capital consideravel, empregado em cousa improductiva. Isto é já um ponto de vista atrasado, e nada menos importa do que dar a palavra á

economia politica para discorrer sobre assumptos, que lhe são estranhos.

Tanto valera ouvil-a sobre a orbita dos planetas e o tamanho das estrellas. E' facil perguntar : que *lucra* o povo com um templo ? Mas facil tambem responder : que *lucra* o povo com tudo o mais que não é o templo ? O theatro, por exemplo, dir-se-ha, é uma necessidade publica, uma escola de correcção e moralisação. Vá que seja. Mas a egreja é uma outra. Entretanto, aqui separo-me do catholico leitor, que já vai talvez arregalando os olhos e querendo tomar-me por um dos seus. A necessidade esthetica, de que dá conta o theatro, não é mais profunda nem mais energica do que a necessidade religiosa, de cuja satisfação se occupa o templo ; e os crentes têm razão de reclamar para si o mesmo direito que reclamam os diletantes de todos os generos. Ha sómente um ponto a esclarecer : é que no fundo de uma como de outra cousa existe apenas verdade subjectiva. A efficacia da religião, como meio de moralisar, prova tão pouco a realidade objectiva de seu conteúdo, quanto a influencia theatral sobre o desenvolvimento do chamado espirito publico prova a verdade dos factos que no palco se representam. Mas nem por isso são valiosas contra aquella razões de conveniencia, que aliás não vigoram contra esta. Ao economista e ao estatistico não é dado conhecer as modificações intimas, que podem resultar de uma hora de espectaculo, ou de uma hora de devoção. Bem se póde objectar : o povo sae do templo e vai metter-se na lama do vicio. Porém sae tambem do theatro, onde acaba de applaudir edificantes

scenas de heroismo, e vai ainda commetter baixezas. Com o argumento economico da utilidade, chega-se até a supprimir a cadeia, pela inefficacia, mil vezes provada, de sua acção moralisante sobre o animo do criminoso.

Por mais que se queira e ousadamente se tente, nunca se poderá extirpar o ideal da consciencia e do coração do homem ; e a fórma, sob a qual mais visivelmente o ideal se revela ao povo, é justamente a fórma religiosa. Que a religião seja um desvario, um resultado de máo desenvolvimento cerebral, ou seja antes, como queria, e com bons fundamentos, o celebre nihilista russo Miguel Bakunin, um protesto da natureza humana contra as miserias e estreitezas da realidade ambiente, de modo que, cessando essas miserias, a religião não tenha mais razão de ser, pouco importa ao caso, e a verdade é a mesma: emquanto o povo encontrar no padre o que julga não encontrar no philosopho e fizer da hostia o seu unico alimento espiritual, é bem inutil querer arrancar-lhe a doce e consoladora illusão das suas crenças.—A superstição religiosa, diz ainda Bakunin, não póde ser debellada por meio da instrucção, por meio de associações, jornaes e outros quaesquer instrumentos de propaganda. Para acabar com a religião, não basta a propaganda intellectual, é mister, junto com ella, a revolução social...—Tão estranha, quão profunda e exactamente pensado !

Com effeito : derramae pelo povo a luz que quizerdes, decuplicai as escolas e centuplicai os mestres, mas deixai a sociedade no *statu quo* de uma organização viciosa, e

não tereis feito mais do que augmentar no povo o sentimento da sua penuria.

A sciencia é um alargamento da consciencia. — Com a crescente cultura do povo, disse Hartmann, cresce tambem o seu desgosto da vida. — Não ha, portanto, razão sufficiente, maximé entre nós, para ter a religião como dispensada do seu mister de illudir e consolar. Ainda por muito tempo, e quem póde assegurar que não sempre? o organismo social terá funcções religiosas e carecerá para ellas de órgãos especiaes. Emquanto o homem, encontrando neste mundo sómente durezas, injustiças e misérias, crear por meio da phantasia um mundo melhor, uma como ilha encantada, onde irá repousar das fadigas e enjões da existencia, a religião será, como até hoje, um factor poderoso na historia das nações. E' possivel que mais tarde, e á proporção que o velho principio da sabedoria, o *timor Domini*, fôr cedendo o passo ao *horror Domini*, a essa especie de theophobia, que accommette a mais de um espirito desabusado, sobre tudo, quando os dois cavallos do coche da vida, a *receita* e a *despeza*, não fazem boa parella, é possivel, sim, que mais tarde a tragedia torne-se comedia, e o serio actual das nossas cousas sagradas não encontre justificação no animo dos posteros. Nem por isto é menos exacto que nesse tempo mesmo perdurarão innegaveis os beneficios da religião... Convençamo-nos emfim; a religião é o que é: uma aspiração do desconhecido, um alto presentimento, uma necessidade, um arroubo da alma, e talvez tambem uma tolice, como diria

Heine; mas isto ou aquillo, e o que quer que mais possa ser, em todo caso, onde ella se manifesta sincera, a religião é inexplicavel, irreductivel a uma fórmula intellectual... Confessando-me pois sem vista sufficiente para descobrir ao longe, mesmo através dos mais perfeitos instrumentos da sciencia, o que outros creem vêr com facilidade e a olhos nús; inteiramente ignorante dos meios de proceder a essa especie de analyse espectral da divindade, que muitos executam no fundo de suas meditações, e della tiram o conhecimento exacto da constituição psychologica do Ser Supremo; nem por isso tenho a coragem de presuppôr nos meus semelhantes um aleijão moral, de consideral-os deturpados por um órgão de mais, quando sou eu talvez quem é defeituoso... por um órgão de menos.» Como se vê não é o nihilismo materialistico, desbragado e sandeu tão em moda entre os tolos de todos os feitiços; mas não deixa tudo isto de ser eivado de bem profundo pessimismo, o pessimismo serio dos que meditam sobre o significado mesmo da existencia.

O critico procura com esforço entre as afirmações e as negações a essencia da religião, e sente-se a dor que o punge através dos gracejos do humour. Lembra-me agora uma pilheria que lhe ouvi uma vez.

Exaltava alguém, em sua presença, os avanços da sciencia, que tinha espancado todas as sombras do universo, e terminava aphoristicamente o vaidoso expositor: «Todos os espiritos adiantados são atheus!» *Lá por isso não!* (retrucou Tobias) *Aquella asno que alli está*

(apontando para um burro que se achava parado á rua do Cabugá no Recife, onde se passava a scena) *tambem é atheu, e não lhe descubro adiantamento nenhum!...*»

Por estas e outras é que elle nunca agradou a partido algum dos que dividem a sociedade brasileira. Era meticoloso em crenças, não tinha affirmações absolutas e extremas, não estava entre os christãos de qualquer seita nem entre os atheus. Sua religião era talvez no fundo um trecho de kantismo involto em vaga, indefinivel poesia, que se não devia muito concerrar para lhe procurar o sentido.

Mas eis agora um trecho decisivo sobre certos phantasmas politicos e sociaes de nosso tempo, tão do enthusiasmo de nossa declamadora gente meridional, e em que se descarnam certas abusões.

E' ainda das notas ao *Discurso em mangas de camisa*, que trazem a data de 1878, anno precisamente de *Yayá Garcia*, livro plenamente romantico, o que não admira, porque em 1874, epoca em que Machado de Assis dava á luz aquella insignificante cousa que se chama *A Mão e a Luva*, já Tobias em *Um Signal dos Tempos* publicava artigos sobre Schopenhauer e Hartmann e desde 1869, época das *Phalenas*, escrevia artigos sobre critica religiosa e philosophia, apreciando Reuss, Renan, Vacherot, Feuerbach, Littré e Comte, quando o autor de *Resurreição* e dos *Contos Fluminenses* ainda não tinha dado os primeiros passos fóra do espiritualismo romantico dos retardatarios que vacillavam de Chateaubriand a Musset, com um pouco

de gaiatadas a Mürger por desfastio. Eis o trecho prometido: «Temos ainda velhas phrases consagradas ao culto apparatuso dos idolos do dia... Refiro-me, como é facil de comprehender, a essa mania tão commum entre nós, de fazer effeito e conquistar popularidade, por meio de um certo numero de palavras mysticas, tanto mais seductoras, quanto mais obscuro é o seu conteúdo, e que tornam-se estereotypas nas mãos da mediocridade.

A Liberdade, esse nectar espumoso dos sonhadores politicos, que aliás agrada mais pelo cheiro do que pelo sabor, a Republica, esse fructo do paraizo, mais precioso por fóra do que por dentro, que tem *casca de ouro e miolo de cobre*, o Povo Soberano, os Direitos do homem, a Revolução, e todas as mais tolices sacramentaes da rhetorica tribunicia, já perderam aos meus olhos, como phrases natas para arranjar uma figura e arredondar um periodo, o seu antigo e celebrado encanto.

Bem sei que, assim pensando, arrisco-me a desmerecer perante o juizo de uma boa parte do publico legente.

Ainda hoje é verdadeira, nomeadamente entre nós, a receita prescripta pelo poeta:

Voulez vous du public captiver le suffrage
Du mot de LIBERTÉ soupoudrez votre ouvrage.
Ce mot magique et cher fait pétiller d'esprit
L'ouvrage le plus plat et le plus mal écrit.

Todavia, não obedeco ao gosto predominante. No que digo ou escrevo, o ouvinte ou o leitor terá muitas

ocasiões de notar alguma frieza, desejar aqui mais impeto, alli mais enthusiasmo, porém nunca pegar-me-ha em flagrante delicto de palavreado esteril, calculadamente talhado para embahir os simples... Uma das taes phrases illusorias é a celebre trilogia: *Liberdade, igualdade e fraternidade*... E' mister, sinão coragem, sem duvida um certo despego dos prejuizos correntes para ousar dizel-o: esta fórmula pomposa da metaphysica politica, este dogma imponente, sedimento de tempos que já escoaram, os turbidos tempos da razão pontifice, com sua infallibilidade e vice-deidade papal, não pertence mais aos nossos dias. E' como cedula de papel-moeda retirado da circulação, cuja cifra póde apenas mostrar *um valor que outr'ora teve*, formando, porém, contra aquelle nas mãos de quem por ventura ainda ella se encontre, um documento de deleixo, velhacaria, ou estolidez. *Liberdade, igualdade e fraternidade!*... São semelhantes a um desses grupos das chamadas estrellas triplas que nos parecem extremamente approximadas umas das outras; e, todavia, que larga distancia não medeia entre ellas!

Nada demonstra mais vivamente do que esta triade inharmonisavel a verdade contida nos versos de Schiller:

Leicht bei einander wohnen die Gedanken,
Doch hart im Raume stossen sich die Dinge.

Facilmente uns com outros se accommodam
E habitam, sem chocar-se, os pensamentos;
Porém no espaço as cousas se abalroam.

A theoria é sempre franca e generosa, a pratica sovina e mesquinha. Como um rico e avaro banqueiro, que não aceita os saques de seu socio perdulario, a pratica não dá razão aos sonhos da theoria. E se ha uma dessas illusões theoricas, de que se póde dizer com segurança que a experiencia está feita, que no fundo do crysol em vez do metal precioso só ficou a borra, é justamente a theoria em questão. Uma cousa unica resta a admirar: é que, a despeito de todos os desmentidos da realidade, esse trifolio antithetico do *messianismo* politico francez, singular mistura de razão e imaginação, verdadeiro producto de phantasia celtica, saído da mesma forja que os romances de Julio Verne, conte ainda, como de facto, seus fanaticos seguidores. Entre nós, pelo menos, é incontroverso que, para fazer acto de liberalismo, importa andar repetindo, a todo proposito, essas tres phrases inanes, com ares aliás de quem decifra as palavras fatidicas do festim de Balthazar.

Mais de um *evangelist of wast*, cujo symbolo não é o leão de Lucas e tão pouco a aguia de João, porém o macaco, vive ainda a doutrinar o pobre povo nos santos mysterios da magica trindade, que fórma o fundo do culto da revolução. . . Já era tempo de não haver mais um espirito, na classe mesma dos parcamente instruidos, que se deixasse tomar de admiração e interesse pelos *idola fori* dos gallicistas politicos. Já era tempo de zombar do doutrinarismo revolucionario, como cousa anachronica e de todo inadequada aos nossos dias, já era tempo, em summa, de acabar

com as illusões da eschatologia social dos modernos prophetas, e reunir com Guiseppe Giusti, o celebre satyrico italiano, n'um só feixe de promessas impossiveis, de pretensões ridiculas,

*la concordia, l'eguaglianza,
l'unitá, la fratellanza,
eccetera, eccetera.*

Mas a magia da parolagem, entre nós sobretudo e a despeito de tudo, não perdeu a sua influencia. Com razão disse Zoellner que o grão de veracidade e capacidade dos individuos, bem como dos povos, se mede pela extensão em que sua linguagem é dominada pela *phrase*.

Porquanto, accrescenta o grande astrónomo philosopho, onde a *phrase* se apresenta, a verdade cobre silenciosa a cabeça e retira-se espavorida. Nós estamos bem no caso de offerecer materia para se verificar esta observação. Entretanto, é sempre de esperar que não deixará de vir o dia das desillusões, e aquelles mesmos, nos quaes hoje a expressão sincera da realidade das cousas, apreciadas em sua prosaica nudez, produz impressão igual á que produz no touro enfurecido o lenço vermelho do toureador, curvar-se-hão por certo á omnipotencia dos factos. O que presentemente se repelle como estranho e absurdo, mais tarde não passará de uma verdade vulgar. Schopenhauer já o disse : o destino de toda e qualquer idéa, maximé das mais importantes, é que á verdade está reservado ter sómente uma curta celebração de

victoria, entre os dois longos espaços de tempo em que ella é condemnada como *paradoxo* e despresada como *trivial*. »

Quem taes palavras escreveu sobre as phrases vans de nosso democratismo politico, troçando da soberania do povo, e, o que é peor, da liberdade, e, o que é peor, da revolução, e, o que é peor, da republica, não pôde ser nesta terra estimado dos fatuos e perversos parvos que têm andado até hoje á frente da opinião no Brasil. Aquelle trecho desagrada notoriamente aos democratas, posto que possa, até certo ponto, agradar aos positivistas. Eis aqui um em que o desabusado pessimista deve molestar, além dos primeiros, tambem aos ultimos :

« Quanto á fraternidade, considero-a mais um conceito religioso, do que um conceito politico... O leitor attenda bem : um conceito *religioso* e não um conceito *moral*. O sentimento, que faz ver na humanidade uma só familia, se é que elle de facto existe, não pertence á esphera da moralidade. As acções humanas, como taes, aquellas mesmas que demandam mais abnegação e esquecimento de si proprio, que mais engrandecem o homem ante a sua consciencia, não têm como base, como motivo primordial, o amor e dedicação ao *genero humano*, o qual, em ultima analyse, não passa de uma especie de notação algebrica de uma quantidade abstracta, de que se faz uso unicamente por commodidade de linguagem.

A moral nada tem que ver com os desvarios de espiritos levianos, que se affiguram sob o schema da

fraternidade, uma ordem natural e racional das cousas em que o gato se concilie com o rato e o lobo com o cordeiro. O *non sibi sed toti gentium se credere mundo*—não é um principio de moral humana, uma norma de acção de homens que vivem e amam a vida, mas um sublime paradoxo de barbaro stoicismo, que julga vingar-se das misérias da humanidade, dando-lhe a resolver problemas impossiveis. Os apostolos da paz universal, os capuchinhos philosophicos da fraternidade humana, illudem-se de todo, se é que pelo contrario não querem illudir.—Eu nutro muita piedade, dedico muito respeito aos meus parentes reaes, diz Fritzjames Stephen, para que ouse dar o nome de irmãos a todas as creaturas humanas, das quaes não poucas merecem o meu desprezo e meu odio. O genero humano é tão numeroso, é tão cheio de differenças, tão pouco conhecido do individuo, que ninguem póde, sem mais outro motivo, amar a raça inteira como uma parentela. Os fanaticos da humanidade, no melhor dos casos, trazem na mente apenas phantasmas, a que nada corresponde de real e positivo.— A isto junta-se outra consideração, não menos digna de nota, e é a seguinte: no dia em que a humanidade constituísse uma só familia, segundo os votos dos seus prophetas, deixaria ella de existir, porque, desaparecendo a lucta, desapareceria tambem o impeto da vida. Os povos têm cada um o seu alvo, o seu fim a proseguir; a humanidade, porém, não tem um fim proprio, e assim não póde perdurar e progredir, senão dividida em Estados, nações e raças que emulam, contradizem-se e luctam entie si.

O desenvolvimento humano effectua-se por meio de contrastes, da mesma fôrma que o ponteiro do relógio avança pelos vaivens da pendula.

O *eu* da humanidade ainda não se affirmou, nem pôde jamais se affirmar de um modo claro e determinado, por actos que exprimam as forças e tendencias, não de uma raça ou de um povo, porém da especie inteira.

Os *homens representativos* são-no sómente desta ou daquella nação, n'uma ou n'outra época dada. A humanidade como todo, como systema organico, não teve até aqui e nunca terá um representante. Aquelle mesmo, de quem se diz que viera remir o genero humano do *captivo do diabo*, posto que ainda a esta hora mais de um demonio conserve captivo o pobre Adámide, não foi senão a personificação de tudo que de brilhante e admiravel existia no povo israelita e se havia por muitos seculos accumulado em sua historia. Jesus foi um representante, sem duvida o maior, eu concedo, que se pôde offerecer aos nossos preitos; mas foi-lo unicamente de sua nação; como foi Alexandre entre os gregos, Cesar entre os romanos, Dante na Italia, Luthero na Allemanha, e raros outros phenomenos da grandeza moral e intellectual dos povos. O principio da individuação, que é o principio fundamental de todos os seres, não abrange a humanidade, quero dizer, a humanidade não é um individuo, isto é, uma força ou conjuncto de forças, que cooperam para um unico scopo, consciente ou inconsciente. Tão pouco pôde

existir uma união, uma fraternidade humana, como existe uma historia humana, uma lingua humana. Bem que se diga, e seja realmente aceitavel, que o homem é um ente historico, esta verdade não deixa de soffrer todavia suas restricções. Porquanto, sem ellas, qual viria a ser, por exemplo, a historicidade do Papua ou do Esquimó, e de tantos outros *residuos* inuteis ou *esboços* desprezíveis, que ficaram fóra da acção do geral processo evolutivo ?

Não nos illudamos : o conceito da humanidade é apenas uma categoria do pensamento senão antes um schema da phantasia, que nas almas estremecidas pôde elevar-se ao grão de um postulado do coração, um suspiro, um *quem me dera* !

Quem nos dera, com effeito, que todos fôssemos irmãos, que como taes nos amássemos ! Nada mais bello, sem duvida ; mas tambem nada mais irrealizavel.

E' um modo diverso de exprimir a fórmula vulgar da grande illusão humana : Quem me dera ser feliz !

A esperanza de uma futura felicidade positiva da humanidade, e, por graça dessa esperanza, a co-operação para o desenvolvimento do todo, fórma o *terceiro estadio da illusão*, diz E. von Hartmann. E' sabido que este philosopho, o qual, com Byron, Schopenhauer e Leopardi, constitue, por assim dizer, o grupo dos quatro evangelistas do pessimismo, que entoam como thema a desolante

vanitas vanitatum, repercutido nas fortes palavras do sublime lyrico italiano ,

... *Arcano é tutto,*
Fuor ché il nostro dolor,

é sabido, repito, que Hartmann dividiu em tres estadios as illusorias pretensões do homem, sendo o terceiro e ultimo d'elles a aspiração phantastica de um reino de Deus na terra, na qual a dita suprema de cada um consistirá precisamente na suprema dita de todos ! Grandioso sonho, porém sempre sonho !

E os factos bradam bem alto. Que é feito do *unum ovile et unus pastor*, que é feito do amor christão, da caridade evangelica, da cohesão fraternal entre filhos do mesmo sangue, do mesmo pai, *que está nos céus*? Que é feito do grande templo, no *Oriente do valle de Josaphat*, em um lugar onde dominam a paz, a verdade e a união?

Magnifico ramalhete de *fables convenues* ! O amor christão tornou-se uma phrase hypocrita e o humanismo maçónico uma bravata ridicula.

A egreja, que se diz orgão do primeiro, prega o jejum e banquetea-se, aconselha a agua e bebe vinho, ao passo que a loja, por sua vez, continúa a occultar aos olhos dos profanos o seu tremendo segredo, o qual consiste exactamente no seu... nada fazer.

Não basta expor e figurar a humanidade como um *todo*, unido pelos laços de fraterno amor para um esforço commum trás tudo que é verdadeiro, bello e bom ; é

mister, principalmente, organisal-a para esse fim. Mas quaes são e onde estão os órgãos dessa alliança enorme? A mais imponente organização social de que a historia dá conta, depois do imperio romano, o catholicismo, especie de arvore immensa que tinha a pretensão de espanejar o céu com as ramas e fazer na sua sombra acampar o exercito, ou amalhar-se o rebanho de todos os povos da terra, o catholicismo é, aos olhos de quem quer vêr, o mais claro exemplo da improficuidade dos esforços empregados para *uniformisar* o genero humano. Sem o considerar o *chef d'œuvre politique de la sagesse humaine*, e julgal-o dotado de um *génie éminemment social*, como ensina o desvairado Augusto Comte, para cuja predilecção e quasi enthusiasmo pela religião catholica, entre parenthesis, chamo a attenção não só dos devotos que o condemnam sem o conhecer, mas tambem dos anachronicos senhores positivistas que o endeosam sem reservas e declamam, em seu nome, contra a egreja e os padres ; sem ir tão longe, como o velho propheta do *Comité positif occidental*, penso todavia que, se ao catholicismo não coube a dita de reduzir a humanidade a um só systema de crenças e costumes, aptitudes, idéas, sentimentos e acções, como explicita ou implicitamente estava contido no seu programma, nenhuma outra associação religiosa ou politica o poderá jamais conseguir.

O que resta pois de todos os sonhos de eterna paz e harmonia entre os homens, de todos esses mundos phantasticos, formados nas nuvens para habitação de felizes

crentes que se pretendem filhos dos deuses, e nessa presumpção reclamam para sua especie o cumprimento de altos destinos; o que resta de tudo isso é bem triste e pouco edificante: sempre o *homo homini lupus*, a refutar o *homo homini deus*, persistindo verdadeiro, a respeito da humanidade, o que disse Scheffel da natureza em geral :

*Dem der Grosse frisst den Kleinen,
Und der Grösste frisst den Grossen,
Also löst in der Natur sieh
Einfach die sociale Frage.*

Pelo grande o pequeno é devorado,
E o grande do maior torna-se presa :
Simplesmente, d'est'arte, se resolve
A questão social da natureza. »

Tremendas palavras são todas estas citadas, principalmente se as compararmos aos aborrimentos soccagados de Braz Cubas.

Das mesmas notas do *Discurso em mangas de camisa* eis aqui um trecho, em que a mania liberalisante tem o seu quinhão de terriveis negações :

« O que disse Schopenhauer da razão humana, a deusa da philosophalha, por elle desencantada e reduzida ás proporções singelas de uma qualidade *feita* ou *adquirida*, assenta em cheio na liberdade, esta outra *deusa*, cujo culto idolatrico não tem sido menos perigoso, e não é hoje menos ridiculo que o da sua orgulhosa irmã. Como a sciencia da razão, a sciencia da liberdade, e pode-se realmente falar de uma tal, não é ainda o que devem ser

todos os ramos do saber humano, uma sciencia de relações, de verdades proporcionaes aos factos. Não é ainda, disse eu, e sel-o-ha algum dia ? Sem duvida. O conceito da liberdade será um pouco mais tarde tão diverso da intuição hodierna, quanto já hoje em grande parte é elle differente das fórmulas sacramentaes do velho catechismo liberal.

Assim, afóra os obstinados maniacos francezes e mais alguns, ou embusteiros ou parvos, de outras nações, que se associam ao grupo francez, para suppôr aqui por instantes realizado o sonho de Saint-Simon e servir-me da sua expressão, com excepção desses taes, cujo numero pouco releva que seja duzia ou legião, ninguem mais fala nem crê nos prodigiosos effeitos de uma liberdade ideal. A natureza divina deste *verbo*, bem como a de Jesus, vai sendo posta á conta dos phrenesis poeticos e das creações phantasiosas... Destas considerações se pôde deprehender, quanto é mister modificar o conceito da liberdade, que é semelhante ao sangue symbolico do chamado sacrificio incruento : embora santo e venerando, não deixa todavia de poder embriagár. E com effeito só vejo que seja tão tristemente ridiculo, como um ebrio da liberdade, um sacerdote de Christo, que por ventura sempre descesse do altar tropeçando na propria cabeça, em virtude do *brinde quotidiano* ao redemptor do mundo. Importa, pois, sobretudo, empregar esforços para arredar inteiramente do circulo das nossas intuições politicas e sociaes a perniciosa influencia dessa paixão vulgar, que faz da liberdade uma

cousa ideal, hyperhumana ; e d'ali a tornal-a uma cousa mythologica, um sylpho, ou um gnomo, ha sómente um passo.

Todo ideal é de natureza etherea e facil de evaporar-se. Só isto explica porque é que os metaphrastas liberaes, com os seus brincos de imaginação, com os seus navios sempre de velas desfraldadas á espera de vento que os conduza ao *paiz da felicidade*, muitas vezes prestam mais serviço aos governos despoticos, do que os proprios theoreticos do absolutismo. »

Os trechos citados neste capitulo são bem proprios para attestar a parte de pessimismo que o autor das *Questões Vigentes* fazia nos chamados ideiaes da politica, do direito, da moral, da religião. Se não chegou, como já eu disse, ao extremo negativismo dos radicaes irreductiveis do pensar hodierno, andou-lhes bem perto na pista, o que dá-lhe no assumpto uma posição, em todo caso, mais definida do que a de Machado de Assis. Se das idéas geraes viermos a descer ao que se poderá chamar a applicação a certas theses mais restrictas, teremos então de ler alguns trechos em que o pessimismo não tem pêas e ostenta-se sem reboço.

Eis o que escreveu sobre os sectarios francezes do individualismo exaggerado de Stuart Mill :

« Que direi agora dos sectarios francezes da celebre escola ?

Nem uma palavra. Em um paiz, onde cada individuo é um Narciso e o publico a fonte crystallina em que elle

se contempla e namora-se de si mesmo ; em um paiz, *le plus villain pays du monde*, a expressão não é minha, é de Stendhal, *que les nigauds appellent la belle France...* onde até os movimentos e attitudes do individuo parecem calculados para o applauso e como que sempre acompanhados de um... *qu'en dira-t-on ?* — ; n'um paiz, emfim, onde a polidez, que em ultima analyse vem a ser tambem a seu modo uma tyrannia, uma coacção da pesssa, é mais que um appendice, é um subrogado da moral, e dest'arte até se viola com menos remorsos um artigo do *Code pénal*, do que uma regra sacrosanta de genuina *politesse française*; em similhante meio, querer emancipar o individuo do poder e influencia da sociedade, é um bello pedaço de phantasia, um dos melhores capitulos de *philosophie pour rire*. »

Não sei se será preciso juntar n'este cotejo qualquer cousa das terriveis paginas que sobre as miserias do Brasil se nos deparam em todos, absolutamente em todos os escriptos de Tobias ? E' verdade que elle não as escreveu por absoluta descrença e sim na esperança de virmos um dia a melhorar ; pois que não acreditava, como o Sr. José Verissimo, em nossa condemnação eterna. Eis aqui a prova de ambas as cousas, isto é, da constancia e pertinacia com que nos atacou e da esperança de que nos possamos curar. Em 1874, ha vinte e tres annos, já elle escrevia em começo de um artigo sobre a *Philosophia do Inconsciente* : « Mas vamos ao assumpto, do qual me desviei por amor de um rapido lance d'olhos sobre defeitos patrios, minha cantiga velha que nunca esqueço, que

sempre me apraz entoar. Dir-se-hia que todos os meus escriptos têm uma introdução obrigada : fazer sensível, deixar pintado nas quatro paredes do nosso isolamento, com côres cada vez mais vivas, o papel triste que representamos, pelo lado espiritual, em presença do mundo civilizado. O Brasil padece de uma especie de prisão de cerebro : tem peçonha no miolo. E' preciso sujeitar-se á dolorosa operação da critica de si mesmo, do desprego, do desdem e até do asco de si mesmo, afim de conseguir uma cura radical. »

E neste ponto páro, deixando de recorrer ás collecções do— *Aqui para nós*, do— *Contra a hypocrisia*, d' *O Desabuso*, de — *Um Signal dos tempos*, periodicos por Tobias publicados na Escada, porque tenho de respeitar as proporções dos varios capitulos deste livro e não quero, além disto, espantar talvez o leitor, dando-lhe a conhecer os mais ferozes libellos que já uma vez foram escriptos sobre as misérias de nossa terra, de nosso desditoso Brasil. Creio que, ainda neste ponto do pessimismo, minha these está demonstrada, inteiramente demonstrada, diante dos documentos, como o foi no que se referia á poesia, ao estylo na prosa, ao humour.

E não ponho o ponto final a este capitulo, o ultimo deste livro em que falo de Tobias Barreto, sem, ainda uma vez, dar satisfações minhas ao publico do modo como encaro aquelle escriptor na evolução da intelligencia brasileira. Don-lhe a importancia que todos sabem, porque eston realmente convencido de seu merecimento

intrinseco, e o tenho defendido tenazmente, pela simples razão de ser evidente que, maximé no sul do Brasil, não se lhe tem absolutamente feito a justiça que lhe é devida.

Quanto á primeira affirmativa, isto é, quanto ao seu valor intrinseco, basta que nos lembremos de que, em traços geraes, pode-se dizer que o Brasil hodierno está dividido em duas correntes philosophicas, a dos positivistas, cujo principal motor foi Benjamin Constant, com seu ensino academico, e a do evolucionismo, cujo principal agitador foi Tobias, tambem com seu ensino, para não falar em seus escriptos.

Ainda mais : foi elle que, na poesia, arrancando-nos do lamartinismo chorão para os assumptos mais impessoaes do patriotismo e das questões sociaes, ajudou, sem o saber, a morte da éra romantica e a natural passagem para as escolas novas ; foi elle que desde 1868, largando de lado as idéas e os mestres da philosophia corrente, que era o eclectismo francez, começou a indicar á mocidade outros guias, citando Vacherot, Scherer, Taine, Mill, Littré, Comte, e, assim gradativamente atrás destes, vieram Schopenhauer, Hartmann, Spir, Noiré, Hæckel, o que importa dizer que fomos vendo o mundo do pensamento ajudados por outros guias e emancipamo-nos das velhas tutelas; foi elle, consequencia fatal, quem primeiro, desde o alludido anno de 1868, systematicamente, começou a chamar a attenção nacional para o nosso lastimavel atraso intellectual; porque o tom

da moda, até aquelle anno, era elogiarmo-nos mutuamente em todo o Brasil, na doce illusão em que estavamos de ser um dos primeiros povos do mundo; foi elle quem, particularmente, implicou com a nossa subserviencia aos francezes, reacção que teve seu lado justo, despertando o gosto pela vida espiritual d'outros povos, allemães, inglezes, italianos, americanos; foi elle, finalmente, quem deu seiva nova ao estudo do direito em Pernambuco, desde antes até de ser lente, bastando citar seu famoso ensaio sobre o poder moderador, que data de 1871.

Ora, todos estes factos são verdadeiros, são irrefutaveis, porque constam de documentos inconcussos. Com que direito quem não tem provas em contrario vem, pois, contestar estes pontos da historia intellectual da nação, por mera vaidade ou para enroupar outros de glorias que lhes não podem caber ?

E bastam estes factos para provar o valor de Tobias. E quando outros meritos não tivesse, bastava para o immortalisar entre nós o ter sido um espirito agitador, um agente de transformação no terreno das idéas.

Quanto á segunda affirmativa, isto é, não se lhe dar, maximé no Rio de Janeiro e geralmente no sul do Brasil, a importancia que elle merece, é cousa tão evidente, que nem precisa de provas. E, se alguma ainda fosse indispensavel, agora mesmo a teriamos no recentissimo livro que acaba de publicar sobre a moderna litteratura brasileira o Sr. Valentim Magalhães. E cito propositalmente

este moço, porque em seu ultimo livro já não é tão cruel com o poeta e critico do norte, quanto o tinha sido d'outras vezes em mais antigos trabalhos. Mas quão distante está ainda de fazer plena justiça a Tobias Barreto!

Até certo ponto pode-se dizer que este não o terá tão cedo no Brasil. As paixões estão ainda muito acirradas; grande parte dos seus inimigos, d'aquelles que foram por elle valentemente criticados ou com elle polemizaram, espalhou-se pelo Brasil em fóra, nomeadamente por este Rio de Janeiro, e aqui cevam ainda o seu odio de grandes potentados e ministros da mesquinhez nacional. No norte do paiz, da Bahia para cima, as cousas têm outro aspecto com relação ao ponto que ora debato.

O poeta dos *Dias e Noites*, o ensaista dos *Estudos Allemães*, dos *Estudos de Philosophia e Critica*, o jurista dos *Estudos de Direito* é geralmente estimado, e parece-me que tem ganho a partida quem tem de seu lado homens como Clovis Bevilacqua, Arthur Orlando, Martins Junior, Gumersindo Bessa, Alcedo Marrocos, França Pereira, Clodoaldo de Freitas, e aqui no Rio moços do valor de Estelita Tapajós, Marcolino Fragoso, Trajano de Moura, João Bandeira, Viveiros de Castro, Graça Aranha, não falando no fallecido talento, que se chamou Tito Livio de Castro.

Na faina de negar a Tobias o merecimento e os serviços, andaram e andam ainda hoje os seus adversarios a attribuir a Castro Alves a iniciativa do condoreirismo do norte, a Rocha Lima ou a outros a iniciativa na critica

e na philosophia, a Koseritz a iniciativa no allemanismo, e a José Hygino a iniciativa na concepção nova do direito.

Mas são cousas que não resistem ao argumento chronologico das datas. ¹

O Sr. Valentim Magalhães diz positivamente para atacar-me que tenho commettido a extravagancia de considerar Tobias o nosso primeiro poeta, o nosso primeiro orador, o nosso primeiro critico, o nosso primeiro prosador, o nosso primeiro jurista, e não sei que mais... Não ha tal; o moço litterato fluminense exaggera por seu lado sem a minima necessidade.

¹ Pelo que diz respeito á critica em geral e á philosophia no encaço das idéas novas, tiram-lhe a iniciativa e conferem-na ora a mim, ora a Rocha Lima, ora a Celso de Magalhães, ora a Araripe Junior. São phantasias que não resistem ao argumento arithmetico das datas; porquanto, no que se refere á critica litteraria, já em 1865 no estudo sobre Paes de Andrade, em 1866 no artigo a respeito de Lycurgo de Paiva, o autor sergipano tinha dito alguma cousa que sahia dos antigos moldes das idéas correntes, e, pelo que toca á philosophia, desde 1868 no ensaio sobre S. Thomaz e mais ainda na resposta a Godofredo Autran, que sahira em defesa da velha philosophia, o caminho das novas idéas começou a ser indicado. São factos em geral aqui desconhecidos: mas são factos incontestaveis.

Pelo que a mim, que aliás appareci antes d'esses tres collegas de critica, me toca em particular, nunca hesitei, em reconhecer e proclamar que Tobias em muitas cousas me antecedeu: na vida, pois que nasceu antes de mim, na poesia, na propria critica, em sentido geral, na philosophia, na politica, no direito: e o merito, todo o merito que, por ventura, eu possa ter, em todos estes ramos da actividade espiritual, tem consistido exactamente em, tendo apparecido depois d'elle e estimando-o sempre, conseguir pensar em tudo aquillo differentemente d'elle na maior parte dos casos.

Reconheço que Tobias é inferior a Gonçalves Dias, por exemplo, como poeta, a Joaquim Nabuco como orador, a Ruy Barbosa como estylista, a Araripe Junior como critico, a José do Patrocinio como pamphletario, a Teixeira de Freitas como jurisconsulto, a Teixeira Mendes como propagandista, a Abreu e Lima, o general, como polemista, a Laet como dizedor de ironias. Mas o que é certo é que nenhum destes lhe é superior, porque nenhum juntou em si tantas qualidades eminentes ao mesmo tempo como elle, nem teve tanto quanto elle as qualidades geraes de pensador abstracto, e foi capaz de servir de espirito rector e dirigente no meio do conflicto intenso das doutrinas e systemas que dividem o pensamento occidental neste ultimo quarto de seculo. Este é que é o seu grande titulo, que tenho advogado e não me arrependo disto.

A' esta luz é que quero que o julguem *sine ira ac studio*.

Todos os que o conhecemos e trabalhámos a seu lado, eu, Clovis, Orlando, Martins, e tantos outros, que nunca o seguimos ás cégas, e delle nos separamos em pontos varios e graves, não exigimos outra cousa; e isto nos basta.

XIX

Resta, para completar o perfil do notavel brasileiro que é especialmente o objecto deste estudo, aprecial-o como creador de typos. Mas, por esta face, poucas palavras bastarão. Já, ás paginas 18 e 19, disse alguma cousa neste sentido, e pouco mais ha a accrescentar.

Machado de Assis não conseguiu até hoje crear um verdadeiro e completo typo ao gosto e com a maestria dos grandes genios inventivos das lettras. Tem sim alguns esboços, quer geraes, quer brasileiros, mas não passam de esboços. Não existe um só que tenha entrado na circulação com a assignatura da vida. O mesmo deu-se com Macedo, Manoel de Almeida, Franklin Tavora, Escragnolle Taunay, Aluizio Azevedo, Bernardo Guimarães, Agrario de Menezes, e com o proprio Alencar. Este conseguiu apenas crear tres nomes *Iracema*, *Pery* e *Moacyr*, que se tornaram populares; mas só os nomes.

Martins Penna foi um pouco adiante e chegou a crêar alguns typos, mas puramente abstractos. Taes são o do *juiz de paz* toleirão, o do *noviço* endiabrado, o do *irmão das almas* velhaco e outros assim, como verdadeiras

categorias sociaes, não como homens vivos a moverem-se na vida diaria. Tanto é isto verdade que de taes individuos ninguem se lembra dos nomes e apenas vagamente das acções. Os typos de Machado de Assis, quer geraes e humanos, quer mais particulares e brasileiros, não passaram, repito, do estado de esboços. São todos desequilibrados, especialmente os primeiros.

Alguns dos indicados no começo deste livro são bem interessantes ; mas não chegam a ser verdadeiras figuras que se gravem na mente do publico para sempre.

E' tempo de tirar a conclusão de tudo que tem sido dito até aqui. Poderia tambem estudar o comediographo e o critico em Machado de Assis. Parece-me inutil.

O notavel autor fluminense não tem personalidade, individualidade poderosa em nenhuma dessas especialidades. Suas comedias são contos dialogados sem vida autonoma, sem as vantagens da novelistica e com os defeitos que resultam de certa frieza propria de seu temperamento. Suas criticas são ainda contos, menos a espontaneidade da narrativa. Machado, neste ultimo terreno, não tem a habilidade de descrever um character, falha que tambem se nota nos seus proprios romances, ao gosto de Sainte Beuve, Taine, Macaulay, Renan, Faguet, Hennequin ; nem possui a destreza precisa para labutar entre as idéas e manter-se potente no meio do intrincado das doutrinas e systemas, qualidade maxima de Scherer. Devo, pois, concluir insistindo sobre o poeta, o contista, o romancista, especialmente estes dois ultimos. Ouso

afirmar, contra a opinião geral e corrente, que os melhores trechos de seus livros são aquelles em que revela as qualidades de observador de costumes e de psychologista, aquellas em que dá entrada a scenas de nosso viver patrio, de nossos usos e sestros sociaes.

Como o digno romancista crê não ser esta sua nota fundamental, parece desdenhal-a, e, todavia, é a que lhe vai melhor. Infelizmente, por este motivo, não são abundantes os trechos do genero. Mas pegue o leitor o proprio supposto missal de humour e pessimismo que ha nome de *Memorias Posthumas de Braz Cubas* e aprecie estes pequenos quadros de nossa vida brasileira.

Aqui está um, quando, no cap. X, Cubas fala de seu baptisado e padrinhos :

« Item, não posso dizer nada do meu baptisado, porque nada me referiram a tal respeito, a não ser que foi uma das mais galhardas festas do anno seguinte, 1806 ; baptisei-me na egreja de S. Domingos, uma terça-feira de março, dia claro, luminoso e puro, sendo padrinhos o coronel Rodrigues de Mattos e sua senhora. Um e outro descendiam de velhas familias do norte e honravam devéras o sangue que lhes corria nas veias, outr'ora derramado na guerra contra Hollanda. Cuido que os nomes de ambos foram das primeiras cousas que aprendi ; e certamente os dizia com muita graça, ou revelava algum talento precoce, porque não havia pessoa extranha diante de quem me não obrigassem a recital-os.

— Nhonhô, diga a estes senhores como é que se chama seu padrinho.

— Meu padrinho ? é o coronel Paulo Vaz Lobo Cezar de Andrade e Souza Rodrigues de Mattos ; minha madrinha é a Excellentissima Senhora D. Maria Luiza de Macedo Rezende e Souza Rodrigues de Mattos .

— E' muito esperto o seu menino, commentavam os ouvintes.

— Muito esperto, concordava meu pai ; e os olhos babavam-se-lhe de orgulho, e elle espalmava a mão sobre a minha cabeça, fitava-me longo tempo, namorado, cheio de si.

Item, comecei a andar, não sei bem quando, mas antes do tempo. Talvez por apressar a natureza, obrigavam-me cedo a agarrar ás cadeiras, pegavam-me da fralda, davam-me carrinhos de páu.— Só só, nhonhô, só só, dizia-me a mucama. E eu, attrahido pelo chocalho de lata, que minha mãe agitava diante de mim, lá ia para a frente, cae aqui, cae acolá ; e andava, provavelmente mal, mas andava, e fiquei andando. »

E' delicioso como côr local e veracidade de observação.

Mais outro tambem copiado ao vivo de nossos costumes do tempo da escravidão. E' do cap. XI :

« Cresci ; e nisso é que a familia não interveiu ; cresci naturalmente, como crescem as magnolias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnolias são menos inquietas do que eu era na minha

infancia. Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino.

Desde os cinco annos merecera eu a alcunha de « menino diabo »; e verdadeiramente não era outra cousa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negára uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o maleficio, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer a minha mãe que a escrava é que estragára o doce « por pirraça »; e eu tinha apenas seis annos. Prudencio, um moleque de casa, era o meu cavallo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, á guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e elle obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito um — « ai, nhonhô! » — ao que eu retorquia: — « Cala a bocca, besta! » — Esconder os chapéos das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabelleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um genio indocil, mas devo crer que eram tambem expressões de um espirito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se ás vezes me reprehendia, á vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos. »

Outro, que é uma *silhouette* excellente de typos que tivemos e ainda hoje são entre nós vulgarísimos. E' do mesmo cap. XI, falando Cubas de seu tio João :

« De envolta com a transmissão e a educação, houve ainda o exemplo extranho, o meio domestico. Vimos os pais; vejamos os tios. Um delles, o João, era um homem de lingua solta, vida galante, conversa picaresca. Desde os onze annos entron a admittir-me ás anedotas, reaes ou não, eivadas todas de obscenidade ou immundice. Não me respeitava a adolescencia, como não respeitava a batina do irmão ; com a differença que este fugia logo que elle enveredava por assumpto escabroso. Eu não ; deixava-me estar, sem entender nada, a principio, depois entendendo, e emfim achando-lhe graça. No fim de certo tempo, quem o procurava era eu ; e elle gostava muito de mim, dava-me doces, levava-me a passeio. Em casa, quando lá ia passar alguns dias, não poucas vezes me aconteceu achal-o, no fundo da chacara, no lavadouro, a palestrar com as escravas que batiam roupa ; e ahi é que era um desfiar de anedotas, de ditos, de perguntas, e um estalar de risadas, que ninguem podia ouvir, porque o lavadouro ficava muito longe de casa. As pretas, com uma tanga no ventre, a arregaçar-lhes um palmo dos vestidos, umas dentro do tanque, outras fóra, inclinadas sobre as peças de roupa, a batel-as, a ensaboal-as, a torcel-as, iam ouvindo e redarguindo ás pilherias do tio João, e a com-mental-as de quando em quando com estas palavras :

— Cruz, diabo ! . . . Este sinhô João é o diabo ! »

Ainda um em que, no cap. XII, Cubas, tendo narrado as scenas de um banquete a que menino assistira no Rio de Janeiro em 1814, destaca a figura de um Dr. Villça, que, embebido em improvisos, não lhe ouvira pedir na mesa certo doce, e conclue por este modo :

« Pacientei quanto pude ; e não pude muito. Pedi em voz baixa o doce ; emfim, bradei, berrei, bati com os pés. Meu pai, que seria capaz de me dar o sol, se eu lh'o exigisse, chamou um escravo para me servir o doce ; mas era tarde. A tia Emerenciana arrancára-me da cadeira e entregára-me a uma escrava, não obstante os meus gritos e repellões.

Não foi outro o delicto do glosador : retardára a compota e dera causa á minha exclusão. Tanto bastou para que eu cogitasse uma vingança, qualquer que fosse, mas grande e exemplar, cousa que de alguma maneira o tornasse ridiculo. Que elle era um homem grave o Dr. Villça, medido e lento, quarenta e sete annos, casado e pai. Não me contentava o rabo de papel nem o rabicho da cabelleira ; havia de ser cousa peor. Entrei a espreital-o, durante o resto da tarde, a seguil-o, na chacara, aonde todos desceram a passear. Vi-o conversar com D. Euzebia, irmã do sargento-mór Domingues, uma robusta donzellona, que se não era bonita, tambem não era feia.

— Estou muito zangada com o senhor, dizia ella.

— Porque ?

— Porque... não sei porque... porque é a minha sina... creio ás vezes que é melhor morrer...

Tinham penetrado n'uma pequena moita ; era lusco-fusco ; eu segui-os. O Villaça levava nos olhos umas chispas de vinho e de volupia.

— Deixe-me, disse ella.

— Ninguém nos vê. Morrer, meu anjo ? Que idéas são essas ! Você sabe que eu morrerei tambem... que digo ?... morro todos os dias, de paixão, e de saudades...

D. Euzebia levou o lenço aos olhos. O glosador vasculhava na memoria algum pedaço litterario, e achou este, que mais tarde verifiquei ser de uma das operas do Judeu :

— Não chores, meu bem ; não queiras que o dia amanheça com duas auroras.

Disse isto ; puxou-a para si ; ella resistiu um pouco, mas deixou-se ir ; uniram os rostos, e eu ouvi estalar, muito ao de leve, um beijo, o mais medroso dos beijos.

— O Dr. Villaça deu um beijo em D. Euzebia ! bradei eu correndo pela chacara.

Foi um estouro esta minha palavra ; a estupefacção immobilizou a todos ; os olhos espriavam-se a uma e outra banda ; trocavam-se sorrisos, segredos, á socapa, as mãis arrastavam as filhas, pretextando o sereno. Meu pai puxou-me as orelhas, disfarçadamente, irritado de-vêras com a indiscreção ; mas no dia seguinte, ao almoço, lembrando o caso, sacudiu-me o nariz, a rir : — Ah ! brejeiro ! ah ! brejeiro ! »

Outro aqui insiro que traz a pintura dos tempos escolares, na época dos chamados *mestres regios*. O traço é firme, posto que demasiado sobrio :

« Unamos agora os pés e demos um salto por cima da escola, a enfadonha escola, onde aprendi a ler, escrever, contar, dar cacholetas, apanhal-as, e ir fazer diabruras, ora nos morros, ora nas praias, onde quer que fosse propicio a ociosos.

Tinha amarguras esse tempo ; tinha os ralhos, os castigos, as lições arduas e longas, e pouco mais, mui pouco e mui leve. Só era pesada a palmatoria, e ainda assim... O' palmatoria, terror dos meus dias pueris, tu que foste o *compelle intrare* com que um velho mestre, ossudo e calvo, me incutiui no cerebro o alphabeto, a prosodia, a syntaxe, e o mais que elle sabia, benta palmatoria, tão praguejada dos modernos, quem me dera ter ficado sob o teu jugo, com a minha alma imberbe, as minhas ignorancias, e o meu espadim, aquelle espadim de 1814, tão superior á espada de Napoleão ! Que querias tu, afinal, meu velho mestre de primeiras lettras ? Lição de cór e compostura na aula ; nada mais, nada menos do que quer a vida, que é a mestra das ultimas lettras ; com a differença que tu, se me mettiás medo, nunca me metteste zanga. Vejo-te ainda agora entrar na sala, com as tuas chinellas de couro branco, capote, lenço na mão, calva á mostra, barba rapada ; vejo-te sentar, bufar, grunir, absorver uma pitada inicial, e chamar-nos depois á lição. E fizeste isto durante vinte e tres annos, calado,

obscurο, pontual, mettido n'uma casinha da rua do Piolho, sem enfadar o mundo com a tua mediocridade, até que um dia dêste o grande mergulho nas trevas, e ninguem te chorou, salvo um preto velho, — ningnem, nem eu, que te devo os rudimentos da escripta.

Chamava-se Ludgero o mestre ; quero escrever-lhe o nome todo nesta pagina : Ludgero Barata, — um nome funesto, que servia aos meninos de eterno mote ás chufas. Um de nós, o Quincas Borba, esse então era cruel com o pobre homem. Duas, tres vezes por semana, havia de lhe deixar na algibeira das calças, — umas largas calças de enfiar—, ou na gaveta da mesa, ou ao pé do tinteiro, uma barata morta. Se elle a encontrava ainda nas horas da aula, dava um pulo, circulava os olhos chammejantes, dizia-nos os ultimos nomes ; eramos sevandijas, capadocios, mal criados, moleques. — Uns tremiam, outros rosnavam ; o Quincas Borba, porém, deixava-se estar quieto, com os olhos espetados no ar.

Uma flôr, o Quincas Borba. Nunca em minha infancia, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flôr, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viuva, com alguma cousa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, aceiado, enfeitado, com um vistoso pagem atraz, um pagem que nos deixava gazear a escola, ir caçar ninhos de passaros, ou perseguir lagartixas no morro do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, á toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador ! Era um gosto

ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espirito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, elle escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificencia nas attitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a penna; não adiantemos os successos. Fugamos sobretudo desse passado tão remoto, tão coberto, ai de mim! de cruzes funebres. »

Trechos, como este, repito, são infelizmente raros nos livros do celebre escriptor e tenho pena que o sejam.

Era um filão que elle devia profundar o do character brasileiro com suas virtudes e defeitos. Sua obra seria talvez menos vistosa, mas seria mais profunda. Com tres ou quatro palhetadas o emerito estylista sabe, quando quer, pôr de pé um sujeito e fazel-o mover-se á nossa vista. Eis aqui o *croquis* de um Damasceno, um *cacête* em regra :

« Já agora acabo com as cousas extraordinarias. Vinha de guardar a carta e o relógio, quando me procurou um homem magro e meão, com um bilhete do Cotrim, convidando-me para jantar. O portador era casado com uma irmã do Cotrim, chegára poucos dias antes do norte, chamava-se Damasceno, e fizera a revolução de 1831. Foi elle mesmo quem me disse isto, no espaço de cinco minutos. Saíra do Rio de Janeiro, por desaccôrdo com o Regente, que era um asno, pouco menos asno do que os ministros que serviram com elle. De resto, a revolução

estava outra vez ás portas. Neste ponto, comquanto trouxesse as idéas politicas um pouco baralhadas, conseguiu organizar e formular o governo de suas preferencias : era um despotismo temperado, — não por cantigas, como dizem alhures, — mas por pennachos da guarda nacional. Só não pude alcançar se elle queria o despotismo de um, de tres, de trinta ou de trezentos. Opinava por varias cousas, entre outras, o desenvolvimento do trafico dos africanos e a expulsão dos inglezes. Gostava muito de theatro; logo que chegou foi ao theatro de S. Pedro, onde viu um drama soberbo, a *Maria Joanna*, e uma comedia muito interessante, *Kettly, ou a volta á Suissa*. Tambem gostára muito da Deprini, na *Sapho*, ou na *Anna Bolena*, não se lembrava bem. Mas a Candiani ! sim, senhor, era papa-fina. Agora queria ouvir o *Ernani*, que a filha delle cantava em casa, ao piano : *Ernani, Ernani involami*... — E dizia isto levantando-se e cantarolando a meia voz. — No norte essas cousas chegavam como um éco. A filha morria por ouvir todas as operas. Tinha uma voz muito mimosa a filha. E gosto, muito gosto. Ah ! elle estava 'ancioso por voltar ao Rio de Janeiro. Já havia corrido a cidade toda, com umas saudades... Palavra ! em alguns lugares teve vontade de chorar. Mas não embarcaria mais. Enjoára muito a bordo, como todos os outros passageiros, excepto um inglez... Que os levasse o diabo os inglezes ! Isto não ficava direito sem irem todos elles barra fóra. Que é que a Inglaterra podia fazer-nos ? Se elle encontrasse algumas pessoas de boa vontade,

era obra de uma noite a expulsão dos taes *godemes*... Graças a Deus, tinha patriotismo, — e batia no peito. — o que não admirava porque era de familia ; descendia de um antigo capitão-mór muito patriota. Sim, não era nenhum pé-rapado. Viesse a occasião, e elle havia de mostrar de que pau era a canoa... Mas fazia-se tarde, ia dizer que eu não faltaria ao jantar, e lá me esperava para maior palestra. — Levei-o até á porta da sala ; elle parou dizendo que sympathisava muito commigo. Quando casára, estava eu na Europa. Conheceu meu pai, um homem ás direitas, com quem dansára n'um celebre baile da Praia Grande... Coisas ! coisas ! Falaria depois, fazia-se tarde, tinha de ir levar a resposta ao Cotrim. Saiu ; fechei-lhe a porta... Uf ! »

E com estas notas volto a um dos pontos d'onde parti : Machado de Assis póde e deve ser tambem apreciado pelo criterio nacionalista. Não o poeta, porque, a não ser em suas palidas *Americanas*, este nos desdenhou de todo ; sim o romancista e o contista ; porque estes dignaram-se de olhar, uma vez por outra, para nós.

Em que pése ao Sr. José Verissimo, o *nisus* central e activo de Machado de Assis é de brasileiro, e como tal se revela no character essencial de sua obra de mestiço e até em varias roupagens exteriores quando elle assesta sua observação mais directamente para as cousas patrias.

Ha, porém, uma circumstancia que tem escurecido este brasileirismo subjectivo, e vem a ser a mania philosopharia, as patacoadas humorísticas e pessimisticantes.

Tirem estas vestes de fakir dos hombros do autor de *Braz Cubas* e elle mostrará o trajo de toda a gente.

Não tem, por certo, tido influencia quasi nenhuma no espirito nacional, não pelas razões apontadas pelo Sr. José Verissimo; porém pura e simplesmente pela indole mesma de seu genio litterario: a falta de calor, de communicabilidade, de enthusiasmo, de vida, essa scentella de proselytismo propria das almas combatentes.

O discreto director da *Revista Brasileira*, com um negativismo que os mais desabusados não ousaram até hoje empregar contra a capacidade nacional, escreveu estas palavras terriveis, que se prendem ao assumpto, porque se referem ao autor das *Historias da meia-noite*: « E opinião minha, talvez errada, mas profundamente arraigada, que assim como em philosophia e em sciencia somos inaptos para cogitações abstractas e generalisações fecundas, somos por igual improprios para as creações artisticas que demandem capacidades efficientes de observação, de analyse, de generalisação, e de synthese. Não temos até hoje um verdadeiro pensador no rigor do termo. Em sciencia, apezar da existencia-aqui vai por setenta annos de escolas superiores, não possuímos ainda um scientista original, e tudo que nas sciencias naturaes, por exemplo, havemos feito que não seja a repetição dos tratados estrangeiros, pertence ao dominio da parte descriptiva e por assim dizer secundaria dessas sciencias. Em arte a mesma cousa.

A nossa poesia, que no lyrismo deu de si amostras magnificas, não saiu jamais do mais estreito subjectivismo e quando quiz fazel-o foi para glosar dogmas catholicos, com themas e pensamentos feitos.

Se no romance temos meia duzia de obras consideraveis, essas são puramente obras, não de imaginação creadora, mas de descripção, de observação concreta, de reproducção simples do visto ou do imaginado, sem nenhum elemento psychologico superior. D'ahi a extraordinaria superioridade do nosso romance sobre o nosso theatro. No theatro, para fazel-o litterario, exige-se uma philosophia, não se dispensam as idéas, reclama-se um pensamento — cousas todas de que no romance se podem prescindir, e sem as quaes não ha theatro algum. Poderme-hiam apontar contra a minha theoria *Braz Cubas* e *Quincas Borba*. O autor destes dois livros é uma excepção, que não fôra por ventura difficil explicar, e talvez um dia eu tente fazel-o, que confirma plenamente o meu asserto. E a prova é que, apesar da justa admiração e legitima estima que lhe têm geralmente os poetas, artistas da escripta e homens de letras, a sua influencia é nulla em nossa litteratura ; nunca fez escola, nunca foi popular, mesmo no bom sentido da palavra e do facto. » ¹ Em varias obras, e neste mesmo livro, especialmente de paginas 121 a 125, encontram-se condemnações quasi tão rigorosas como as que se lêem no trecho citado do illustre

¹ *Revista Brasileira*, de 15 de maio de 1897.

autor dos *Estudos Brasileiros*, com a differença, porém, de que elle nos lança uma especie de anathema absoluto, irremediavel, de que não poderemos jamais escapar, porque, a seus olhos, se trata de mal organico incuravel.

Não quero agora discutir este ponto que só em parte nos separa; mas a pagina transcripta do critico paráense provoca uma observação. Como explica elle que toda a gente esteja cá em baixo no Brasil e só Machado de Assis pompêie lá em cima sua superioridade *hors ligne*? Porque motivo pôde o autor de *Varias Historias* desmentir assim tão flagrantemente as leis do meio, da raça e do momento? Não haverá alguma illusão em dal-o por tão distanciado de seu clima social? Não será uma *contradictio in adjecto* suppôl-o tão potentemente superior e ao mesmo tempo affirmar a sua falta de acção sobre seus contemporaneos? Será elle um outro Shakespeare que irá influir sómente no futuro? Mas Shakespeare não teve no seu tempo e em seu paiz os elogios e apotheoses que o autor de *Braz Cubas* tem sempre tido entre nós. Porque é elle tão applaudido e não influe? Sempre desconfiei muito desses gabos que dizem: o senhor é um portento, um espirito privilegiado, um genio raro, uma capacidade extraordinaria; mas sua doutrina, seu systema, suas idéas não podem influir, porque ou não prestam ou não têm força para tanto...

Deixamo-nos destes enigmas, destes mysterios a respeito de nosso tranquillo e delicadissimo Machado. Elle não fica maior, mais immortalisado com essas metaphysicas da critica; é um producto normal, genuino de

seu tempo, de seu meio ; e a historia da intelligencia brasileira desde o seculo XVII até hoje tem contado espiritos mais poderosos, que nem por isto ficaram inexplicaveis.

Creio poder definil-o dest'arte em poucas palavras :

Machado de Assis não é um satyrico; a mais superficial leitura de qualquer de suas obras mostra-o logo ás primeiras paginas. Não é um comico, nem como dizedor de pilherias, nem como creador de typos e situações engraçadas e equivocacões. Não é tambem plenamente um misanthropo, um *detraqué*. Não lembra, pois, nem Juvenal, nem Martins Penna, nem Molière, nem de todo Baudelaire, ou Poë, ou Dostoiewsky. Não é, finalmente, da raça dos humanitarios propagandistas e evangelisadores de povos ao gosto de Tolstoi. E', a meu vêr, uma especie de moralista complacente e doce, eivado de certa dóse de contida ironia, como qualidade nativa que de quando em quando costuma enroupar nas vestes de um peculiar humorismo, aprendido nos livros, e a que dá tambem por vezes uns ares de pessimismo, tambem aprendido de estranhos.

O que é seu, o que existe no seu espirito, como qualidades naturaes, como bases de seu temperamento, vêm a ser o talento da analyse psychologica, uma espontanea sympathia pela dignidade humana, a facilidade de generalisar os factos e as idéas, o que tudo dá ao complexo de sua obra certo sainete moralisante, que o humour e o pessimismo emprestado não têm força de apagar. Possui,

por certo, como disse, uma dóse ingenita de ironia ; mas esta não pôde nunca extravasar-se tumultuaria e envenenadora, por ser sofréada pela timidez fundamental do temperamento do escriptor.

Tal a razão pela qual affirmo a unidade da obra do poeta e do romancista através de seus vinte volumes de producção, de seus quarenta annos de trabalho. Tem certamente em si vivos signaes de evolução e progresso ; mas esses não se fizeram como antithese de suas primeiras revelações na arena das lides espirituaes, e sim como normal continuação e desdobramento dellas.

O progresso tem consistido no melhor manejo da linguagem, na mór correcção do estylo, no mais apurado da observação, no mais penetrante da analyse, no alargamento das idéas. Não se fez no sentido de transformar um tranquillo e apaziguado character n'um tremendo e despejado praguejador pessimista.

E' verdade que a tranquillidade de hoje não é mais a dos annos juvenis em que o poeta escreveu as *Chrysalidas* e os seus primeiros contos. A propria quietitude de seu temperamento levou-o ao uso da introspecção, da meditação solitaria e absorvente dos espectaculos do mundo subjectivo, que é sempre mysterioso. A sua tranquillidade de hoje não é mais como a das lymphas mansas e rasas que espelham os céus azulados por entre folhas e flores ; é a tranquillidade das aguas profundas que occultam os grandes abysmos.

No coração do notavel fluminense é bem de crêr que serias dôres tenham tambem passado, deixando lá os signaes que não se apagam. São as estalagmites coadas gotta a gotta na gruta dos soffrimentos.

Elas devem lá estar, e a obra do romancista deixa-as vêr aqui e alem no travo da phrase, no lancinante dos conceitos. Mas tudo sobrio, comedido, temperado pela brandura ingenita do homem. Quando, pois, o escriptor dá largas ao seu proprio temperamento, produz as melhores e mais espontaneas paginas de seus livros; quando se lembra dos preceitos e regras que aprendeu nas obras alheias, dos *tics* que foi adquerindo aos poucos, resvala para o extravagante e gera os typos enfezados de supposto terrivel humorismo, como *Braz Cubas*, *Quincas Borba* e quejandos.

Para tudo dizer sem mais rodeios : Machado de Assis é bom quando faz a narrativa sobria, elegante, lyrica dos factos que inventou ou copiou da realidade ; é quasi máo quando se mette a philosopho pessimista, e a sujeito caprichosamente engraçado.

INDICE

	PAGS.
PREFACIO	IX
INTRODUÇÃO.....	XVII
CAP. I. — Machado de Assis e sua fama.....	1
CAP. II. — Dados biographicos.....	7
CAP. III. — Prejuizos criticos sobre nosso escriptor.....	13
CAP. IV. — O poeta das <i>Americanas</i>	20
CAP. V. — O poeta das <i>Chrysalidas</i> e das <i>Phalenas</i>	31
CAP. VI. — Parallelo com Tobias Barreto.....	39
CAP. VII. — O mesmo assumpto.....	58
CAP. VIII. — Ainda o mesmo assumpto.....	70
CAP. IX. — O prosador e seu estylo.....	81
CAP. X. — A prosa no Brasil.....	90
CAP. XI. — Ainda o estylista. Parallelo com Tobias Barreto.....	106
CAP. XII. — Vista geral do espirito brasileiro. Causas do des- encanto de Machado de Assis.....	118
CAP. XIII. — O humorismo de Machado de Assis. Theorias de Hennequin e de Taine.....	131
CAP. XIV. — Ainda o humorismo. Theoria de Scherer.....	141
CAP. XV. — Comprovação do <i>esprit</i> em Machado de Assis..	150
CAP. XVI. — Parallelo com Tobias Barreto.....	159
CAP. XVII. — O pessimismo do autor de <i>Braz Cubas</i> . Theoria de E. Rod.....	256
CAP. XVIII. — Parallelo com o autor dos <i>Estudos Allemães</i> ...	299
CAP. XIX. — Machado de Assis e o nacionalismo. Desenho geral de sua personalidade.....	329
Errata	351

ERRATA

PÁGINAS	LINHAS	ERROS	EMENDAS
XII	33	a sinceros	e sinceros
3	28	espocar	espoucar
5	1	jornaes; o que	jornaes, o que
16	23	uma facil	uma face
75	19	murchesse	murchece
78	25	bellissimos ou	bellissimos, on
96	20	pequenezas	pequenhezes
100	17	este artigo	este capitulo
100	22	LYSIS. —	« LYSIS. —
101	19	« DIOPHILO	DIOPHILO
106	3	Mais ou cinco seis	Mais cinco ou seis
109	13	repetiu o Rubião. »	Repetiu o Rubião.
127	7	de tomar	para tomar
130	6	«o desenvolvimento	o desenvolvimento
159	13	qualidades, acima	qualidades acima
161	25	Manricio; on	Mauricio, ou
162	2	Pernambuco uma	Pernambuco, uma
164	5	linguagem	linhagem.
172	9	patrioticos	de voluntarios
182	12	intensamente	profundamente
183	4	laurel d'espinhos	laurel d'espino,
187	21	tremendas	terríveis
197	6	superfectação	superfetação
200	9	condições de vida	condições da vida
200	14	sonho, tudo	sonho; tudo
221	16	á um	a um
222	15	com o	como
238	3	idade de pubescencia	idade da pubescencia
238	7	<i>musa geta</i>	<i>musageta</i>
238	20	a similhaça	á similhaça
239	11	o incenso, se allia	o incenso se allia
250	23	deixam illesos	deixam illeso
259	12	<i>calemburys</i>	<i>calembours</i>
266	4	Qual desses	Qual dessas
266	4	Qual delles	Qual dellas
273	7	esse lado	este lado
273	11	por isso	por isto
307	14	se vê não	se vê, não
307	15	sandeu tão	sandeu, tão
331	4	aquellas	aquelles

Companhia Typographica do Brazil, Rua dos Invalidos 93.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).